

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DO MOVIMENTO HUMANO

Roberta Santos Kumakura

**O SISTEMA COMPETITIVO DA GINÁSTICA ARTÍSTICA FEMININA (2013-2016):
A COMPETIÇÃO COMO INSTRUMENTO DE EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO PARA
ATLETAS ATÉ 12 ANOS DE IDADE**

Porto Alegre

2018

Roberta Santos Kumakura

**O SISTEMA COMPETITIVO DA GINÁSTICA ARTÍSTICA FEMININA (2013-2016):
A COMPETIÇÃO COMO INSTRUMENTO DE EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO PARA
ATLETAS ATÉ 12 ANOS DE IDADE**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano da Escola de Educação Física, Fisioterapia de Dança da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora em Ciências do Movimento Humano.

Orientador: Prof. Carlos Adelar Abaide Balbinotti

Porto Alegre

2018

CIP - Catalogação na Publicação

Kumakura, Roberta Santos

O SISTEMA COMPETITIVO DA GINÁSTICA ARTÍSTICA FEMININA (2013-2016): A COMPETIÇÃO COMO INSTRUMENTO DE EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO PARA ATLETAS ATÉ 12 ANOS DE IDADE / Roberta Santos Kumakura. -- 2018.

180 f.

Orientador: Carlos Adelar Abaide Balbinotti.

Tese (Doutorado) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Escola de Educação Física, Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, Porto Alegre, BR-RS, 2018.

1. Competição esportiva. 2. Educação e formação de crianças e jovens. 3. Ginástica Artística. 4. Modelo competitivo . 5. Categorias de base. I. Balbinotti, Carlos Adelar Abaide, orient. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Roberta Santos Kumakura

**O SISTEMA COMPETITIVO DA GINÁSTICA ARTÍSTICA FEMININA (2013-2016):
A COMPETIÇÃO COMO INSTRUMENTO DE EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO PARA
ATLETAS ATÉ 12 ANOS DE IDADE**

Conceito Final:

Aprovado em de de 2018.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Adroaldo Cezar Araujo Gaya

Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS

Prof^a Dra. Laurita Marconi Schiavon

Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP

Prof. Dra. Patrícia Silveira Fontana

Grêmio Náutico União – GNU

Orientador – Prof. Dr. Carlos Adelar Abaide Balbinotti

Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS

Dedico este trabalho às pessoas mais importantes em minha vida,
Meus pais, Ricardo Kumakura e Marisa dos Santos Kumakura que nunca mediram
esforços para que eu alcançasse meus sonhos. Sempre estiveram presentes,
independentemente da distância, me apoiando, me incentivando e me oferecendo
condições para que eu pudesse percorrer meu caminho;
A minha irmã, Rosely Catharina Santos Kumakura, que muito além de irmã, sempre
foi minha amiga, companheira para todas as aventuras. Exemplo de empatia e
doação me ajudou desde cedo a entender melhor a vida e a descobrir meu próprio
caminho.
Ao meu irmão (*in memoriam*), Ricardo Kumakura Junior, que apesar de mais novo,
sempre foi um exemplo de justiça, respeito, honestidade e solidariedade. Em tão
pouco tempo de vida, nos ensinou tanta coisa...
Ao meu esposo, Marcelo de Castro Haiachi, que sempre esteve ao meu lado, me
fazendo acreditar em minha capacidade;
E aos meus filhos, Maria Júlia e Ricardo, por me inspirarem a ser melhor a cada dia
e me fazerem descobrir que sempre há uma forma de se resolver qualquer coisa.
Amo imensamente cada um de vocês

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que, de alguma forma, contribuíram para a conclusão deste trabalho, permitindo que eu pudesse transpor mais esta etapa em minha vida. Meu MUITO OBRIGADA a cada um de vocês!

Ao meu orientador, Prof. Dr. Carlos A. A. Balbinotti, pela confiança e oportunidade de me qualificar, pelos ensinamentos, pelo apoio irrestrito, pela orientação e autonomia para o desenvolvimento do trabalho.

Ao amigo professor Alberto Reinaldo Reppold Filho e sua esposa, Patrícia, por nos ter acolhido como membros da família. A amizade, o carinho e a atenção que nos dedicaram tornaram nossos dias fora de casa muito melhores. Posso dizer que aprendi muito com cada momento que compartilhamos. Muito obrigada por tudo.

Aos colegas do Núcleo de Pesquisa em Psicologia e Pedagogia do Esporte (NP3-Esporte), em especial aos amigos Patrícia Fontana, Marcelo Cardoso, Caio Cortela, Hannah Aires, Gabriel Gonçalves e Marines de Souza, sempre dispostos a ajudar em qualquer situação.

Aos professores da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança e do Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano por compartilharem seus conhecimentos: José Cícero Moraes, João Oliva, Janice Mazo, Graciele Sbruzzi, Anelise Gaya e Flávio Castro.

Aos funcionários do Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano e da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança, sempre atenciosos e solícitos.

Aos professores Adroaldo Gaya e Laurita Schiavon por aceitarem o convite para colaborar no momento mais importante e decisivo deste trabalho, possibilitando a realização do mesmo. Muito obrigada pelos ensinamentos e contribuições e, principalmente, por despertarem nossos olhares para caminhos ainda não vislumbrados.

Aos amigos e colegas da ginástica que me incentivaram e contribuíram para minha trajetória na ginástica, professora Sissi Martins, professora Zélia, professor Cícero, Haroldo Mota, Herlândio (Ceará), Michele Carbinatto, Isabel Roboredo, Suzana Tomaz, Roberto Nassar, Andrea João, Luisa Parente, Heine Milani, Tainá, Ana Paula Luck, Paulo Luck, Jaqueline Pires, Valéria Sato, Yumi Sawasato, Georgette Vidor, Marcos Martins, Lisiane Bergue, Márcia Lima.

Aos amigos pessoais que compreenderam minhas ausências e atenderam aos meus pedidos de socorro, me apoiando sempre, incondicionalmente. Vocês sabem quem são e sabem também que estarão sempre em meu coração.

Aos meus alunos e atletas que sempre me inspiraram na busca por conhecimento na tentativa de oferecer a eles o que fosse mais adequado para a sua educação e formação, seja na ginástica ou no que eles desejassem fazer.

Aos novos e mais próximos amigos que possibilitaram a realização deste trabalho. Apesar de não poder nomeá-los, deixo aqui meus sinceros agradecimentos: RM, CD, AA, CM, TG, LB, MA, ENJ, LMO, FN, LSM, CAC, MS, MRA, DA, RV, AS, LR, EM, YS, IR e ML.

E, por fim, agradeço a Deus pela vida, por tudo e por todos.

Atleta

Sou suor que escorre no corpo,
Sou cada treino,
Sou cada luta,
Cada palavra de motivação,
Sou a medalha no pescoço,
Sou lágrima no rosto,
Camisa 10 nas costas,
E, orgulho no peito,
Sou tudo o que treinei,
Tudo o que ganhei,
E, tudo o que perdi,
E eu sou muito,
Muito forte,
Muito leve,
Muito grata,
Muito eu,
Sou a bola na cesta,
Na quadra,
No gol,
Sou o dardo lançado,
Obstáculo pulado,
E, aqueles poucos segundos correndo,
Sou cada salto,
Cada dança,
Cada expressão,
Sou faixa preta na minha determinação,
Eu sou o esforço, a dor e sou o orgulho
De ser atleta.

Iasmin Passos
(Atleta de GAF)

RESUMO

Esta tese apresenta como tema o sistema competitivo da Ginástica Artística Feminina (GAF) nas categorias de base e suas contribuições para educação e formação de crianças e jovens, seguindo o modelo teórico proposto por Marques (2004). Segundo o autor, a competição apresenta-se como um importante evento no universo esportivo com potencial para direcionar as ações realizadas diariamente na prática esportiva. Sendo assim, é de fundamental importância conhecer como são planejadas e conduzidas as competições de GAF, possibilitando uma reflexão a respeito desse conhecimento com o intuito de direcioná-las para a efetiva contribuição no processo de educação e formação das jovens atletas, oportunizando um aprendizado mais abrangente (no tocante à abordagem pedagógica e a formação do indivíduo nos diversos aspectos) e progressivo (no que diz respeito à individualidade do sujeito, respeitando seu estado de prontidão e ritmo de desenvolvimento), ao mesmo tempo em que as prepare e motive-as para o alto rendimento. Portanto, o objetivo deste estudo foi descrever o sistema competitivo da GAF nas categorias de base no período de 2013 a 2016 e verificar de que forma as competições desenvolvidas podem contribuir para a educação e a formação de jovens atletas. Trata-se de um estudo descritivo com abordagem qualitativa, tendo como sujeitos técnicos (T:N=17) e responsáveis pela elaboração dos regulamentos técnicos (RRT – N=5) das competições de GAF nas categorias de base dos cinco estados brasileiros de maior expressão no cenário nacional no período relatado. As informações foram obtidas através dos documentos oficiais referentes às competições nacionais e estaduais dessas categorias (estatutos, regulamentos, resultados e calendários) e de entrevistas semiestruturadas, guiadas a partir de um roteiro baseado nas três categorias teórico-metodológicas propostas por Marques (2004): novas práticas num desporto mais conforme a criança; a competição como elemento estruturante da formação desportiva; o número e frequência das participações competitivas. Para a análise das informações, foram adotadas as fases propostas por Bardin (2011), isto é, realizar as transcrições das entrevistas e uma primeira leitura do material, em seguida, fazer as codificações e categorização, finalizando com o tratamento e interpretação das informações. Todo o processo de análise foi auxiliado pela utilização do *software* NVivo®, versão 11 PRO. Os resultados revelaram certa coerência entre o sistema analisado e o modelo teórico proposto por Marques (2004). No entanto, alguns elementos que compõem o sistema de competições da GAF nas categorias de base ainda se mostram muito semelhantes ao modelo adulto, sendo necessárias alterações emergenciais no intuito de melhor adequar-se às características das atletas nessas categorias. Urge, portanto, possibilitar à atleta atingir o alto rendimento esportivo mais tardiamente, permitindo a ela viver a plenitude de sua infância e não restringi-la aos centros de treinamento. Nesta perspectiva, sugerimos um modelo competitivo com atividades diversificadas, frequentes e coletivas, que contemple, nas categorias de base, os exercícios fundamentais da modalidade e desenvolva os aspectos físicos, motores, psíquicos e cognitivos exigidos na formação técnica da GAF para o alto rendimento esportivo e a educação para a vida em sociedade.

Palavras chave: Competição esportiva; Ginástica Artística; Formação.

ABSTRACT

This thesis is about the competitive system of the Feminine Artistic Gymnastics (GAF) in the basic categories and their contributions to education and training of children and young people, according to the theoretical model proposed by Marques (2004). Based on the author, the competition presents itself as an important event in the sporting universe with the potential to direct the actions on the daily sports practice. Thus, it is of fundamental importance to know how the GAF competitions are planned and conducted, allowing a reflection on this matter with the intention of directing them to the effective contribution in the education and training process of the young athletes, contributing to a broader learning (regarding to the pedagogical approach and the formation of the individual in the various aspects) and progressive knowledge (respecting the individuality of the subject, his state of readiness and rhythm of development), at the same time that prepares and motivates them for the high performance. Therefore, the objective of this study is to describe the competitive system of the GAF in the base categories from 2013 to 2016 and to verify how the competitions developed can contribute to the education and training of young athletes. It is a descriptive study with a qualitative approach, having coaches as subjects (T: N = 17) and people responsible for the elaboration of the technical regulations (RRT: N = 5) of the GAF competitions in the basic categories of the five Brazilian states with the highest expression in the national scenario in the reported period. The information was obtained through the official documents referring to the national and state competitions of these categories (statutes, regulations, results and calendars) and semi-structured interviews, guided by a script based on the three theoretical-methodological categories proposed by Marques (2004): new practices in a more child-friendly sport; competition as a structuring element of sports training; the number and frequency of competitive participations. For the analysis of the information, the phases proposed by Bardin (2011) were adopted, that is, to carry out transcripts of the interviews along with reading out the material, then to do the codifications and categorization, ending with the treatment and interpretation of the information. The whole analysis process was aided by the use of NVivo® software, version 11 PRO. The results revealed a certain coherence between the analyzed system and the theoretical model proposed by Marques (2004). However, some elements that compose the GAF competitions system in the basic categories still show very similar to the adult model, being necessary emergency changes in order to better adapt to the characteristics of the athletes in these categories. It is, therefore, imperative to enable the athlete to achieve high sports performance later, allowing her to live the fullness of her childhood and not to restrict her to training centers. In this perspective, we suggest a competitive model with diversified, frequent and collective activities, which contemplates, in the basic categories, the fundamental exercises of the modality and develops the physical, motor, psychic and cognitive aspects required in the technical training of the GAF for the high sport performance and education for life in society.

Keywords: Sports competition; Formation; Artistic Gymnastics.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Formação multilateral.....	25
Figura 2: Etapas e objetivos do processo de formação esportiva.....	26
Figura 3: Categorias de competição da GAF com respectivas faixas etárias	33
Figura 4: Categorias de competição da GAF com faixas etárias permitidas.....	34
Figura 5: Caminhos da pesquisadora	46
Figura 6: Tempo de atuação como técnico de GAF	53
Figura 7: Estado de atuação dos técnicos entrevistados	54
Figura 8: Formação acadêmica dos técnicos entrevistados	54
Figura 9: Federações estaduais filiadas à Confederação Brasileira de Ginástica	61
Figura 10: Participação no TNGA por regiões.....	63
Figura 11: Número de ginastas no TNGA feminina no período de 2013 a 2016.....	64
Figura 12: Participação no Campeonato Brasileiro de GAF	66
Figura 13: Participação no CBGA nas categorias de base.....	66
Figura 14: Estados com altos resultados no CBGA (2013 – 2016) e estados contemplados com aparelhos de GAF.	70
Figura 15: Representação da balança dos fatores que influenciam a permanência ou não na prática esportiva.	91
Figura 16: Competições de GAF nas federações analisadas.....	118

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- CBD – Confederação Brasileira de Desportos
- CBG - Confederação Brasileira de Ginástica
- CBGA - Campeonato Brasileiro de Ginástica Artística
- CE – Campeonato Estadual
- C-I – Competição Classificatória
- C-II – Competição Final Individual Geral
- C-III – Competição Final por Aparelho
- C-IV – Competição Final por Equipe
- CM – Campeonato Mundial
- CP - Código de Pontuação
- FGERJ – Federação de Ginástica do Estado do Rio de Janeiro
- FGRS – Federação de Ginástica Artística, Rítmica, Trampolim, Aeróbica e Acrobática do Rio Grande do Sul
- FIG - *Fédération Internationale de Gymnastique*
- FMG – Federação Mineira de Ginástica
- FPG – Federação Paulista de Ginástica
- FPRG – Federação Paranaense de Ginástica
- FRG – Federação Riograndense de Ginástica
- GA - Ginástica Artística
- GAF - Ginástica Artística Feminina
- ME – Ministério do Esporte
- RRT - Responsáveis pela elaboração do Regulamento Técnico
- T – Técnico
- TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
- TNGA - Torneio Nacional de Ginástica Artística
- UPAG - União Panamericana de Ginástica

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	18
2	PRESSUPOSTOS TEÓRICOS	23
2.1	A COMPETIÇÃO ESPORTIVA	23
2.2	A GINÁSTICA ARTÍSTICA FEMININA	28
2.2.1	Organização da Ginástica Artística Feminina no Brasil	31
2.2.2	As competições de Ginástica Artística Feminina	32
2.3	A TEORIA DA COMPETIÇÃO ESPORTIVA PROPOSTA POR MARQUES	35
2.3.1	Novas práticas competitivas num desporto mais conforme a criança	37
2.3.2	A competição como elemento estruturante da formação desportiva	38
2.3.3	O número e a frequência das participações competitivas	39
3	CAMINHO METODOLÓGICO	42
3.1	DELINEAMENTO DO ESTUDO	42
3.2	CRITÉRIO DE INCLUSÃO E EXCLUSÃO	42
3.3	PARTICIPANTES DA PESQUISA	43
3.4	PROCEDIMENTOS	43
3.4.1	Éticos	43
3.4.2	Coleta das informações	44
3.4.2.1	Fontes Documentais	44
3.4.2.2	Fontes Orais	45
3.4.3	Análise das informações	47
4	APRESENTAÇÃO E INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS	48
4.1	AQUELES QUE DEFINEM O SISTEMA COMPETITIVO DA GAF	48
4.1.1	Os responsáveis pelos regulamentos técnicos (RRT)	51
4.1.2	Os Técnicos	53
4.2	CONTEXTUALIZAÇÃO DA GINÁSTICA ARTÍSTICA FEMININA NO BRASIL	60
4.3	A COMPETIÇÃO DE GINÁSTICA ARTÍSTICA FEMININA COMO INSTRUMENTO DE EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO	71
4.4	ADEQUAÇÕES DAS COMPETIÇÕES DE GINÁSTICA ARTÍSTICA FEMININA CONFORME AS CRIANÇAS	87

4.4.1	A adaptação dos regulamentos para as categorias de base da GAF _____	93
4.4.2	A arbitragem e a formação da atleta de GAF _____	107
4.4.3	A competição por equipas na educação e formação da atleta de GAF _____	109
4.4.4	Especialização da competição na GAF _____	114
4.4.5	Forma e Conteúdo das competições de GAF _____	120
4.5	AS VITÓRIAS E DERROTAS NO PROCESSO DE EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO _____	129
4.5.1	PREMIAÇÃO _____	139
4.6	O NÚMERO E A FREQUÊNCIA DE ATIVIDADES COMPETITIVAS _____	148
5	CONCLUSÕES E CONSIDERAÇÕES FINAIS _____	159

PREFÁCIO

A competição esportiva nunca foi tida por mim como um objetivo. Desde a infância fui estimulada a praticar diversas atividades, mantendo-me envolvida com o esporte por toda a vida. Ainda na infância tive a oportunidade de praticar natação, jazz, ginástica rítmica, ginástica artística e karatê. Um pouco mais tarde, pude vivenciar o kickboxing e a capoeira, além das modalidades coletivas durante o ensino médio, handebol e futebol, e a dança de salão. Com o passar do tempo, em atividades de lazer, tive experiência com o squash e o badminton. No entanto, apesar da proximidade com o esporte durante diversos momentos, nunca me foi despertado o interesse pelas competições. De todas as modalidades praticadas, lembro-me ter participado apenas de uma competição no kickboxing, quando, apesar de ter conquistado a medalha de prata (só tinham duas competidoras em minha categoria), apanhei tanto que nunca mais voltei à competição.

Refletindo agora sobre minhas atuações esportivas, percebo que nunca desenvolvi grandes habilidades em nenhuma das modalidades praticadas. Talvez tenha sido por esta minha falta de habilidade que nunca tenha me direcionado para o universo das competições esportivas. Porém, ao ingressar no ensino superior, optei pelo curso de Educação Física, o que, inevitavelmente, me levou a ele (universo das competições esportivas). Ao concluir o curso, minha primeira atuação profissional foi em um projeto social realizado pelo governo do estado do Rio de Janeiro chamado “Bom de bola, Bom na escola”, no qual trabalhava com a educação e formação de jovens em comunidades em situação de vulnerabilidade social, através do futebol e futsal. Como não poderia deixar de ser, estávamos inseridos, juntamente com as demais comunidades do estado, nas competições das duas modalidades, promovidas pelo projeto e seus patrocinadores.

Foi bastante interessante poder constatar, na prática, a importância da competição na educação e formação de jovens em situação tão precária. Esta experiência me fez despertar o olhar para a competição como importante componente da prática esportiva e compreender melhor os princípios pedagógicos preconizados por Freire (1998) como “ensinar bem esporte para todos” e “ensinar mais do que esporte”, tão difundidos pelo projeto “Viva Vôlei”, outro projeto social do qual também havia participado.

Foi com esta minúscula bagagem competitiva que ingressei na Ginástica Artística, onde também iniciei apenas com a iniciação esportiva, mas logo fui me inserindo nas competições e, a partir daí pude perceber o quanto esses eventos eram significativos para as crianças. Desde as pequenas apresentações no final do ano, até as copas e festivais de ginástica, e, posteriormente, as competições oficiais. Na verdade, pude perceber que o nível de ginástica apresentado mudava bastante entre um evento e outro, mas a tensão das meninas, a vontade de participar daquele momento e até mesmo de acertar toda a série sempre pareceram muito similares, independentemente do nível da competição.

Quando comecei efetivamente a trabalhar com o treinamento, formando minhas primeiras equipes de Ginástica Artística Feminina (GAF), tive muitas dúvidas em relação à forma como deveria proceder, pois estava trabalhando com crianças a partir de sete anos de idade e que estavam dispostas a melhorar seu desempenho na GAF para poder participar das principais competições do estado. Decidi optar por não ser tão rígida com as meninas, pois pensava não ser este o caminho. Mas, apesar de manter esta decisão, fui percebendo a necessidade de aumentar o volume de treino e quando percebi, as meninas maiores (a partir dos nove anos) estavam passando todas as tardes comigo.

No entanto, minhas meninas me fizeram perceber que elas precisavam de mais tempo para brincar, para estudar, até mesmo para fazer nada e/ou ficar em casa. Que precisávamos variar um pouco mais nossas atividades nos treinos para que não ficasse tão cansativo e até chato, mesmo gostando muito do que faziam. Foi assim que comecei a enxergar um pouquinho melhor que precisava atender as necessidades dessas meninas para tentar suprir suas expectativas e desenvolver suas potencialidades, explorando todas as possibilidades das quais dispúnhamos. Dessa forma, surgiu o projeto desta tese, que apresento neste momento, em sua versão final.

A tese foi dividida em cinco capítulos assim distribuídos: capítulo 1 consiste no capítulo introdutório apresentando o tema, o objeto e as motivações que cercaram o trabalho; no capítulo 2 nos apropriamos da literatura que sustenta a tese da competição como instrumento de formação e educação de jovens; no capítulo 3 trazemos os procedimentos metodológicos estabelecidos no sentido de identificar como a competição é trabalhada na ginástica artística feminina; no capítulo 4

apresentamos e interpretamos os resultados encontrados na pesquisa; e finalizamos no capítulo 5 com a conclusão do trabalho e as considerações finais.

1 INTRODUÇÃO

A competição esportiva é um tema ainda bastante discutido na literatura e relevante na sociedade contemporânea. A observação da sociedade e seu comportamento nas diversas situações nos faz perceber o quão competitivo é o ser humano. Contudo, ser ou não competitivo não seria exatamente o cerne da questão, mas sim a maneira como esta competição ocorre.

Diariamente nos deparamos, principalmente na mídia televisiva, com fatos que traduzem uma competição cruel, na qual determinados indivíduos buscam a vitória a qualquer custo, sem considerar os males que suas atitudes podem causar àqueles envolvidos na situação ou mesmo aos demais. Sentimentos de individualismo, exclusão e violência emergem deste cenário com frequência.

Este sentimento perverso, presente na sociedade, pode também encontrar motivação nas competições esportivas quando estas não contam com as orientações pedagógicas necessárias para o seu desenvolvimento. Segundo Soler (2003), nas competições “a criança aprende que vencer é o que importa, que mentir é o correto” (SOLER, 2003, p.19) e que seu comportamento é marcado pela “agressividade, violência, falta de amor, e em última análise, pela dificuldade das relações intra e interpessoais” (p.20).

No entanto, acreditamos aqui que a competição é muito mais do que a busca pela vitória, apesar de também o ser. A competição, segundo Marques (2004) é a mola propulsora que inspira a prática esportiva, é a essência do esporte, sem a qual, este deixa de existir. Mas é também atividade estruturante da educação e formação do indivíduo, através da qual é possível trabalhar os valores essenciais para o convívio em sociedade; desenvolver atitudes; incentivar a autonomia; instigar o respeito a si e ao próximo; desenvolver habilidades motoras, cognitivas, afetivas, enfim, propiciar o pleno desenvolvimento do indivíduo sem deixar de lado a formação esportiva.

Mesmo o esporte voltado para o alto rendimento esportivo possibilita procedimentos pedagógicos de forma a torná-lo um modelo de educação e formação para crianças e jovens (MARQUES; OLIVEIRA, 2002; GAYA; TORRES, 2004).

O desporto e a competição são apenas instrumentos. São sobretudo os princípios e valores associados à competição, a forma como esta é utilizada e as experiências vividas durante a actividade que

conferem ou não, às práticas desportivas o seu valor educativo. (MARQUES, 2004. p.77)

Cabe ao profissional atuante, portanto, promover uma competição esportiva disposta didaticamente e com direcionamento pedagógico que definam seu valor educacional para crianças e adolescentes, buscando a melhor utilização deste instrumento.

A Ginástica Artística Feminina (GAF), como diversas modalidades esportivas, tem a competição como atividade integrante a sua prática, introduzindo seus adeptos a diferentes formas de competição desde os primeiros anos de participação na modalidade. Este esporte possui características muito particulares em relação à formação dos seus atletas. As crianças iniciam na Ginástica Artística¹ (GA) a partir dos três anos de idade, vivenciando diversas experiências motoras, desenvolvendo suas habilidades e se divertindo. No entanto, muitos professores, ao perceber o potencial de algumas crianças para a GA, veem-se instigados a iniciar a especialização esportiva precocemente.

Alguns estudiosos (LUGUETTI; MASSA; BÖHME, 2011; NUNOMURA; CARRARA; TSUKAMOTO, 2010) afirmam que, devido ao estágio maturacional do sistema nervoso e maior plasticidade das estruturas musculotendinosas e articulações da criança, as técnicas gímnicas são melhor aprendidas quando iniciadas precocemente, permitindo maior adaptação e interiorização sensoriomotora, além de apresentarem menores dimensões físicas (massa e estatura) antes da puberdade, o que também facilitaria o processo de ensino-aprendizagem na modalidade. Aliado a este discurso, a participação em competições internacionais, como o Campeonato Sul Americano, ainda nas categorias de base, a partir dos nove anos de idade, e em Campeonatos Mundiais e Jogos Olímpicos, a partir dos 15 e 16 anos de idade respectivamente, incentivam a iniciação tanto ao treinamento especializado quanto às competições cada vez mais cedo, visto que o tempo de preparação para se atingir o nível de desempenho desejado gira em torno de 08 a 10 anos (LUGUETTI; MASSA; BÖHME, 2011; NUNOMURA; CARRARA; TSUKAMOTO, 2010; ARKAEV; SUCHILIN, 2004).

¹ Apesar de esta nomenclatura ter sido adotada nacionalmente após 1985 (NUNOMURA; NISTA-PICCOLO, 2004), foi utilizada "Ginástica Artística" para se referir à modalidade, independentemente da época relacionada.

As competições de GAF são organizadas internacionalmente pela *Fédération Internationale de Gymnastique* (FIG), entidade máxima na ginástica. Nacionalmente, a Confederação Brasileira de Ginástica (CBG) é quem possui essa responsabilidade, e em âmbito estadual, as federações de ginástica de cada estado brasileiro.

As competições são divididas por faixa etária, havendo quatro categorias estabelecidas nacionalmente na GAF, pré-infantil, infantil, juvenil e adulto. São consideradas categorias de base, as duas primeiras, voltadas à formação inicial da atleta. Em nível estadual, são definidas outras categorias que contemplam os estágios iniciais de formação, antes da categoria pré-infantil.

Existem diversos tipos de competições de GAF realizados nos diferentes estados, variando em função do objetivo e público a ser alcançado. Acontecem geralmente em formatos de festivais, copas e campeonatos, com regulamento específico para cada evento, não havendo um modelo único. Nacionalmente, existem duas competições de GAF que também atendem às categorias de base, uma voltada às atletas de menor nível técnico, o Torneio Nacional de Ginástica Artística (TNGA) e a outra direcionada àquelas que já desenvolvem um treinamento voltado para o alto rendimento esportivo, o Campeonato Brasileiro de Ginástica Artística (CBGA). Ambos possuem regulamentos próprios, originados do Código de Pontuação² (CP) da FIG e adaptados pela CBG, com o intuito de promover uma competição com nível de exigência técnica diferenciado, de acordo com a faixa etária e nível técnico das ginastas as quais se destinam.

No entanto, muitas vezes as inúmeras possibilidades de vivências motoras que a GAF poderia proporcionar, aumentando o repertório motor, contribuindo para o desenvolvimento dessas crianças, as quais se encontram em plena formação, são reduzidas à prática dos elementos exigidos nas competições, quando os técnicos³ organizam todo o seu planejamento em função do regulamento técnico das competições que pretendem participar, como relatado por Tsukamoto e Nunomura (2005), dando excessiva importância às competições e seus regulamentos no direcionamento dessa formação.

² Documento da FIG que descreve todas as regras da GAF, assim como os elementos que podem compor a apresentação em cada aparelho e a forma de avaliação das apresentações nas quatro fases das competições oficiais.

³ Neste estudo foi adotado o termo “técnico” para se referir aos professores/treinadores por ser este o termo utilizado nas competições da modalidade.

Além disso, apesar das adaptações técnicas acima mencionadas, as competições de GAF nas categorias de base parecem manter o formato estabelecido para competições adultas, apontando a necessidade de estudos que possibilitem uma melhor adequação destas competições ao estágio de formação em que se encontram as atletas das categorias de base.

Ao considerar as questões relacionadas à educação e formação da criança, assim como as características do seu desenvolvimento, Marques (2004) estabeleceu três categorias teórico-metodológicas a serem consideradas nas competições dos mais jovens, primando por práticas competitivas num esporte que atenda as expectativas e necessidades das crianças, tendo a competição como elemento estruturante da formação esportiva e que esta ocorra em número e frequência adequados aos estágios de formação dos atletas. Entretanto, uma breve observação dos documentos que regem as competições estaduais e nacionais desta modalidade, nos remete a preocupações referentes à sua adequação quanto ao processo formativo tanto da atleta como do indivíduo.

Dessa maneira, este estudo se justifica pela importância que a competição possui para o desenvolvimento do esporte, dando sentido à prática esportiva. A competição pode ser entendida como promotora de aprendizado de habilidades de disputa, que despertam emoções básicas, oportunizando a exploração de sentimentos e sensações extremas em uma situação limitada por regras, controlada, de acordo com os limites sociais (KANETA; LEE, 2011). A competição e todas as emoções provenientes da participação na mesma são consideradas importante fator tanto para o ingresso e permanência dos indivíduos na modalidade como também para a evasão, dependendo da forma como é vista e desenvolvida. É nesse sentido que surge a necessidade de se ter uma competição adequada ao público ao qual se destina de forma a atender suas expectativas e necessidades; que possa explorar todo o seu potencial na busca pelo alto rendimento esportivo, sem deixar de respeitar seu desenvolvimento físico, psicológico, cognitivo e motor.

Neste sentido, a intenção deste estudo é propiciar maior conhecimento sobre como são planejadas e conduzidas as competições de GAF e possibilitar uma reflexão a respeito desse conhecimento visando um direcionamento das competições para a efetiva contribuição no processo de educação e formação dos jovens atletas, propiciando um aprendizado mais abrangente (no tocante à abordagem pedagógica, aproveitando todas as possibilidades de expansão do

repertório motor) e progressivo (no que diz respeito à individualidade do sujeito, respeitando seu estado de prontidão e ritmo de desenvolvimento), ao mesmo tempo em que prepare e motive para o alto rendimento.

Portanto, o objetivo deste estudo é descrever o sistema competitivo da GAF nas categorias de base no período de 2013 a 2016 e verificar de que forma as competições desenvolvidas podem contribuir para a educação e formação de jovens atletas. Para isso foram estabelecidas as seguintes questões norteadoras:

1. As competições de GAF nas categorias de base são adequadas às crianças desta faixa etária?
2. De que forma as vitórias e derrotas podem contribuir para a educação e formação dos jovens atletas?
3. Qual o número e a frequência de atividades competitivas que as atletas de GAF participam nas categorias de base?
4. Qual o papel da competição no processo de educação e formação da atleta de GAF nas categorias de base?

2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

2.1 A COMPETIÇÃO ESPORTIVA

Ao ingressar na prática esportiva, crianças e jovens se veem em um novo universo, com possibilidades de ampliar suas relações sociais, suas habilidades e perspectivas. Segundo Guillen Garcia (2003), a prática esportiva pode influenciar o indivíduo no desenvolvimento das capacidades perceptivas, da capacidade cognitiva, desenvolvimento da personalidade, desenvolvimento moral e de sensações do próprio corpo.

De acordo com Gaya e Torres (2004) e Gaya (2006), a busca pelo esporte remete a objetivos distintos, podendo ser o esporte de alto rendimento ou excelência, onde as categorias de rendimento, regulamentos institucionalizados e competição são maximizados; o esporte escolar, onde são valorizados a formação de valores, atitudes e os princípios de educação e formação das crianças e jovens; o de lazer, onde são permitidas modificações para uma melhor participação e harmonização, ou o de reeducação, onde se consideram as possibilidades físicas, motoras e orgânicas dos participantes. Portanto, trata-se de um fenômeno polimorfo (com diferentes formas) e polissêmico (distintos sentidos), onde qualquer que seja o objetivo, o esporte é constituído sempre pela conexão de três elementos: a busca pelo rendimento esportivo (auto rendimento), o regulamento técnico e a competição.

A competição, segundo Weis, Romanzini e Carvalho (2011), pode ser definida como situação na qual um atleta tem a oportunidade de demonstrar seus atributos seja num jogo, numa prova ou em um confronto entre dois ou mais participantes. É a possibilidade de avaliar suas capacidades, de demonstrar do que é capaz, de se superar (MARQUES, 2004). É a disputa individual ou em equipe a partir de princípios de iguais possibilidades, onde buscam objetivos bem definidos em um evento esportivo, respeitando as regras da modalidade a ser disputada (DE ROSE JR.; KORSKAS, 2006).

Contudo, quando se trata da competição para crianças e jovens, um público específico que está em plena formação, é importante que essa prática seja compatível com o seu nível de desenvolvimento, suas aptidões e suas competências, que esteja associada aos princípios e valores necessários ao

cidadão, contribuindo com a sua educação e formação e preparando-os para a vida (MARQUES, 2006).

Segundo De Rose Jr. e Korsakas (2006), pensar no esporte e na competição como meios de efetivar essa educação é entendê-los como ferramentas para o desenvolvimento pleno do ser humano. Hirama e Montagner (2009) também defendem a utilização da competição como ferramenta pedagógica, no entanto ressaltam que os objetivos a serem alcançados devem fazer parte da proposta pedagógica do projeto, valorizando o processo acima do resultado.

Nesse ponto, Milistetd *et al.* (2008) afirmam que a competição tem um papel determinante na formação desportiva dos jovens, servindo não apenas de incentivo para a aprendizagem, como também como um *feedback* para os treinos. No entanto, deve ser adaptada às características das crianças e priorizar a formação de competências de forma ampla e versátil, evitando a especialização em determinada função nas etapas iniciais da formação.

A iniciação esportiva, respeitadas as características motoras, cognitivas, afetivas e sociais da criança, pode ocorrer em qualquer fase do desenvolvimento na infância, com participação em competições pedagogicamente adequadas e que não visem resultados imediatos, a especialização precoce, a seleção de talentos e tampouco a exclusão (GAYA; TORRES; BALBINOTTI, 2002). Segundo os autores, a competição deve ser posta no processo formativo como importante meio de aprendizagem e educação esportiva, contribuindo para a complementação do treino no desenvolvimento das habilidades e capacidades físicas das crianças e adolescentes e não como culminância de um programa de treinamento.

Para que se tenham práticas esportivas mais adequadas à criança, é necessário respeitar o estado de prontidão da mesma, possuir propostas de formação para as atividades de treino, assim como para as competitivas, coerentes e consequentes, de forma que o treinamento não seja planejado em função do modelo de competição, mas sim o contrário, que a competição seja uma continuidade da formação promovida nos treinos (MARQUES, 2004).

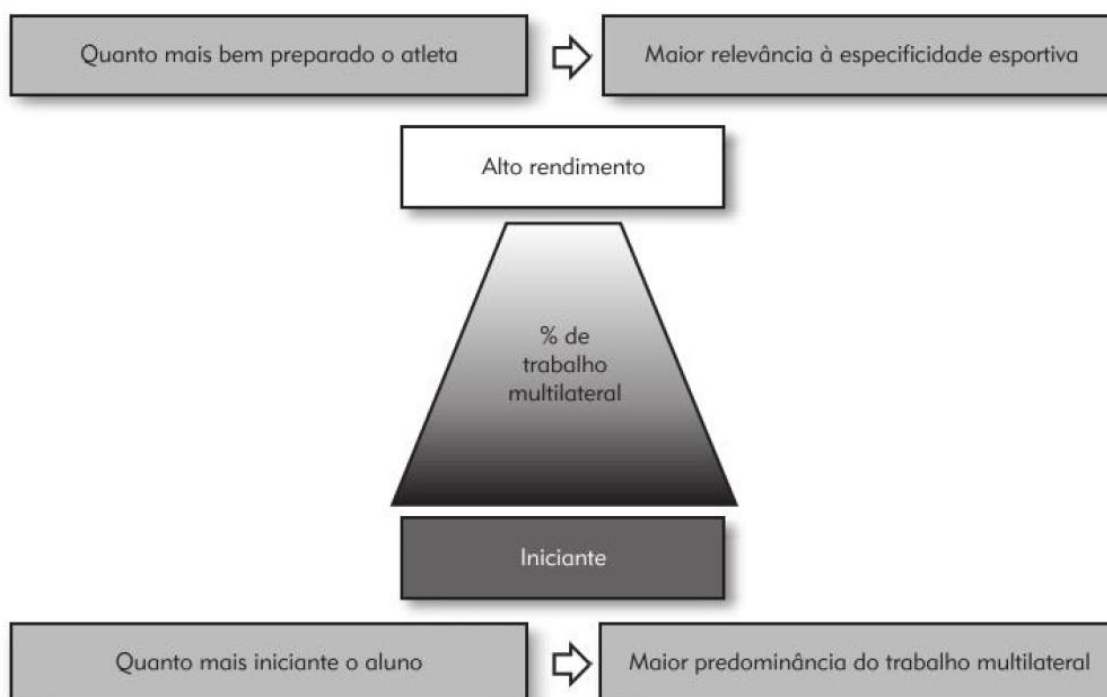
Autores como Luguetti, Massa e Böhme (2011), Côté, Lidor e Hackfort (2009), De Rose Jr. e Korsakas (2006), Marques (2004), Marques e Oliveira (2002), Bompa (2002) sugerem uma formação esportiva em longo prazo, onde a criança deve, na fase de iniciação, participar do maior número de programas esportivos, de diferentes

modalidades, priorizando a diversão e o prazer pela prática esportiva, focando o desenvolvimento multilateral.

Para Marques (1997), quanto mais unilateral a prestação de uma modalidade esportiva, maior a necessidade de se construir uma base de formação de modo multilateral, devendo esta ser a mais eclética possível. Num segundo momento, na “especialização aprofundada”, a multilateralidade nas competições deve ser próxima às características da modalidade escolhida, de forma a possibilitar a transferência motora. Assim sendo, deve haver uma delimitação da diversidade em relação a cada modalidade esportiva, orientando os exercícios para o esporte escolhido. Para o autor, nas modalidades como a GA e o atletismo, que já contém diversidade, os exercícios devem gerar mudanças psíquicas através das alterações do envolvimento.

Para Paula e Balbinotti (2009) a formação multilateral em atletas iniciantes possibilita a obtenção de melhores resultados em médio e longo prazo quando comparados à formação unicamente específica, possibilitando também melhores resultados em curto prazo nos treinos específicos. Dessa forma, os autores recomendam uma formação que estimule o indivíduo nas diversas qualidades físicas, técnicas, táticas, psicológicas e sociais, principalmente nas fases iniciais da formação esportiva (figura 1).

Figura 1: Formação multilateral



Fonte: Paula e Balbinotti (2009, p.23).

Portanto, a necessidade de evitar a especialização precoce ao mesmo tempo em que se possibilita a otimização de rendimento num sistema em longo prazo, deve orientar a formação de modo a aumentar a base motora e as possibilidades de transferência, através de um vasto repertório de experiências motoras gerais e orientadas, evitar cargas unilaterais excessivas nas fases iniciais e oferecer atividades atraentes, despertando maior interesse e envolvimento.

Para Quina (2003), cada etapa da formação esportiva deve se apresentar de forma diferenciada quanto ao conteúdo, volume, intensidade e complexidade dos treinos e competições. O autor também aponta para a necessidade de se ter competições frequentes desde a primeira etapa, cobrindo toda a época esportiva, já que esta funciona como fator motivacional para a prática esportiva. Estas devem também se apresentar em número (quantidade) progressivo ao longo das etapas e adotarem a forma de provas múltiplas e coletivas nas etapas iniciais, quando se tem como objetivo a formação multilateral (figura 2).

Figura 2: Etapas e objetivos do processo de formação esportiva

Idade	Objetivos	Etapa
6 7 8	Formação psicomotora de base: <ul style="list-style-type: none"> ■ Desenvolvimento das capacidades coordenativas ■ Aperfeiçoamento das habilidades motoras fundamentais Através de situações lúdicas, divertidas e variadas (treino multilateral)	1ª Treino Geral
9 10 11 12	Início do treino específico da modalidade escolhida: <ul style="list-style-type: none"> ■ Aprendizagem das técnicas de base da modalidade escolhida ■ Desenvolvimento das capacidades coordenativas e da capacidade de velocidade Através de exercícios específicos diversificados (treino ainda multilateral) e início da atividade competitiva.	2ª Treino Fundamental
13 14 15 16 17	Desenvolvimento do treino específico da modalidade escolhida: <ul style="list-style-type: none"> ■ Aperfeiçoamento e estabilização das técnicas da modalidade escolhida ■ Continuação do desenvolvimento das capacidades coordenativas e da velocidade e início do desenvolvimento específico da força e da resistência Através de exercícios específicos e da atividade competitiva regular.	3ª Treino de Construção
18 19	Especialização com vista à obtenção do mais alto rendimento Treino já orientado para a estrutura de rendimento da modalidade escolhida através de exercícios específicos de aplicação e competitivos, e da atividade competitiva regular.	4ª Treino de Ligação

Fonte: Quina, 2003, p.23.

Da mesma forma, Marques e Oliveira (2002) afirmam que a criança deve ter a possibilidade de participar de um quadro numeroso e diversificado de competições, criando mais possibilidades de sucesso a um maior número de indivíduos e equipes, contribuindo para um sistema de competições que seja mais adequado às necessidades e possibilidades da criança. No entanto, não se trata ainda de competições estruturadas como aquelas desenvolvidas para atletas adultas no alto rendimento esportivo, mas de formas simplificadas de competição, preparando-as para participações futuras, mais complexas e mais exigentes (MARQUES, 1999).

A competitividade, segundo Balbinotti *et al.* (2011), diz respeito à satisfação de competir, ao desejo de lutar por sucesso em competições. Este sucesso não está necessariamente vinculado à vitória sobre o adversário, pode estar na melhora do próprio desempenho. Competir deve estar relacionado à evolução do desempenho das habilidades técnicas e táticas de uma determinada modalidade e ao aprendizado de resolução de problemas e tomada de decisões, mesmo que equivocadas em determinado momento. Deve refletir a aquisição de uma autonomia esportiva (DE ROSE JR. E KORSAKAS, 2006).

Para Cortela *et al.* (2012), a utilização do jogo como elemento central do processo de ensino aprendizagem, a participação ativa do aluno neste processo e as adaptações dos materiais permitem melhores resultados não apenas técnicos como motivacionais para alunos de todas as faixas etárias. Pois o sucesso, para cada treinador de ginástica - e, claro, para os treinadores de outros esportes também -, é uma das motivações extrínsecas mais importantes. Competir é a base de cada esporte competitivo, e por isso a ginástica também. A possibilidade de sucesso em competições fornece mais energia e unidade para se preparar para os desafios das próximas competições, para elevar o nível de exigência e motivação intrínseca das atletas (MUNKÁCSI *et al.*, 2012). No entanto, o aprendizado, elencado pelos sujeitos, que ocorre através da experiência com as derrotas, os sacrifícios, as frustrações e os desafios vivenciados no cotidiano da GA contribuem para a formação pessoal (NUNOMURA *et al.*, 2012).

Marques (2006) acredita que a participação de crianças em programas de esporte de alto rendimento pode proporcionar sentimentos de felicidade que dificilmente seriam possíveis fora deste contexto. Para o autor, essa participação representa “um contributo insubstituível para a construção da autoconfiança, da esperança, da iniciativa e da autodisciplina” (p.146), além de desenvolver a

disciplina, assiduidade, a predisposição para o trabalho em equipe, a determinação, o senso crítico, se mostrando importante na formação do caráter do indivíduo.

Nessa perspectiva, Marques (2006) aponta a necessidade de técnicos qualificados no trabalho com os mais jovens, que estes tenham uma formação pedagógica e moral, pois a prática esportiva e o desenvolvimento para o alto rendimento não devem se constituir como uma finalidade em si mesmo, mas que o esforço para a melhoria do rendimento esportivo deve repercutir na melhoria das capacidades físicas, psíquicas, no desenvolvimento da personalidade e na sua formação como cidadão, capacidades essenciais para a vida.

2.2 A GINÁSTICA ARTÍSTICA FEMININA

Caracteriza-se pela prática sistemática e regulamentada de um conjunto de exercícios físicos em aparelhos, composta de combinações de acrobacias, saltos, giros transversais e longitudinais, coreografia com caráter técnico e artístico (CARVALHO, 2007, p.20).

A GA representa uma das modalidades mais antigas no cenário esportivo. Teve sua origem na Alemanha, no século XIX, onde foi desenvolvida por Friedrich Ludwig Christoph Jahn para a preparação de jovens para a guerra (REPPOLD FILHO; FONTANA, 2014). Introduzida nos Jogos Olímpicos desde a primeira edição da Era Moderna, em 1896, teve sua prática iniciada apenas por homens. Somente mais tarde houve a inclusão do sexo feminino, o qual iniciou nos Jogos Olímpicos de Amsterdam, em 1928. Já foi conhecida como Ginástica Esportiva, Ginástica de Aparelhos, Ginástica Olímpica, adotando finalmente o nome de Ginástica Artística por determinação da FIG (PUBLIO, 2005).

A GA chegou ao Brasil em 1824, através de imigrantes alemães que se fixaram no estado do Rio Grande do Sul. Segundo Mazo (2005), em 1895, com o objetivo de manter a memória alemã através do cultivo da prática da ginástica e o fortalecimento das sociedades alemãs, foi organizada a *Deutscher Turnerschaft von Rio Grande do Sul* (Federação Alemã de Ginástica do Rio Grande do Sul). Esta organização realizou a primeira competição entre as sociedades de ginástica do Rio Grande do Sul em 1896. Em 1899 já era realizada a primeira competição de ginástica para crianças (MAZO, 2005). No entanto, foi em 1942 que foi fundado o Departamento de Ginástica na Federação Atlética Riograndense e, apenas em 1962

que o estado teve oficializada a Federação Riograndense de Ginástica (FRG) (PÚBLIO, 2002; SANTOS, 2005), hoje nomeada Federação de Ginástica Artística, Rítmica, Trampolim, Aeróbica e Acrobática do Rio Grande do Sul (FGRS). Antes disso, em 1948, em São Paulo, surgiu a Federação Paulista de Ginástica e Halterofilismo, que foi desmembrada em 1956, dando origem à Federação Paulista de Ginástica (FPG). E em 1950, no Rio de Janeiro, a Federação Metropolitana de Ginástica, primeira federação independente da modalidade no país (ROBOREDO; FARIA JUNIOR, 2014), que em 1975 originou a atual Federação de Ginástica do Estado do Rio de Janeiro (FGERJ) (SANTOS, 2005).

Estas três federações estaduais (RJ, SP e RS), em 1951, filiaram-se à Confederação Brasileira de Desportos⁴ (CBD), a qual se filiou à FIG, “legalizando e oficializando, nacional e internacionalmente, a ginástica brasileira” (SANTOS, 2005, p.220). Neste mesmo ano, houve a primeira participação brasileira em eventos internacionais, com os Jogos Pan-americanos em Buenos Aires. No Brasil, foi realizado o primeiro CBGA contando apenas com a participação masculina. A participação feminina foi garantida a partir do segundo CBGA, em 1953.

Em 1969, a FPG realizou um Campeonato Nacional para as categorias mirim e infantil, contando com a participação de equipes do Rio de Janeiro, São Paulo e Rio Grande do Sul. A competição feminina contou com os aparelhos solo, salto e trave para meninas até oito anos de idade na categoria mirim, e de nove a 12 anos, na categoria infantil (PÚBLIO, 2002). Neste mesmo ano, a CBD realizou em Porto Alegre o primeiro Campeonato Brasileiro Juvenil. Tais competições marcaram “o início do processo de valorização do treinamento de base na GA” (PÚBLIO, 2005, p.224).

A partir de 1970, os CBGA, que eram realizados a cada dois anos, passaram a acontecer anualmente, o que, segundo Públio (2002) deu mais motivação aos ginastas, técnicos e dirigentes. Em 1978, com a dissolução da CBD em confederações esportivas especializadas por modalidade, foi criada a CBG, substituindo a CBD enquanto representante da ginástica brasileira junto à FIG.

Desde a sua inclusão no programa Olímpico a GA sofreu diversas modificações, se mostrando atualmente um esporte bastante diferente daquele inicial. O Código de Pontuação, documento que rege a modalidade, sofreu

⁴ Única entidade esportiva no país com reconhecimento internacional (SANTOS, 2005).

alterações substanciais nos últimos anos. De acordo com Donti, Donti e Theodorakou (2014), em 2000 o sistema de avaliação da modalidade foi modificado, passando a ser julgada por dois grupos de árbitros (dificuldade e execução).

Em 2005, deixou de existir a nota 10,0 como o máximo de pontos a ser conquistado pela atleta em uma prova, possibilitando uma filosofia de “recorde mundial” na ginástica, já que a pontuação deixou de ter um limite superior. Isso fez com que houvesse um rápido desenvolvimento e concentração de dificuldade nas séries apresentadas. Em 2013 o novo CP sofre novas mudanças, valorizando os componentes artísticos e coreográficos nas apresentações, conferindo às mesmas, maior harmonia e plasticidade. Também permitiu às ginastas optarem por executar em suas composições maior número de elementos ginásticos e de dança e menos elementos acrobáticos, adaptando melhor às suas capacidades individuais (DONTI; DONTI; THEODORAKOU, 2014).

Sendo assim, atualmente, a GAF competitiva é uma modalidade complexa (de alta dificuldade, execução impecável e composição estética e coreográfica), composta por quatro diferentes provas: salto, paralelas assimétricas, trave e solo. Cada aparelho possui suas especificidades, exigindo de seus praticantes distintas habilidades e qualidades físicas, como força, velocidade, potência, coordenação, agilidade, flexibilidade, equilíbrio. As competições são organizadas em quatro momentos distintos: Classificatória (C-I), Final por equipe (C-IV), Final Individual Geral (C-II) e Final por aparelho (C-III).

C-I – Na fase classificatória participam todas as atletas. De acordo com o resultado obtido nesta fase, são classificadas 24 atletas para C-II, oito atletas por aparelho para C-III e oito equipes para C-IV.

C-II – Nesta fase, competição final individual geral (*all-around*), participam as 24 atletas melhor classificadas em C-I. Estas atletas são consideradas generalistas, apresentando bom desempenho nos quatro aparelhos. O resultado é definido a partir do somatório da pontuação obtida nas quatro provas, salto, paralelas, trave e solo.

C-III – A final por aparelhos privilegia as atletas especialistas, as quais apresentam melhor desempenho em determinado aparelho. Nesta competição é consagrada a campeã em cada aparelho.

C-IV – A final por equipe é a componente coletiva da competição de GA. Nesta fase a comissão técnica, estrategicamente, escolhe as atletas que irão

competir em cada aparelho, utilizando o potencial de cada uma nos diferentes aparelhos, ou mesmo frente à equipe. O sistema de competição varia de acordo com a competição, sendo definido no regulamento da mesma.

A GAF é avaliada de acordo com o CP, por dois grupos de árbitros. Os árbitros que compõem o painel D são responsáveis pela nota de dificuldade, referente ao conteúdo da apresentação, ou seja, nela são somados os valores dos elementos⁵ que compõem a série, os requisitos de composição⁶ executados, e as ligações⁷ apresentadas. Já os árbitros que compõem o painel E são responsáveis pela nota de execução. Esta nota parte de 10,0 pontos e dela são descontadas todas as falhas de execução e de apresentação artística⁸ cometidas durante a exibição da ginasta. A nota final (NF) da atleta é o somatório destas duas notas (notas D e E). Da nota final ainda são descontadas possíveis penalidades sofridas pela atleta durante sua apresentação ($NF = D + E - \text{penalidades}$).

Tais características do sistema de avaliação da GAF incentivam a utilização de elementos de alta dificuldade, devido à grande competitividade da modalidade, ao mesmo tempo em que prima pela execução impecável e atributos artísticos bem desenvolvidos, em função dos descontos estabelecidos pelo CP para as falhas de execução. Dessa forma, é imprescindível o profundo conhecimento das características de cada atleta pela comissão técnica, assim como de todas as possibilidades presentes no CP para a composição de séries de alto nível competitivo, com o mínimo possível de falhas na execução.

2.2.1 Organização da Ginástica Artística Feminina no Brasil

A CBG é a entidade nacional responsável pelo gerenciamento de todas as modalidades ginásticas (Artística Feminina e Masculina, Rítmica, de Trampolim, Acrobática, Aeróbica e Para Todos). A ela compete “dirigir, difundir, promover,

⁵Os elementos presentes na Tabela de Elementos do CP são classificados de A a I, de acordo com o nível de dificuldade, e apresentam os seguintes valores: A=0,10; B=0,20; C=0,30; D=0,40; E=0,50; F=0,60; G=0,70; H=0,80; I=0,90 (FIG, 2016).

⁶ Exigências técnicas específicas de cada aparelho.

⁷ Refere-se à realização de combinação de elementos de alta dificuldade nos aparelhos solo, trave e paralela, que podem conferir bônus à atleta, aumentando sua nota de dificuldade.

⁸ A ginasta deve demonstrar sua capacidade de transformar uma composição bem estruturada em uma apresentação artística, com fluidez coreográfica, expressividade, musicalidade, criatividade, segurança na apresentação, estilo pessoal e técnica perfeita (FIG, 2013).

organizar e aperfeiçoar” tais modalidades, devendo, portanto, “promover a realização de Campeonatos, Festivais, Cursos, Pesquisa, Intercâmbio e qualquer ato que objetive o desenvolvimento e fomento da Ginástica Brasileira” (CBG, 2016, p.3). Para desenvolver suas ações, a CBG se organiza através de Comitês Técnicos, tendo criado um para cada modalidade. Cada comitê é composto por um coordenador, indicado pela presidência da CBG, e até seis membros indicados pelas federações filiadas, os quais devem ter participação como técnico em eventos nacionais e ser, no mínimo, árbitro nacional da modalidade em questão.

Durante o ciclo olímpico de 2013 a 2016, a GAF contou com a Professora Yumi Yamamoto Sawasato⁹ na coordenação do seu comitê técnico, uma coordenadora adjunta e quatro membros, sendo estas representantes de diferentes estados (SP, RS, PR, RJ, DF e SC). Ao comitê técnico cabe elaborar os regulamentos técnicos da modalidade, expressar-se sobre o calendário anual da CBG, estabelecer a programação das competições, propor as categorias etárias das competições, dirigir a competição e a arbitragem dos eventos da CBG, propor instrumentos que estimulem e orientem o desenvolvimento técnico da GAF, organizar e supervisionar cursos técnicos e de arbitragem nacionais e internacionais, instituir critérios de classificação e composição da delegação que irá representar o país nacional e internacionalmente, dentre outros (CBG, 2016).

Em nível estadual, a ginástica é administrada pelas Federações Estaduais de Ginástica, as quais seguem a organização nacional. Atualmente, todos os estados brasileiros, com exceção do Acre, Amapá e Mato Grosso, possuem uma Federação de Ginástica filiada à CBG, totalizando 24 entidades (CBG, 2016), mostrando uma evolução desde 2007, quando havia apenas 18 entidades filiadas (Schiavon, 2009).

2.2.2 As competições de Ginástica Artística Feminina

A CBG, no período estudado, realizou anualmente duas competições nacionais que contemplavam as categorias de base da GAF, o TNGA e o CBGA.

⁹ A Prof^a Yumi é árbitra internacional de GAF, formada em Educação Física, possui uma academia de GA em São Paulo, é docente do ensino superior desde 1973, foi árbitra no primeiro Campeonato Brasileiro de GAF (1953) e já atuou como árbitra em cinco edições dos Jogos Olímpicos (2000, 2004, 2008, 2012, 2016), tendo recebido o prêmio de melhor árbitra do mundo em 2008.

O TNGA é uma competição que tem por objetivo a massificação da modalidade, com participação aberta a qualquer ginasta interessada, independentemente da idade da mesma. Possuía três níveis de exigência, iniciante, intermediário e avançado, sendo direito e responsabilidade do técnico a escolha do nível em que suas atletas iriam participar, assim como a passagem ou não de nível, independentemente da pontuação conseguida. No entanto, era vedada a participação das atletas que haviam participado do CBGA nos últimos dois anos, salvo algumas exceções.

O CBGA é a competição nacional voltada para o alto rendimento esportivo. No período estudado, o CBGA possuía dois diferentes níveis de desenvolvimento/exigência, A e B, os quais possuíam regulamentos técnicos distintos. O nível A que exigia a execução de elementos de maior dificuldade técnica, sendo também utilizado para a seleção das atletas que compuseram a equipe nacional, representando o país nas competições internacionais. Já o nível B, apesar de também estar voltado para o alto rendimento esportivo, possuía menor dificuldade, apresentando um nível de exigência técnica situada entre o nível avançado do TNGA e o nível A do CBGA.

A CBG estipula categorias de acordo com a idade das atletas, sendo estas definidas, no período estudado, da seguinte forma:

Figura 3: Categorias de competição da GAF com respectivas faixas etárias

CATEGORIAS	FAIXA ETÁRIA	OBSERVAÇÃO
Pré-Infantil	09 e 10 anos	Completos no ano da competição
Infantil	11 e 12 anos	Completos no ano da competição
Juvenil	13 a 15 anos	Completos no ano da competição
Adulta	16 anos e acima	Completos no ano da competição

Fonte: CBG (2015a, p.1)

A CBG realiza anualmente um CBGA para cada categoria. No entanto, permite, através do regulamento técnico da modalidade, que as ginastas no último ano das categorias pré-infantil e infantil compitam na categoria acima. Ou seja, as ginastas de 10 anos de idade (último ano na categoria pré-infantil) podem competir na categoria infantil; ginastas de 12 anos de idade (último ano na categoria infantil) podem competir na categoria juvenil, assim como as ginastas da categoria juvenil podem competir na categoria adulta (figura 4). Para as competições do CBGA, a

CBG determina regulamentos técnicos baseados no CP da modalidade, com adaptações que permitem a diferenciação de dificuldade dos elementos exigidos de acordo com a faixa etária e o nível de desenvolvimento técnico das ginastas às quais se destinam.

Figura 4: Categorias de competição da GAF com faixas etárias permitidas

CATEGORIAS	FAIXA ETÁRIA Permitida	OBSERVAÇÃO
Pré-Infantil	09 e 10 anos	Completos no ano da competição
Infantil	10 a 12 anos	Completos no ano da competição
Juvenil	12 a 15 anos	Completos no ano da competição
Adulta	Apartir de 13 anos	Completos no ano da competição

Fonte: CBG (2015a, p.1)

Tal permissão dada às ginastas mais novas para participarem das competições em categorias posteriores faz com que estas atletas sejam submetidas a treinos de maior complexidade quanto às exigências técnicas para que sejam capazes de cumprir o regulamento de ambas as categorias, antecipando sua formação.

Milistetd *et al.* (2014) ao analisar a organização competitiva de crianças e jovens em 11 diferentes modalidades esportivas, identificou na GA, juntamente com o voleibol, o maior número de adaptações estruturais e funcionais em seus regulamentos, o que, segundo os autores, revela preocupação com o aproveitamento competitivo dos atletas, qualidade inerente da formação esportiva de longo prazo. No entanto, afirmam ser preocupante o envolvimento prematuro em competições por favorecer um quadro de especialização precoce, o que pode gerar sérias consequências, até mesmo o abandono da prática esportiva.

Apesar das modificações apresentadas nos regulamentos dos eventos nacionais, estaduais e escolares em função da categoria (faixa etária) e do objetivo, havendo também, em algumas situações, adaptações dos aparelhos (NUNOMURA; TSUKAMOTO, 2006), as competições de GAF, já nas categorias de base, seguem os moldes das competições mais estruturadas do alto rendimento.

Bigueti e Brandão (2012) ao analisarem a percepção de atletas de 10 a 13 anos de idade em relação a dois diferentes formatos de competição de basquetebol (campeonato e festival), identificaram que para essa faixa etária, é provável que haja mais motivação com jogos sem cobranças técnicas e táticas, que proporcione um

amplo leque de atividades diversificadas, de forma facilitada e um programa reduzido de competições de curta duração. Quanto mais oportunidade de jogar, mais possibilidades de aprender, dessa forma, as competições devem priorizar o maior número de jogos possíveis.

Enquanto muitas respostas enfatizaram o clima lúdico presente no festival sinalizando que este eleva a autoestima e a manutenção do interesse pela modalidade, outros depoimentos destacaram a importância da seriedade e o alcance de metas e habilidades pretendidas nos jogos do campeonato, quando as meninas que apresentaram maior nível de amadurecimento deram preferência a este tipo de competição (BIGUETTI; BRANDÃO, 2012).

Com o intuito de diferenciar a busca pelo alto rendimento esportivo, Cafruni, Marques e Gaya (2006), estabeleceram critérios para a definição de altos resultados nas etapas de formação esportiva, identificando os resultados que, de certa forma, exigiam que os atletas fossem submetidos a um treinamento intensivo para a obtenção dos mesmos, diferenciando-os da média e fazendo-os ocupar uma posição de destaque. Nesse sentido, os autores, após consultarem treinadores especialistas, estabeleceram que na GA são considerados altos resultados até a 6ª colocação no CBGA, o que foi adotado neste estudo.

2.3 A TEORIA DA COMPETIÇÃO ESPORTIVA PROPOSTA POR MARQUES

As competições, segundo Marques (2003), são um elemento decisivo na formação das crianças e jovens, devendo ir ao encontro das necessidades, motivações e interesses dos mesmos, e “ajudar a preparar a participação em competições de maior nível de exigência” (p.317). No entanto, para que isso seja possível, as competições devem estar de acordo com o nível de desenvolvimento do atleta e os objetivos da formação.

Para o autor, as competições, assim como os treinos, devem sofrer um processo de especialização crescente. Uma participação precoce em competições especializadas causaria, conseqüentemente, uma precoce especialização dos treinos. Desta forma, Marques (2003) destaca a necessidade de uma nova estrutura e conteúdo para o sistema de competições que se oponha à especialização precoce,

favoreça uma formação em longo prazo e que confira um treinamento adequado à criança.

As competições esportivas para as crianças e jovens são importantes, mas a preparação destes não deve ser orientada para a obtenção do melhor rendimento. As competições devem ajudar na preparação adequada dos jovens para “as exigências do desporto de alto nível” (MARQUES, 2003, p.319). Apesar de os jovens verem a participação em competições com expectativas de resultados, os treinadores devem ter nessa participação o objetivo de formação em longo prazo.

Segundo o autor, nos primeiros anos de treino, as competições devem, sobretudo, promover a formação “dos pressupostos coordenativos, técnico-táticos e orgânico-musculares” (p.318) em função do nível de desenvolvimento das crianças e jovens. Da mesma forma, deve promover a formação psicológica, preparando-os para o futuro. Sendo assim, é necessário que a participação das crianças e jovens em competições esportivas seja criteriosamente planejada para que esta possa exercer a função formativa e estruturante da personalidade que se pretende, com objetivos e programas diferenciados ao longo dos estágios de desenvolvimento do indivíduo.

Dito isto, Marques (2003) destaca os principais objetivos da participação das crianças e jovens nas três etapas fundamentais da formação esportiva. Na etapa de preparação preliminar deve-se priorizar a preparação motora e desportiva multilateral da criança, utilizando para isto, formas competitivas simplificadas e em grande número, relacionados a exercícios esportivos gerais. Na etapa de especialização inicial, deve-se iniciar a orientação para uma atividade. Nesta fase começa a haver uma periodização do treino. No entanto, o número de competições oficiais não deve ser muito elevado, além disso, as competições e formas competitivas devem estar presentes ao longo de toda a preparação, não ficando concentradas em períodos competitivos, pois constituem parte essencial do treino.

Com o objetivo de propiciar uma formação ampla e diversificada, na etapa de especialização inicial deve-se ainda promover exercícios e formas competitivas de outros esportes. A forma de competição deve ser simplificada, com regras facilitadas e adaptadas às crianças. Deve-se ao máximo, utilizar formas competitivas durante os treinos, sem que estas tenham caráter decisivo, ou seja, sem que essas tenham a vitória como objetivo principal.

Na etapa de especialização aprofundada, o objetivo é o desenvolvimento aprofundado da capacidade de desempenho em um esporte ou especialidade esportiva. As competições passam assumir uma posição de maior destaque, admitindo a preocupação com o rendimento e os resultados. No entanto, a interação entre cargas e recuperação não deve ser ainda tão intensificada como no “elevado rendimento”. Deve-se ainda dar continuidade ao processo de formação dos fatores que dão suporte ao rendimento, com um período de preparação mais amplo, contemplando, além dos objetivos da formação especializada, os objetivos mais gerais da formação.

Nesta fase, as competições do período preparatório são tidas como forma especializada de treino, aperfeiçoando a formação. No período competitivo, entram as competições oficiais e as competições preparatórias destas competições, aumentando o número de competições em relação à etapa anterior. Contudo, o número de participações competitivas é menor que na etapa de especialização inicial quando as formas competitivas, utilizadas como importante estratégia de treino, acontecem em grande número e frequência.

Dessa forma, Marques (2004) ao adotar o princípio de que a competição é o elemento mais estruturante de toda a formação esportiva da criança, além de ser determinante em sua educação e preparação para a vida, estabeleceu três categorias teórico-metodológicas a serem atendidas: 1. Novas práticas competitivas num desporto mais conforme a criança; 2. A competição como elemento estruturante e toda a formação desportiva; 3. O número e a frequência das participações competitivas.

2.3.1 Novas práticas competitivas num desporto mais conforme a criança

A competição é a essência do esporte, no entanto não ocorre somente nele. A competição faz parte da vida do ser humano e o esporte apenas a utiliza como fator motivador. Para Marques (2004) não há sentido na prática esportiva sem competição. No entanto, esta deve estar de acordo com as características, expectativas e possibilidades dos que estão envolvidos.

A competição no esporte para crianças deve ter estas como sujeitos, ou seja, ser pensada e desenvolvida em função das condições destes sujeitos, à imagem da

sua prontidão, de forma a ser um elemento estruturante da sua formação esportiva e determinante na sua educação e formação para a vida.

Da mesma forma que o treinamento esportivo vem sendo repensado e desenvolvido de forma a respeitar as fases de desenvolvimento da criança, a competição esportiva também o deve ser, identificando-se coerentemente com as possibilidades destas e com as propostas de treino desenvolvidas. Nesse sentido, devem-se considerar os aspectos físicos, motores, psicológicos e cognitivos não apenas no planejamento e aplicação do treinamento, mas também na estruturação e realização das competições esportivas.

O que se tem, muitas vezes, como relatado por Tsukamoto e Nunomura (2005), é uma relação entre treino e competição onde o primeiro é desenvolvido em função do regulamento técnico das competições que se pretende participar, negligenciando toda a possibilidade de uma formação ampla. No entanto, Marques (2004) propõe que seja desenvolvido um modelo competitivo onde as propostas de formação, tanto nas atividades do treino quanto nas competições, sejam coerentes e consequentes, numa relação de continuidade e complemento dos objetivos.

A proposta de modelo competitivo visando resultados nesta fase de formação básica não tem demonstrado consideração com os aspectos do desenvolvimento da criança, causando muitas vezes o abandono do esporte, como diagnosticado por Stringhini (2010), Crane e Temple (2015) e Lopes *et al.* (2016), além de não garantir altos resultados na fase de alto rendimento esportivo, como relatado por Cafruni, Marques e Gaya (2006).

Para Marques (2004), a partir do momento em que a competição for modelada pelos princípios e pressupostos do treinamento infantil, esta se tornará um fator estruturante da formação da criança, dando sentido e direção a toda a preparação, estabelecendo, dessa maneira, maior harmonia entre os objetivos de formação esportiva e as expectativas da criança na participação competitiva, possibilitando a satisfação das suas necessidades e a afirmação de competências e capacidades.

2.3.2 A competição como elemento estruturante da formação desportiva

A participação da criança em competições esportivas inevitavelmente a fará passar por momentos vitoriosos e outros de derrota, no entanto, esta é uma

oportunidade de aprendizado e desenvolvimento que deve ser trabalhada. A vitória deve ser buscada e até mesmo possibilitada pela forma de se estruturar a competição, permitindo que mais crianças a vivencie, reforçando a motivação e o interesse pela prática esportiva. Contudo, não deve ser supervalorizada, pois a busca por resultados pode causar uma possível sobrecarga no treinamento e uma antecipação da especialização, o que seria prejudicial à formação esportiva e ao desenvolvimento da criança.

As vitórias nas competições nas categorias de base devem ter seu significado relativizado no processo de formação, tendo este (o processo) como o mais importante para a obtenção de êxito nas fases mais avançadas da preparação esportiva (MARQUES, 2006). A competência de um treinador deve ser avaliada não pelos resultados obtidos precocemente, mas pelo número de atletas que este conseguiu formar com bons resultados no esporte de alto rendimento (MARQUES e OLIVEIRA, 2004).

Para Marques (2004), sem vitórias e sem derrotas não se aproveitam as potencialidades educativas do esporte. A experiência da derrota e o aprendizado que esta exige de superação, aceitação e compreensão da situação, sendo transformada, com o auxílio do treinador, em maior motivação para o treinamento e o desenvolvimento pessoal, assim como a possibilidade de vitória, oferecem a oportunidade de ampliar o alcance educacional e de formação para a vida que o esporte possui.

Para tanto, Marques (1999) coloca que “o treinador não é apenas um “treinador”” (p.17), pois além de tarefas esportivas, carrega consigo a

responsabilidade pedagógica pelo presente e pelo futuro das crianças que lhe são confiadas. O que lhe exige conhecimentos sobre o desenvolvimento motor, biológico, psíquico e social da criança, mas também capacidade de integração desses conhecimentos nas propostas da prática. E uma sólida formação moral (MARQUES, 1999, p.17).

2.3.3 O número e a frequência das participações competitivas

Para Marques (2004), a criança deve participar de um maior número de competições esportivas nas primeiras fases de preparação. Competições estas menos estruturadas, diversificadas e simplificadas, ajustadas às possibilidades da

criança, coerentes com a fase de desenvolvimento na qual se encontra. Dessa forma, segundo o autor, cria-se a possibilidade de sucesso mais frequente a um maior número de indivíduos e equipes.

Na contramão desse pensamento, a prática tem se mostrado bem diferente, geralmente com poucas competições realizadas durante o ano e todas num formato rígido, que, em sua maioria, exige competências técnicas, físicas e psicológicas semelhantes às dos adultos.

A proposta de participação em maior número de competições menos estruturadas permite grande número de situações de avaliação das capacidades desenvolvidas, sejam elas em comparação ao seu próprio desempenho ou em comparação aos seus pares. Mas trata-se de um ambiente descontraído, prazeroso, sem cobranças, onde a criança tem mais oportunidades de *feedbacks* e por vezes, aprende a lidar de forma mais natural com a competição, diminuindo o estresse muito comum nesses eventos.

As crianças precisam de reconhecimento. Seu esforço e sua dedicação são alimentados através do reconhecimento, do comportamento e das reações do treinador. Tal reconhecimento não é substituído pelos bons resultados esportivos ou mesmo pelas vitórias. O treinador “deve valorizar o que cada realização representa para o progresso das crianças e ser capaz de reconhecer quando estas ficam aquém das suas expectativas e/ou possibilidades” (MARQUES, 2006, p.152).

As competições esportivas para as crianças devem ter sua estrutura, regulamento e conteúdo desenvolvidos de acordo com o público ao qual se destina, estando de acordo com os objetivos de formação destas crianças, os quais devem ser diferentes dos adultos. Dessa forma, não há porque se ter uma competição para crianças que se assemelhe a uma competição adulta.

Marques (2004) traz uma proposta de competição infantil de Ginástica Artística apresentada por Thüringer Landesverwaltungsamt em 1994, que, além de adaptar os objetivos, estrutura e conteúdo da competição, ainda exige que esta seja disputada apenas em equipes, com o intuito de minimizar o impacto psicológico, principalmente a ansiedade, que costuma ser ainda maior em modalidades individuais. Nesta proposta, a competição seria realizada com equipes mistas de 8 crianças, de preferência com 4 meninos e 4 meninas, onde todos participariam de todos os complexos de provas. Tais complexos incluem aparelhos masculinos e

femininos, além de estafeta e exercícios com parceiros. O resultado seria dado pela soma da pontuação de todos os atletas em todas as provas.

Não foram encontrados registros da aplicação da proposta apresentada, no entanto parece ser uma possibilidade a ser utilizada na iniciação à modalidade.

3 CAMINHO METODOLÓGICO

3.1 DELINEAMENTO DO ESTUDO

Após a definição dos objetivos a serem alcançados com a pesquisa, buscou-se a maneira mais apropriada para desenvolver tal investigação, pois “não é a ideia que deve se moldar ao método, pelo contrário, é o método que deve se adequar aos objetivos do pesquisador” (GAYA, 2016, p.138). Sendo assim, este estudo possui um delineamento descritivo, a partir de uma abordagem qualitativa, na intenção de se obter informações suficientes, que permitam compreender o sistema competitivo de GAF nas categorias de base de forma aprofundada. A base deste tipo de abordagem centra-se na descrição e análise das informações colhidas durante o processo investigatório, casos concretos em suas particularidades locais e temporais (FLICK, 2009), e, num segundo momento, na interpretação e discussão destas informações à luz da teoria, buscando sua compreensão de forma contextualizada (NEGRINE, 2010).

3.2 CRITÉRIO DE INCLUSÃO E EXCLUSÃO

O estabelecimento do critério de inclusão teve como objetivo assegurar que as informações coletadas corresponderiam às pessoas efetivamente envolvidas com competições de GAF nas categorias de base.

A preocupação com a preparação para o alto nível de rendimento esportivo nacional colocou como foco os resultados das competições C-II (final individual geral), C-III (final por aparelho) e C-IV (final por equipe) no período de 2013 a 2015.

Foi estabelecido o seguinte critério de inclusão para participação na pesquisa:

- Técnicos (T): Ter obtido resultados até a sexta colocação nas categorias pré-infantil A e/ou infantil A do CBGA feminina no período entre 2013 e 2015.
- Responsáveis pela elaboração do regulamento técnico das competições (RRT): Ter ao menos uma entidade representante do seu estado que tenha alcançado até a sexta colocação no CBGA na categoria pré-infantil A e/ou infantil A de GAF, no período entre 2013 e 2015.

A conquista de resultados até a sexta colocação do CBGA foi adotada como critério de inclusão porque, de acordo com Cafruni, Marques e Gaya (2006), este é um corte capaz de diferenciar a busca pelo alto rendimento esportivo no processo de formação esportiva, exigindo dos atletas uma intensidade de treinamento que os diferencia da média, fazendo-os ocupar uma posição de destaque.

O critério de exclusão adotado para ambos os grupos (T e RRT) foi não estar mais envolvido com a GA no período da coleta das informações (2016-2017).

3.3 PARTICIPANTES DA PESQUISA

Os sujeitos da pesquisa foram assim nomeados: técnicos que participam das competições de GAF (17 T) e os responsáveis pela elaboração dos regulamentos técnicos das competições de GAF (05 RRT), ambos das categorias de base, totalizando 22 sujeitos. Os técnicos envolvidos diretamente com a competição nas categorias de base exercem influência não apenas na formação técnica, mas também na formação educacional de seus atletas (MARQUES, 2006) já os RRT da modalidade direcionam o trabalho que deve ser desenvolvido com estes atletas (TSUKAMOTO; NUNOMURA, 2005).

Cinco estados foram representados no estudo seguindo a seguinte distribuição: São Paulo (11 T / 1 RRT), Rio de Janeiro (3 T / 1 RRT), Paraná (1 T / 1 RRT), Rio Grande do Sul (1 T / 1 RRT) e Minas Gerais (1 T / 1 RRT).

3.4 PROCEDIMENTOS

3.4.1 Éticos

Esta pesquisa faz parte de um projeto maior - “projeto guarda-chuva”, intitulado “Modelos de competições esportivas para crianças e jovens: um estudo descritivo-exploratório”, aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Rio Grande do Sul sob o número de protocolo 271526.

A coleta das informações foi realizada após a qualificação do projeto de pesquisa junto ao Programa de Pós-graduação em Ciências do Movimento Humano

e todas as questões éticas inerentes à pesquisa com seres humanos foram observadas, conforme previsto na Resolução nº 466/2012 do Ministério da Saúde.

No momento da entrevista, foram esclarecidas ao entrevistado as questões inerentes à pesquisa e a sua participação na mesma, sendo então solicitadas a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE - Apêndice A) e permissão para gravação da mesma.

3.4.2 Coleta das informações

Foram utilizadas fontes documentais e orais para coletar as informações referentes à pesquisa.

3.4.2.1 Fontes Documentais

Os documentos selecionados para o estudo foram: os calendários de competição, regulamentos técnicos e estatutos. Estes documentos são considerados documentos oficiais de publicação aberta (FLICK, 2009), ou seja, estão publicados e acessíveis a qualquer pessoa interessada, e foram utilizados como uma forma de contextualização da informação, como sugerido pelo autor.

Foram analisados os documentos do período de 2013 a 2016, referentes à estruturação, organização e regulamentação do CBGA das categorias femininas pré-infantil e infantil, realizado pela CBG, assim como os respectivos documentos (referente às competições estaduais) das federações estaduais selecionadas (RJ, SP, MG, RS e PR). Também foram analisados os relatórios finais (resultados) das competições nacionais (TNGA e CBGA) de todas as categorias, realizadas no mesmo período.

Todos os documentos acima especificados regem as competições de GAF nas categorias de base. São eles que definem as exigências técnicas, o formato da competição, a faixa etária a qual corresponde cada categoria, os critérios de avaliação, a forma de julgamento, a premiação, quem se encontra apto a participar e os profissionais que podem compor a comissão técnica da equipe.

3.4.2.2 Fontes Oraís

A entrevista foi o instrumento que se mostrou mais adequado para este momento da pesquisa, considerando que o principal objetivo da entrevista é revelar o conhecimento implícito do entrevistado sobre o tema tratado, de forma que este consiga expressá-lo através das respostas formuladas durante a entrevista, tornando dessa forma, esse conhecimento acessível à interpretação do pesquisador.

Optou-se pela entrevista semiestruturada, pois além de valorizar a presença do investigador, oferece o alcance e liberdade necessários para que o entrevistado enriqueça a investigação (TRIVIÑOS, 1987). Segundo Gaya (2016), uma das principais vantagens deste tipo de entrevista corresponde ao fato de entrevistador e entrevistado estarem frente a frente, permitindo que o primeiro perceba possíveis dúvidas por parte do segundo em relação ao entendimento das perguntas, o que possibilita que estas sejam refeitas, de forma a se tornarem mais compreensíveis, resultando em informações mais precisas.

Por se tratar de especialistas com amplo conhecimento sobre o tema, as informações obtidas “são integradas ao estudo não como um caso único, mas representando um grupo (de especialistas específicos)” (FLICK, 2009, p.158). Nessa situação, Flick (2009) também ressalta a necessidade de o entrevistador ter conhecimento na área, considerando isto uma condição para o êxito na condução das entrevistas. Dessa maneira, todas as entrevistas foram realizadas pela pesquisadora, que possui conhecimento e experiência na GA, atuando há 12 anos como professora e há 10, como árbitra da modalidade.

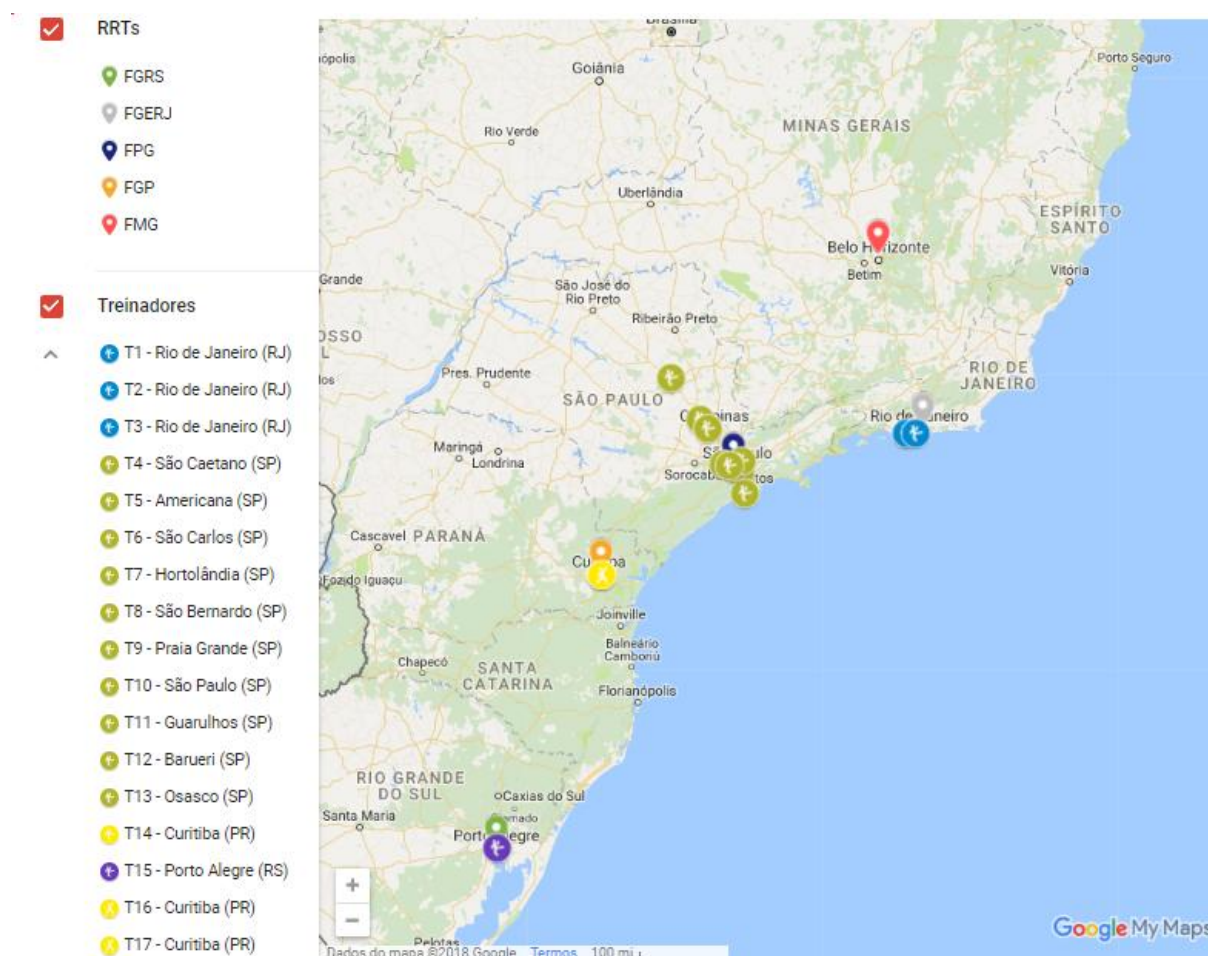
As questões que compuseram os roteiros de entrevistas foram elaboradas tendo como base as três categorias teórico-metodológicas propostas por Marques (2004), descritas no referencial teórico. Para a verificação deste instrumento, foi utilizada uma lista de pontos-chave, sugerida por Ulrich¹⁰ (*apud* FLICK, 2009, p.160), para a avaliação das questões, verificando a forma como o roteiro de entrevistas foi construído e como as perguntas foram formuladas.

O contato inicial com os técnicos e RRT selecionados foi feito via telefone, endereço eletrônico ou rede social, agendando a entrevista para o dia, horário e local escolhidos pelo entrevistado. Todas as entrevistas foram realizadas de forma

¹⁰ ULRICH, G.G. Deutungsmusteranalyse und diskursives Interview. **Zeitschrift für Soziologie**, 20:429-447, 1999.

individual, pessoalmente e gravadas, mediante a autorização do entrevistado. Para isso, foi utilizado um gravador de voz digital (Sony PX-240). As entrevistas, em sua maioria, foram realizadas no local de trabalho dos entrevistados, com exceção de quatro, das quais duas foram realizadas na residência do entrevistado e outras duas realizadas em um evento da modalidade. Nesta fase da pesquisa, a pesquisadora percorreu diversas cidades em diferentes estados, como ilustrado na figura 5:

Figura 5: Caminhos da pesquisadora



Fonte: Autora

Foram reunidas 21 horas e 09 minutos de depoimentos dos técnicos (16 horas, 06 minutos e 04 segundos) e RRT (5 horas, 02 minutos e 56 segundos) entrevistados. As entrevistas foram transcritas em sua totalidade pela pesquisadora e repassadas aos entrevistados, a fim de que estes pudessem validar seu conteúdo, como recomendado por Negrine (2010), momento no qual foi permitido ao entrevistado alterar, retirar ou acrescentar o que achasse conveniente, no entanto, nenhuma alteração foi solicitada.

3.4.3 Análise das informações

Para análise das entrevistas, foi adotada a técnica de análise qualitativa de conteúdo (BARDIN, 2011; FLICK, 2009, GIBBS, 2009). Esta técnica consiste em uma metodologia de interpretação que visa extrair sentido dos dados de texto e imagem (MOZZATO; GRZYBOVSKI, 2011), no caso, dos textos das entrevistas transcritas e dos documentos obtidos. As categorias de análise foram definidas à priori, a fim de possibilitar uma interpretação mais consistente dos dados, como recomendam Knauth e Leal (2014). A seguir, apresentamos as categorias estabelecidas para a análise das informações:

Quadro 1: Categorias de análise

Categorias Teóricas (MARQUES, 2004)	Categorias de análise
Novas práticas num desporto mais conforme a criança	Competição como instrumento de educação e formação nas categorias de base da GAF Adequações do sistema de competição de GAF conforme as crianças
A competição como elemento estruturante da formação desportiva	O papel das vitórias e derrotas no processo de educação e formação da atleta de GAF nas categorias de base
O número e a frequência das participações competitivas	Número e frequência de competições de GAF nas categorias de base

Fonte: Autora.

Foram seguidas as fases de análise propostas por Bardin (2011), quando num primeiro momento, foram feitas as transcrições das entrevistas e uma primeira leitura do material, sendo registradas as primeiras impressões sobre as informações. Num segundo momento, com uma leitura mais aprofundada, foi feita a codificação e categorização do material para então, num terceiro momento, a análise propriamente dita, com o tratamento e interpretação das informações.

O processo de análise das informações foi auxiliado pela utilização do *software* NVivo®, na versão 11 pró, que possibilita mais agilidade nas relações entre os dados, auxiliando o pesquisador a refletir sobre os mesmos, intensificando o alcance e a profundidade das análises, além de reduzir o tempo para tal, sem deixar de explorar a complexidade dos dados (MOZZATO, GRZYBOVSKI e TEIXEIRA, 2016).

4 APRESENTAÇÃO E INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS

Nesta sessão serão apresentados os resultados obtidos na pesquisa através da análise de conteúdo das fontes orais e documentais. Para isto, inicialmente foram apresentadas as características dos entrevistados em seus respectivos grupos (T e RRT), levantando principalmente, questões referentes à formação e atuação destes profissionais, visto que são estes os responsáveis diretos por conduzir a competição de forma que esta seja realmente um instrumento de educação e formação das atletas de GAF. Em seguida, é apresentada a situação nacional da GAF, trazendo informações desde a oficialização da modalidade nos estados brasileiros, permitindo a participação nas competições nacionais, até o levantamento do número de atletas e entidades que participam dessas competições, já que tal participação sofre influência ao mesmo tempo em que influencia a regulamentação da modalidade, o que é discutido nas seções seguintes.

Posteriormente as informações são discutidas nas respectivas categorias de análise, estabelecidas em função da teoria da competição defendida por Marques (2004) e as categorias teórico-metodológicas apontadas pelo autor, sendo definidas neste estudo como: A competição de GAF como instrumento de educação e formação; Adequações das competições de GAF conforme as crianças; As vitórias e derrotas no processo de educação e formação; Número e frequência de atividades competitivas.

4.1 AQUELES QUE DEFINEM O SISTEMA COMPETITIVO DA GAF

Os sujeitos entrevistados para a realização desta pesquisa foram peças fundamentais para a identificação e compreensão da opinião daqueles que lidam diretamente com a competição de GAF nas categorias de base, objeto do estudo. Eles são responsáveis pela formatação, regulamentação e realização dessas competições, agindo sobre a própria competição, ao definir o regulamento, os objetivos da competição, as ações da arbitragem e todo o formato da competição, ou sobre as atletas em formação, definindo os objetivos da participação destas na competição, a relevância dos resultados, o número e a frequência de competições que essas terão ao longo da sua formação.

Dessa forma, se faz necessário compreender as características destes sujeitos, pois as experiências em sua trajetória profissional possibilitam diferentes percepções sobre as possibilidades do uso da competição na educação e formação de crianças e jovens.

Os sujeitos da pesquisa foram selecionados a partir de dois grupos específicos, o grupo de técnicos (T) e o grupo de responsáveis pela elaboração dos regulamentos técnicos das competições (RRT), os quais foram enumerados em função da ordem em que foram entrevistados, apresentando as seguintes características:

Tabela 1: Características dos sujeitos da pesquisa.

Sujeito	Ano nascimento	Sexo	Formação acadêmica	Formação técnica	Experiência como ginasta	Tempo de atuação na GA**	Estado
RRT1	1981	Feminino	Especialização	Outros	Sim	14	RS
RRT2	1966	Feminino	Mestrado	Outros	Sim	32	RJ
RRT3	1951	Feminino	Mestrado	Especialização Japão	Sim	48	SP/CBG
RRT4	1964	Feminino	Especialização	Outros	Sim	34	PR
RRT5	1983	Masculino	Mestrado	FIG 1,2,3	Sim	12	MG
T1	1985	Masculino	Graduação	Outros	Não	8	RJ
T2	1986	Feminino	Especialização	ABT/COB	Sim	9	RJ
T3	1974	Feminino	Especialização	Outros	Sim	23	RJ
T4	1988	Masculino	Graduação	Outros	Sim	7	SP
T5	1971	Feminino	Graduação	Outros	Sim	22	SP
T6	1963	Masculino	Especialização	Outros	Sim	29	SP
T7	1968	Feminino	Graduação	Outros	Sim	34	SP
T8	1981	Masculino	Graduação	ABT/COB FIG 3	Sim	9	SP
T9	1982	Masculino	Graduação	Outros	Sim	6	SP
T10	1973	Masculino	Graduação	FIG 2	Sim	18	SP
T11	1972	Feminino	Graduação	Outros	Sim	17	SP
T12	1986	Feminino	Especialização	ABT/COB	Sim	11	SP
T13	1988	Masculino	Graduação	Outros	Sim	6	SP
T14	1986	Feminino	Mestrado	ABT/COB*	Sim	11	PR
T15	1972	Feminino	Especialização	ABT/COB*	Sim	29	RS
T16	1990	Feminino	Mestrado	FIG 1,2,3	Sim	7	MG
T17	1976	Masculino	Graduação	ABT/COB	Sim	16	SP

Legenda: FIG: FIG Academy Experts; ABT/COB: Academia Brasileira de Treinadores realizada pelo Comitê Olímpico Brasileiro.

*Não completou as exigências para a obtenção do título. **Tempo de atuação como profissional na GA até 2016. Fonte: Autora.

4.1.1 Os responsáveis pelos regulamentos técnicos (RRT)

Os RRT entrevistados são diretores ou coordenadores¹¹ do comitê técnico da GAF das federações estaduais de ginástica, nos estados do Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais, Paraná e Rio Grande do Sul. A RRT3, além de representar o estado de São Paulo, também é a RRT nacional, exercendo a função de coordenadora do Comitê Técnico da GAF da CBG.

De acordo com o estatuto das federações estaduais, estas pessoas são responsáveis por elaborar os regulamentos técnicos da GAF; organizar/manifestar-se sobre o calendário anual da federação a que pertence; instituir a programação das competições; propor as categorias dos campeonatos oficiais da federação; organizar cursos e outros eventos objetivando o desenvolvimento da GAF; indicar, entre seus membros, o diretor de competição e o diretor de arbitragem em cada evento e o supervisor dos cursos técnicos e de arbitragem, nacionais e internacionais; propor instrumentos que estimulem e orientem o desenvolvimento técnico da GAF; supervisionar e avaliar o desempenho das bancas de arbitragem; propor/aprovar aplicação das sanções prescritas no estatuto a ginastas, técnicos e árbitros; instituir os critérios de classificação e composição das delegações que representarão o estado em competições nacionais e/ou internacionais; propor alterações a serem introduzidas no estatuto e opinar sobre os demais assuntos que lhe forem submetidos (FGERJ, 2014; FGRS, 2014; FPG, 2015; FMG, 2014; FPRG, 2014). Tais atribuições imprimem ao cargo uma função de extrema importância e participação no desenvolvimento da modalidade e no trabalho desenvolvido com as ginastas.

Faz parte das exigências para assumir o cargo de diretor técnico da GAF em todas as federações incluídas no estudo, ser árbitro da modalidade. Desta forma, todos os RRT são árbitros de GAF. Pelo fato de o quadro de arbitragem ser renovado a cada ciclo olímpico através do curso internacional, nacional e estadual de arbitragem de GAF, novos quadros de árbitros internacionais, nacionais e estaduais, são formados. No ciclo estudado (2013-2016) apenas RRT3 e RRT4 eram árbitras internacionais. O RRT5 é árbitro nacional e RRT1 e RRT2 apesar de

¹¹ As federações de ginástica dos estados de SP, RJ, MG e RS denominam “diretor técnico da GAF”, enquanto a federação do estado do PR e a CBG denominam “coordenador técnico da GAF”, apesar de atribuírem aos cargos funções semelhantes.

terem sido árbitras internacionais em ciclos anteriores, no ciclo estudado eram árbitras estaduais.

A RRT3, nascida na década de 1950, é também a mais antiga na GAF, tendo atuado como técnica, professora no ensino superior (desde 1972) e árbitra.

RRT3- como técnica eu atuei mais ou menos uns 25 anos, aí depois eu saí do [clube] e montei aqui a [academia], e aqui, esse ano, nós estamos completando 25 anos. Mas a minha ascensão maior foi na área da arbitragem, eu fui, até agora, a cinco Olimpíadas, Sydney (2000), Atenas (2004), Pequim (2008), Londres (2012) e Rio (2016), como árbitro.

Todos os RRT foram atletas enquanto jovens, são graduados em Educação Física, participaram de diversos cursos técnicos e de arbitragem na GAF, possuem uma especialização e a maioria fez o mestrado (60%). Tal formação sugere que todos tenham o conhecimento mínimo na grande área das ciências da saúde, que trate do desenvolvimento infantil e, possivelmente, da formação de crianças e jovens, além do conhecimento inquestionável no que tange a GAF.

Dedicam-se ao cargo de diretor / coordenador do comitê técnico da GAF, tanto em nível estadual quanto nacional (RRT3), de forma voluntária, tendo que exercer outra (s) função (ões) para garantir uma remuneração.

RRT1- eu tenho duas funções na federação. Sou secretária administrativa e sou diretora técnica da ginástica artística feminina. Para ser diretora técnica é voluntário, eu não recebo nada. Eu recebo meu salário para fazer a parte administrativa da federação. Então, por exemplo, montar os regulamentos durante as férias, tu não recebes nada. A gente faz reuniões, junta o comitê, isso é tudo voluntariamente [...] às vezes você precisa de tempo para fazer as coisas e tu tens outras funções e não consegue dar conta de tudo.

RRT3- é totalmente voluntário, tanto em São Paulo como na CBG. Tem épocas que a gente necessita de muito tempo, no momento da elaboração e finalização dos regulamentos e também na organização de competições. Hoje, por exemplo, já é a sexta vez que tem que refazer o programa de competição, então [...] depende da época, da necessidade, a gente acaba usando os finais de semana, porque nós também temos que trabalhar.

Portanto, apesar de todos os RRT terem demonstraram uma formação técnica e acadêmica específicas na área, sua atuação fica limitada devido a não profissionalização da função, contando ainda com a disponibilização desses profissionais de forma voluntária e sujeitando o exercício de atribuições tão importantes para o desenvolvimento da modalidade e para a formação das atletas

aos intervalos entre um trabalho e outro, não sendo possível a dedicação necessária.

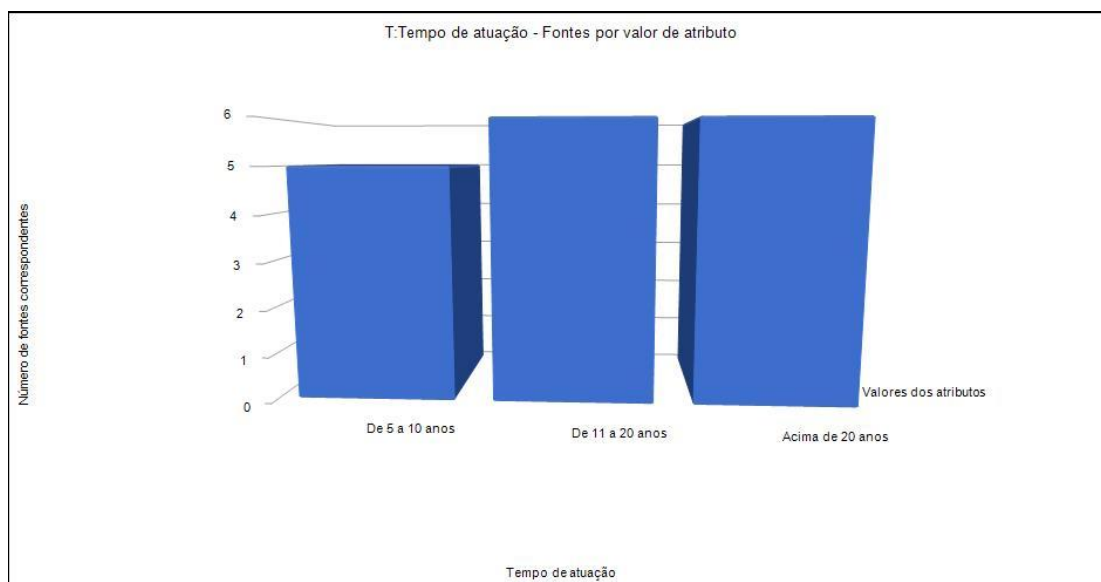
Os RRT demonstraram possuir muitos anos de atuação na GAF. Todos os sujeitos do grupo de RRT, em 2016, já haviam dedicado mais de 10 anos de suas vidas à modalidade, sendo que 60% (n=3) dos sujeitos deste grupo já possuem mais de 30 anos na profissão, sendo todos considerados especialistas na área.

4.1.2 Os Técnicos

Os técnicos entrevistados, assim como os RRT, são considerados especialistas da área, por terem no mínimo cinco anos de experiência na GAF, possuírem formação específica voltada à modalidade e terem vivenciado a transição dos modelos de ensino e competição na ginástica, durante sua atuação profissional.

Em relação ao tempo de atuação na profissão, os técnicos se distribuíram entre as categorias de 5 a 10 anos (29,4%), de 10 a 20 anos (35,3%) e acima de 20 anos de experiência (35,3%), como mostra a figura 6, ratificando a relevância da participação destes no estudo (figura 6).

Figura 6: Tempo de atuação como técnico de GAF



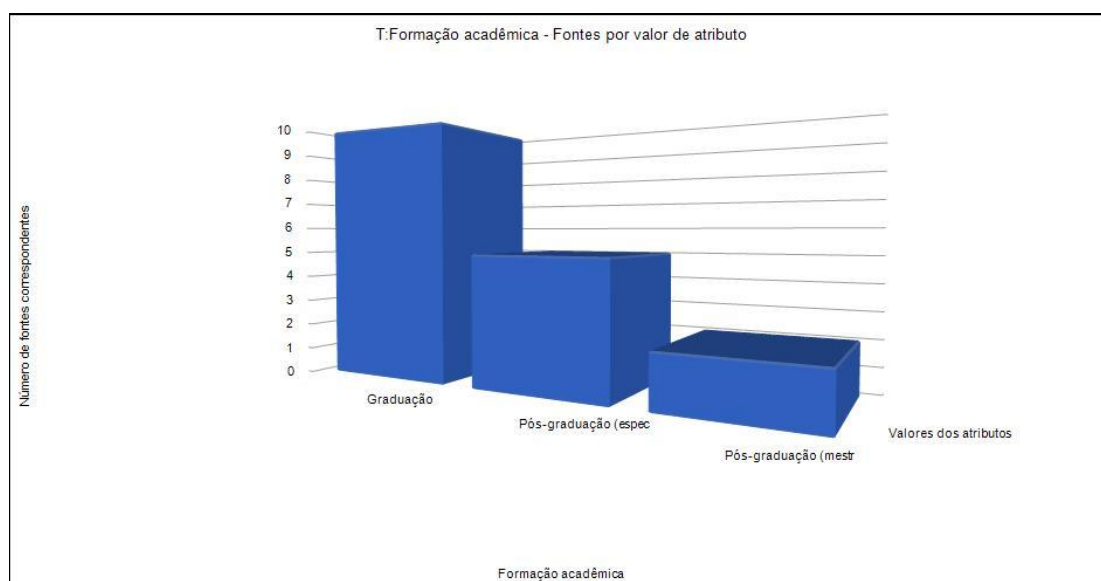
Fonte: Autora

Dos técnicos entrevistados, 52,9% (n=9) são do sexo feminino e 47,1% (n=8), do sexo masculino. A distribuição pelos estados brasileiros pode ser observada na figura abaixo (figura 7):

Figura 7: Estado de atuação dos técnicos entrevistados

Fonte: Autora

Apesar de terem nascido em diferentes décadas, todos os técnicos são formados em Educação Física, participaram de cursos técnicos da modalidade e cursos de arbitragem, nacionais e internacionais. Dos 17 técnicos entrevistados, apenas seis (35,3%) tiveram a oportunidade de participar do curso de formação de técnicos de GA oferecido pelo COB, a Academia Brasileira de Treinadores, e somente três (17,6%) da academia de treinadores da FIG de GAF (*FIG Academy Experts*). Cinco deles (29,4%) fizeram algum tipo de especialização, seja na GA ou em treinamento esportivo e apenas dois (11,8%) ingressaram em uma pós-graduação *Stricto Sensu*, em nível de mestrado (figura 8).

Figura 8: Formação acadêmica dos técnicos entrevistados

Fonte: Autora.

A graduação, embora atualmente seja formação básica obrigatória, não é considerada pelos técnicos uma formação capaz de oferecer o suporte necessário para a atuação na GA, como relatado pela técnica T14, sendo necessária a busca por cursos específicos da modalidade pelo profissional, como destaca T15:

T14- foi a vivência no ginásio¹² que me deu suporte para a atuação como técnica. Eu fiz a graduação, mas eu não posso dizer que eu aprendi coisas que me levaram atuar como treinadora. Na graduação, o que eu tive foi uma coisa muito sutil.

T15- tenho curso técnico com Béla Károlyi, que foi treinador da Nádia Comaneci, EUA, Artur Akopyan, que é russo, nos EUA, Jesús Carballo, que nem está mais, Espanha, Emilio Sagres, Cubano, que ele era na verdade do masculino, comecei a Academia Brasileira de Treinadores, mas acabei não terminando, do Comitê Olímpico, tenho curso de administração esportiva pelo comitê Olímpico Internacional, depois curso técnico, aí algumas clínicas com o Oleg, além da pós-graduação em Ginástica Artística, Rítmica e Trampolim, pela UFRGS.

Nacionalmente, os cursos de graduação não suprem as necessidades de formação do profissional para a atuação na GA competitiva (SCHIAVON *et al.*, 2014), havendo a necessidade de cursos técnicos ou de especialização específicos na modalidade. No entanto, uma formação específica na modalidade é escassa no Brasil (SCHIAVON *et al.*, 2014; NUNOMURA; NISTA-PICOLO, 2003), fazendo com que a experiência como atleta ainda seja considerada um diferencial para esses profissionais, principalmente aqueles que não têm possibilidade de investir em cursos internacionais.

T4- eu aprendi a ser técnico dentro do ginásio. Olhando, aprendendo, vendo vídeo, da minha experiência como atleta, conversando com outros treinadores.

T10- no início contou muito a minha experiência como ginasta, mas depois eu fui me especializando com os cursos da academia da FIG, eu tenho o nível 2 da FIG. E com a chegada do Oleg Ostapenko e da Iryna Ilyashenko, que ficaram em Curitiba por muitos anos, eu tive a felicidade de fazer essa especialização com eles, foram pouquíssimos treinadores da minha geração que tiveram essa oportunidade.

Países como Portugal, Canadá, Estados Unidos e Austrália possuem um programa de formação profissional com ênfase na GA, que qualificam a formação e o aperfeiçoamento dos profissionais que atuam em diversos níveis de prática da

¹² Trabalhou com os técnicos ucranianos durante todo o período em que estes estiveram no Brasil.

modalidade, da iniciação esportiva ao alto nível (NUNOMURA; CARBINATTO; CARRARA, 2013). Nacionalmente, a realidade se mostra um pouco diferente. Segundo os autores, faltam cursos nos diferentes níveis, desde os mais básicos aos que trata de questões técnicas e avançadas da GA, o que permite que ainda prevaleça atuando profissionalmente, aqueles com experiência de ginasta e/ou prestígio por conta de títulos conquistados (NUNOMURA; CARBINATTO; CARRARA, 2013).

Dos técnicos entrevistados, apenas um não teve qualquer tipo de experiência como atleta da modalidade. Dois deles vivenciaram a modalidade apenas através de escolinhas esportivas, não se considerando atletas de GA. Todos os outros 14 técnicos (82,3%) foram atletas da modalidade, competindo em diferentes níveis, estadual, nacional e internacional (Jogos Pan-americanos e Jogos Olímpicos). Essa vivência prática da modalidade, ao mesmo tempo em que possibilita ao técnico maior aproximação dos profissionais da área (SCHIAVON, *et al.*, 2014), do conhecimento técnico, das rotinas de treinamento e de competições, pode fazer com que estes terminem por reproduzir as experiências por eles vividas dentro do ginásio, sem uma reflexão pedagógica sobre os objetivos estabelecidos e métodos utilizados para alcançá-los (SCHIAVON, *et al.*, 2014; NUNOMURA; CARBINATTO; CARRARA, 2013; NUNOMURA, 2004).

Nunomura e Nista-Piccolo (2003) identificaram entre os técnicos entrevistados o fato de ter tido experiência com a GA antes da graduação como fator primordial para ensinar a modalidade, enxergando através dessa experiência como atleta a possibilidade de emprego garantido.

A deficiência de cursos de formação técnica na modalidade pode explicar a presença de apenas um técnico (5,9%) que não teve qualquer experiência com a GA anteriormente à atuação profissional, pois como explica Schiavon, *et al.* (2014), “profissionais que não foram atletas podem não se sentir seguros para adentrar em um contexto esportivo pouco conhecido e com muitas particularidades” (p.631). T1 relata seu início na modalidade explicando que, além de auxiliar a própria esposa, ingressou ministrando aulas para baby, idade em que os objetivos estão mais voltados para o desenvolvimento motor e recreação.

T1- comecei na GAF por acaso, porque minha esposa foi ginasta e já trabalhava com GA. Ela precisava de estagiário onde ela trabalhava, na [clube] e eu fui estagiar. Eu já sabia dar aula, então para mim era

fácil dar aula para baby, que você não precisa saber ginástica, só precisa saber lidar com criança.

A T16 reconhece que não é comum, na GA competitiva, técnicos que não tenham vivenciado a experiência como atleta.

T16- normalmente os treinadores são ex-atletas e principalmente os treinadores de alto nível. Até que agora está fugindo um pouco a regra, mas geralmente são pessoas que tiveram convivência no alto nível. O meu caso foi bem diferente. Eu fiz escolinha de ginástica com o meu irmão, e aí saí da ginástica com 14 para 15 anos, fui fazer esporte coletivo.

No Brasil, o Comitê Olímpico Brasileiro (COB) possui um programa de capacitação denominado Academia Brasileira de Técnicos (ABT), cujo objetivo é “melhorar o sistema de preparação esportiva no país, preenchendo a carência na formação do treinador esportivo de alto rendimento, indo ao encontro da estratégia definida pelo COB de tornar e manter o Brasil uma potência olímpica” (COB, 2012). Em sua primeira edição, realizada no período de 2012 a 2014, 26 técnicos de GA concluíram o curso e foram certificados com um Brevê, recebendo a denominação de Treinador Nacional em Esporte de Alto Rendimento (BRASIL, 2014). No entanto, além de ter sido a única edição da ABT de Ginástica Artística, esta foi voltada para técnicos que já atuavam no alto rendimento, não contemplando profissionais que trabalhavam com a modalidade em outros níveis ou que não trabalhavam.

Em nível mundial, a FIG desenvolve um programa de formação de treinadores desde 2002, o *Fig Academy*, que, segundo a FIG (2017), é a culminância de um programa mundial de educação para treinadores nas seis modalidades FIG, incluindo a GAF. Tem como objetivo fornecer uma base comum de conhecimento para o desenvolvimento de ginastas de alto rendimento. Consiste em três níveis de educação de treinadores, nos quais as federações podem ingressar naquele que reflete seus programas específicos de formação de treinadores de ginástica. Dessa forma, as federações sem programas de formação de treinadores de ginástica ou apenas clínicas de treinamento ocasional devem começar no Nível 1. Aqueles com programas formais de educação de treinadores podem começar no Nível 2. Aqueles com programas de graduação universitária formal especificamente para treinadores de ginástica ou com resultados de competição de alto nível a nível mundial podem iniciar no Nível 3. Os candidatos de nível 3 que atendem pré-requisitos especiais e

obtenham resultados de exames excepcionais são premiados com um *Brevet* de Treinadores da FIG.

Este programa tem uma orientação para o alto rendimento, mas é complementado, em cooperação com o comitê de Ginástica para Todos da FIG, com um curso de fundamentos de ginástica e um curso de gerenciamento dirigido às federações que estão iniciando programas de ginástica em seus países.

A FIG disponibiliza o Programa *FIG Academy* e todos os materiais curriculares para serem licenciados pelas federações maiores, que possuam grande número de treinadores. Desta forma, o conteúdo da *FIG Academy* pode se tornar uma parte significativa do programa de educação de seus treinadores e pode ser ministrado pelos próprios especialistas das federações.

Desde o seu início até 2017, o *FIG Academy* capacitou 21 técnicos brasileiros, dos quais 19 fizeram o nível 1 (dois técnicos foram habilitados a cursar o nível 3 sem terem feito os níveis anteriores), 14 fizeram o nível 2 e 13 o nível 3 (FIG, 2017). Apenas um técnico brasileiro de GAF obteve o Brevê, título que demonstra maior competência na modalidade e é tido como condição para indicação de membros para os comitês técnicos da FIG (CARVALHO *et al.*, 2017). Todavia, alguns desses técnicos não vivem mais no Brasil e outros deixaram a ginástica para atuar em outra atividade, agravando a questão de poucos técnicos terem tido a oportunidade de participar deste programa.

A CBG, por sua vez, realiza anualmente, em parceria com o COB, um acampamento de treinadores, visando à capacitação destes para a execução do planejamento técnico anual. Os treinadores atendidos são aqueles que possuem ginasta na seleção ou atuam no alto rendimento. Segundo a própria CBG, este projeto funciona desde 2009, através do qual são realizados cursos técnicos e de arbitragem, além de academias, visando o desenvolvimento técnico do Brasil¹³. Apesar de questionados sobre sua formação (inicial e continuada), este projeto não foi mencionado por nenhum dos entrevistados, não podendo ser definido aqui se os técnicos não tinham conhecimento do mesmo ou se não comentaram por não terem sido contemplados, já que atuam nas categorias de base. No entanto, são estes técnicos e suas ginastas que compõe as seleções nacionais nas categorias pré-infantil e infantil.

¹³ Informação fornecida pela secretária técnica da CBG, por e-mail, no dia 01-02-2018.

Dessa forma, pela dificuldade de formação específica e a vinda¹⁴ dos técnicos ucranianos para o país, além do reconhecido crescimento da GAF a eles atribuído, quando “ao longo de dois ciclos Olímpicos a seleção permanente feminina obteve os melhores resultados da história e se classificou entre as 8 melhores equipes do mundo nos campeonatos mundiais ocorridos durante este período” (NUNOMURA; OLIVEIRA, 2012, p.379), estes profissionais são tidos como referência para alguns dos técnicos entrevistados neste estudo, como relatado por T7:

Essa passagem dos treinadores ucranianos aqui no Brasil mudou muito a cabeça do pessoal. A gente achou um caminho, vamos assim dizer. Você trabalha o lúdico até certa idade, daqui para cá você tem que começar a trabalhar a base muito forte da competição, então a gente não fere a integridade física nem o processo metodológico, vamos assim dizer, daquela criança.

Schiavon e Paes (2010) relatam que estes técnicos internacionais poderiam ter sido melhor aproveitados para a capacitação de técnicos brasileiros, o que infelizmente não ocorreu. Um sistema de formação profissional é essencial para o desenvolvimento do esporte (NUNOMURA, 2004). Goto (2017)¹⁵ considera pequeno o número de técnicos na GAF que atuam na formação de atletas de alto rendimento no Brasil, os quais se encontram concentrados nos estados do Paraná, Rio de Janeiro, Minas Gerais e São Paulo.

De acordo com o Comitê Olímpico Internacional (COI), os treinadores dos atletas mais jovens desempenham papel fundamental na decisão sobre a qualidade do sistema de competição, se este oferece oportunidades para a formação da atleta para o alto rendimento esportivo, se promove a participação ao longo da vida e moldam o desenvolvimento pessoal. Portanto, segundo o COI, a formação de treinadores e a orientação para que estes desenvolvam as competências necessárias para a função devem ser prioridade das organizações esportivas (BERGERON *et al.*, 2015).

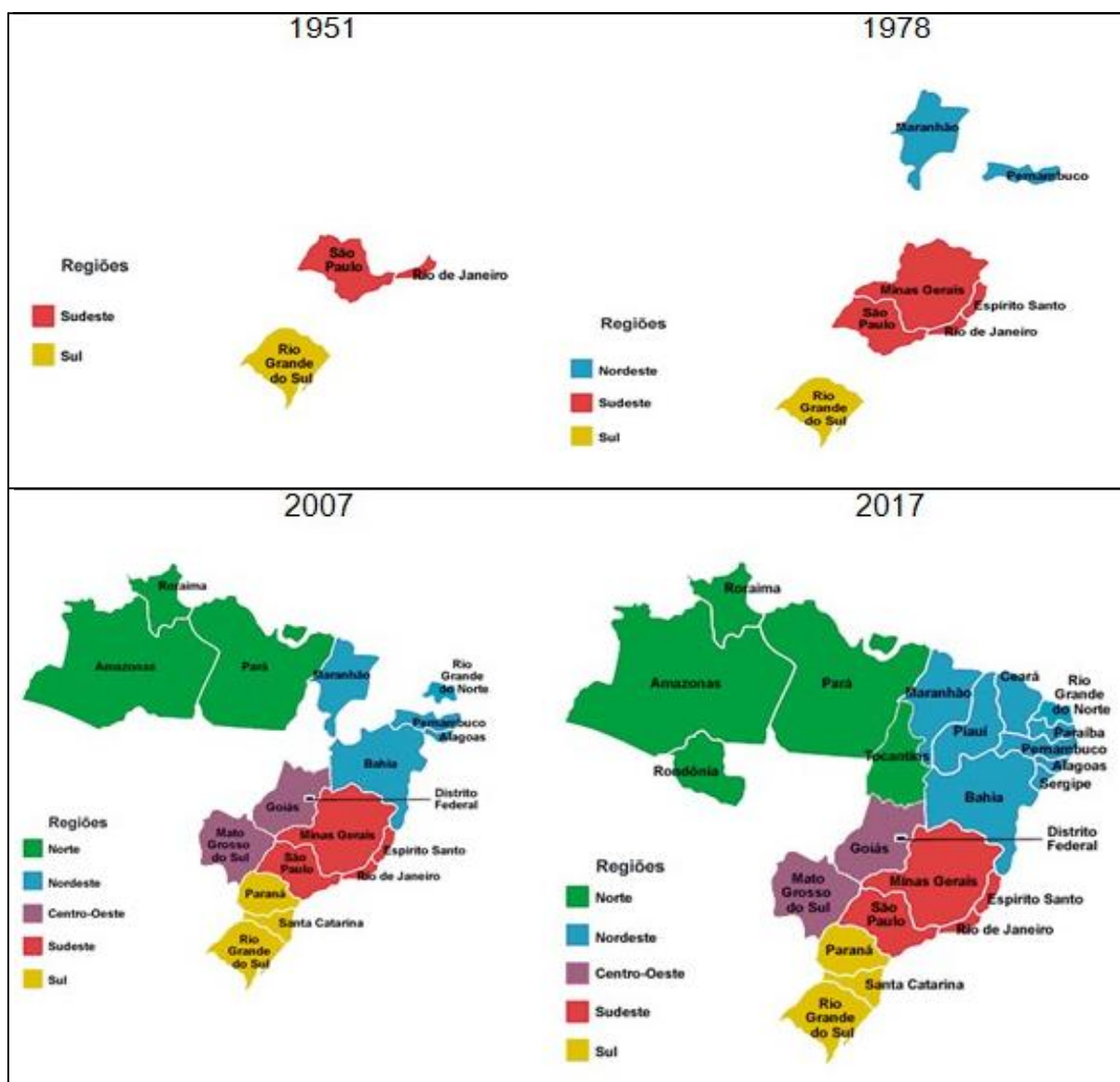
¹⁴ Em 2005, “O Estadão” (<http://esportes.estadao.com.br/noticias/geral/brasil-recorre-a-tecnicos-estrangeiros>) cita uma equipe de seis ucranianos no país na GA. Na GAF se destacaram a Iryna Ilyashenko, que chegou ao Brasil em 1999 e permanece até hoje, e Oleg Ostapenko, que esteve no Brasil no período de 2001 a 2008, período no qual estiveram à frente da seleção brasileira da modalidade. Em 2009 a Iryna assumiu a seleção, permanecendo até 2016.

¹⁵ Palestra proferida na solenidade de abertura do V SIGARC no dia 20 de outubro de 2017, na UFES, com o tema Trajetória Olímpica da Ginástica Artística Brasileira pelo professor Marcos Goto, coordenador técnico das seleções de GA da CBG (2017).

4.2 CONTEXTUALIZAÇÃO DA GINÁSTICA ARTÍSTICA FEMININA NO BRASIL

A GA, historicamente, teve seu desenvolvimento iniciado nas regiões sul e sudeste do país, sendo oficializada através das federações estaduais de ginástica, as quais foram surgindo em diferentes datas a partir da década de 1940, aparecendo timidamente nas demais regiões a partir da década de 1970. Atualmente, existem 24 federações estaduais de ginástica filiadas à CBG, ausentando-se três estados brasileiros, Acre, Amapá e Mato Grosso. A figura 9 ilustra as entidades estaduais de administração da ginástica em quatro datas distintas: em 1951, quando através da CBD o Brasil se filiou à FIG; em 1978, quando foi fundada a CBG - nesta situação, foram fundadoras da CBG a Federação Maranhense de Desportos e a Federação Desportiva Espírito-santense juntamente com as Federações de ginástica dos estados PE, RJ, SP, RS e MG (CBG, 2016); em 2007, de acordo com o levantamento realizado por Schiavon (2009); e em 2017, em levantamento atualizado pela autora.

Figura 9: Federações estaduais filiadas à Confederação Brasileira de Ginástica



Fonte: Autora

Apesar de a maioria dos estados brasileiros já possuírem uma federação esportiva para o gerenciamento da modalidade, nem todos a desenvolvem. No quadro abaixo estão enumeradas as federações estaduais de ginástica existentes no Brasil, filiadas à CBG, com seus respectivos anos de fundação, a região em que está situada e o número de entidades que participaram, ao menos uma vez, de uma competição nacional de GAF no período de 2013 a 2016 (quadro 2). Apesar do contato feito com todas as federações via e-mail e/ou telefone, algumas, até o momento, não informaram o ano de fundação. A CBG por sua vez, ao ser solicitada, informou que não dispunha de tal informação.

Quadro 2: Lista das federações, ano de fundação, localização e participação nos eventos nacionais de GAF.

Federação atual	Estado	Ano de fundação da 1ª federação*	Nº de entidades participantes do TNGA**	Nº de entidades participantes do CBGA A/B**	Região
FBG	DF	1975	04	0/1	Centro-Oeste
FGG	GO	+	02	0/1	
FGMS	MS	1992	02	0/1	
FAGIN	AL	2006	01	0/0	Nordeste
FEMAG	MA	1985	03	0/0	
FSG	SE	1991	04	0/0	
FBG	BA	+	02	0/0	
FCG	CE	2007	02	0/1***	
FPBG	PB	2005	02	0/0	
FPG	PE	+	03	0/1	
FEGINPI	PI	2011	00	0/0	
FNG	RN	+	02	0/0	
FTG	TO	2010	00	0/0	
FAG	AM	1978	02	0/0	Norte
FEPAGIN	PA	1999	02	0/0	
FRG	RO	+	00	0/0	
FRGR	RR	+	00	0/0	Sudeste
FGES	ES	1991	03	0/0	
FMG	MG	1974	03	2/3	
FGERJ	RJ	1950	05	3/4	
FPG	SP	1948	15	16/17	Sul
FPRG	PR	1974	00	1/1	
FGRS	RS	1942	10	2/2	
FGSC	SC	1979	05	0/2	

Legenda: *por questões específicas, alguns estados criaram nova federação na modalidade, substituindo a anterior. ** nas categorias de base, no último ciclo olímpico (2013-2016). *** o estado apresentou uma entidade participante apenas na categoria adulto. +Informação não recebida até o momento. Fonte: Autora

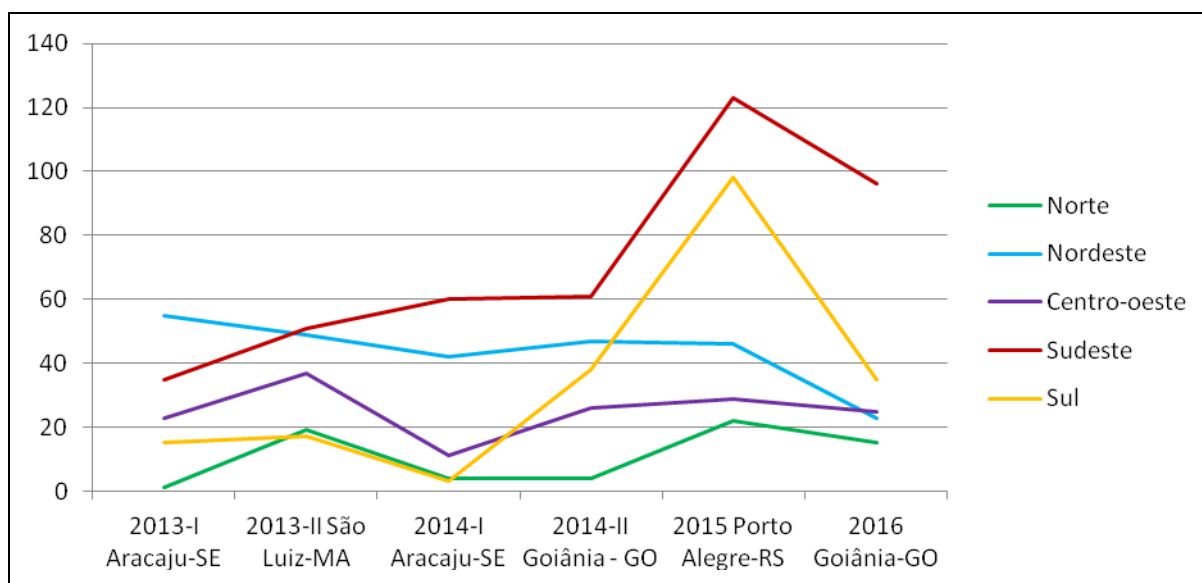
Ao observarmos a participação dos estados nos eventos nacionais da modalidade, é possível notar um problema histórico já apontado por Schiavon *et al.* em 2013, onde as principais competições da GAF (CBGA) contam apenas com a participação das regiões sul e sudeste, e algumas participações esporádicas de outras regiões. Mesmo na competição de menor exigência técnica (TNGA), idealizada com o intuito de abranger as entidades que não conseguiam atingir o nível técnico dos principais clubes do país (SCHIAVON, 2009), não se consegue uma participação equilibrada entre as regiões.

Fato curioso foi observado em relação às participações do estado de São Paulo em eventos nacionais da GAF, apresentando menor participação no TNGA quando comparada à participação do estado no CBGA. No entanto tal fato pode ser explicado pelo número de competições realizadas no estado e a relevância que algumas destas possuem para a continuidade de fomento às entidades que desenvolvem a modalidade, em sua maioria, públicas (LIMA, 2016). Dessa forma,

estes eventos tornam-se mais estruturados e contam com um número maior de participantes que o TNGA, atendendo as necessidades competitivas dessas entidades com menor custo de participação.

O TNGA, apesar de não ser considerado uma competição voltada para o alto rendimento esportivo, faz parte do processo de formação das ginastas, principalmente nas categorias iniciais, por possibilitar uma experiência competitiva às atletas, direcionando-as ao CBGA. Além disso, por ser uma competição com menor exigência técnica quando comparado ao CBGA, incentiva a participação de clubes e escolas de ginástica menos estruturadas, contando, na maioria das suas edições, com a participação de ginastas das diversas regiões do Brasil. No entanto, esta participação varia em função do local em que a competição é realizada, expondo a dificuldade dessas entidades em se deslocarem para outras regiões, como identificado nos documentos da competição (figura 10) e reforçado pela RRT nacional: “Infelizmente o Brasil é muito grande e às vezes o número limitado de ginastas é devido aos altos custos, porque hoje os clubes não têm condições financeiras de bancar” (RRT3).

Figura 10: Participação no TNGA por regiões

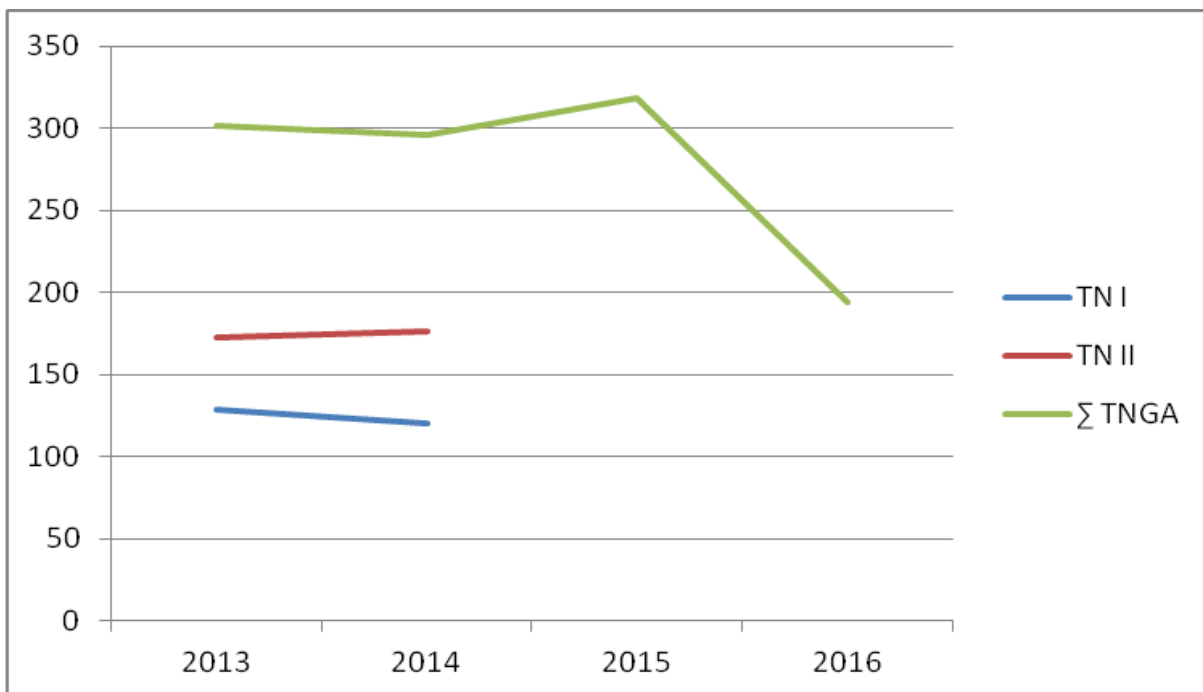


Fonte: Autora

Até 2014, o TNGA foi realizado em duas edições anuais, uma em cada semestre. Em 2015, quando a competição passou a ser realizada apenas no segundo semestre, em uma única edição, houve um aumento de 7% em relação ao somatório de participantes nas duas edições do ano anterior, 2014. No entanto, em 2016, esse número demonstrou uma queda de 39% em relação a 2015 (figura 11),

se aproximando dos valores apresentados nas edições do segundo semestre de 2013 e 2014.

Figura 11: Número de ginastas no TNGA feminina no período de 2013 a 2016



Legenda: TN I: Torneio Nacional de Ginástica Artística realizado no primeiro semestre; TN II: Torneio Nacional de Ginástica Artística realizado no segundo semestre; Σ TNGA: Total de atletas participantes nas duas edições anuais (2013 e 2014) ou na edição única anual (2015 e 2016). Fonte: Autora

Tabela 2: Número de entidades e atletas participantes do Torneio Nacional de GAF

	2013 I Aracaju (SE)	2013 II São Luiz (MA)	2014 I Aracaju (SE)	2014 II Goiânia (GO)	2015 Porto Alegre (RS)	2016 Goiânia (GO)
Nº de entidades	20	28	20	28	43	28
Nº de atletas	129	173	120	176	318	194
Nº de atletas base	68 (52,71%)	105 (60,69%)	74 (61,67%)	85 (48,30%)	202 (63,52%)	119 (61,34%)

Fonte: Autora

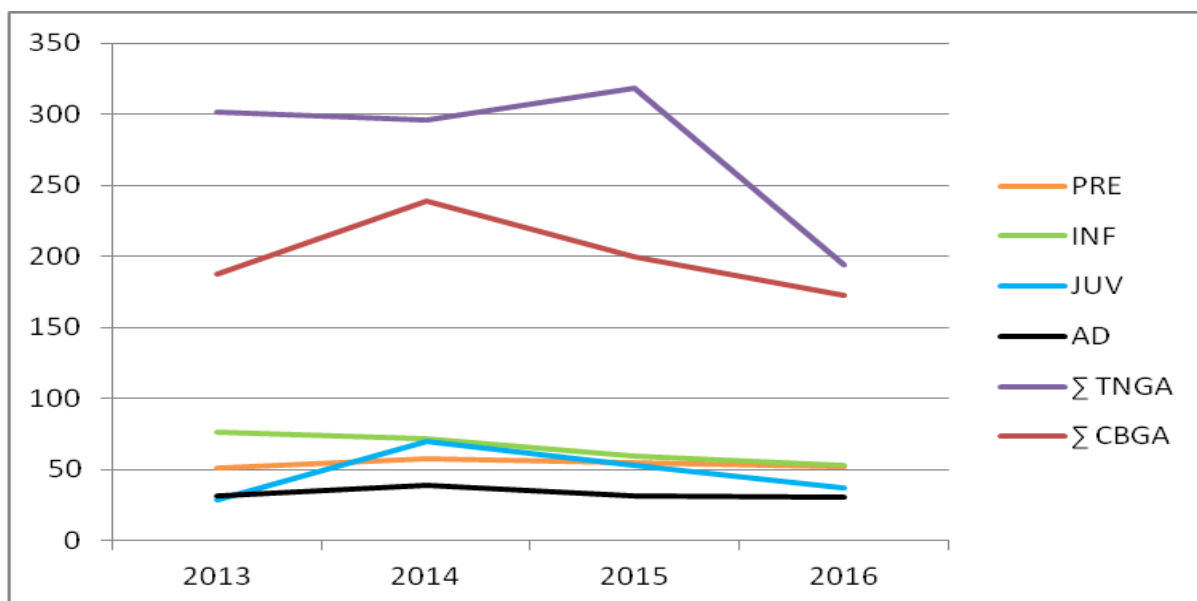
Tabela 3: Número de entidades e atletas participantes do Campeonato Brasileiro de GAF-A

	2013	2014	2015	2016
Nº de entidades	33	34	34	28
Nº de equipes	20	11	16	14
Nº de atletas	105	95	98	102
Nº de atletas base	66 (62,86%)	44 (46,32%)	42 (42,86%)	45 (44,12%)

Fonte: Autora

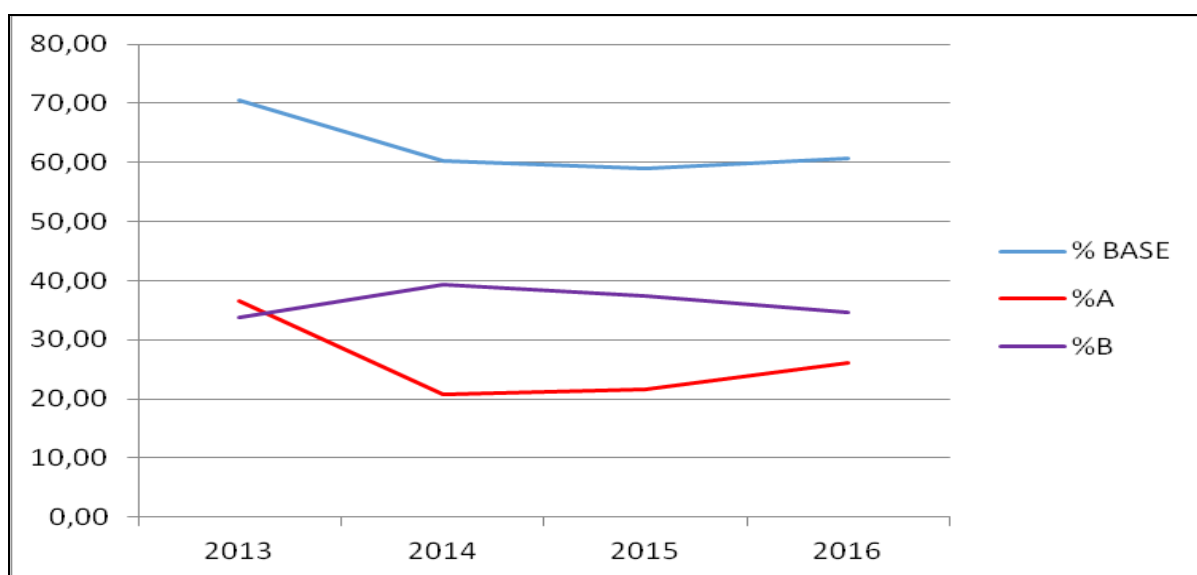
Schiavon *et al.* (2013) aponta que em 2008 a Federação Norte Americana de Ginástica possuía 20 a 24 ginastas adultas competindo no “nível de elite” e 20 a 24 ginastas na categoria júnior “nível de elite”, ambos os grupos representando o país internacionalmente. Além de outras 400 ginastas que participam do Campeonato Nacional Júnior. Em 2018, esta mesma Federação informa que nas categorias de base, mais de 3.100 ginastas de sete a 11 anos de idade participam anualmente do programa nacional de identificação de talentos, no qual são obtidas mais de 300 atletas qualificadas entre nove e 11 anos, mantendo na seleção nacional aproximadamente 70 ginastas, cerca de 20 ginastas em cada faixa etária. Números estes que contrastam com a realidade brasileira, onde em 2016 apenas 45 atletas de nove a 12 anos de idade competiram o CBGA – A; ou 105, se considerarmos os níveis A e B. A identificação das ginastas por faixa etária é dificultada pelo fato de as atletas poderem participar da competição nas duas categorias referentes a esta faixa etária, pré-infantil e infantil, dessa forma, os números nacionais aqui apresentados podem ter contabilizado a mesma atleta em mais de uma participação (contagem dupla).

Essa preocupação em relação ao número de participantes é agravada ao pensar que o CBGA é a única competição nacional para estas categorias, sendo, portanto, a principal competição da modalidade voltada para o alto rendimento esportivo, considerada competição alvo por todos os técnicos entrevistados. Sendo assim, todos os ginastas que estão sendo formados com o objetivo de alcançar o alto rendimento e compor a seleção brasileira de GAF participam desta competição, mas os números da mesma mostram-se bastantes reduzidos e com discreta e preocupante queda, como ilustrado na figura 12.

Figura 12: Participação no Campeonato Brasileiro de GAF

Legenda: PRE: categoria pré-infantil; INF: categoria infantil; Juv: categoria juvenil; AD: categoria adulta; Σ CBGA: Somatório de todas as categorias e níveis do Campeonato Brasileiro de Ginástica Artística Feminina; Σ TNGA: Somatório de todas as categorias e níveis do Torneio Nacional de Ginástica Artística (feminina). Fonte: Autora.

Além de a participação de atletas no CBGA (nível A) nas categorias de base ter diminuído (10,37%) em 2014 em relação ao ano anterior, parece ter havido uma migração do nível A para o nível B nessas categorias a partir deste ano, como ilustrado na figura 13:

Figura 13: Participação no CBGA nas categorias de base

Legenda: %Base: Percentual de atletas nas categorias de base somados níveis A e B; %A: Percentual de atletas nas categorias de base nível A; %B: Percentual de atletas nas categorias de base nível B. Fonte: Autora.

Esta informação encontrada ao analisar os relatórios finais das respectivas competições também se fez presente na fala dos técnicos e RRT entrevistados:

T10- o número reduzido de atletas nos brasileiros ocorre porque ainda são poucos praticantes no Brasil. Ainda são poucos clubes, são poucos ginásios adequados para trabalhar com alto rendimento, tudo isso influencia. [...] Eu acho que na categoria pré-infantil deveria ter o triplo de participantes, mas precisa de mais lugares trabalhando.

Apesar da evolução técnica que o Brasil vem conseguindo apresentar nos últimos anos, a GA é uma modalidade que necessita de uma estrutura apropriada para o seu desenvolvimento. Muitos espaços que desenvolvem a modalidade ainda apresentam dificuldades em relação a isso.

T6- em alto rendimento, eu trabalho só com as categorias de base. À medida que elas chegam ao juvenil, tem a opção de serem encaminhadas para outro clube, ou de permanecer treinando aqui, mas a gente não tem estrutura para trabalhar um juvenil de alto rendimento.

T10- hoje, todos os treinadores brasileiros têm condições de formar um bom atleta sim, mas precisa de boa aparelhagem, de um bom espaço, precisa de uma boa equipe multidisciplinar, porque é um esporte que é complicado, é um esporte que tem muito impacto e tem que ter esse cuidado, esse planejamento e esse acompanhamento.

T11- a gente acaba perdendo para outros estados por falta de estrutura, Rebeca, Milena e Mariana saíram daqui. As da Yashi também, a Julie era da Yashi e está lá, Raiane era do Paulistano e está lá. E agora, a próxima geração era o pessoal que era de Osasco e Barueri, acabou lá e estão todas lá em Curitiba. [...] Hoje a gente não tem dinheiro para ir para um brasileiro, para trocar aparelhos, aí o Flamengo oferece mais coisas aí a gente acaba perdendo, ou a gente acaba mandando ela para lá, sabendo que a menina tem potencial.

Segundo De Bosscher (2015), o nível de sucesso alcançado pelos atletas de alto rendimento esportivo depende, além do talento pessoal, das oportunidades de treinamento e competição, da orientação de treinadores, fisioterapeutas, médicos, nutricionistas e cientistas desportivos, e do apoio de órgãos governamentais nacionais, governos, comitês olímpicos e parceiros privados. A falta de políticas públicas para o desenvolvimento do esporte, em particular da GA, no país e nos estados brasileiros também dificulta o crescimento da modalidade. Segundo Carrara, *et al.* (2010), o suporte ideal para desenvolvimento do atleta ainda é utópico. O técnico T10 expõe suas dificuldades em relação a isso:

A prefeitura, a política esportiva daqui de São Paulo é horrível para esporte de alto nível, eles acham que quem tem quer fazer esporte de alto nível é só o clube particular, aí o clube particular não quer gastar com atleta de nove anos, ele quer gastar com o cara de 19 que já traz título para o seu clube. Mas não vai ter o atleta de 19 se não tiver o de nove. Você percebe que é um ciclo isso, né. Falta política, política para o esporte. A ginástica artística é um esporte que, depois dos 12 anos, primeiro que elas vão para os outros clubes, onde elas conseguem conciliar a escola com os dois períodos de treinamento. Aqui é uma batalha treinador X diretor da escola. O diretor diz que ela tem que estudar e a gente diz que ela tem que treinar. Aqui em São Paulo, as escolas não ajudam. São muito puxadas, tem muito trabalho, tem lição. Depois dos 13, 14 anos, a ginasta precisa de uma grande estrutura para ela poder se capacitar para seleção brasileira, senão não dá para fazer. Por isso que fica Flamengo e Curitiba. Hoje em dia, o universo já é outro. Com o SBC já começou a mudar.

Apesar de o técnico afirmar que “hoje em dia, o universo já é outro”, ele relaciona esta mudança ao surgimento de apenas um centro de treinamento no estado de São Paulo, região já privilegiada no desenvolvimento da modalidade. No entanto, esta relevância se deve à realidade vivida durante alguns anos, desde a instalação do Centro de Treinamento de Curitiba, onde ficou concentrada a seleção permanente da GAF, no período de 2001 a 2008, o que, na opinião de alguns técnicos, apesar do ganho que a modalidade obteve em termos de resultados, como citado por Molinari *et al.* (2017), dificultou o surgimento de novos atletas.

T15- outra questão que eu entendo que fez com que hoje não tivesse também tanta gente participando... para mim, foi a seleção permanente [...] o quê que acontecia? Bom, eu tenho uma atleta, eu não vou ser treinadora. Eu tenho família, então eu não vou me mudar para lá. Bom, então essa atleta, agora, ela vem de vez em quando para cá. Quando ela vem para cá, tu estragas, ela fica gorda, tu machucas, tu não sei o que, porque o aparelho daqui é ruim, o da Confederação é maravilhoso. E nós começamos a perder o controle, perder o poder, perder o respeito. Nós, treinadores brasileiros, perdemos o respeito, nosso atleta não nos respeitava mais como treinador. Porque só a seleção era boa. Eles colocaram muito isso. Então se tornou muito difícil tu trabalhar dentro de um ginásio e tu colocar o atleta lá e tu perder. Então, eu acredito que hoje, a grande falha de não ter tantos atletas no feminino, foram oito anos de seleção permanente, sem dar nada em troca para os treinadores.

A concentração das melhores atletas do país em um único lugar, treinadas por técnicos estrangeiros, vindos exclusivamente para melhorar o desempenho do país na modalidade, gerou opiniões contraditórias, como ressalta a técnica T15, “a seleção permanente tem duas formas, ou tu ama ou tu odeia”. Nunomura e Oliveira (2012) relatam que, segundo os técnicos, o grande sucesso competitivo da GAF nos

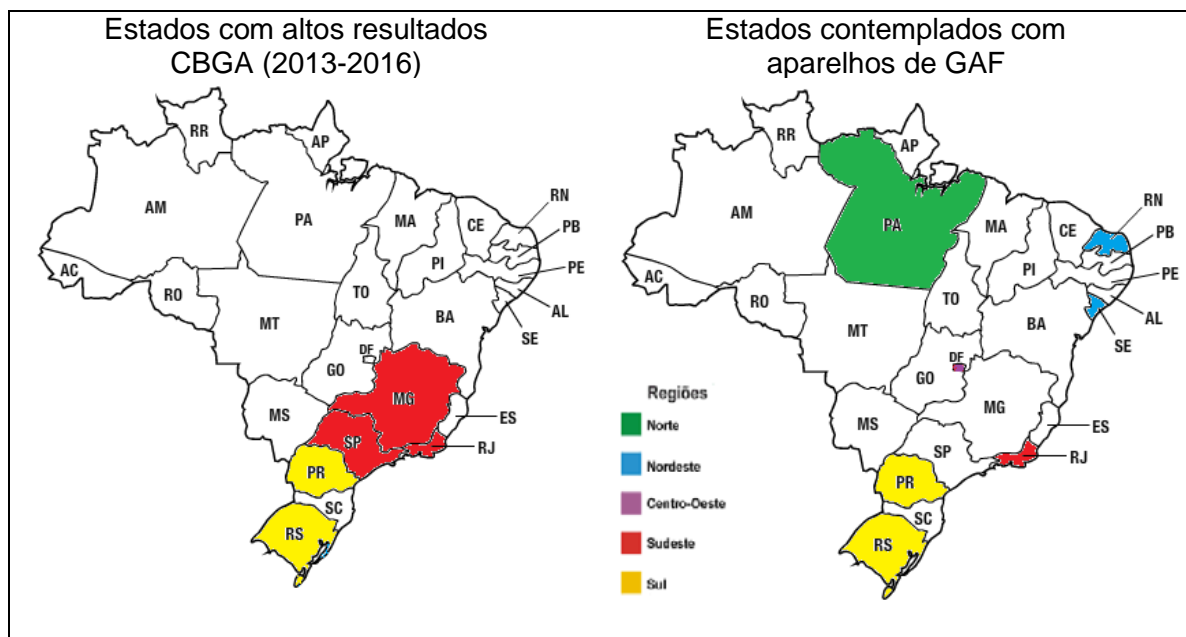
mundiais e Jogos Olímpicos de 2004 e 2008 foi alcançado graças à infraestrutura do centro de treinamento, que trouxe uniformidade à equipe e possibilitou esta evolução. No entanto, segundo Schiavon e Paes (2010), essa concentração reforçou a centralização da GAF nas mesmas regiões, dificultando ainda mais sua disseminação pelo país.

Em relação à infraestrutura para a formação de atletas para o alto rendimento, em 2014 a CBG, por meio de um convênio com o Ministério do Esporte (ME), adquiriu materiais homologados pela FIG das quatro modalidades olímpicas (GAF, Ginástica Artística Masculina, Ginástica Rítmica e Ginástica de Trampolim). A CBG, juntamente com o ME e COB mapeou, por região, os centros que poderiam receber os aparelhos (cumpriam exigências quanto ao espaço e documentação), “locais com vocação e trabalho para atender atletas de alta performance, categorias de base e investir na formação” (CBG, 2015b, p.24), selecionando sete locais a serem contemplados: Rio Grande do Sul e Paraná, na região sul; Rio de Janeiro, na região sudeste; Sergipe e Rio Grande do Norte, na região nordeste; Pará na região norte e o Distrito Federal no Centro-oeste do país.

Apesar da fala do secretário executivo do ME afirmando ter escolhido centros onde se destacaram alguns atletas brasileiros, como São Bernardo do Campo (Diego Hypólito), o CETE, em Porto Alegre (Daiane dos Santos) e o CEGIN, em Curitiba (Daniele Hypólito e outras) (CBG, 2015b), a escolha dos estados se justifica pela necessidade de fomentar a modalidade no país, descentralizando seu desenvolvimento e disseminando a modalidade (figura 13), necessidade apontada em estudos anteriores (KUMAKURA; HAIACHI; BALBINOTTI, 2017; SCHIAVON, 2009).

Lima (2016) coloca esta como uma escolha equivocada, já que grandes centros de formação de atletas de GAF, como o estado de São Paulo, não foram contemplados, não cabendo aqui a justificativa de descentralização da modalidade, visto que o Paraná, estado que herdou o centro de treinamento estruturado para a seleção permanente (2001-2008), com os melhores equipamentos que o Brasil já havia tido, e que continua presente nas competições nacionais e seletivas para as competições internacionais da modalidade, também foi contemplado com os novos aparelhos.

Figura 14: Estados com altos resultados no CBGA (2013 – 2016) e estados contemplados com aparelhos de GAF.



Fonte: Autora

“Estados sem tradição na modalidade” (LIMA, 2016, p.139) como Sergipe, que já havia iniciado um trabalho de iniciação esportiva há alguns anos quando foi contemplado com o Centro de Excelência Caixa - Jovem Promessa de Ginástica¹⁶, inaugurado em julho de 2011¹⁷, ao receber os aparelhos oficiais da modalidade, seis anos após (o Centro de Treinamento Arthur Zanetti foi inaugurado em julho de 2017), pode dar continuidade ao trabalho de formação dos atletas, visto que a aparelhagem anterior atendia apenas às crianças de até 10 anos de idade.

Com o trabalho desenvolvido no Centro de Excelência Caixa, atletas carmopolenses¹⁸ já iniciaram a participação nas categorias de base das competições nacionais. Considerando o tempo necessário para a formação de uma atleta, e a inauguração do centro de treinamento com aparelhos oficiais, em julho de 2017, ainda há a expectativa do surgimento de atletas de alto rendimento esportivo, o que antes era impossível, devido à falta de estrutura. Investigações sobre locais contemplados com os aparelhos mencionados ainda são necessárias.

¹⁶ Projeto de disseminação das modalidades GAF, GAM e GR criado pela CBG em parceria com a Caixa Econômica Federal (patrocinadora), federação estadual de ginástica, governo e outras entidades.

¹⁷ <http://www.infonet.com.br/noticias/esporte//ler.asp?id=116000>

¹⁸ Oriundos da cidade de Carmópolis (SE), onde foram instalados o Centro de Excelência Caixa e, mais recentemente, o Centro de Treinamento Arthur Zanetti.

Além dos sete locais contemplados com os novos aparelhos, o Brasil conta com três centros de treinamentos (CT) da GAF, integrantes da Rede Nacional de Treinamento, localizados nos municípios do Rio de Janeiro (RJ), São Bernardo do Campo (SP) e Fortaleza (CE). Segundo Goto (2017), apenas os dois primeiros estão sendo utilizados.

4.3 A COMPETIÇÃO DE GINÁSTICA ARTÍSTICA FEMININA COMO INSTRUMENTO DE EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO

“Saber competir, estar preparado para o fazer, é pois condição de preparação para a vida que não devemos esquecer na formação e educação dos mais jovens” (MARQUES, 2004, p.77). Conforme o autor, para que o modelo competitivo atenda aos interesses e necessidades das crianças e jovens envolvidos no esporte, assim como respeite suas limitações, não se deve excluir a possibilidade de uma provável descaracterização do modelo atual e a reconstrução deste, com o objetivo de alcançar uma proposta mais adequada e coerente.

Devido a grande divergência de opiniões ainda existente sobre a participação de crianças e jovens em competições, buscou-se inicialmente compreender a opinião dos técnicos e RRT sobre o assunto. Assim como nos mostrou a literatura, quando alguns autores (BARBANTI, 2012; HIRAMA; MONTAGNER, 2009; MARQUES, 2004; PLATONOV, 2004) destacam a importância, ou mesmo a indissociabilidade entre a competição e o esporte, encontramos também na fala dos entrevistados a reiteração deste pensamento: “a competição faz parte da vida. Você compete o tempo inteiro” (T16).

T12- o esporte te exige uma competitividade, ele precisa de um duelo, ele precisa ter um momento. Quem pratica esporte sente isso, porque você só treina, treina, treina e treina, perde um pouco do objetivo. Você vai jogar futebol e está sempre fazendo passe, passe... você quer fazer um time contra o outro e fazer um jogo, na ginástica é igual. Você quer ter um momento de você mostrar tudo que você aprendeu. Então a competição faz parte disso. É difícil você tirar, mesmo na escolinha, se a gente tira os festivais, fica meio sem sentido. Claro que é outro objetivo, mas a competição precisa existir na modalidade, porque eu vejo sem sentido, assim, você só treinar e não conseguir ter o seu momento de mostrar o que você aprendeu, do que você foi capaz até ali, seja errando ou acertando.

T8- o que se fala muito é que o esporte competitivo cobra muito da criança e causa frustrações, ou ele é muito seletivo, pode ser até

exclusivo, tirar uma criança, eu acho que isso faz parte do processo natural da vida, então, por exemplo, se for um esporte participativo em excesso, talvez a criança nunca vá passar por experiências de não conquistar alguma coisa e isso acho que também vai trazer problema ao longo da vida dela, e se isso for em excesso, acaba se tornando um adulto que não consegue lidar com dificuldade. Acho que a competição e a cobrança em excesso, da mesma maneira, pode causar uma frustração em uma criança que não está preparada para aquilo. [...] vai depender da conduta de cada projeto, de cada técnico, de como ele vai utilizar o esporte para formação do atleta.

As competições, como relatado, estão presentes nas diversas ações da vida, independente do envolvimento com o esporte. No entanto, tanto os técnicos entrevistados como os RRT concordam que aqueles que vivenciam a competição esportiva se capacitam melhor e mostram-se mais preparados para os desafios da vida, desenvolvendo maior habilidade para lidar com os sentimentos que as situações cotidianas provocam, e competência para reagir frente às adversidades. Segundo Choi, Johnson e Kim (2014), ao mesmo tempo em que oferecem oportunidades de engajamento com outras pessoas, a competição esportiva também fornece às crianças e jovens contextos para o aprendizado.

RRT1- na competição tu tens regras, tens disciplina, porque tu tens que ter disciplina, [...] tu tens que ter respeito com as meninas que estão competindo, tem que ter respeito com o árbitro que está ali dando nota, e isso tu vai levar para o resto da vida.

RRT3- é muito importante [...] aquisição de responsabilidade, de disciplina, respeito [...] a competição faz com que a pessoa tenha necessidade de enfrentar, de se superar, aceitar vitórias e derrotas, entender [...] A vida é uma eterna competição, então, com certeza as crianças que tem essa oportunidade vão levar para sua vida [...] a aquisição do autodomínio, autoconfiança, determinação, a criança tem que ser perseverante para ser capaz de conseguir algum resultado.

RRT5- depende muito de como o treinador leva a questão, os próprios pais. [...] a criança, errando, acertando, ganhando ou perdendo tem muita coisa positiva para tirar disso [...] a gente tem que entender que tudo é parte de um processo maior, porque o mais importante é a experiência total da criança na ginástica de ela ficar ali 2, 3, 5, 10 anos na ginástica como vai ser esta experiência na vida da criança e a competição está dentro disso.

T2- é uma experiência positiva [...] porque tanto da preparação para a competição e na competição em si, você encara várias situações que depois você encontra na sua vida, decepções, nervosismo, ansiedade, preparação, tem todo um ensinamento importante que a criança vivencia.

T3- cria uma independência muito grande nas meninas com essas competições.

T4- é claro que o meu trabalho é o alto rendimento, é a medalha, mas, independente de qualquer medalha, a gente quer tornar um cidadão responsável, autoconfiante, que não desista do que ele está fazendo.

T5- a participação das crianças em competições é bem importante, porque elas têm que ter um objetivo.

T7- esse trabalho de competição melhora o ser humano em si, psicologicamente, emocionalmente e trabalha para o futuro mesmo, para o futuro pessoal daquela pessoa, daquele indivíduo, formação de caráter e tudo o mais.

T11- eu falo para as mães, a vida é assim, elas vão ganhar, vão perder, vão ter dificuldade. Vira e mexe tem uma ou outra que está desanimada e eu explico, oh, na vida, quando ela tiver dificuldade, vai parar, vai voltar para trás? Vai ter vestibular, vai ter chefe que vai brigar, vai ter problemas na vida... vai virar para trás?

T12- eu acho que o esporte em geral [...] faz do ser humano mais aguerrido.

T16- quem passa pela ginástica, sai muito mais forte para vida [...] Elas se tornam mais responsáveis, mais organizadas, mais... são muitos valores que o esporte traz para vida delas. [...] A competição, ela existe desde que o mundo é mundo e vai fazer parte, ela estando ou não inserida no esporte, você vai disputar uma vaga de emprego... o esporte pode ser um instrumento para prepará-las para vida, para as competições fora. [...] Através da competição a gente consegue trabalhar a tolerância da criança. Quantos crimes bárbaros acontecem por falta de tolerância mínima ou capacidade mínima de lidar com uma situação incômoda, e isso na competição está presente o tempo inteiro. Elas têm que ser capazes de lidar fora da zona de conforto delas. A competição te proporciona isso. Claro que estimulada do jeito correto.

De acordo com a fala dos entrevistados, o fato de participarem de competições traz mais responsabilidade, união, solidariedade, autonomia, tornando-as diferentes de meninas da mesma faixa etária que não participam de competições. As competições esportivas são consideradas por Choi, Johnson e Kim (2014) contexto primário para crianças e jovens aprenderem habilidades organizacionais, como capacidade de gerir e lidar com diversidades e trabalhar por metas coletivas.

T3- elas amadurecem muito rápido, elas ficam independentes muito rápido, porque elas tem que aprender a prender cabelo, a se arrumar sozinha, [...] elas tem que arrumar a roupinha delas, não tem a mãe por perto. Então, acho que elas se tornam muito independentes. Para elas é muito bom, é muito importante essa independência. Isso é muito positivo.

T6- [...] essas meninas que participam de competições, elas têm vivências, principalmente no pré-infantil e no infantil, que normalmente as meninas não têm. Então a gente tem meninas do pré infantil de nove anos que já estão viajando de avião sozinhas, que já estão ficando no quarto de hotel sozinhas, que já tem responsabilidade sobre suas roupas, sobre os horários de treinamento, horário de competição e que normalmente uma criança de nove anos não tem. Não tem toda essa autonomia, [...] ela é mais madura do que as crianças de nove, dez anos que não tem esse tipo de vivência.

T11- nesse nível, já são diferentes das meninas que não praticam esportes. Você vai numa praça você vê a diferença, o corpo é diferente, é tudo diferente, a responsabilidade... Para viajar, eu não preciso ficar ligando no quarto. Quando vou ligar, 'ah, a gente já está pronta'. É tudo diferente daquela menina que não viaja, que não vive isso. [...] Elas tem mais responsabilidade, elas são mais organizadas, nesse sentido de ganhar e perder, saber lidar com a perda. Então eu acho que [a competição] ajuda no crescimento dela como pessoa. Um dia ela não vai estar mais na ginástica, ela vai aprender a lutar lá fora. Não consegui passar no vestibular, vou estudar mais. Enquanto aquela criança que logo no começo já desiste, são crianças que depois a gente vai encontrar lá na frente, que desistem de tudo, [...] não tem persistência.

T12- eu vejo o aspecto de competição por um lado muito positivo, então, eu acho que a criança que passa por esse processo esportivo, que vem do Esporte [...] ela é perseverante, ela é determinada, ela é concentrada, ela tem um nível de responsabilidade altíssimo. Às vezes a gente brincava que a criança tem mais responsabilidade que os pais, e tinha mesmo. Então, a gente leva isso para vida. Dificilmente você vai acordar um dia e falar, hoje eu não vou trabalhar. Te dá um clique na cabeça, assim de minha responsabilidade, minhas coisas. Eu vejo muito isso nas meninas, elas são extremamente responsáveis.

T13- a competição gera muita responsabilidade. Então eu acho que a criança gerando responsabilidade desde cedo, vai ajudar na parte educacional delas, com certeza. A maioria das meninas aqui tem bolsa na escola particular e às vezes, nas reuniões, as próprias professoras falam, o grupo de ginastas tem uma educação completamente diferenciada do grupo que não pratica. Então a gente percebe que isso daí dá uma diferença muito grande na educação. É como eu disse, gera responsabilidade, ela tem que ter respeito ao técnico, tem que ter respeito às colegas, porque é um esporte individual, então podem acontecer algumas briguinhas, mas com o trabalho de competição que é feito aqui dentro, isso gera muito respeito, comprometimento, responsabilidade, então, com certeza ajuda muito a parte educacional.

T15- então é importante, porque tu estás preparando para a vida e para o esporte. Então, o aprender a perder, a ganhar, a cair, a levantar e vamos de novo, ele está sendo hoje muito mais importante para vida, para o que vem depois do que até mesmo para o próprio

esporte. Se tornou muito mais importante para a formação do caráter do ser humano.

T16- eu tenho meninas que vieram da favela mesmo. Por que o comportamento delas é totalmente diferente de um amiguinho delas que mora do lado dela? Foi o esporte que deu isso para ela. Foram os valores que ela aprendeu ali naquele ambiente que condicionou ela a ter uma visão diferente lá fora. Porque ela mora no mesmo lugar que a pessoa, ela passa as mesmas dificuldades ou de saneamento, ou de violência, ou de... só que ela tem uma conduta totalmente diferente. Uma forma de ver a situação dela totalmente diferente que o amiguinho que não está inserido no esporte, não está inserido na competição.

Ainda segundo os autores acima citados, através das competições esportivas as crianças podem aumentar a autoestima e autoconfiança, além de ser uma excelente oportunidade para fortalecer o caráter das crianças (CHOI; JOHNSON; KIM, 2014). Alguns entrevistados destacaram os desafios em relação à educação das crianças, relatando a falta de limites e respeito ao próximo. Neste sentido, ainda enxergam no esporte uma forma de melhorar a situação, sendo este mais uma oportunidade de educar e formar essas crianças:

T15- quando que tu ia olhar para tua mãe e falar um monte de palavrão? Nunca! A mãe olhava e tu saía aqui oh, pode deixar que em casa eu já sei. E não é o apanhar, eu nunca apanhei, mas minha mãe só olhava e eu sabia o que eu precisava fazer, o que eu estava falando de errado que já tinha chegado no limite. E hoje em dia, isso não existe. Então não tem limite em casa, os professores, na escola, se tentam colocar limites, também não são bem aceitos, então a escola deixou de dar limites, as escolas não rodam mais ninguém, se tu não sabe, tu passa do mesmo jeito e se tu por acaso não for passar e a mãe for lá e der uma bronca, tu vai passar. Então, o que a gente está formando? Qual é o ser humano que a gente está formando? Nesse sentido é que acho que o esporte, a ginástica tão especial, pelo fato de ser tão precoce também, porque um adolescente tu já não vai mais resgatar para mudar esse tipo de consciência, a não ser que ele já tenha muito disso. E a criança, tu consegue talvez mudar e muitas vezes, a família. Então, a competição hoje, eu acho que é tão importante para o caráter, para a formação do caráter do ser humano, muito mais do que ela foi anteriormente, independente do objetivo técnico da competição.

Também estiveram presentes nas falas dos entrevistados as mudanças ocorridas nas relações entre técnicos e atletas e até mesmo entre pais e filhos, indicando a diferença na formação dos indivíduos mais antigos para os mais jovens:

T10- porque antes os treinos, até com essas escolinhas que são pré selecionadas, o rigor era um pouco maior, a disciplina. Essas crianças ficavam diferentes em relação às que não participavam, elas

eram mais disciplinadas. Hoje o caráter da educação para o treinamento na ginástica artística deu uma mudada, justamente porque as crianças mudaram. A geração de pais que a gente lida hoje em dia, mudou. Antigamente era mais o pai falar e a criança ouvir. Hoje a criança participa muito mais, dá a sua opinião, eu acredito que seja melhor, ela já não é tão submissa, são mais participativas. Elas questionam mais, antigamente não, só o treinador que falava, a gente nem conhecia a voz das crianças, porque elas entravam, treinavam e saíam. Hoje não, mas isso tinha que mudar mesmo, porque era muito rígido, muito fechado, muito tenso, então tinha crianças que não ficavam, não gostavam dessa linha de treinamento, de trabalho. Hoje não, hoje já é mais leve, quem quer, quer, quem não quer, tudo bem, não tem problema, não tem forçação de barra. Ficou mais fácil. Agora elas desistem mais, porque como elas tem isso desde criança, elas têm opinião, os pais deixam isso claro, se você não quer, não precisa ir. Antigamente não, como o pai não ouvia o seu filho, o pai falava, não, você gosta sim, você vai ficar. Hoje não, hoje elas desistem mais, mas não perderam a... são perseverantes. Se ela fica, é porque ela quer realmente. Antigamente as crianças ficavam muito porque os pais queriam e aí chegava aos 14 anos, batia o pé e não queria mais.

A preocupação com a participação de crianças em competições e a necessidade de adequações destas em função da faixa etária dos participantes, fez com que algumas iniciativas fossem desenvolvidas na tentativa de se ter maior respeito ao desenvolvimento do indivíduo e às suas necessidades. Pode-se considerar a realização de festivais e competições voltadas para a massificação da modalidade como uma dessas adequações, onde são distribuídas medalhas de participação para todos os participantes. No entanto, o técnico T15 apresenta outro ponto de vista em relação a isso:

T15- há um tempo atrás, todo mundo tinha aquela preocupação assim, Ah, não pode começar muito cedo porque a precocidade, não só da ginástica na parte física e emocional, mas competição não é legal, porque um vai ganhar medalha, o outro não vai e como é que vai consolar? E aí com o tempo, o que foi acontecendo? Todos passaram a ganhar medalha e aí vem aquela coisa, eventos de todos os níveis possível, eventos massificação, não existe o melhor ou o pior, embora tu possas vir a saber como professor ou como árbitro, a criança vai receber a medalha de participação, o diploma de participação e o número X de pontos. Não importa se foi melhor ou pior na faixa etária, então ali tu conseguiste nivelar e acabar com a tal frustração em ser o melhor ou pior. Todo mundo é chamado em bolos, digamos assim, vem a equipe toda do (clube), todo mundo sobe, fala o nome e assim por diante. Fala o nome de todas as crianças para que o pai ouça o nome da criança, ela sobe no pódio, ela tem o seu momento de glória, igual a todos os outros quinhentos que estão competindo. Só que hoje, o que eu vejo da competição, ela se tornou até um problema porque as crianças de hoje não passam mais por frustração nenhuma, nenhuma. Porque os pais não

querem mais que elas passem por isso. Tu trazer uma criança para praticar ginástica hoje, já é muito difícil, porque eles vendem toda essa cultura, o esporte é lindo, tem que praticar esporte, tem que isso, tem que aquilo, mas os pais, na realidade, não querem isso. Eles querem que a criança venha para dentro de um ginásio e aquilo seja um depósito de criança, ela vai subir, ela vai descer, ela vai não sei o que, mas ela não vai ouvir não, ela não vai ouvir o que pode o que não pode, tu não pode usar nenhum tipo de adjetivo, não seja preguiçoso, ou tu tá preguiçosa, não pode, tu está insultando. Nós temos o hábito assim, começa o treino, perfilam todos, olha, hoje o treinamento vai ser assim, vai ser assado, terminou o treinamento, olha fulana, hoje não foi legal, que não sei o que, amanhã quem sabe isso, oh, tu não, tu foi legal. Não pode, porque está expondo a criança frente as outras. Então, com toda essa nova psicologia que existe hoje, de não ter frustrações, não ouvir a palavra não, não pode subir aí porque machuca, se doeu, não pode de jeito nenhum, porque tu não pode ter tolerância nenhuma a dor. Eu acho que a competição se tornou algo muito mais complicado do que ela já foi anteriormente. Então é importante, porque tu está preparando para vida e para o esporte. Então, o aprender a perder, a ganhar, a cair, a levantar e vamos de novo, ele está sendo hoje muito mais importante para vida, para o que vem depois do que até mesmo para o próprio esporte. Se tornou muito mais importante para a formação do caráter do ser humano. Antes a gente se preocupava muito mais com o perder ou ganhar. Não, hoje não, porque hoje é síndrome do pânico, é bullying, é não sei mais o que, é Ritalina porque é ansioso... A gente não tinha isso. Síndrome do pânico? Minha filha, vamos! Caiu, levanta e vamos de novo, dá um beijinho que passa. Assim a gente foi criado e a gente está aqui.

No ambiente competitivo é necessário que se tenha respeito entre todos os participantes, pois as relações e atitudes pessoais daqueles que estão presentes, sejam eles técnicos, atletas, dirigentes ou pais, são fundamentais neste processo de educação e formação das crianças, como também foi destacado por alguns entrevistados:

T14- as meninas passam mais tempo [...] com os treinadores do que com os pais. Se o treinador não tem uma boa índole, não tem uma educação, o que ele passa para aquela criança? [...] elas pegam você como exemplo [...] Elas acabam tendo um comportamento muito parecido com o que o profissional que atua com elas tem, porque, princípios que são nossos, a gente acaba passando para aqueles que convivem com a gente. Eu acho que esse caráter de formação também é bem interessante. E eu fico muito feliz quando eu vejo que uma criança que eu trabalhei desde pequena se formou uma jovem descente, uma pessoa legal, eu fico muito satisfeita com isso. E às vezes eu me questiono, poxa, o que tem mais valor?

T15- acho que tudo depende do ambiente que tu constrói como competição, principalmente na categoria de base, mesmo sendo competição, não deveria gerar aquele estresse de pai gritando na arquibancada. Isso é uma coisa que me deixa maluca. [...] E aí não é

um ambiente sadio. Porque a criança já entra com medo, porque a mãe da outra foi lá e disse, "tu é ruim, tu perdeu porque minha filha é melhor". Diz isso para criança. Aí deixou de ser educativa, deixou de ser formativa, deixou de ser tudo. Perdeu o propósito como um todo.

A forma como as competições são conduzidas, ou mesmo, a forma como as crianças são conduzidas para uma competição é que faz diferença na formação deste indivíduo:

T16- a criança é uma massinha de modelar. Se eu estimular ela: você tem que ganhar, não importa o meio, você tem que ganhar, você é a melhor; Como ela vai crescer? E aí a competição foi positiva na vida dela, lá na infância? Não. Agora se eu participar das mesmas competições, estimulando de um jeito diferente, a competição foi importante e determinante para ela ser um ser humano melhor? Foi. Então, eu não vejo a competição em si como vilã em nenhum aspecto. Eu vejo o adulto por trás da criança como sendo bom ou ruim, entre aspas.

O técnico T11 destaca o prazer que suas atletas sentem em participar de competições e a expectativa de atingir os níveis de maior dificuldade:

Aqui tem um grupo que vai participar do pré infantil C, não é um alto rendimento ainda, mas é um caminho. Porque ali tem meninas que participaram, no ano passado, do pré infantil C, hoje estão no B e tem menina no A, e dali vão para o infantil também. Então, eu acho que é um espelho. Essas daqui que estão para ir para lá, estão vendo elas participarem de competição e elas querem estar ali [...] elas sonham em estar num grupo mais forte. Elas gostam de participar das competições. Quando é época de competição, acho que elas vêm mais animadas para o treino, porque tem um objetivo, elas veem uma luz ali, eu tenho que treinar para isso. No primeiro semestre a gente passa muito tempo sem competição e eu sinto que é o período que elas se sentem mais desanimadas, porque a competição está longe, elas estão voltando das férias. Mesmo aprendendo coisas novas, eu acho que o objetivo delas é estar participando de alguma coisa. Chega no segundo semestre, elas não veem a hora, elas ficam perguntando, elas gostam, mesmo que uma ou outra fique nervosa, as vezes não compete tão bem, treina melhor do que compete, mas eu sinto que elas gostam de estar ali na competição, que é o objetivo.[...] a competição serve de estímulo para elas fazerem a modalidade e para as que vem em baixo, que veem elas fazendo a série com música, 'ah, quero fazer aquilo, ah, elas estão indo viajar, quero isso também!'

Além dos benefícios relacionados à educação da criança, os entrevistados também destacaram a importância da competição na formação da atleta, preparando-a para as categorias posteriores. O técnico T1 relata que antes dos nove anos de idade, quando ainda não participam do CBGA, as competições são importantes para as meninas se familiarizarem com as apresentações. Segundo T1,

a função é “de elas acharem legal e se acostumarem a ficar sentadinhas esperando, arrumadinhas”. Ou seja, se acostumar com o ambiente competitivo, com as normas estabelecidas para a situação de competição e, principalmente, sentirem prazer em competir.

Nesta faixa etária, segundo o técnico, não faz diferença o nível da competição nem o resultado obtido, pois as crianças ainda não possuem esse tipo de percepção: “[...] elas nem percebem o resultado, elas gostam da medalhinha. Se for medalha de participação, dá no mesmo que se for competição de verdade”. O que também está de acordo com Choi, Johnson e Kim (2014), quando afirmam que a maioria das crianças de sete anos ainda não possui a capacidade de compreender o que representa a sua posição em comparação aos demais em uma competição.

Neste ponto, nota-se uma convergência de ideias, onde o técnico relata, na prática, importância semelhante àquela destacada por Marques (2004), quando afirma que a competição deve ser pensada à imagem da prontidão da criança, sem esquecer seus interesses e necessidades. Neste sentido, os festivais são capazes de despertar o interesse da criança, criar certa euforia, ser tido como meta de aprendizado gerando motivação para a prática, exigir responsabilidade e cumprimento de normas preestabelecidas, ao mesmo tempo em que possibilita/facilita o sucesso da criança em sua participação sendo premiada ao final. Tais festivais mostram-se bastantes adequados à fase de desenvolvimento dessas crianças.

Outros técnicos também acreditam na importância da participação das crianças nas competições desde o momento em que iniciam na modalidade, pois estas são tidas como um objetivo para a atividade e auxiliam na familiarização da criança com as apresentações em público:

T9- eu acredito que desde novinha, é legal que elas participem tanto de festival, para depois começar na competição para já ir tirando esse nervosismo, essa ansiedade, que é normal acontecer, ainda mais com as crianças.

Nas categorias pré-infantil e infantil, quando começam oficialmente as competições, os técnicos relatam a necessidade de as atletas já começarem a desenvolver mais responsabilidade por suas ações, agregando importância às competições nesse sentido.

T17- a competição é importante para você avaliar o seu próprio trabalho e para você criar responsabilidade para ginasta. Ela precisa

crescer, ela precisa ganhar maturidade. E ela só vai crescer e ganhar essa maturidade de alguma forma que seja avaliativa e essa forma é dentro de competição.

T12- eu acho que o processo de competição, de participação de festival, seja qual for, para construção da ginasta, principalmente de alto rendimento, é muito importante, porque ali é a hora dela. Se ela não passa por isso antes, dificilmente ela vai lidar com aquela situação como natural, e ela tem lidar com aquilo como natural, como algo natural, corriqueiro, eu já sei o que eu tenho que fazer, eu sei. Eu sei como eu aqueço, eu sei como eu entro, eu sei como eu saio, eu sei que horas que eu posso ir ao banheiro ou não, eu sei. Eu sei de tudo. Ela tem que dominar. Ali tem que ser dominado por ela. Ela tem que olhar para tudo e saber exatamente o que ela vai fazer.

T14- nessa faixa etária eles estão aprendendo a competir, aprendendo como tem que se portar, como que eu tenho que aquecer rápido para estar pronta para fazer minha série. Então, formar o atleta para ele ser capaz de ter uma independência quando ele for competir nas categorias maiores.

T13- voltado para as categorias de base, [...] a importância das competições oficiais é já colocar um ritmo de competição na criança para que ela possa chegar num juvenil, chegar num adulto já com uma cabeça competitiva mesmo, [...] preparar a menina [...] psicologicamente, fisicamente para encarar essa batalha de competições, digamos profissionais, do juvenil e adulto. E às vezes nem é tão importante ser campeã do pré-infantil, ser campeã do infantil. É mais para colocar a menina para competir mesmo, competir bem para poder chegar bem nas categorias acima, essa é a principal função.

Para Lima (1987), a competição é o “instrumento pedagógico mais importante para a formação desportiva das crianças” (p.13). Marques (2003) também aponta a necessidade de as crianças serem expostas a situações de comparação social, de avaliação, proporcionadas pelas competições. No entanto, estas devem ser escolhidas de forma criteriosa, para que exerçam a função formativa e estruturante da personalidade que se pretende. Tal exposição a situações de pressão competitiva, segundo o autor, pode atenuar o stress de situações semelhantes vividas posteriormente.

No entanto, alguns dos entrevistados, apesar de acharem positiva a participação das crianças em competições nesta faixa etária, se mostraram pouco confiantes em suas falas, levantando algumas incertezas em relação ao modelo competitivo vigente ou a forma como este é conduzido.

T14- eu acho que a competição, ela já incentiva e estimula as crianças a começarem uma prática de modalidade mais cedo, mas acho que tem que ser uma competição sem tanta cobrança, sem

tanta exigência, para elas irem se ambientando nesse meio, para conseguir formar como atleta.

Mas reconhecem a responsabilidade do técnico na percepção e nos sentimentos gerados pela competição

T16- a competição no esporte depende muito mais de como o treinador conduz do que da competição em si. O nível de pressão da competição, para mim, é diretamente proporcional ao nível de pressão que o treinador coloca. Ela vai estar numa situação de estresse? Vai, naturalmente. Mas esse estresse pode servir para crescer ou pode ser frustrante. Então depende muito mais de como a gente conduz isso.

Esse discernimento do técnico é essencial para que as possibilidades de educação e formação que a competição pode proporcionar sejam realmente aproveitadas.

T6- eu acho que só existem duas formas de a gente competir e pensar em competir: uma é você competir contra si mesmo e a outra é você competir contra o outro. Em qualquer idade, essas duas formas levadas ao extremo, são super prejudiciais, porque aquela pessoa que compete muito contra o outro, é capaz de fazer qualquer coisa para ganhar dessa outra pessoa, e aí tem questões éticas graves. E a pessoa que compete muito contra si mesmo, acaba gerando uma pessoa muito perfeccionista e que acaba se frustrando, porque a gente nunca alcança essa perfeição. Essa perfeição, ela é utópica, e a gente nunca vai alcançar.

Nesse sentido, assim como defendido por Marques (2004), pode-se perceber na fala de alguns técnicos a necessidade de a competição ser vista como continuidade do treino, complementando os objetivos de formação promovidos no treinamento:

T6- o processo de construção da ginasta é muito mais importante do que o produto, título do ginasta. Eu valorizo mais outras questões, como a disciplina, a responsabilidade, a solidariedade pelo treinamento do companheiro que treina todo dia junto, do que propriamente o resultado competitivo.

A despeito de os técnicos perceberem a competição como uma ferramenta importante na formação das atletas, estes reconhecem que cada criança reage de uma forma particular a essa exposição, não causando o mesmo efeito em todas as meninas. Sendo assim, destacam o indispensável respeito à individualidade das atletas, pois nem todas as meninas que possuem nível técnico para a competição devem competir.

T1- tem menina que talvez fosse melhor não competir, porque faz mal para ela, agora tem menina que é muito bom competir, porque já gosta de competir, então depende um pouco caso a caso.

T5- tem crianças que treinam porque gostam do que estão fazendo, chega na hora de competir, não querem ir. [...] a gente tem que conhecer a criança que a gente está trabalhando.

T10- uma criança é diferente da outra. Tem a criança que gosta dessa exposição e tem criança que é mais tímida, que nessa fase da carreira, da vida da criança, não é tão legal, rola muito estresse, um nervosismo propriamente dito [...] tem crianças que faz muito bem, elas voltam e o que a competição despertou, é sensacional. Tem crianças que voltam e nem querem mais treinar, de tamanha pressão e medo que causou, então tem uma certa angústia. Tem crianças que realmente não gostam dessa exposição. Gostam muito de treinar, de estar com o grupo, de estar ali com o seu treinador, mas ali, na hora de competir, não gostam, não curtem e o rendimento cai demais. Então eu entendo que essa criança não foi feita para o alto rendimento. Até pode ter um sonho olímpico, mas ela não vai ser capaz de suportar uma olimpíada.

T12- tem crianças que levam para o aspecto muito negativo, se frustram, não sabem lidar muito com a derrota, já vi casos de depressão, já vi casos de bulimia, já vi caso de tudo [...] Mas é indivíduo, e cada indivíduo acaba lidando de uma forma, né, e a gente já se deparou com bastantes formas diferentes que cada uma lidou, mas eu procurava sempre destacar o que o esporte tinha de mais positivo.

T14- algumas crianças, que tem mais maturidade, lidam com esse estresse competitivo de uma forma melhor. Tem algumas crianças que não. Tem crianças que não vão dar conta dessa pressão. Então eu acho que o treinador tem que ter esse jogo de cintura. [...] Eu acho que para as meninas, pensando no alto rendimento, tem um caráter positivo de formação, mas a gente também tem o outro lado, que algumas crianças que não tem o mesmo resultado que a colega, acabam se frustrando, desistindo da modalidade.

Os relatos acima expõem as deficiências do sistema de competição vigente. Talvez não seja a criança que não goste ou que não sirva para o alto rendimento, como dito por alguns técnicos. Talvez seja a forma como a competição foi apresentada e trabalhada neste processo de formação que não tenha sido adequada. De acordo com Marques (2004), as competições devem ser compatíveis com as aptidões e competências daqueles que delas participam, principalmente nas fases iniciais da formação esportiva. No entanto, a GAF apresenta um modelo de competição muito próximo entre as categorias, havendo poucas diferenças entre as diversas faixas etárias, o que pode ser visto como um problema. Este tema será discutido mais adiante.

Segundo T17, deve-se ter o cuidado para não valorizar demais os resultados e cobrar da criança um desempenho que não é o que interessa no momento.

A gente não pode colocar a competição para criança como a coisa mais importante do mundo, se ela ganhou, ótimo, se ela perdeu, o mundo dela acabou, a vida dela acabou. Não. A gente tem que planejar sim, ter os nossos objetivos particulares, mas a gente não pode jogar isso na criança. Você coloca a menina lá para competir, ela vai lá nem sabendo direito o que ela vai fazer, e aí vai criar uma situação de competição.

Segundo T1, quando começam a participar do CBGA, ainda na categoria pré-infantil, já inicia a busca por resultado pela necessidade de manutenção do clube e, conseqüentemente, do próprio treinador: “o resultado é importante para o treinador e para o clube. A gente acaba tornando a competição importante pelo resultado, pela nossa necessidade, porque para as crianças, para a formação delas, não”. Mesmo entendendo que, para a atleta, a obtenção de resultados nesse período de formação não tenha tanta relevância, sendo importante principalmente pela motivação que pode gerar, outros técnicos também externaram esta mesma realidade, na qual precisam destes resultados para a manutenção de seus empregos:

T1- os resultados, nas categorias de base, são relevantes para o treinador profissionalmente, para o ego do treinador, para o clube.

T4- como a gente trabalha com a prefeitura, nosso investimento é através do resultado [...] para eu me manter trabalhando, eu preciso de resultado.

T7- existe uma cobrança, é óbvio, do município com relação a resultados.

T9- porque a criança, quando ela começa a ter um resultado, a ter um destaque mais nova, a chance de eu conseguir algum patrocínio, alguma coisa para continuar o trabalho, é muito maior.

T12- a gente lida com uma coisa assim, né, clube, pais, crianças, ninguém quer perder [...] a cobrança é em cada categoria, de todo mundo. Não tem jeito, a gente não consegue fugir muito disso [...] o clube te cobra.

T14- tem a questão de resultados para manter o clube, para manter o patrocínio, então você precisa ter isso junto no seu trabalho.

T16- para os clubes e para manutenção dos empregos, o peso é muito grande [...] você tem que dar resultado, você tem que dar retorno. O treinador está numa situação muito ruim. Eu mesmo, eu tenho as minhas convicções de formação, mas ao mesmo tempo eu sei das cobranças que tem atrás de mim pelos resultados.

A falta de compreensão e conhecimento sobre o processo de formação das atletas por parte das entidades que desenvolvem a modalidade e, às vezes, dos próprios pais, pode ser um problema. A busca por resultados nas categorias iniciais pode causar uma formação limitada, não desenvolvendo todas as potencialidades da atleta, reduzindo com isso as possibilidades de se ter uma atleta de qualidade nas categorias maiores, quando os resultados deveriam ser importantes.

Os técnicos, apesar da cobrança relatada acima, parecem concordar que nas categorias de base, os resultados têm que ser visto apenas como consequência de uma formação de qualidade e uma boa participação naquela competição, servindo como incentivo para atletas e técnicos, não como objetivo final.

T1- não tem nenhuma importância. São coisas que, às vezes, ela vai bem porque está num estágio maturacional mais avançado que as outras. A menina com nove anos, às vezes parece que já tem doze, então dá um banho nas outras. Mas essa menina não vai ser ginasta, muitas vezes, mas naquela categoria ali, ela estoura, ganha nos quatro aparelhos. Então eu acho importante competir no pré para ir ganhando experiência, vivência de competição para quando estiver mais velha, já estar mais preparada, mas o resultado, eu acho totalmente sem importância para a atleta.

T2- o importante é ela participar. A competição ser um estímulo, um incentivo para ela. Até porque você vê crianças que são muito boas nas categorias de base, mas por qualquer motivo, depois não seguem no esporte, e a menina que nunca ganhou nada quando era pequena e acaba sendo da seleção e sendo muito boa. Então, acho que nas categorias de base é mais uma motivação, uma participação, uma experiência.

T6- eu comecei a perceber que isso não é o importante, que a competição é uma das etapas do processo e que você ir bem ou ir mal, você vai ter que voltar ao processo para identificar qual foi o acerto e qual foi o erro. Mas o título em si, o resultado em si, ele pouco significado tem. E mesmo para as meninas, as minhas meninas não se preocupam muito com o resultado não, porque a gente tem mais esse pensamento em competir bem.

T10- competição nessa idade é um teste. O título nem é tão importante assim, o ganhar não é tão importante assim a meu ver. Eu não formo, eu não dou treino, não planejo o treino dessa criança até os 12 anos para que ela seja a campeã daquele evento, não. Muito pelo contrário, é para que ela consiga fazer o que ela treinou e se sentir bem. [...] aos 12 anos ela já tem noção e já consegue entender o que é uma competição, o que o treinador quer em troca e o que ela espera do esporte dela. Aos 12 anos ela já consegue ter esse discernimento. Depois dos doze pode haver mais cobranças, pressão, já entendo que depois dos doze ela já está mais apta a entender o que ela está fazendo.

T13- e às vezes, nem é tão importante ser campeã do pré-infantil, ser campeã do infantil. É mais para colocar a menina para competir mesmo, competir bem para poder chegar bem nas categorias acima, essa é a principal função.

T16- na formação da atleta, não posso falar que nenhuma (importância), porque quando a atleta ganha, ela motiva e ela vê que tem mais possibilidades e isso faz com que ela queira estar no esporte.

Mesmo reconhecendo não serem relevantes os resultados das competições nas categorias de base para a formação das atletas, os técnicos assumem que estão na competição para vencer, como foi o caso da técnica T14, que ao ser questionada sobre o objetivo dela ao levar as meninas para a competição, não mediu palavras, dizendo claramente, “Ganhar!” e riu, explicando em seguida:

T14- Ganhar! Risos. [...] a gente sabe que ter resultado nessas categorias não significa que você vai ter um campeão no futuro, mas você desenvolvendo um trabalho de base de qualidade, faz você atingir o alto rendimento com mais facilidade. Eu acho que quando você está trabalhando com o alto rendimento, você sempre tem o objetivo de vencer. Eu falo assim, não vencer, mas vencer para você. Você tem que ir lá e fazer o melhor que você pode. Então, às vezes, você tem uma equipe que não está preparada para ser a campeã, mas se elas fizerem o melhor, dentro daquilo que elas estão preparadas, cumprimos o objetivo. Mas quando você tem uma equipe para disputar e para ganhar, então acho que daí fica interessante.

Mas também reconhece que nesta etapa de formação, o importante é proporcionar às atletas uma formação de qualidade para que tenham condições de alcançar os resultados desejados quando adulta, em competições internacionais:

T14- você tem que vencer, mas não a qualquer custo. Eu prezo muito a qualidade técnica, a qualidade de execução, porque o objetivo não é você ganhar agora, o objetivo é você ter uma ginasta no alto nível quando ela puder estar realmente representando o país, representando o Brasil, participando das competições internacionais.

Outros técnicos também expressaram em suas falas essa vontade de vencer, mesmo nas categorias de base:

T11- quero que elas tenham um bom resultado, eu quero que elas estejam sendo vistas nessa competição, que é o nosso trabalho ali do dia a dia.

T12- ninguém quer perder. Todo mundo quer passar por essas etapas sendo campeãs, inclusive nós, técnicos. A gente treina o ano todo para chegar e ser campeão brasileiro, mesmo no pré-infantil.

Então, a gente quer cumprir esse programa obrigatório com excelência e aí, em consequência disso ser campeão.

T13- bom, o meu objetivo é sempre... não vou falar ganhar, assim, porque eu passo isso muito para elas, mas é poder buscar o melhor resultado. [...] é sempre fazer o seu melhor em competição. [...] Eu não cobro resultado delas, eu não cobro que tem que ser campeã, eu não cobro que não pode errar, não [...] com as pré-infantis e infantis, categorias de base, é exatamente isso, buscar o seu melhor. Então, a minha pontuação no passado foi tanta, vamos tentar um décimo a mais nessa competição, por exemplo. Então é sempre estar buscando o melhor, e não buscar pódio.

Isso vai ao encontro do que defende Marques (2004) ao afirmar que “a ideia de que ganhar ou perder é irrelevante, que a única coisa importante é a actividade, a participação na actividade, é um erro que incorremos com frequência, um excesso pedagogicista” (p.81). A competição, mesmo nas categorias de formação, é importante como um todo. Para usufruir de todas as possibilidades educativas que a competição pode proporcionar, é necessário que aqueles que dela participam estejam realmente envolvidos com o propósito da mesma: competir, querer ser o melhor, ou ao menos, ser melhor.

Nesse sentido, o problema não é participar das competições com o intuito de ser campeão, mas ter o objetivo de ser campeão nessas categorias não considerando a formação em longo prazo.

T12- geralmente quem se destaca na categoria adulta, no pré-infantil ainda estava engatinhando um pouquinho. É difícil a criança se manter campeã do pré-infantil ao adulto.

T14- eu já vi várias crianças que foram campeãs nas categorias de base e que não viraram nada no futuro, como também crianças que tiveram sucesso na categoria de base, sucesso no futuro, e também meninas que eram muito ruins, como é o meu caso, quando eu era pré-infantil e infantil, não tinha resultado nenhum, e quando comecei a ter resultado, foi na categoria juvenil. Acho que é difícil a gente mensurar, porque não é garantido uma criança ser campeã, que ela vai ser campeã no futuro.

T16- se ela não tiver um resultado aqui agora, não significa que ela não vai ser uma excelente ginasta lá na frente.

Estudos como Cafruni, Marques e Gaya (2006) ao analisarem atletas de alto nível de diversas modalidades, nas regiões sul e sudeste do país, identificaram que estes demonstraram baixo percentual de altos resultados na primeira etapa de formação, estando de acordo com as propostas de preparação esportiva em longo prazo. A GA, por sua vez, demonstrou 47,1% de resultados até a sexta colocação na

segunda etapa de formação (9-10 anos GAF e 11-13 anos GAM) e 82,4% na terceira etapa (11-13 anos GAF e 14-15 anos GAM), períodos estes referentes às categorias de base.

Pereira *et al.* (2014a) ao analisarem os resultados obtidos ao longo da carreira de atletas de GAF em Portugal verificaram elevada percentagem das atletas que venceram as competições nas categorias iniciais (10-11 anos e 12-13 anos) fizeram isso novamente ao longo de suas carreiras até a categoria adulta. E que menos de 10% das atletas que venceram competições na categoria de 14 a 15 anos de idade não havia conquistado uma posição até o 6º lugar em competições nas categorias anteriores.

Finalizando essa questão sobre a relevância dos resultados nas competições das categorias de base, um dos técnicos entrevistados destaca a característica passageira dos títulos conquistados lembrando-se de algumas atletas brasileiras que tiveram participações importantes em competições internacionais, ou mesmo que conquistaram títulos inéditos e que, hoje em dia, mesmo permanecendo ligada à modalidade, seja como árbitra, coordenadora ou comentarista, as pessoas nem sabem que foi ginasta.

T6- o resultado em si ele é muito efêmero, mas o processo de construção da personalidade, você conseguir essa construção desses valores pessoais, isso a criança leva para a vida toda. E você usar a ginástica como um instrumento para construção desses valores, é muito rico.

4.4 ADEQUAÇÕES DAS COMPETIÇÕES DE GINÁSTICA ARTÍSTICA FEMININA CONFORME AS CRIANÇAS

Uma questão que ainda preocupa tanto acadêmicos como também alguns técnicos é a idade em que as meninas se especializam na modalidade. Alguns tratam o assunto como sendo natural, uma característica da modalidade, no entanto, outros veem nessa característica um motivo de preocupação:

T4- a ginástica é um esporte precoce. Então, você tem que preparar a criança cedo para uma competição, porque ela tem que aprender desde cedo que ela vai ganhar, ela vai perder. Ela tem que desde pequenininha estar preparada. Outros esportes, esportes coletivos, começam com 12, 15 anos a competição, só que para a gente, com 15 anos já é praticamente adulto, 16 anos já é adulto.

T14- eu acho que na ginástica elas precisam competir realmente nessa idade para conseguir atingir os objetivos de um nível internacional quando estiver com 15, 16 anos.

T6- no caso do feminino, é muito precoce. Então, a criança entra na ginástica com cinco, seis anos, e às vezes até mais cedo, e com nove anos ela já tem que estar fazendo ginástica e com 10 anos ela já tem que estar fazendo muita ginástica.

T3- elas têm que estar num auge muito grande com uma idade muito nova. Essas meninas com nove, 10 anos, que às vezes você não precisa nem estar iniciando no esporte, porque qualquer outro esporte hoje no Brasil, você pode estar iniciando com 10, 11 anos para você começar, com nove, 10 anos elas competem o Brasileiro e com níveis altos para a idade delas.

A GAF tem estabelecida em seu CP como idade mínima para a participação em Campeonatos Mundiais (CM) 15 anos, e 16 anos para os Jogos Olímpicos (JO). No entanto, as ginastas não precisam necessariamente estar “prontas” para participarem destas competições aos 16 anos de idade, pois esta é a idade mínima estabelecida pela FIG. Um estudo realizado por Atikovic, Kalinski e Cuk (2017) verificou que no período de 2003 a 2016, a idade das ginastas femininas participantes dos CM e JO aumentou 3,3 anos de idade e com tendência para continuar aumentando. Isso se deve em parte aos esforços investidos pela FIG, através de publicações e mudanças no CP (KALINSKI, ATIKOVIC; JELASKA, 2018). Segundo Atikovic, Kalinski e Cuk (2017), a FIG pode aumentar a idade mínima na GAF para 17 anos.

Jelaska, Kalinski e Crnjak (2017), ao analisarem os JO de 1964 a 2016, verificaram que, independentemente da complexidade do aparelho, as ginastas se qualificam para as competições Olímpicas na mesma idade (já que a idade mínima estabelecida pela FIG é tida como referência em todo o mundo). No entanto, as atletas mais antigas geralmente são as que alcançam os melhores resultados. Segundo os autores, a maturidade cognitiva e maior quantidade de práticas deliberadas (provavelmente encontradas em ginastas mais antigas) provavelmente exercem maior impacto na qualidade das ginastas do que as características antropométricas (atribuíveis às ginastas mais jovens).

O tempo que as meninas dedicam à ginástica é muito grande, ocupando praticamente todo o horário em que não estão na escola. Além disso, iniciam na modalidade em idades baixas (cinco, seis anos de idade) para atingirem o nível técnico necessário para as competições internacionais com os seus 15, 16 anos,

como dito acima pelos técnicos entrevistados. Ou seja, dedicam grande parte de suas vidas, nos períodos mais importantes para o seu desenvolvimento, infância e juventude, à modalidade. O técnico T6 demonstrou bastante preocupação em relação à formação dessas atletas ao relatar as seguintes observações:

T6- então, é muito rápido, e muitas vezes, a parte cognitiva da criança, a parte afetiva da criança não acompanha a velocidade desse desempenho técnico. [...] é muito comum você ver em ginastas, (citou duas atletas da seleção brasileira) elas têm um nível de ginástica extraordinário, mas elas, como meninas, elas ainda não têm a idade psíquica, a idade emocional que elas deveriam ter com os 16, 17 anos que elas têm. Por quê? A ginástica consumiu tanto a vida delas, que relações paralelas não foram construídas [...] Então é comum você ver nessas ginastas que elas são maravilhosas dentro do ginásio, mas fora do ginásio elas são muito despreparadas quando comparadas com outras crianças da mesma idade que não tiveram essa vivência tão grande dentro do ginásio, porque os vários meios sociais que essas outras crianças puderam vivenciar contribuem na formação delas e elas amadurecem de forma diferente.

Nunomura, Pires e Carrara (2009) já apontavam para este problema quando detectaram objetivos e duração do treino das categorias de base coincidentes com os do alto rendimento, e técnicos focados nos resultados imediatos, pouco interessados na formação dos ginastas. Segundo os resultados encontrados pelos autores, o tempo de treino na categoria pré-infantil chega a 24 horas semanais e na categoria infantil, a 32 horas semanais.

Para Myer *et al.* (2015), o volume de treinamento para jovens acima de 16 horas semanais ou horas por semana de esportes organizados maiores que a idade do atleta, durante todo o ano (mais de oito meses por ano), a participação em mais competições e a diminuição do jogo apropriado à idade pode aumentar o risco de lesões graves e burnout, especialmente em esportes individuais que exigem o desenvolvimento precoce de habilidades técnicas.

Apesar de os entrevistados nesta pesquisa demonstrarem certa preocupação com a formação em longo prazo e o respeito ao desenvolvimento das atletas, a duração e os objetivos dos treinos ainda são similares aos encontrados pelos autores acima citados, com relatos de treinos em dois turnos ainda nas categorias de base : “Nós tínhamos dois turnos de treino, um de manhã e um à noite, então elas treinavam sete horas por dia. Era bem puxado. De segunda a sábado, às vezes no domingo...” (T12)

Esta característica da modalidade (exigência de muitas horas de dedicação) gera consequências na formação do indivíduo, como apontado pelo técnico T6, assim como também na tomada de decisão desta atleta sobre sua continuidade na modalidade. Além disso, Marques (2006) aponta que a criança que não dispõe de ao menos duas horas livres diariamente, pode tornar-se incapaz de encontrar formas de preencher esse tempo no momento em que não estiver mais no esporte, sofrendo sentimentos negativos advindos da ociosidade, o que também foi constatado por Schiavon (2009) ao analisar o encerramento da carreira desportiva das ginastas brasileiras que participaram dos Jogos Olímpicos (1980-2004) na GAF e Barker-Rucht e Schubring (2016), quando analisaram a vida de uma ginasta e todas as adequações necessárias em função da sua atuação na GAF.

Uma revisão sistemática realizada por Crane e Temple (2015), na qual foram avaliados 43 estudos sobre a desistência de crianças e jovens em esportes organizados, identificou no quadro de restrições interpessoais, destacadas como motivos para a desistência, em primeiro lugar, a pressão sofrida pelos atletas e, em segundo, outras prioridades sociais. Além disso, no quadro de restrições intrapessoais, os autores destacam a falta de prazer e a baixa percepção de competência física. Ou seja, crianças e jovens esportistas que terminam por desistir da modalidade praticada analisam sua dedicação ao esporte, as restrições que este causa em suas vidas, a cobrança que sofrem e sua realização na modalidade, tendo como resultado uma balança negativa em relação as suas motivações para permanecer no esporte.

Figura 15: Representação da balança dos fatores que influenciam a permanência ou não na prática esportiva.



Fonte: Crane; Temple (2015).

No entanto, o técnico T6, ao mesmo tempo em que relata suas observações sobre as consequências sociais e psíquicas do extensivo treinamento na GAF, mostra-se sem forças para intervir, ainda discordando da idade estabelecida pela FIG:

Por outro lado, também não vejo outro caminho. Não estou criticando os treinadores de juvenil e do adulto. Não tem outro caminho. Acho que, o que deveria acontecer, mas a gente não tem poder nenhum sobre isso, é a mudança dessas faixas etárias internacionais, [...] ser tudo mais tarde. Você dizer que a menina com 16 anos ela é adulta... Em termos ginásticos, você consegue construir isso. Você vai passando por essas etapas do programa de treinamento, [...] dá para você fazer essa construção, mas o emocional ou cognitivo não acompanha.

As categorias de base são o período no qual ocorre maior desenvolvimento técnico e físico das atletas. Nesta faixa etária, as meninas ainda apresentam o corpo com características infantis, sendo menores e mais leves, o que facilita o aprendizado das técnicas gímnicas. Além disso, por se encontrarem no início da

formação técnica, aprendem um grande número de elementos em pouco tempo. Ao final da categoria infantil, aproximadamente, as meninas entram na puberdade, sofrendo alterações físicas e psicológicas, as quais afetam seu desenvolvimento enquanto atleta e precisam de mais incentivo e atenção para continuar treinando. O técnico T11 destaca a importância de conquistar a menina neste período para a continuidade na modalidade e cita algumas dessas características:

As meninas até os doze anos, elas estão subindo, então elas aprendem muita coisa [...] já o juvenil, tem menina que aprendeu um elemento só [esse ano]. No adulto então, é muito mais complicado, porque assim, elas já começam a ter um nível técnico maior, então para conseguir um elemento é mais difícil porque a dificuldade daquele elemento é maior [...] Então é difícil lidar com isso, é mais pesada, tem que lidar com a balança. É aonde eu sinto que muita menina sai, dos 12 para os 13 anos porque já é adolescente, já se acha mocinha, na escola a amiguinha vai para o shopping, vai passear, vai namorar e aqui ela tem que vir treinar... Tem uma crise nesse período. Quando a menina passa, continua com 13, 14, vai, mas nesse período a gente perde muito.

Segundo Barker-Ruchti, *et al.* (2016), a puberdade é uma fase bastante difícil para as ginastas, principalmente devido às mudanças corporais e aos efeitos que estas causam no desempenho esportivo, quando seus corpos não se desenvolvem de acordo com os ideais específicos do esporte. No entanto, os autores relatam que uma vez ultrapassada esta fase, a ginasta consegue prolongar sua vida esportiva e melhorar com a idade. Assim como T11, outros técnicos também apontaram problemas com a desistência:

T1- a gente já fez *scout* de meninas campeãs do pré-infantil [...] 80% das meninas não chegam aos 13 anos, fazendo ginástica.

T2- até porque você vê crianças que são muito boas nas categorias de base, mas por qualquer motivo, depois não seguem no esporte.

T4- no pré-infantil e infantil, muitas não vão continuar. Você começa com um grupo de dez meninas, teve um grupo que eu comecei com seis meninas, ficaram duas [...] eu sei que não chega, vão mudando os objetivos, às vezes é o estudo, às vezes é a mãe que muda, às vezes não quer mais o alto rendimento, gosta do esporte, mas não quer mais treinar todos os dias, quer ter dias livres.

T13- geralmente as meninas que seguem essa carreira de entrar na equipezinha de treinamento do pré-infantil e do infantil, realmente são meninas que gostam. Geralmente as meninas que não gostam, que não se sentem a vontade com o treino... porque já começa uma pressão, né, então geralmente elas já não dão continuidade.

T14- tem crianças que não vão dar conta dessa pressão, [...] algumas crianças que não tem o mesmo resultado que a colega, acabam se frustrando, desistindo da modalidade.

O apoio dos técnicos pode ser especialmente importante durante períodos críticos, como a puberdade, quando as mudanças físicas, emocionais e sociais podem ter um impacto maior nas motivações dos atletas para a prática da ginástica (BARKER-RUCHTI, *et al.*, 2016; PEREIRA *et al.*, 2014b). Além disso, Pereira *et al.* (2014b) ressaltam a importância do apoio, incentivo e orientação dos técnicos aos atletas em relação aos resultados competitivos, pois estes se mostram como importantes fatores de estresse. Portanto, é essencial que os atletas recebam um treinamento estruturado, que possibilite a melhoria do seu nível de desempenho e a conquista de resultados, mas também precisam se divertir e aproveitar sua experiência esportiva, além de manter boas relações sociais.

4.4.1 A adaptação dos regulamentos para as categorias de base da GAF

Os regulamentos técnicos das competições de GAF são importantes instrumentos para o desenvolvimento da modalidade, assim como para orientação dos técnicos e ginastas. As competições alvo são postas como referência para o planejamento de todas as atividades a serem desenvolvidas dentro do ginásio. Como nas categorias de base as competições não se baseiam no CP, como ocorre nas categorias maiores, o regulamento técnico se torna o principal documento de referência para técnicos e ginastas, pois descreve todos os elementos obrigatórios, exigências dos aparelhos, forma de competição, premiação, enfim, absolutamente tudo que diz respeito àquela competição, como afirma T17: “o regulamento dá direção para gente trabalhar, então facilita muito. A gente monta todos os nossos planejamentos em cima das coisas a serem cumpridas do obrigatório”.

No entanto, grande parte dos técnicos apontaram problemas relacionados ao regulamento em vigor (2016), destacando questões referentes à longa permanência do regulamento; à evolução técnica dos elementos gímnicos; à avaliação; às exigências técnicas em cada categoria; à transição entre as categorias; e à estrutura da competição em níveis diferenciados.

Alguns técnicos destacaram em suas falas a questão da longa permanência deste regulamento, mesmo quando já haviam sido identificadas algumas falhas.

T14- a gente está com esse regulamento há tanto tempo, é difícil a gente poder imaginar uma coisa diferente.

T15- esse regulamento nacional que existe hoje (2016), ele foi feito [...] acho que em 1998. Não sei se ela fez em 1998 ou em 2000. Mas esse que existe hoje foi ela quem fez [...] nós ficamos 16 anos com exatamente a mesma série. E em 16 anos, não veio nenhuma medalha olímpica. A medalha de mundial foi da Daiane, da Jade, da Dani, da Laís, nenhuma dessas fez esse obrigatório. Então tem alguma coisa que está errado.

T16- acho que a gente está há muitos anos num sistema, que já identificamos muitas coisas não positivas.

Segundo a responsável pela elaboração do regulamento técnico nacional, os regulamentos são “montados” “visando à evolução técnica”.

RRT3- o que nós visamos sempre é de uma forma gradativa, progressiva, fazer um programa de desenvolvimento para que, quando chegar com idade mínima, pelo menos as ginastas estejam em condições de seguir o código de pontuação [...] Nós sempre temos que visualizar quais são os elementos básicos que são fundamentais e como eles devem ser realizados para que haja evolução, porque a ginástica é a busca da perfeição e da precisão. Então, nós temos que observar. E tudo que se faz tem que ser feito tecnicamente bem, desde o início da aprendizagem.

O que também ocorre em relação aos regulamentos estaduais, os quais são baseados nos nacionais, como relatado pelos RRT.

RRT4- os regulamentos são feitos com o objetivo de, dentro de cada faixa etária, estabelecer quais os elementos mais importantes para cada faixa etária, que possibilitem essas meninas atingirem o alto nível. Então você, nas categorias mais baixas, pré-infantil e infantil, põe elementos obrigatórios para que o programa dê uma diretriz de trabalho para os treinadores e já no infantil com elementos livres. O objetivo do regulamento é levar a criança a atingir o alto nível.

RRT1- os nosso regulamento da Federação são todos os “B”s. E tem uma ou outra adaptação no B, porque às vezes o B ainda está forte, então ainda tem alguma adaptação que a gente faz nesse regulamento para ela poder entrar no B a nível nacional, para depois passar para o A. [...] No mirim a gente tinha montado um regulamento de níveis, então nível 1, 2, 3, 4 e 5 sendo o nível mais difícil, com elementos básicos que a criança daquela idade tem que estar fazendo para que no pré-infantil ela já esteja pronta para fazer os elementos da competição a nível nacional.

RRT5- o campeonato estadual segue o padrão do campeonato brasileiro. Se tiver uma alteração no campeonato brasileiro nós acompanhamos as alterações. Por exemplo, eu pego o pré-infantil A. Essa é a série mais difícil, eu coloco dois subníveis de séries mais simples, de valores de dificuldade mais baixo para que crianças que ainda não tivessem atingido aquele nível em tal aparelho pudesse

participar. O treinador pode escolher. Às vezes a menina no salto pode fazer o salto mais difícil, mas na paralela faz a mais simples, a trave faz intermediária. Depende do nível de desenvolvimento. Foi uma forma que a gente decidiu fazer para que conseguisse mais crianças participar com mais segurança.

Para a elaboração do regulamento, são solicitadas sugestões dos técnicos que participam das competições na modalidade e realizadas reuniões com os mesmos, durante as competições, como explicado por T11, que também faz parte do comitê técnico nacional:

T11- nesse brasileiro infantil, a gente sentou, todos os técnicos deram opinião, agora a gente vai escrever os regulamentos, mudar algumas coisas que a gente acha melhor mudar para o ano que vem. Mas antes vem alguma coisa da UPAG, que é a União Pan-americana, a gente tem que ver como ficou o regulamento deles para gente já estar incluindo. E tem as mudanças do código, mas mudança do código não interfere muito nessas categorias, porque assim, pré-infantil e infantil, a gente vai trabalhar a base para conseguir os elementos mais difíceis lá na frente. Então não vai mudar muito [...] a base não muda.

A partir do regulamento, novas discussões são possibilitadas com o intuito de adequar as exigências do regulamento à realidade das atletas, como relatado pelos demais técnicos:

1- todo ano eu leio o regulamento inteiro, mesmo se não mudar, e mando um email deste tamanho com sugestões de mudança. Até que às vezes eu sou atendido.

T3- todos os anos a gente senta, todos os treinadores dos outros clubes e a gente faz sempre uma avaliação final do que está acontecendo. A dificuldade que a gente às vezes tem dentro do clube, outros tem em outros clubes também.

T4- todo campeonato nacional tem uma reunião de treinadores, tem uma reunião de arbitragem para discutir o que pode ser melhorado.

T15- ela faz reuniões técnicas a cada campeonato brasileiro, para falar de tendências, de regulamento...

Mesmo com o envolvimento dos técnicos que atuam na modalidade e da comissão técnica na elaboração dos regulamentos, problemas quanto à evolução técnica proposta pelos regulamentos nas categorias de base foram apontados por alguns técnicos:

T1- o regulamento do brasileiro é muito ruim. O salto, por exemplo, você faz o mesmo salto dos 8 aos 12 anos, só muda a altura da mesa. O que você está evoluindo? [...] Na paralela, [...] você ensina as coisas diferentes do que na paralela porque não tem a barra de

baixo. Eles colocam um negócio que te atrapalha. [...] Eles valorizam muito algumas coisas que não tem importância, desvalorizam coisas que tem importância.

T6- estamos numa discussão muito grande sobre se realmente o feminino está trabalhando de uma maneira certa utilizando esse tipo de regulamento, com certeza a gente tem alguma coisa que tem que ser melhorada nas paralelas, porque existem algumas posições corporais que são muito características desses regulamentos obrigatórios, que a criança fica quatro anos trabalhando com essas posturas corporais, e aí lá na frente, quando ela tem que trabalhar elementos livres que dependem de posturas diferentes, ela tem dificuldade porque ela está presa naquela postura.

T8- eu acho que não é um regulamento ruim, mas eu acho que existem coisas que devem ser adaptadas e mudadas com a evolução que houve na ginástica mundial, acho que o direcionamento para que isso melhore pode ser feito. O Brasil tem deficiência na paralela, então tem coisas na paralela que a gente já viu que esse processo ele já vem de um período extenso, então se esse encaminhamento do obrigatório fosse suficiente, eu acho que essa evolução já teria acontecido de certa maneira, não estaria num déficit tão grande.

Além disso, a forma de avaliação também foi questionada, já que a partir do momento que a atleta deixa de cumprir algum elemento obrigatório, ela perde a possibilidade de disputar a competição.

T1- se você não faz a série obrigatória, você perde 2 pontos. Se você tem uma menina que não faz, você perde a competição. O contrário a mesma coisa, [...] a gente já ganhou de equipes muito mais fortes que a nossa, meninas mais preparadas, meninas que treinam há mais tempo, menina fisicamente melhor, a gente ganha de 4 pontos, porque chega na paralela a menina não faz giro de costas, aí cada menina da equipe dela perde 2 pontos, chega no final a gente ganha de 4 pontos. A gente perdeu 3 pontos em 3 aparelhos, mas ganhou 6 pontos num aparelho só.

T3- às vezes você tem duas ou três atletas que não fazem o regulamento inteiro e você vai perder [...] aquela equipe que tem 4 meninas fazendo tudo, ganha, porque um exercício que você não faz, é um ponto que se perde, a sua equipe vai para o buraco.

T4- no feminino a partir do momento que você não faz o elemento, você já perde um ponto de omissão, então, além do valor do elemento, vamos dizer que vale meio ponto, ao invés de você perder só aquele meio ponto, não, você perde um ponto e meio. [...] Tem elemento que vale um ponto e meio, então se você deixa de fazer esse elemento, você já perde dois pontos e meio num elemento.

T8- talvez teu atleta tenha dificuldade em determinado aparelho e para transformar isso em pontos, é tão prejudicial que não compensa você participar do nível A, então você desce seu atleta de nível, de bloco e, nesse sentido, acho que os técnicos acabam se precipitando. Então, às vezes uma atleta poderia ser campeã

brasileira de trave e essa atleta vai e compete no B, porque ela não consegue fazer o salto. Se fosse mais brando o sistema de avaliação e se não fizesse uma diferença tão grande de pontos por causa de um ou dois elementos, essa atleta estaria melhor inserida dentro desse ambiente[...] Por exemplo, eu não sou técnico de ginástica, pego o regulamento e vou ler, vou começar a treinar ginástica, se eu quiser fazer um trabalho e quiser ganhar a competição, eu levo aquilo ali no matemático. É nítido, pode esquecer todos os aparelhos. Se você fizer uma série de paralela completa com 4 atletas, você pode entrar fazendo rodante flic no solo que você vai ganhar a competição.

T14- é super legal que tenha a série só na barra e ali é totalmente os básicos que tem que ser trabalhado, mas é uma série que não é fácil de fazer. Então, às vezes, a menina que faz, ela ganha muita nota, e aquela que não faz um elemento não tem nem condição de disputar com a outra. Então cria uma disparidade muito grande, porque se a menina não faz todos os elementos da série, ela perde exigência e ela perde mais um ponto por omissão de elemento. Então, só em números, tá, uma série completa vale 15, uma série sem tantas as exigências, vale nove, oito, então é impossível tirar a diferença.

O técnico T1 acrescenta que, desde que iniciou na GAF, ainda como estagiário, ao observar as competições da modalidade, sempre teve o seguinte pensamento, “todo mundo ruim de paralela. Quando eu tiver autonomia, eu vou treinar muito esse negócio aí”, pois percebia que a equipe que apresentasse um desempenho técnico um pouco melhor neste aparelho, devido a grande deficiência percebida na maior parte das apresentações e o que estava estabelecido no regulamento, certamente teria grande possibilidade de sucesso na competição.

Os regulamentos também foram apontados como muito exigentes do ponto de vista técnico, limitando excessivamente a participação nas competições. É fato que estamos discutindo sobre uma competição cujo objetivo é a formação de atletas para o alto rendimento esportivo, porém, esta discussão se dá nas categorias de base, fase de formação dessas atletas, quando seria mais interessante, tendo como princípio uma formação em longo prazo, ter uma base mais alargada em termos de possibilidades motoras.

T1- inventaram ainda a novidade agora o pré-infantil tem série livre, com regulamento que se você pega numa competição, nenhuma menina faz. É livre, tudo bem, você não precisa fazer, mas se ninguém faz, para que tem no regulamento? [...] Eu acho que deveria ser levada mais em consideração a realidade do que se faz. [...] numa competição que tem 30 meninas, você tem 5 fazendo, isso obrigatório, imagina o livre [...] eles fazem o regulamento para as exceções, eles não fazem o regulamento para regra.

T2- eu acho que para o pré-infantil e infantil poderia ser um regulamento mais simples, para poder abranger mais meninas. Eu não acho que as meninas daquela idade tem que necessariamente fazer aquilo para serem boas. Poderia ser uma coisa um pouco mais simples, e mesmo assim ser uma competição forte [...] eles querem colocar um regulamento super difícil achando que vai super desenvolver a ginástica no Brasil, mas eu acho que não é exatamente por aí, acaba limitando o número de participantes, porque se você não consegue fazer metade do regulamento, para quê você vai competir, acaba desestimulando.

T9- na primeira categoria, o pré-infantil, não deveria ter duas séries em cada aparelho, a série obrigatório e a livre, porque é muita coisa pra você trabalhar. Pra uma criança com 9, 10 anos, eu acho que, pra guardar na cabeça duas séries em cada aparelho, acaba não ajudando muito [...] no pré infantil não concordo com essa forma de competição.

T12- [...] tem muita acrobacia para essa faixa etária, que tinha que ser mais básico.

T14- eu acho que o regulamento induz o atleta para chegar ao alto rendimento, só que não são todos que são capazes de cumprir o regulamento. Não é um regulamento fácil [...] não concordo que na categoria pré-infantil tenha o campeonato livre. Eu não concordo com isso porque eu acho que elas são muito novas para ter que cumprir além dos regulamentos obrigatórios, ter que cumprir um monte de exigências livres. Eu já tive ginasta pré-infantil que cumpriu os dois, faziam, mas não são todas. Se você for pegar a grande maioria, elas não conseguem cumprir. As minhas alunas foram campeãs pré-infantil, campeã e vice no ano passado e esse ano elas foram campeã e vice do infantil. São duas meninas muito boas que eu tenho, mas elas são muito boas. Elas conseguem cumprir. O resto da equipe, não consegue. Então eu acho que a gente tem que pensar um pouco, ok, tem que valorizar os melhores, sim, mas e as que não conseguem fazer.

T16- são duas séries fechadas. Ou você faz ou você não faz. Ou você cumpre com aquilo para categoria, ou você, entre aspas, não é ginasta, você está fora.

Em relação ao regulamento estadual, T1 diz gostar das categorias menores, que precedem à categoria pré-infantil, pelas adequações que foram construídas em conjunto:

O regulamento do estadual a gente mudou muito. Pelo menos as categorias menores eu gosto, a gente foi construindo juntos. O salto, por exemplo, não é salto, é um educativo na verdade, mas na forma que a gente pensa a ginástica, era o que uma menina de 6, 7 anos deveria fazer bem para depois poder fazer o que uma pré-infantil tem que fazer bem. Não adianta naquela idade ela já estar fazendo o que eles queriam. Então do estadual do Rio a gente gosta bastante.

E aponta algumas críticas e sugestões de adequações para o regulamento nacional:

T1- [em relação ao regulamento] do brasileiro tenho muitas críticas, algumas coisas para mais, algumas coisas para menos, algumas coisas, mudar totalmente, mudar aparelho mesmo. No salto eu acho que tinha que saltar plano alto nas categorias de base, saltar com colchão na altura da mesa. Paralela que o obrigatório faz na barra fixa, não existe para mim, tinha que fazer na paralela, o aparelho que a gente vai fazer é paralela, então não adianta treinar num negócio diferente. Na trave podia ser um pouquinho mais baixa, a menina de 9 anos tem muito medo de fazer trave [...] acho que ia segurar muitas meninas na ginástica. Muita menina que sai da ginástica por causa de flic flic, ponte flic, não teria saído se pudesse fazer uma travinha de 70cm. Tem um projeto, não sei se é da Spieth, para alargar a trave na saída, fazer ela toda com 10cm e alargar na saída, porque as meninas erram muito o pé e dá medo pra caramba e é perigoso, se cai morre. Mas eles tem um projeto desse, já há dois três anos, tomara que um dia passe. Eu acho que não tinha problema nenhum.

Como dito anteriormente, os técnicos incluídos no estudo são os profissionais com os melhores resultados no Brasil. São aqueles que trabalham na formação dos atletas que estão compondo a seleção nacional nas diversas categorias. São estes profissionais que estão expondo a dificuldade de cumprir as exigências técnicas de um regulamento voltado para as categorias de base.

Como consequência da exigência técnica estabelecida nesses regulamentos, os técnicos apontam o problema do reduzido número de atletas presentes nas competições, o que contrasta com a grande participação nas competições cujo objetivo é a massificação.

T8- [...] o número de participantes no Brasil hoje, de atletas, não tenho esse cálculo, mas pode ter muitos atletas de base, porque que hoje quando você vai num campeonato brasileiro, você vê três equipes, duas equipes. Ou seja, o processo de rendimento, no meu ponto de vista, está errado. Se você tem uma base muito grande e no pré infantil, quando vai ingressar para o treinamento para ser competitivo, porque vai de dois milhões para trinta atletas? Alguma coisa está errada. Então não está existindo uma ligação para isso. E se você faz essa quebra já com 10 anos, você fez um processo de captação de talento tão absurdo que você vai iniciar com uma porcentagem que não vai terminar.

T11- no estado de São Paulo a gente tem muita criança participando. Se você vir a Liga, um monte de criança. Nos pré-infantis, no B e no C muita criança, no infantil B muita criança, chega no A pouquíssimas. Eu acho que o regulamento é muito forte. Então, para uma criança chegar ao A é difícil mesmo, geralmente só aquelas mais talentosas, ou então você arrisca por uma ou outra para tentar completar a equipe.

A RRT nacional também relata a questão do reduzido número de ginastas nas competições do Campeonato Brasileiro, relacionando à necessidade de muitas

horas de dedicação ao esporte para se alcançar o nível de exigência da competição, o que faz com que muitas crianças optem por outras atividades.

RRT3- existem muitas crianças praticando, muitas crianças participando das competições a nível escolar, mas a nível de federação e Confederação é bastante preocupante, principalmente essa parte básica né, de pré infantil e infantil, o pequeno número de participantes, né, que é através daí que nós vamos tirar as nossas seleções no futuro. O esporte de alto rendimento exige demais da criança e hoje as crianças têm muitas outras oportunidades, outras atividades e é muito difícil dedicar 4, 5, 6 horas do dia para buscar o alto rendimento futuro. É uma exigência muito grande que é necessário para conseguir esta evolução e não são todas as crianças e famílias que podem aceitar, porque nós não temos assim, quais são os benefícios para isso a não ser gostar, amar o esporte?

O que recai sobre o tema já discutido anteriormente.

Todos os técnicos entrevistados, ao falar sobre o regulamento técnico apontaram a dificuldade nacional de alcançar um melhor desenvolvimento na paralela, aparelho de maior dificuldade nas diversas categorias, afirmando ser necessário experimentar novas alternativas para tentar melhorar o trabalho neste aparelho, visto que o regulamento que está posto já vigora há algum tempo e até o momento não se mostrou eficaz neste sentido.

T8- o Brasil precisa melhorar, mas ele precisa ter gente para conseguir melhorar, não tem material humano treinando. Não tem material humano para chegar lá. Você pega no pré-infantil, ah precisa melhorar a paralela, sim, precisa melhorar a paralela, e como é que vai melhorar a paralela? Ah a gente coloca isso no obrigatório e o cara vai ter que treinar. Essa é uma linha de raciocínio, mas existe um tempo com essa linha de raciocínio. Ela funcionou? Não sei, as pessoas não estão chegando lá.

T11- mas se a gente nivelar por baixo, a gente já tem tanta deficiência na paralela lá fora, então isso preocupa, [...] mas o que fazer? Diminuir o nível técnico? Mas, e lá na frente? Se já é difícil, a gente já tem a paralela muito fraca, então a gente tem que pensar o que melhorar na paralela, o que fazer para não acontecer isso.

Além da dificuldade em desenvolver este aparelho especificamente, a estrutura do regulamento acaba reduzindo o desenvolvimento nos demais aparelhos em função deste, como afirma T4:

Porque às vezes você tem uma menina que faz três aparelhos muito bem, ela cumpre o A, mas, por exemplo, na paralela, ela é fraca de paralela, então, poxa ela vai para a competição e não vai cumprir nada, então eu vou colocar ela no B, vou facilitar três aparelhos e vou deixar um no nível médio [...] talvez se ela tivesse a oportunidade mais próxima da paralela e ela tivesse a motivação de ir no A, talvez

os outros aparelhos dela seriam melhor. Então, o benefício para a ginástica como um todo pode ser melhor, você vai incentivar as pessoas.

No entanto, alguns técnicos afirmam estar de acordo com o regulamento técnico, como T10 que diz que pelo fato de ele selecionar as crianças para treinarem em seu ginásio, os regulamentos se mostram de acordo com o trabalho desenvolvido para esta faixa etária.

T10- aqui a gente seleciona, então, a criança que é selecionada, ela é capaz de cumprir o regulamento estadual, nacional, internacional [...] Eu vejo muito [...] crianças que ficaram sem aptidão, ou se lesiona ou não chega aos 12 anos na forma física e técnica da forma que deveriam chegar, então esses regulamentos foram feitos para crianças que tem aptidão. [...] Os regulamentos estão bem adequados [...] e você mesmo pode adaptar, ao invés da sua prova sair de 14, faz uma prova saindo de 12, mas que seja mais limpa, que seja mais assertiva.

Outros técnicos também se mostraram satisfeitos com o regulamento técnico vigente:

T4- a gente tem um regulamento, é claro, sempre tem questões a serem melhoradas, mas acho que está de acordo com o que os treinadores têm a ensinar, ao que as crianças podem oferecer [...] eu acho que estão dentro da faixa etária.

T12- acho que ele é democrático, porque tem três categorias dentro do pré-infantil. Você tem três tipos de série dentro. Mesmo do pré-infantil A, você tem a série um, dois e três. Então você consegue, dentro da capacidade de cada criança, coloca-las. [...] Eu acho que é uma série interessante, assim, ela é condizente com a categoria. É que [...] nós brasileiros, a gente tem o costume [...] de sempre adaptar para o menos, ou para maioria [...] então, está muito difícil, [...] vamos diminuir. É diferente do pensar: não, vamos treinar mais, eu vou melhorar, vamos nos capacitar, vamos pesquisar... [...] Por que os EUA conseguem e o Brasil não consegue? Então, vamos adaptar para o menos. Não. Eu acho que o programa pré-infantil é um programa muito difícil, mas eu acho que se treinado adequadamente a gente chega. É possível chegar. Não é algo inacessível, eu acho que é bem possível. E aí a transição para os outros regulamentos eu acho que é bastante coerente.

Já T17 afirma adotar uma progressão pedagógica para desenvolver o trabalho na sua equipe, através da qual acredita atender as necessidades e respeitar a individualidade das suas atletas, permitindo o desenvolvimento das mesmas na modalidade, independente do regulamento que está em vigor.

T17- [...] independente do que eles estão pedindo de regulamento, a gente tem uma linha de trabalho que supre o que o regulamento

exige. As que não fazem é que não está na hora de fazer e as que fazem, não é por causa do regulamento, é porque a gente realmente já trabalha em função disso.

O técnico T12 lembra que o objetivo principal do regulamento técnico das categorias de base é a formação em longo prazo e acredita que o mesmo está de acordo com o objetivo estabelecido.

T12- o programa pré-infantil, ele não é feito para menina ser campeã pré-infantil, ele é feito para te dar base para que ela seja uma campeã adulta. Esse é meu pensamento. Eu não quero só imaginar que a menina seja campeã pré-infantil, e aí lá ela se lesiona, lá ela se arrebenta, lá ela se desestimula, treina demais e não chega onde tem que chegar. Então, se cada vez mais a gente entender que o pré-infantil é uma categoria de base e tem que trabalhar exercícios de base para chegar no infantil, para chegar no juvenil, para chegar no adulto, eu acho que é o caminho que o Brasil precisa. Mas eu acho que eles pensam isso. Não acho que não pensam, não. Eu acho que eles pensam e acho que o regulamento está próximo disso.

Além das exigências técnicas estabelecidas para esta faixa etária, outra questão apontada pelos técnicos entrevistados foi a dificuldade no momento de transição de uma categoria para outra, por existir uma distância muito grande entre os regulamentos.

T13- os regulamentos para as categorias de base não são ruins, mas acho que muitas coisas ainda fogem um pouco pela faixa etária porque o feminino é muito precoce [...] tem muitos elementos [...] que são muito complexos para elas. [...] Eu acho que a evolução do feminino é muito drástica, de uma categoria para outra eu acho que é muito [...] grande [...] poderia ter um meio termo. [...] fica um buraco.

Os técnicos apontam que pelo fato de haver um “degrau muito alto” entre as categorias do pré-infantil e infantil, torna-se necessário utilizar o nível B para suavizar esta transição, afirmando que “se você pular do A para o A, aí a criança tem que ser muito boa mesmo [...] agora se for pensar que da categoria A a gente vai passar pelo infantil B para depois chegar no infantil A, aí sim, aí tem uma coerência” (T13). No entanto, esses níveis diferenciados, A e B, são duas competições diferentes, pois não possuem qualquer relação. As atletas inscritas na competição no nível A, não competem com aquelas inscritas no nível B.

Segundo a RRT nacional, esta subdivisão foi criada para atender àquelas crianças que iniciam um pouco mais tarde na modalidade e que não tiveram condições de cumprir as exigências estabelecidas pelo nível A, podendo dessa maneira participar da competição no nível B, “o A é o nível real, e o B é para

incentivar” (RRT3). No trecho a seguir a RRT3 justifica a organização em níveis adotada no estado de São Paulo assim como nacionalmente (com apenas dois níveis, A e B) onde também é responsável:

RRT3- nós temos aqui em São Paulo para cada categoria, pré infantil, infantil, três níveis. Tem A, B e C. Porque o A é um nível top, o B é intermediário e o C, são as iniciantes. Depende do objetivo, [...] porque tem crianças que começam mais tarde e podem chegar lá, [...] mas ela não tem ainda nível nessa idade de seguir o regulamento top desta categoria. Então [...] as crianças que começaram mais tarde, elas conseguem ter essa possibilidade de evolução. Porque, se a gente deixar só um nível, fica muito desmotivante ou chocante, para uma criança que está iniciando. Parece até que ela tem que assinar que ela não tem capacidade, porque, realmente, naquela idade ela não está, mas nada pode garantir que ela não vá ultrapassar aquela que está na frente, por ela ter começado mais tarde. Por que realmente aqui, no Brasil, nós não conseguimos seguir esse tipo de programação de muitos países, onde com 5 anos a ginasta tem que ser capaz de..., com 6 anos tem que ser capaz de... Nós temos que pensar no tempo que a ginasta tem, na vontade, na disponibilidade que ela tem para ela poder se dedicar ao treinamento e passar os objetivos reais.

Mas é um programa que alguns técnicos afirmaram necessitar mudanças, como é o caso de T13, quando diz: “Eu não vejo uma progressão muito legal. Essa subdivisão para agregar atleta, realmente ela é muito boa, agora para fazer o plano de carreira, já é um pouquinho mais complicado”.

Outros técnicos não se colocaram satisfeitos com a subdivisão em níveis estabelecida pelos regulamentos, seja pela falta de identificação de um “campeão” estadual ou nacional, seja pela divisão da competição, instituindo duas competições independentes em um único evento.

T12- campeonato estadual e Campeonato Brasileiro são campeonatos únicos exclusivamente para descobrir a campeã estadual e campeã brasileira. E aí dentro disso tem a campeã A,B e C. E, às vezes, a quarta do A não ganha medalha e a primeira do C é campeã [...]eu acho que não é justo [...] a própria Confederação e a Federação Paulista, ela te dá outros campeonatos que você pode participar, então eu não tenho um nível para ir para o estadual, mas eu vou para o Paulo Pittiafucco¹⁹, vou para uma copa São Paulo. Mas, talvez eu não acho justo a campeã brasileira ser C, B e A, porque não tem comparação essa coisa, mas ainda assim ela é campeã brasileira.

T15- outra questão que eu não gosto é o pré A e pré B, infantil A e infantil B, juvenil A e juvenil B. Eu mesmo participei dos Bs. Claro, se

¹⁹ Competição realizada no estado de São Paulo, cujo objetivo é a disseminação da modalidade.

está ali, estrategicamente, naquele momento, eu vou usar. Porque que eu não vou usar? Mas eu sou contra. [...] Só pode existir um campeão brasileiro. Quem é a campeã brasileira, a do A ou a do B? Porque que eu não faço vários níveis e consigo concentrar essas meninas todas em uma equipe, ao invés de dividir? Aí, ficam duas equipes no A, que é o mais difícil, duas ou três no B. Não tem nem competitividade. Então, porque não juntar isso?

T8- deveria haver um esforço para fomentar o negócio, porque o número de participantes tinha que ser maior, a oportunidade para se fazer ginástica tinha que ser maior e que fosse feito um sistema de unificar essas coisas, não de ficar separando. Quando você separa por nível, por exemplo, uma criança sai ah, eu sou campeã estadual, aí sai outra, ah eu sou campeã estadual. Para mim, campeão estadual é um. Existe um campeão estadual [...]E cabe, dentro disso, fazer um regulamento onde seja competitivo ao mesmo tempo mais participativo, que você não exclua antes de começar a competição. Você tem com essa discrepância, você já classificou antes de competir. Se fosse livre, seria mais democrático, você poderia montar, mas não iria resolver o problema. Eu acho que as séries de uma maneira inteligente, as séries no meu ponto de vista, devem ser obrigatórias, só que com séries mais aproximadas, um maior número de séries para você poder aproximar mais uma série da outra e o técnico ter a opção de gradativamente ir aproximando mais dos melhores. [...] Aquele clube que não tem a infraestrutura para competir um brasileiro, você não vai excluir, você vai fazer para aquele clube, você não têm que excluir ninguém, mas cada um tem que pisar onde pode.

Tal crítica também foi feita por T3 ao comentar o regulamento estadual:

T3- do estadual eu discordo de algumas coisas [...] tem muitos níveis. Para poder massificar a ginástica eles criaram esse nível 6, 7, 8, nível nacional, então assim, todo mundo é campeão estadual no Rio [...] Para um estadual, tinha que ser a nível brasileiro. Mas a gente entende que o Rio de Janeiro não tem um monte de prefeitura com o nível da nossa aparelhagem, eu até entendo, mas é uma coisa que a gente estava querendo, que tivesse mais gente competindo entre a gente, mas não tem. [...] só elas competem com elas.

Alguns técnicos ao comentarem o assunto, fizeram uma comparação entre o formato dos regulamentos masculino e feminino, já que estes possuem estruturas bastante distintas. O regulamento masculino, apesar de oferecer a possibilidade de se optar por diferentes níveis de exigência técnica em cada aparelho, todos os atletas continuam disputando entre si, diferente do feminino, que ao fazer a opção por um nível, a atleta irá competir apenas com as atletas que também optaram pelo mesmo nível de dificuldade:

T3- Poderia ter mais adaptações para essas categorias. [...] O masculino tem, na mesma categoria, oito níveis de séries. Deu certo para eles e eu acho que a gente podia tentar fazer a mesma coisa.

[...] Nós temos dois regulamentos, ou você faz esse ou faz aquele, você não faz outro. Você tem uma competição A e uma B, ou você faz isso ou você faz aquilo. Porque às vezes você tem uma criança que faz naquele aparelho a série do A, mas não faz no outro, então você acaba levando ela na competição mais fácil porque você não tem ela completa em todos os aparelhos [...] então tem dois regulamentos, que podia estar em um só, fazer uma competição só, era uma competição grande, ia ter muitas crianças competindo, não ia ter essa divisão, porque o B é sempre muito cheio. [...] a gente está tentando ver se consegue fazer isso.

T4- Eu acho que os regulamentos estão de acordo sim, precisam ser melhorados, nós treinadores, estamos discutindo, quem sabe ano que vem a gente consiga mudar o regulamento de uma forma que a gente quer, não em nível de dificuldade ou facilitar, mas diferenciar um pouquinho mais. A gente quer montar alguns níveis de série. Hoje em dia a gente não tem muita opção de nível, ou é o A ou é o B, são dois níveis. A gente queria ter uma categoria só, tirar esse A e B e montar níveis de série, igual o masculino está fazendo.

T6- o masculino, no Brasil, criou um outro programa de treinamento, mais parecido com um programa americano que é um outro tipo de programa de desenvolvimento, que não tem essas séries obrigatórias. E o masculino do Brasil teve um crescimento, na última década, nos últimos 15 anos, muito grande.

T8- O masculino, eu acho que consegue fazer uma competição mais próxima entre os atletas, você acaba que dá chance para todo mundo. Por exemplo, se você não consegue fazer, se você tem um atleta naquela idade que tem uma deficiência em determinado aparelho, se você tem níveis diferentes, talvez naquele aparelho ele faça um nível um pouco mais baixo, não vai comprometer a competição dele. No feminino existe uma diferença de níveis. Eu acho assim, teria que se pensar mais o quanto você está investindo em determinado elemento e o quanto você está deixando de trazer benefício para a ginástica dentro daquilo.

T9- o masculino a gente tem vários tipos de séries, desde as mais simples até umas bem complexas e, de acordo com o nível da criança, você pode colocar ela com uma série um pouco mais difícil, um pouco mais fácil, bem mais fácil ou bem mais difícil. No feminino não acontece isso, é uma prova e assim, ou ela faz aquela prova ou ela é muito penalizada. Eu acho que deveria ter uma proximidade maior, como o masculino mesmo.

Todas as questões apresentadas reforçam a necessidade de se repensar os regulamentos técnicos da modalidade para que estes consigam atender melhor as necessidades pedagógicas da formação do atleta, possibilitando uma formação mais ampla e mais adequada à faixa etária, principalmente nas categorias de base.

Outra necessidade percebida é o reconhecimento da importância dos RRT na formação destes ginastas. São pessoas que possuem formação adequada para o

exercício da função, mas ainda não são valorizados, dedicando-se voluntariamente a este cargo, e, de certa forma, não dispendo do tempo que tais funções exigem.

RRT3- Nós somos ali, voluntários, [...] colaboradores, não estamos ganhando nada com isso. Se trabalha, se dedica por amor ao esporte, [...] as pessoas pensam que a gente tem alguma benefício, vantagem nenhuma. Eu estou aqui na ginástica há mais de 50 anos porque... eu realmente gosto da ginástica e isso aqui só me onera.

Apesar das necessidades de alterações já percebidas, a resistência pela mudança sempre foi muito grande, como apontado pelos técnicos:

T4- Os treinadores estão falando todos a mesma língua, mas infelizmente a coordenação não está falando a mesma língua que os treinadores. Então a gente não tem esse poder ainda, mas a gente está brigando.

T6- Então a gente está numa discussão muito grande sobre se realmente o feminino está trabalhando uma de uma maneira certa utilizando esse tipo de regulamento [...] teria que se repensar a estrutura da ginástica no país. Não é uma ação individual.

T9- Eu acho que são importantes, primordial que tenha adaptações para as categorias de base, mas acredito que muitas precisavam ser revistas.

T13- então eu acho que muita coisa eu mudaria, por exemplo, se eu tivesse esse poder.

T15- Faz muito tempo que eu venho propondo algumas coisas e, na verdade, [...] quem monta hoje os regulamentos, quem tem essa função [...] não aceita a sugestão.

Em 2015 a FIG publicou um manual do programa de desenvolvimento e competição por faixa etária, com o objetivo de servir como uma "receita" centrada no atleta para não especialistas e para federações que não possuem a experiência ou recursos para desenvolver seus próprios programas (FIG, 2015). Segundo a FIG, tal programa se destina a preparar ginastas das categorias de base de forma segura e sistemática para um alto desempenho, pensando na saúde das crianças antes da dificuldade, sendo a primeira vez que se tem um conjunto comum de regras de competição por faixa etária disponível mundialmente.

Este programa por faixa etária faz parte das mudanças que a FIG vem propondo à modalidade em função das frequentes críticas por parte das profissões médicas, educacionais e de mídia, que geralmente usam a ginástica como um exemplo de práticas de treinamento abusivas e excessivas e que a própria FIG reconhece que nem sempre estas críticas são infundadas.

Ao comparar os regulamentos nacionais das categorias pré-infantil e infantil com o programa por faixa etária apresentado pela FIG, pode-se constatar que algumas das críticas feitas pelos técnicos sobre as exigências dos regulamentos das competições dessas categorias foram entendidas pela FIG como coerentes, delimitando idades maiores para a execução de alguns elementos presentes nesses regulamentos e trazendo mais adaptações ao longo dos estágios iniciais de formação na GAF.

Em março de 2017 a CBG nomeou o técnico com os melhores resultados em Jogos Olímpicos do país como coordenador técnico das seleções brasileiras de GA, afirmando ter o objetivo de padronizar o trabalho desenvolvido nas modalidades masculina e feminina, trazendo um pouco da sistematização do masculino para o feminino e criando estratégias para tentar suprir as deficiências técnicas da modalidade, como é o caso das paralelas assimétricas (CBG, 2017).

Com este novo objetivo, os regulamentos técnicos sofreram mudanças consideráveis para o novo ciclo (2017-2020) que precisarão ser analisadas, mas, como já previsto pela técnica T15 quando afirmou ter proposto um novo regulamento ao comitê técnico nacional,

esse regulamento só vai vir a dar resultado daqui a oito anos. Porque as de 13 anos hoje, até podem chegar como as principais em 2020, mas elas já tiveram a sua formação baseada nesse regulamento. Então, a mudança de regulamento só vai dar resultados daqui a 8 anos, no mínimo. E é claro que terão ajustes a fazer, conforme tu vai trabalhando nele, tu vai percebendo as falhas.

4.4.2 A arbitragem e a formação da atleta de GAF

A arbitragem nas competições de GAF é outro fator que pode gerar diferentes possibilidades na formação da ginasta dependendo da forma de atuação. Os árbitros são responsáveis por avaliar os exercícios apresentados durante a competição, validando ou não os elementos que compõe as séries nos diversos aparelhos e realizando os descontos referentes às falhas de execução (técnicas e/ou artísticas) cometidas pela ginasta.

Os árbitros tem entre suas obrigações assistir ao treinamento de pódio da competição, momento em que as ginastas realizam o aquecimento e apresentam suas séries como deverá ocorrer durante a competição. Neste momento é comum

haver uma comunicação entre técnicos e árbitros com o intuito de esclarecer dúvidas em relação à validação ou não de algum elemento, ou mesmo quanto a problemas identificados na composição das séries. Esta comunicação apesar de não ser obrigatória, costuma ocorrer independentemente da faixa etária das atletas que irão competir.

RRT1- Eu instruo todos os árbitros para que se virem alguma coisa errada nos treinos, o árbitro tem como responsabilidade falar, ou me chamar, ou chamar o técnico e falar. Em qualquer nível técnico, qualquer faixa etária. Até nos campeonatos brasileiros têm esse tipo de orientação, “Olha, isso que ela está fazendo, não está valendo; Nessa sequência que ela fez, ela está desequilibrando, não vai valer”.

Nas competições voltadas para as categorias de base, a arbitragem geralmente possui algumas adaptações, quando comparada às competições adultas, quanto ao número de árbitros que deverão atuar em cada banca (aparelho). No entanto tais adaptações são feitas exclusivamente em função da redução dos custos da competição, não necessariamente havendo adaptações em função da idade das ginastas.

De acordo com os entrevistados, a arbitragem tem o mesmo padrão de atuação em quaisquer categorias etárias que estejam competindo, como relatado por T10 “é a mesma coisa. Em descontos é a mesma coisa. É igual. Desde a base até o alto nível, queda é queda” e por T11 “a forma de julgar é a mesma, a gente segue o código de pontuação”. No entanto, alguns técnicos entendem a arbitragem nas categorias de base ainda mais exigentes que nas categorias maiores:

T1- Como as séries obrigatórias são mais simples, [...] para você poder diferenciar uma da outra você tem que se atentar a detalhes que no adulto você não desconta mais [...] eu acho até interessante porque te obriga a ser mais caprichoso na série. [...] Então auxilia de certa forma na formação das meninas, porque tem que ter mais capricho, mas ao mesmo tempo, você tem que ser muito mais duro no treino.

T2- Às vezes elas são até mais rígidas nas categorias de base, pelos exercícios serem mais simples, elas acham que tem que ser mais perfeitos que nas categorias mais velhas. Não vejo nenhuma ação educativa da parte delas.

T8- De maneira geral, eu acho que eles são mais criteriosos com as categorias de base. Tudo bem que a série de um adulto envolve uma dificuldade muito maior, então acho que eles acabam relevando alguns detalhes que eles levam em consideração nas categorias de

base. Acho que existe uma cobrança, talvez excessiva nas categorias de base.

T9- Acredito que nas categorias de base a despontuação é mais severa, porque são elementos mais simples, então o nível de atenção dos árbitros é muito maior. É muito mais fácil você ver se a criança perdeu uma ponta de pé em um mortalzinho simples do que se ela faz um duplo com dupla. [...] Então, acredito que a arbitragem é um pouco mais severa nas categorias de base.

A avaliação das atletas pela arbitragem nas competições de GAF segue o que está estabelecido pelo CP, considerando as especificidades da competição, descritas no regulamento da mesma, para todas as categorias. A comunicação entre a arbitragem e os técnicos se faz bastante importante no sentido de orientar aqueles que ainda possuem dificuldade em visualizar a correta execução técnica dos elementos, assim como compreender as especificidades do regulamento e do CP, tão importantes para a montagem das séries.

Desde a iniciação, é muito importante para uma boa formação da atleta que os elementos sejam executados com a técnica correta evitando que a atleta apresente dificuldades na aprendizagem dos elementos mais complexos, posteriormente. Sendo assim, torna-se também compreensível a necessidade do rigor imposto pela arbitragem durante as competições, direcionando a formação das atletas para a correta execução dos movimentos, na tentativa de evitar que os técnicos “acelerem” o processo, incluindo em suas séries movimentos mais complexos e com menor qualidade técnica.

O rigor da arbitragem e o fato de se adotar os mesmos critérios, independentemente da faixa etária que está sendo avaliada, ainda permite que a pontuação alcançada pelas atletas seja real e de possível comparação com suas próprias notas ao longo do seu desenvolvimento (nas diversas categorias), podendo também ser utilizada como parâmetro para medir o progresso individual de cada atleta, assim como comparar com o desempenho estabelecido como meta em determinado período.

4.4.3 A competição por equipes na educação e formação da atleta de GAF

A GAF é um esporte com competições individuais e em equipe. A competição em equipe dá à modalidade a possibilidade de desenvolver a coletividade e a união

entre as atletas, como ressaltado pelos técnicos ao serem questionados sobre a importância da competição por equipe:

T1- É a coisa mais importante do mundo. [...] é um time, o esporte fica mais coletivo. É individual, mas fica mais coletivo, uma se doando pela outra e tal, brigando pelo próprio clube, acho bem legal.

T4- Uma ajudar a outra, elas mostrarem amizade, companheirismo, elas treinam todos os dia juntas, então, elas sabem, ah o que minha amiguinha gosta? [...] Então a amiguinha sabe, ela já chega e fala, não grita para mim que eu não gosto, ou grita para mim. Tem esse espírito de equipe é levar amizade, é questão de ajudar o próximo, ajudar o amigo, mesmo que ele seja melhor que eu ou ele seja inferior a mim, ajudar ele, querer que ele cresça junto comigo.

T17- Equipe é o contexto de união. [...] Então a gente consegue passar para elas o conceito de amizade, de respeito, de união, de companheirismo, através dessas competições por equipe.

Outros técnicos apontaram além dos aspectos educacionais e aquisição de valores, a questão da conquista coletiva, o que vai ao encontro da opinião de autores como Marques (1997) e Rost (1997), quando afirmam que as competições em equipe devem ser priorizadas em relação às individuais, principalmente quando se refere às categorias de base, por tornar possível que um número maior de atletas atinja situações de sucesso.

T5- Ah, é a principal que a gente pensa. Porque uma ajuda à outra, principalmente no sentido delas se ajudarem. Eu tenho algumas crianças que são muito individualistas e aí é onde ela tem que trabalhar por equipe, não pode pensar só nela. É lógico que tem o individual, tem os aparelhos que elas ganham e ficam felizes, mas a gente conta para equipe. Diz: olha, a equipe ganhou! Aí, sempre na equipe vai ter aquela que não vai ganhar e fica triste porque não ganhou, aí as amigas “não, você está na equipe, a sua nota entrou, não ganhou medalha, mas a sua nota foi importante”. É bem importante, o mais importante é a equipe.

Além disso, foi destacado o valor do trabalho em equipe para a determinação e continuidade das atletas na modalidade, para a evolução técnica e para o sentimento de pertencimento a um grupo, tão importante para a permanência no esporte, como constatado por Crane e Temple (2015).

T6- a competição nem é tão importante, mas o processo feito em equipe ele é muito mais saudável do que o processo feito individualmente, embora eu esteja na contramão da história, porque hoje o que a gente está observando é essa individualização do processo. Mas eu acho que treinador e ginastas, trabalhando juntos, formam um grupo muito forte. Se todos tiverem o mesmo objetivo e a mesma determinação, formam um grupo muito forte e um ajuda o

outro nos momentos das fraquezas, porque as fraquezas vão acontecer, com certeza. Então, eu entendo que o trabalho em equipe é muito importante.

T8- No meu ponto de vista é essencial. Acho que aqui as meninas escutam esse discurso sempre, eu falo para elas valorizarem porque, individualmente os resultados aparecem, mas elas chegaram onde chegaram porque começaram com uma equipe. A gente faz muito esforço para que essa seleção natural não seja tão rígida a ponto de desmanchar a equipe. A gente tenta a longevidade de todas atletas o maior tempo possível, porque a gente sabe que um talento depende de uma equipe. Desde quando elas eram pré-infantis, a equipe principal hoje é do juvenil, elas sempre escutaram isso, [...] o melhor resultado de uma atleta individual é o resultado da equipe toda, porque essa atleta, se tivesse começado sozinha dentro do ginásio, ela não iria chegar tão longe. E aí, hoje a gente conversa sobre isso com mais ênfase ainda, porque eu falo para elas que hoje a gente tem atleta na seleção brasileira juvenil, essa atleta não teria chegado se ela começasse no pré infantil sozinha, então todo o processo de equipe fez com que ela chegasse aqui. [...] Acho que o clima de uma equipe favorece uma ginasta talentosa, por exemplo, para ela chegar mais longe.

T11- Acho que a gente trabalha em grupo. Ensina a elas que não adianta ser uma menina boa e pronto, esqueço as outras. Eu falo para elas, uma tem ajudar a outra porque você pode ser a melhor, mas você depende da outra. A equipe não é a nota de uma só, é a nota de quatro meninas, então elas aprendem a trabalhar em grupo, aprende a torcer, na hora da competição estão lá de mãos dadas, rezando... eu não posso falar nada para quem está competindo, mas elas podem, então elas começam a gritar: força, continua, não para, sabe, elas começam a torcer pelas amigas que estão na trave.

T16- É um esporte individual, mas elas treinam juntas, né. A equipe te ensina coisas que se você treinar sozinha, você não tem. Eu estou falando de valores, eu estou falando de uma competição, uma concorrência positiva dentro do ginásio e na competição, eu estou concorrendo contra ela, mas ela tem que ir bem também, porque na equipe, ela faz parte da minha equipe. É muito bom você jogar isso com a atleta. Porque é uma concorrência boa dentro do ginásio, uma puxa a outra, ela fez, eu quero fazer. Isso só o treino em equipe te dá. E a competição em equipe te dá o outro lado, eu quero ser melhor que ela, mas eu quero que ela também vá bem. Eu quero ser melhor que ela pelos meus méritos. Mas ela tem que estar bem porque se não, eu também não ganho por equipe. Então, eu vejo a competição por equipe como uma estratégia para poder estimular isso nas meninas. E, claro, tem as questões de resultado para o clube, tem essas questões todas que a gente sabe, política e tudo. Mas em termos de formação da atleta, eu vejo dessa forma.

Apesar de muitos técnicos destacarem as possibilidades que a competição em equipe proporciona à educação e formação das atletas de GAF, alguns ainda

focam seus olhares nos resultados e às vezes, entendem a modalidade apenas como uma modalidade individual.

T2- No Brasil é o título mais importante, porque diz que dá o título para o seu clube ou para o seu ginásio, que é o melhor ginásio, que tem o maior número de meninas que conseguiu somar a pontuação mais alta. Então, no Brasil, é a competição mais importante.

T3- O clube precisa desse resultado. Por mais que a criança tem que se educar lá na frente. Mas o resultado por equipe é muito importante para o clube. O clube precisa desse resultado por equipe para gente conseguir um patrocínio, para gente conseguir recursos para continuar trazendo a ginástica para o clube e aí o clube precisa do resultado.

T10- É importante para o clube. A maior importância para você competir por equipe é título para o clube. Ainda mais no feminino não rola muito essa coisa de equipe. O treinamento é individual, elas sabem que o esporte é individual. É uma geração ou outra de crianças que você tem que são mais carinhosas umas com as outras e aí rola uma amizade ali naquele grupo, mas na hora de competir, a competição é individual. Para o clube é importante, e para o treinador.

T13- Eu acho que a ginástica é muito individual. Mas acho que a premiação em equipe te faz... trabalhar em equipe [...] eu acho que você medalhando por equipe faz com que exista uma união entre a sua equipe, entre as meninas, que elas estejam juntas, competindo juntas, uma dando força para outra, apoiando.

T14- a ginástica é um esporte que tem por equipe, mas é um esporte também muito individual. Então, conta lá quatro notas, para o treinador é importante que quatro meninas executem bem as séries [...] ganhar o título de campeão brasileiro por equipes é importante, porque mostra que você não é bom apenas com uma, mostra que você tem várias meninas, que você conseguiu formar várias atletas para estarem ali. Pensando assim como clube, eu acho que para o clube é muito importante.

Este direcionamento para os resultados demonstrado pelos técnicos ainda nas categorias de base é muito preocupante, pois como afirmam Marques e Oliveira (2002), “as vitórias das crianças e dos adolescentes serão importantes para os jovens atletas, mas não podem sê-los para os treinadores” (p.65) e clubes. Dessa forma não se deve ainda nesta fase pedir aos treinadores a vitória, pois o “tempo de formação é de preparação do futuro” (MARQUES; OLIVEIRA, 2002, p.65).

T12 ressalta a importância da competição por equipes, colocando esta como o segredo do sucesso na GA e explica sua opinião sobre o assunto:

Eu sempre foquei muito na competição por equipe. [...] O outro dia, que eram as competições individuais a gente brincava que era para

elas, assim, era uma conquista pessoal, de cada uma, o que cada uma pudesse fazer, mas a gente sempre trabalhou por equipe. A gente achava que era meio que o segredo do sucesso, para gente poder interagir, uma poder ajudar a outra, e ver que precisa da outra, eu preciso de você, eu preciso de você bem, eu preciso de você saudável, eu preciso de você disposta, você precisa de mim, e que sozinha a gente não vai a lugar nenhum. Isso no esporte, isso na vida. E a gente falava para elas, a gente precisa do grupo. Eu não quero olhar só para aquela estrela, e trabalhar com uma menina aqui. Não, a gente sempre pensou que o grupo é mais importante. Tanto que as principais conquistas que nós tivemos, as principais realizações que nós tivemos foram em equipe. Foram as campeãs das categorias e depois os individuais foram consequência, porque como a gente trabalhou bem isso, ela está bem e a ginástica, você compete por equipe e individual ao mesmo tempo, então se você está bem para sua equipe, você está bem para você mesma. Se você faz o melhor para sua equipe, você faz o melhor para você mesma. Então era mais ou menos esse pensamento que a gente tinha. E a gente sempre trabalhou assim. E eu acho que a competição por equipe te traz esse lado mais humano da coisa, que às vezes, o esporte fica frio, pensando em você, minha meta, meu objetivo, eu, eu, eu, eu, e a equipe te traz esse calor, assim. Acho importante.

Já T14 levanta questionamentos sobre a real importância deste tipo de competição numa modalidade individual, já que um resultado individual, para ela, possui o mesmo valor que uma medalha conquistada pela equipe.

T14- O que é mais importante, o resultado Brasil campeão olímpico por equipe ou Brasil campeão olímpico individual? Eu me questiono o que é o mais importante? Que nem, o Arthur ganhou uma medalha, a medalha dele vai contar tanto como uma medalha por equipe, né? Não faz diferença. Para o clube faz diferença.

Para a RRT nacional, a competição por equipe tem a função de “valorizar a entidade que trabalha”, que tem maior número de atletas, que consegue atingir o nível técnico exigido pela competição com um grupo maior de atletas, e não as entidades com apenas uma ginasta que se destaque individualmente. E explica:

Existe uma polêmica muito grande de divergências de ideias em relação à quantidade de ginastas por equipe. E por enquanto, a nível estadual, nós sempre usamos o sistema 6x6x4. São seis ginastas a equipe, as seis competem e vale as 4 melhores notas. Na CBG, hoje, nós estamos fazendo esse sistema, mas já tivemos que diminuir para três, no sistema 6x6x3. E eu sempre defendi e muitas pessoas continuam defendendo, porque nós não podemos pensar apenas em valorizar o clube que tem dois, três grandes talentos, e sim quem trabalha mais. [...] é um pouco desagradável porque os técnicos pensam somente naquele momento, eles não pensam no todo. E a gente está como dirigente, nós estamos pensando qual é o objetivo. Se a gente começa com três, com o que nós vamos chegar?

Outro ponto importante comentado pelos entrevistados é a forma de entender o esporte e torcer pela vitória. Na GA não ocorre o confronto direto, como nas demais modalidades esportivas. Além de ser um esporte individual, o qual possibilita aos seus competidores ter um parâmetro de referência para comparação com o seu próprio desempenho, ou seja, antes de competir com o outro, ele compete consigo mesmo, a execução dos atletas ocorre em momentos diferentes (o que também acontece nas provas de campo do atletismo). Dessa forma, a torcida se move sempre a favor do atleta que está se apresentando. Não é comum na ginástica torcer para que o outro não tenha um bom desempenho, como explica T11, o que favorece a educação e a aquisição de valores como o respeito, a ética, dentre outros.

T11- E eu vejo que a ginástica é assim, elas não torcem só para o grupo delas. Elas fazem amizade com as meninas de outros estados, de outras competições, de outras equipes, que às vezes elas estão no individual e estão com outras misturadas, então elas acabam fazendo amizade. Uma torce pela outra. Não vejo ninguém ali torcendo, ai, tomara que ela caia. Não, isso acontece às vezes na arquibancada, entre os pais. Mas entre elas, elas são unidas, é um esporte de união e a gente ensina, eu não quero que você ganhe porque a outra errou, eu quero que você ganhe porque mereceu ganhar porque você competiu bem e não em cima do erro daquela menina que é boa e errou. Então a gente ensina a elas isso também. Eu vejo na ginástica, até campeonato adulto, nível internacional, elas são unidas, elas torcem uma pela outra. Eu fui para olimpíada e fiquei um pouco chocada. Nós fomos ao polo aquático, eles vaiavam. Na ginástica você não vê o pessoal vaiar, e se tiver alguém vaiando, quem é do meio vai lá e fala, oh, fica quieto! Briga com aquela pessoa que está vaiando, porque não é da modalidade fazer isso. Eu lembro no Pan-americano, que foi no Rio (2007), o Oscar Schimit começou a vaiar, aí todo mundo comentou, foi gente lá falar, não pode fazer isso no meio da ginástica, não é que nem no basquete.

4.4.4 Especialização da competição na GAF

A GAF possui competições diversas para atender aos diferentes objetivos, como a prática enquanto atividade física, a massificação da modalidade, a iniciação esportiva e também a busca pelo alto rendimento. É comum as meninas ingressarem na GAF com cerca de quatro anos de idade e ao longo da sua formação, elas participam de diversas competições, como afirma T12: “entrou na ginástica, ela vai ter sempre alguma coisinha para participar, em cada nível,

respeitando cada fase, cada faixa etária, dentro disso a gente consegue levar até o adulto”.

Os festivais, por serem eventos bem simples, com estrutura e organização bastante distintas dos eventos oficiais, muitas vezes são realizados por uma escola ou clube e não constam no calendário oficial das federações. Estes festivais abrangem todas as faixas etárias a partir dos três anos de idade. Não possuem caráter competitivo e atendem principalmente à iniciação esportiva e ao público que pratica a modalidade como atividade física. O T9 explica a importância dessas competições na formação das atletas:

É importante para a adaptação delas, para elas verem os aparelhos, sentir os aparelhos, porque, para mim, o ginásio de ginástica para essa idade, [...] até uns 9, 10 anos, é um parque de diversão. Eles querem brincar, eles querem subir nos aparelhos. Se você pega eles com 10 anos, 9 anos, ou 8, que seja, eles também querem fazer isso, mas se eles já passaram por isso com 5, 6, 7 anos, quando chega com 8, já não é assim uma coisa tão diferente. Eles ainda querem brincar, mas já passaram por tudo, então a vontade deles não é tanta assim, não é uma coisa tão nova para eles, então facilita, a concentração eu acho que é bem melhor.

T14 destaca a importância dos festivais em relação à motivação para a prática da modalidade, servindo como objetivo para a mesma:

T14- elas participam de apresentações, eventos, tem o festival de estreantes que tem a categoria, que vai lá todo mundo e apresenta série todo mundo igual, com regulamento bem simples, não é uma competição, é uma participação. E tem alguns circuitos babies, que elas passam, fazendo elementos muito simples. [...] é interessante, porque [...] tem esse momento que ela pode se demonstrar para o público, para a família, para os pais.

As federações estaduais incluídas no estudo, com exceção da federação do estado de Minas Gerais, possuem em seus calendários de eventos as copas de ginástica, sejam estas escolares ou abertas, que apesar de terem caráter competitivo, o principal objetivo é a massificação da modalidade e a iniciação esportiva, introduzindo as atletas nas competições esportivas, como afirma o texto contido no regulamento da Federação Paulista: “A Copa São Paulo é uma competição que tem como objetivo massificar a participação visando o nível de desenvolvimento das ginastas independente da faixa etária” (FPG, 2015).

A Federação Mineira de Ginástica (FMG) realiza o Torneio Estadual de GA com objetivos semelhantes:

Proporcionar aos iniciantes na prática da Ginástica Artística uma avaliação, a fim de que possam demonstrar suas potencialidades, fornecendo ao técnico, informações úteis para o seu planejamento. Por outro lado, objetiva motivar as crianças para a prática da ginástica; Promover um conagraçamento entre os participantes, em um ambiente de camaradagem, que proporcione às ginastas, técnicos e dirigentes uma oportunidade de intercâmbio; Difundir a Ginástica Artística como um esporte de imensa beleza, que proporcione aos seus participantes um desenvolvimento corporal e mental sadio (FMG, 2015).

Além das copas realizadas pelas federações, algumas entidades que desenvolvem a modalidade também realizam o seu próprio evento, permitindo a participação de outras entidades que tenham interesse. Tais eventos, dependendo do estado, são chancelados pela federação estadual e inseridos no calendário da mesma.

T15- Nós fazemos uma copa aqui, normalmente no mês de julho, então elas participam da nossa copa [...] Na nossa copa a gente tem regulamento que para elas é um regulamento construtivo, e não simplesmente qualquer coisa que elas vão lá e fazem. Na verdade a gente já trabalha com elas dentro desse regulamento. E esse regulamento, nós criamos, ele é baseado nos dez níveis dos Estados Unidos, então ele é crescente e a federação, eu tentei também colocar dentro, mas os interesses dos clubes da federação são muito diferentes.

No estado de São Paulo existe a Liga Intermunicipal de Ginástica Olímpica, que realiza competições de GA de forma independente à FPG. Tais competições foram citadas por 72% dos técnicos entrevistados, porém não constam no calendário da federação estadual. Devido à relevância dada à Liga, buscamos entender um pouco mais sobre a mesma, considerando a relação de um dos técnicos entrevistados com esta entidade:

T6- A liga é uma entidade que surgiu 25 anos atrás. Uma das poucas entidades no Brasil que surgiu de baixo para cima, em que treinadores de clubes pequenos se reuniram para fazer regulamentos adequados as suas condições estruturais e técnicas. Temos assembleias em que todos podem opinar e votar sobre todos os temas, independente de nível técnico ou tempo na área. Possibilita uma experiência democrática da modalidade. Enfim é um filho de que me orgulho muito, mas sua história é muito longa e com muitos capítulos, em que muitas pessoas ajudaram a construir esta entidade. Hoje tem mais de 50 filiados e realiza competições em que todos tem igualdade de condições, com taxas baixas para participação, avaliação com a participação de árbitros internacionais e alta competitividade para todos os níveis estruturais e técnicos em que ginastas de clubes pequenos tem a possibilidade de competir no mesmo dia de ginastas da seleção brasileira, mas que terá a

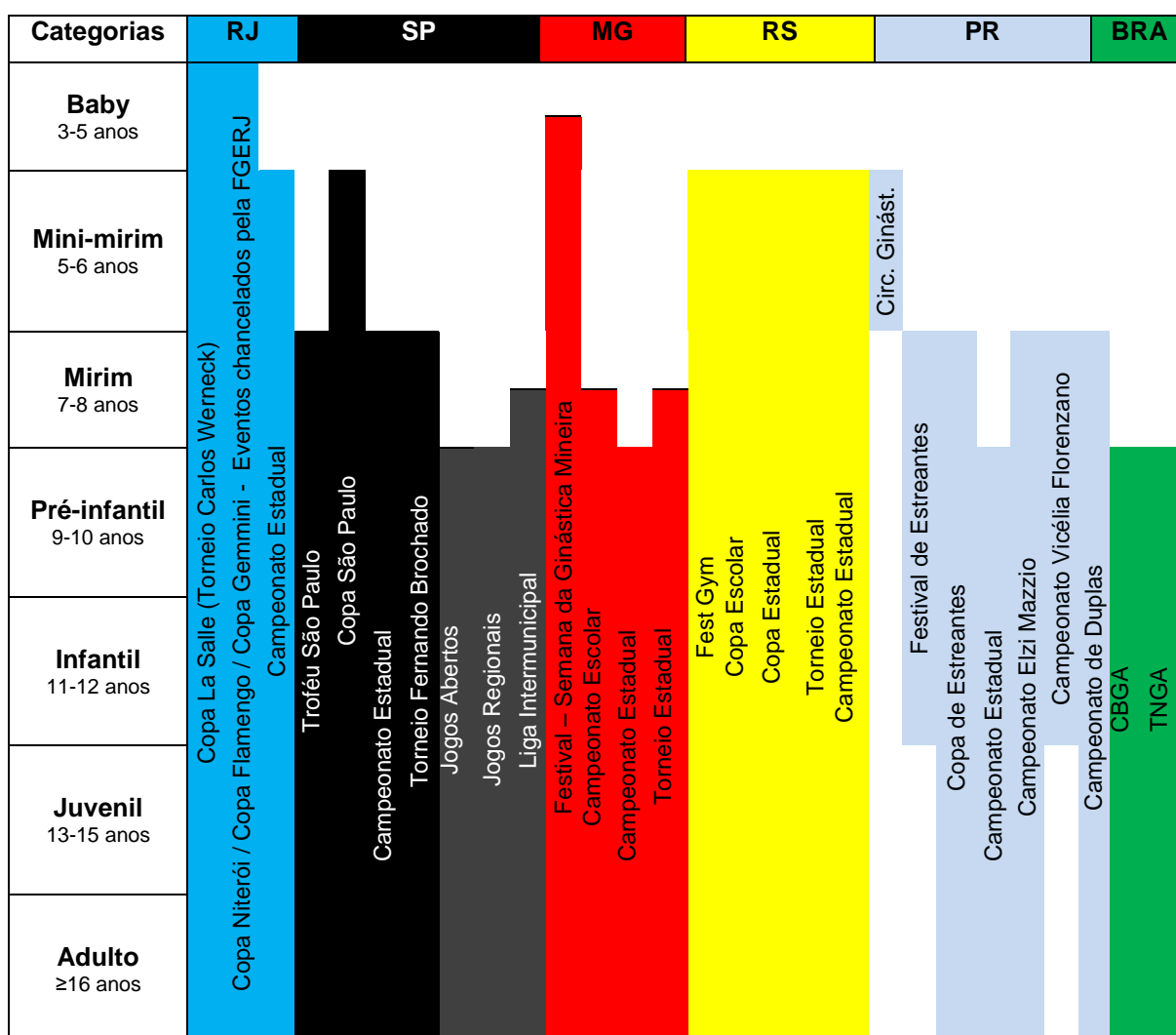
possibilidade de competitividade, pois são separados através de grupos. Os grupos são compostos de clubes e ginastas com níveis técnicos e estruturais semelhantes, e as premiações são feitas para cada grupo. Como disse Chacrinha, parafraseando Lavoisier, "nada se cria, tudo se copia", o futebol tem esta possibilidade de grupos e divisões por nível técnico e estrutural. Tentamos possibilitar um caminho em que o ginasta seja incentivado a progressão através das conquistas, aumentando a ambição de melhora a cada evento. Mas, talvez o principal seja entender, como disse José Roberto Guimarães, 'o atleta brasileiro tem que aprender ganhando', e que frases como 'hoje você não conquistou medalhas, mas ganhou experiência', ditas antigamente, muitas vezes fazem com que o atleta faça uma carreira inteira e no final tenha ganho apenas experiência, ou pior ainda desista por que não tem a motivação para continuar treinando muito e ganhando apenas experiência.

Esta competição em particular nos despertou a atenção principalmente pelo fato de alguns técnicos a destacarem como uma competição mais adequada à participação infantil, promovendo maior número de vencedores, o que desperta a necessidade de uma investigação mais aprofundada.

Com o objetivo de "proporcionar aos praticantes da Ginástica Artística uma atividade competitiva, a fim de que possam demonstrar suas potencialidades e encontrar motivação para continuarem na prática da mesma" (FMG, 2015) e "dar as diretrizes das exigências técnicas, orientando e esclarecendo os treinadores, ginastas e todos os interessados no Regulamento Técnico nas diferentes categorias" (FPG, 2015), as federações estaduais realizam os campeonatos estaduais, competição presente no planejamento de todos os atletas que buscam o alto rendimento esportivo.

T3- Aqui no Rio de Janeiro, a partir dos cinco anos a criança já participa do estadual na categoria mirim. Nós temos uma competição, que é o Torneio Carlos Werneck, é um torneio de 4 aparelhos, e as crianças já começam a competir 4 aparelhos nesses torneozinhos. Não saem do estado porque não tem como a gente competir em outro torneio. Até existem outros lugares para competir, mas como no Flamengo a gente vive de projetos e o projeto é só anual, a gente dá prioridade aos brasileiros.

Figura 16: Competições de GAF nas federações analisadas



■ Competições de GAF realizadas no estado de SP, não vinculadas à FPG. Fonte: Autora

Dentro dessas possibilidades competitivas, os técnicos, atletas e dirigentes definem as competições das quais irão participar de acordo com os seus objetivos e desenvolvimento técnico da atleta. No entanto, ao serem questionados, os técnicos afirmaram não haver uma progressão / especialização de competições estabelecida, esta definição fica a critério de cada clube, de acordo com suas necessidades e possibilidades, como explica T2: “Depende do treinador, porque qualquer um pode, teoricamente, ir para o campeonato que quiser, não tem nenhuma restrição. Vai mais do interesse e do objetivo do treinador”, o que T4 completa: “A única exigência que tem é que o clube participe do campeonato estadual para ir para o campeonato nacional”. No mesmo sentido, T8 reforça: “Não tem problema nenhum em pular etapa ou segurar mais tempo em uma etapa. Acho que vai depender da evolução da tua equipe ou da evolução da própria criança”.

Em função do grande número de competições realizadas no estado de São Paulo, alguns técnicos explicaram como organizam a participação das suas atletas nas diversas competições:

T4- Eu monto conforme os níveis [...] aqui em São Paulo, tem o troféu SP que ele é um festival, então as crianças vão para o Troféu SP, que tem o nível C, B e A, quando a criança já está no nível A, eu já sei que eu posso ir para um estadual C, que ela já tem a idade e o nível do C. Do C ela vai para o B, do B ela vai para o A, às vezes ela pula etapa, porque ela melhorou muito, às vezes tem criança que nem passou pelo C, foi direto para o B, [...] e assim vai. Eu sigo muito os regulamentos que tem no estado, acho que o estado de SP tem muita competição, a gente tem várias competições durante o ano, tem uma liga do interior, tem os jogos regionais e jogos abertos, campeonato brasileiro pré-infantil, campeonato brasileiro infantil, livre, adulto, então a gente vai jogando. [...] eu vou vendo qual é o meu objetivo final e eu vou trabalhando escadinha até chegar meu objetivo final por competições do estado.

T8- Existe uma escadinha. Dentro do nosso projeto, todas passaram por festival, competições municipais, escolares, até chegar em competições da liga, que aqui em São Paulo tem liga do interior que corre paralelo à Federação Paulista, normalmente a gente começa a ingressar nessa liga também, que é um pouco mais informal, aí entra para campeonato da federação e conseqüentemente chego nos brasileiros.

T13- Aqui em São Paulo, geralmente, a primeira competição sempre é o troféu São Paulo, que é da federação. Então a primeira competiçãozinha é o troféu São Paulo, que é uma massificação, [...] é uma introdução à competição para criança, [...] depois vem a Copa São Paulo, [...] depois vem os estaduais e, depois dos estaduais já vem os brasileiros. [...] Tem uma liga paralela à federação paulista, que aí a gente costuma usar bastante também como adaptação anual, geralmente a primeira competição que a gente [...] vai é essa liga, a gente costuma levar as meninas para inaugurar o ano, digamos assim.

E apesar de 2016 ter sido um ano de bastante investimento no esporte, os recursos não chegaram às categorias de base da GAF, motivo pelo qual 80% dos entrevistados, em algum momento, relatou dificuldade na execução de um planejamento mais adequado em função da falta de verba. T9 explicou algumas estratégias adotadas para contornar a situação em relação à participação nas competições:

Às vezes elas pulam umas fases, no meu caso, pela falta de verba, se eu não tenho verba para participar do festival, de uma liga para depois ir para o estadual, então vai direto para o estadual. A mesma coisa para os jogos regionais. Essa liga tem o regulamento parecido com os jogos regionais, então, se eu consigo participar dessa liga

antes, eu participo, se não... A gente foca assim, o objetivo principal é o brasileiro, que normalmente dá vaga para o sul americano, então tem que ir para o brasileiro. Mas para participar do brasileiro, você tem que participar do estadual, então qual é o objetivo? Estadual e brasileiro. Se eu vejo que não tem o nível suficiente para ir para o brasileiro, então foca no estadual. E assim a gente vai priorizando de acordo com a verba, não pelo que é mais indicado para os atletas.

Nos demais estados, por ter menos competições, as participações acabam sendo menores, como explica T1: “aqui, o estadual é no final do ano e é uma competição fraca porque não tem muitos clubes. Então só tem o brasileiro, se não pegar seleção, é a única competição importante do ano”.

Para Lima (1987), nessa faixa etária, as competições devem ter um contexto de participação e favorecer o desenvolvimento da personalidade e das capacidades da criança, contribuindo para a formação de qualidades como perseverança, decisão, disciplina, autodomínio (GONÇALVES, 2018). Para Quina (2003), medidas como simplificar as regras, adaptar dimensões, dentre outras, aplicadas com o intuito de favorecer o sucesso, são capazes de atender o pilar relativo aos gostos, motivações e interesses da criança, incentivando a continuidade da mesma no esporte.

4.4.5 Forma e Conteúdo das competições de GAF

De acordo com Marques e Oliveira (2002), é o sistema de competições o cerne que diferencia o esporte dos mais jovens do modelo adulto. As competições realizadas para os atletas em formação devem ser coerentes aos objetivos, métodos e conteúdos presentes no treino. Os autores acima citados afirmam que as competições organizadas, como aquelas realizadas pelas federações estaduais, só são recomendadas a partir dos 11 anos de idade, quando as crianças estariam preparadas para as exigências destas competições quanto às habilidades, a compreensão das relações sociais e da vivência da vitória e da derrota.

A análise das competições realizadas pelas diversas federações presentes no estudo mostrou que a partir dos cinco anos de idade as competições na modalidade já acontecem aos moldes das competições dos mais velhos. O Campeonato Estadual, competição de maior importância em nível estadual para atletas das diversas categorias, tem a participação de crianças a partir dos cinco anos de idade

nos estados do RJ e RS, adotando o mesmo formato de competição, apesar de apresentarem adaptações específicas quanto às exigências técnicas para cada categoria. As demais federações analisadas (SP, MG e PR) têm seus campeonatos estaduais direcionados para as mesmas categorias adotadas no CBGA.

As competições de GAF não tem seu formato diferenciado em função da faixa etária, como relatam os RRT: “Sim, é a mesma coisa, tu vais entrar e vais fazer dois saltos, uma série de trave, uma série de paralela e uma série de solo, cada um com o seu regulamento devido a tua categoria” (RRT1).

RRT3- O formato em si, é a mesma coisa. Em termos de aparelhagem, o sistema, o formato. Só a parte da tecnologia que nós estamos bastante atrasados. Porque no adulto [...] é tudo informatizado, mas nas demais categorias, é tudo manual e temos grandes problemas. Mas a diferença é só essa.

No modelo de competição de GAF adulto, as atletas participam primeiramente da C-I (classificatória). A partir do desempenho conseguido nesta competição, ela será ou não classificada para as finais (C-II, C-III e C-IV). Dessa forma, a atleta classificada para as finais deverá se apresentar novamente em cada final que tenha sido classificada. Contudo, sua classificação para as três possíveis finais depende de uma única apresentação, a C-I. Este formato de competição seria comparável ao sistema de eliminatória simples no esporte coletivo, apresentando pontos negativos semelhantes, como a eliminação da atleta na primeira disputa. Na GA, a este ponto negativo, acrescenta-se ainda o agravante de ser uma disputa individual, quando não há colegas de equipe para dividir o estresse gerado pela competição (BOMPA, 2002).

O modelo acima descrito é classificado por Quina (2003) como um modelo perverso: por proporcionar aos poucos que são classificados para as finais “muitas e ricas oportunidades de progresso” e aos muitos que não conseguiram alcançar a pontuação necessária para seguir na competição, “poucas oportunidades de progresso”; por promover uma preocupação excessiva com a vitória, por ser a única forma de se manter na competição; por, enfim, conduzir, principalmente aqueles que não conseguem a classificação para as fases posteriores da competição, ao abandono da modalidade esportiva.

Esta situação é amenizada nas competições das categorias de base do CBGA à medida que o regulamento da competição para estas categorias estabelece a participação de todas as atletas nos dois dias de competição (no primeiro dia com

as séries obrigatórias e, no segundo, com as séries livres), sendo o resultado calculado a partir do somatório obtido nos dois dias de competição.

Essas adaptações nas regras são importantes para que todas as atletas sigam um programa de desenvolvimento técnico nacional e que seja ampliada a variedade de elementos desenvolvidos nesta etapa, considerando que os resultados se dão pelo somatório dos programas obrigatório e livre. O fato de todas as atletas participarem dos dois dias de competição, não tendo o primeiro dia como uma competição classificatória, também vai ao encontro do que Marques (2004) defende, tornando a competição mais adequada à faixa etária. No entanto, grande parte dos técnicos discorda dos programas estabelecidos quanto ao conteúdo dos mesmos, como discutido anteriormente.

O modelo adulto de competição de GAF descrito também é utilizado nas competições estaduais, inclusive nas categorias de base. No entanto, sofre algumas alterações. Em São Paulo, “são só dois dias de competição, um é classificatório e o outro dia é a final” (T10). Nesse caso, o modelo adotado nas categorias estudadas (até 12 anos de idade) se apresenta igual ao modelo adulto, onde a única diferença é que as C-I e C-IV ocorrem na mesma apresentação, no primeiro dia, e C-II e C-III, ocorrem no 2º dia da competição, com o mesmo número de atletas classificadas estabelecidos no modelo adulto, 24 para C-II e 8 por aparelho na C-III.

Nos demais estados analisados (RS, RJ, MG e PR), em função da disponibilidade de recursos e número de ginastas participantes, também são feitas algumas adaptações em relação ao período de competição, sendo este reduzido a um único dia, como explica a RRT1 quando questionada sobre a similaridade entre as competições de GAF nas diferentes categorias:

A partir deste ano, nós teremos o mesmo conteúdo e a mesma premiação do Brasileiro, [...] a única diferença é que na CBG, tem dois ou três dias de competição e nós, no estadual, fazemos tudo em um único dia, nós não temos atletas e dinheiro para estender por mais dias. Então, em um dia sai o campeão por aparelho, o campeão do individual geral e equipe, em uma única apresentação.

Este formato de competição adotado nas competições estaduais é vista com naturalidade entre os técnicos que atuam na modalidade, como afirma T1: “É isso que a gente tem que trabalhar nelas desde sempre, é uma chance. Não importa, pode fazer mil no ginásio, na hora de apresentar, é uma chance. Elas estão sendo preparadas desde que elas entram na ginástica, não tem jeito”.

Algumas diferenças entre as competições para as categorias de base e as competições adultas são apontadas por T9 aponta:

O tempo de recuperação de uma criança é muito menor do que do adulto, então, campeonato brasileiro adulto, tem a classificatória num dia, eles tem um dia de descanso e depois final de equipes e final de aparelhos. Nas categorias de base, são 4 aparelhos num dia, 4 aparelhos no outro. Soma a nota do primeiro dia com a nota do segundo dia para ter o resultado. Enquanto na categoria juvenil e adulto não. Você competiu o primeiro dia, foi para final, são só as oito que vão para a final [...] Na base, todas participam de todas as provas dos dois dias. No salto às vezes tem a média, daí conta os dois saltos, é a média dos dois saltos, sendo que no juvenil e adulto, só conta os dois saltos se você quiser disputar a medalha de salto, não para equipe ou individual geral. Então tem essa diferença. E assim, no infantil, [...] no primeiro dia, são dois saltos diferentes obrigatórios e no segundo dia é livre, elas podem repetir o salto e conta a nota do melhor [...]. Então conta a média do primeiro dia e a melhor nota do segundo dia. E nos aparelhos a mesma coisa, conta a soma dos dois dias. Paralela é o barrote único no primeiro dia, obrigatório, e a paralela mesmo no segundo dia, o solo é normal, obrigatório num dia, livre no outro e a trave a mesma coisa, obrigatório num dia e livre no outro.

Outra questão a ser discutida é a similaridade do conteúdo do campeonato estadual e do CBGA. Apesar de as atletas que irão competir o CBGA também competirem o campeonato estadual, muitas que estão no estadual não irão para o CBGA por diversas razões. Uma delas é não ter atingido o nível técnico exigido para a competição, como exposto por T9, “Se eu vejo que não tem o nível suficiente para ir para o brasileiro, então foca no estadual”. Sendo assim, quando as competições (CBGA e estadual) são iguais, se eleva o “degrau” anterior à competição nacional principal, reduzindo as possibilidades de participação assim como a progressão pedagógica que poderia ser utilizada.

A GA é uma atividade que aborda uma ampla gama de ações motoras que são fundamentais para ampliar o repertório motor e proporcionar um melhor desenvolvimento para as crianças, principalmente neste período de formação (KUMAKURA, 2015; SANTOS *et al.*, 2015; DE ANDRADE, *et al.*, 2016). Contudo, não são recentes as discussões sobre as diferentes abordagens utilizadas na modalidade, priorizando, de forma excludente, a técnica na ginástica competitiva ou a formação multilateral numa perspectiva não competitiva (NUNOMURA, 1998).

A formação multilateral no âmbito esportivo é a formação na qual o indivíduo é estimulado nas mais diferentes qualidades físicas, técnicas, sociais, psicológicas e táticas. Este tipo de formação é capaz de proporcionar ao indivíduo maiores

possibilidades para obter melhores resultados a médio e longo prazo quando comparado à formação específica, além de, quando bem desenvolvida, se obter melhores resultados em curto prazo nos treinos específicos (PAULA; BALBINOTTI, 2009).

Ao ser questionada sobre o assunto, RRT3 reafirma os achados na literatura, apontando os benefícios possibilitados pela prática da modalidade, mas que não são considerados durante a elaboração do regulamento técnico das competições, onde é priorizada a formação técnica da atleta, mesmo nas categorias de base:

RRT3- Nós podemos dizer que a ginástica é uma atividade física de base, a mais importante para a formação e educação da criança. Deveria ser uma disciplina obrigatória porque vai de encontro à criança e à necessidade do movimento. Então aqui ela vai se formar, onde ela vai adquirir uma série de vivências, experiências motoras, se faz necessário dentro do trabalho formativo, e depois em relação às capacidades físicas, a coordenação, a noção de lateralidade, o domínio de corpo, tudo isso e fora essa outra parte de autodomínio, confiança, disciplina, respeito, cooperação, tudo mais, que é tão importante na formação. Mas quando se trata de escolher algum elemento para a competição, normalmente são o que, se tira o que é básico para a evolução, monta-se uma serie que a gente pode dizer que é obrigatória, então as escolas trabalham com serie obrigatória, que vai se desenvolvendo gradativamente. [...] ter essa sistematização, [...] exigir perfeição, trabalho postural, porque a postura é muito importante para a saúde e o bem estar também. Eu acho que, apesar de não se pensar nisso, a própria ginástica já contempla.

Ao comentar sobre a necessidade de uma formação multilateral para se ampliar as possibilidades da ginasta, T1 comenta: “Não adianta, você vai ter que trabalhar para a competição, você vai ter que seguir o regulamento”. Já T10 pensa que “os treinos e as competições desenvolvem todas essas capacidades” e que “o regulamento foi montado pensando numa evolução [...] técnica e essa evolução faz com que desenvolva essas capacidades”.

Este pensamento vai de encontro ao que defende Nunomura (1998) quando expõe a necessidade de explorar as diferentes formas de realizar cada movimento antes solicitar uma execução técnica do elemento, auxiliando a criança a se tornar mais funcional, desafiando-a a aprender respeitando suas limitações e potencializando suas capacidades. A autora ainda afirma “mesmo os clubes esportivos, que têm como objetivo resultados, não deveriam deixar de oferecer esta mesma ferramenta [...] aos futuros campeões, principalmente se forem crianças menores” (p.67).

O T5 e T6 discordam que a competição deva ser elaborada com o intuito de atender e/ou priorizar essa formação multilateral, que ao ingressar nas atividades competitivas as atletas precisam executar os elementos técnicos estabelecidos pela competição:

T5- Em competição eu acho que é mais formação técnica. Porque dentro de uma competição, independente do nível, ela tem que realizar aquele movimento que ela aprendeu. Ela precisou ter a coordenação, precisou ter o treinamento para realizar aquilo, mas a hora que ela vai mostrar numa competição, é aquilo, não o que ela aprendeu durante para sair aquilo.

T6- Eu acho que não cabe à competição dar esse tipo de respaldo. A competição é a competição. Ela é um objeto em si. O processo é que deve construir isso, competição é um ponto dentro do processo. O esporte é visto muito pelo produto, com a competição sendo o mais importante, ela que define todas as coisas... A competição é o objeto fechado em si mesmo. Então, eu não acho que a competição é que vai modificar isso, até porque a competição é pontual. Eu tenho competição hoje, aí você tem outra competição daqui a 20 dias [...] então é muito pontual para você trabalhar algum tipo de formação usando a competição. O processo não, processo ele é diário. Ainda mais para essas meninas que trabalham em ritmo de competição.

Estas falas vão de encontro ao que defendem Marques e Oliveira (2002) quando afirmam que precisa haver mais coerência entre a fase de formação em que a criança se encontra e a competição a ela oferecida. Não faz sentido desenvolver todo o processo pedagógico necessário para uma formação multilateral durante os “treinos” e ter uma competição especializada. Neste período inicial da formação, segundo os autores acima citados, deve ser oferecido um sistema de competições menos tradicional, que ofereça tanto competições mais organizadas, quanto as de menor organização, as formais, como as informais, as especializadas, como também competições com os elementos fundamentais da modalidade.

T11, apesar de entender a necessidade dessa formação, “eu sinto essa necessidade, seria bom se tivesse”, se justifica “a gente tenta né, mas o que acontece, o regulamento é tão comprido, muito amplo, a gente tem que treinar muito em cima daquele regulamento”. Assim como ela, outros técnicos também se colocaram no mesmo sentido: “Eu acho que as competições abordam especificamente questões da técnica da modalidade. Começou a competir nos programas do pré-infantil para frente, para mim especializou já”.

Para Quina (2003), até os oito anos de idade (quando começam a competir nos programas do pré-infantil) deve-se trabalhar a formação psicomotora de base,

com situações lúdicas e variadas, ou seja, possibilitar uma formação multilateral. Segundo o autor, essa formação multilateral deve ser possibilitada também ao decorrer da segunda etapa de formação (8-12 anos de idade), indicando para esta faixa etária (até 12 anos) competições no formato de provas múltiplas e coletivas.

Tais indicações coadunam com as de Marques (1997) quando afirma que as competições iniciais devem priorizar a formação multilateral do indivíduo. A GAF, segundo o autor, já é um esporte que contém diversidade, porém as competições devem ser menos organizadas, no sentido de apresentar um maior distanciamento do modelo adulto. Ao passo que a criança vai se especializando, as competições também devem seguir o mesmo caminho, mas ainda sim, mantendo a preocupação como uma formação multilateral.

RRT1- Então, às vezes tu limitas um pouco a gama de exercícios que tu podes fazer para focar naquele aparelho. Eu acho que devia ser como era antes, tu trabalhar tudo e treinar tudo, porque a ginástica é os quatro aparelhos no feminino, a ginástica não é só solo, só salto.

RRT5- O regulamento ainda é muito mais voltado para progressão técnica sim, então a gente usa o regulamento como base, adapta e facilita [...] uma coisa bem simples, mas não tem esse pensamento, vamos colocar exercícios para trabalhar a lateralidade, um pensamento assim mais pedagógico ele é mais técnico.

As competições nacionais com menor exigência técnica, como é o caso do TNGA e do nível B do CBGA, não ofereciam, no ciclo analisado, a disputa por aparelho, tendo somente as competições por equipe e individual geral. Segundo RRT3, esta característica se dava com o intuito de não incentivar a especialização da atleta em um determinado aparelho ainda nos níveis mais iniciantes. No entanto, para as competições com maior exigência técnica não se tinha esta preocupação.

Os sujeitos entrevistados, de forma geral, apesar de se expressarem a favor de uma formação ampla e diversificada nos estágios iniciais, não veem a necessidade de uma competição que seja coerente com este propósito, afirmando serem duas coisas distintas, a formação e a competição. Ao serem questionados sobre a forma pela qual selecionavam o conteúdo a ser desenvolvido nos treinos, grande parte respondeu se basear nos regulamentos das competições: “A parte de elementos que a gente vai trabalhar, é em função do regulamento” (T11).

T3- De acordo com os regulamentos da CBG. Como eu trabalho com o pré-infantil, já no mirim eu já vou introduzindo ferramentas que elas têm que chegar com aquela idade fazendo o que eu preciso. Eu

trabalho tudo como o regulamento da CBG. Não trabalho só com o regulamento do estadual, o regulamento estadual é só para competir.

T5- De desenvolver exercícios novos, com a categoria seguinte que a gente já está. Por exemplo, se a gente está numa competição no nível C, a gente está pensando na B, na A, então a gente vai buscar exercícios da B e da A. Então a gente planeja nesse sentido.

T12- o regulamento propriamente dito, o que eu preciso para aquele ano? E aí, dentro disso, a gente faz blocos do que precisa, de trás para frente, do meu objetivo para trás, aí então, aqui eu preciso estar fazendo isso, daqui para trás como é que a gente vai chegar? [...] e dentro disso, a preparação física e os treinos específicos de cada exercício, então é mais ou menos assim.

T13- Em relação a elementos novos, que tem que ser aprendido, isso eu já faço uma progressão no começo do ano. Já escolho de acordo com o regulamento, então, pré-infantil e infantil, por exemplo, tem que estar cumprindo o regulamento até o final do ano. Isso não é uma escolha minha, eu tenho que seguir o regulamento.

Apesar de alguns técnicos afirmarem não limitar o seu trabalho aos regulamentos técnicos, acabam voltando ao mesmo como referência. Os regulamentos técnicos têm também o objetivo de orientar o trabalho dos técnicos e ginastas, mas a partir do momento que o trabalho desenvolvido adota apenas este documento como parâmetro para a seleção dos conteúdos a serem desenvolvidos, deixam de lado as possibilidades de uma formação multilateral, discutida anteriormente, assim como a ampliação de aquisições motoras específicas da própria GAF para a posterior realização de elementos que não são contemplados no regulamento.

T1- Eu treino o máximo de coisas que a menina tem condição de fazer. Aprendeu uma coisa direitinho, eu já passo para frente, independente da idade. Eu ando para frente enquanto a menina me permitir. Eu tento ir no tempo das atletas. [...] O regulamento norteia, mas não limita. Eu tenho que estar sempre na frente do regulamento, porque o regulamento é o mínimo. [...] E quanto mais coisa ela fizer, mais preparada ela vai estar para fazer o menos [...] é muito mais fácil para ela fazer a série, ela se sente mais confiante, ela vai competir melhor fazendo mais coisa [...] então tento sempre estar o mais adiantado possível, respeitando as facilidades ou dificuldades das atletas.

T2- Tem a ver com o regulamento, já que elas treinam para competir, e tem a ver com elementos que a gente acha importantes para desenvolver outros elementos. Exercícios que a gente acha que são base e que precisa saber fazer.

T8- A gente, concordando ou não, não existe você fazer um trabalho que não esteja ligado de certa forma ao obrigatório. Ninguém

consegue justificar um projeto dando uma linha completamente fora do que existe no país, sem ter resultado nenhum. Você tem que, de uma maneira ou de outra, que seguir o sistema do país. Mas você acha algumas coisas que não são tão corretas dentro do sistema obrigatório, dentro do seu ginásio você vai ter liberdade para mudar.

T9- o regulamento do obrigatório dá uma referência legal. A criança dessa idade tem que estar fazendo mais ou menos essas coisas, então eu me baseio muito pelo sistema obrigatório e trabalho por fora outras coisas que eu acho importante e que faltam no obrigatório do Brasil [...] e fora que assim, procuro ver um regulamento ou outro de outro lugar para me basear onde eu preciso trabalhar, o que eu preciso melhorar para evoluir minhas meninas mais para frente.

T14- Tem alguns princípios que a gente tem que respeitar. A forma que eu trabalho, eu prezo muito a qualidade de execução e não a dificuldade técnica. [...] Pode ser que ela demore um pouco mais, porque uma criança muito pequena, fazer perfeito, é difícil. [...] Sobre os conteúdos técnicos, a gente adapta o treino também pensando na competição, mas [...] não é o regulamento da competição que direciona o treino, porque você trabalha o básico e acaba que aquele básico acaba sendo o que é pedido na competição também, mas às vezes, a menina faz mais do que ela compete, às vezes ela faz menos.

T16- Conteúdo, querendo ou não, é aquela coisa, você está no Brasil, você está num clube que você tem que trazer os resultados, então você tem que seguir o que? O regulamento. Você tem que jogar de acordo com o regulamento que rege a sua modalidade. Então, o que está no regulamento direciona boa parte do meu treino [...] Eu tento não restringir o conteúdo do meu treino ao regulamento.

Já T6 e T10 descrevem como organizam o conteúdo para as crianças com idades anteriores às competições oficiais, mas ao chegarem à categoria pré-infantil, ou mesmo antes (pré-treinamento), se orientam pelos regulamentos:

T6- eu penso que a gente tem que partir das ações motoras naturais [...] desenvolver habilidades motoras e desenvolver a consciência corporal [...] quando a menina sai desse nível básico, que ela entra no intermediário, que você já começa a ter possibilidades motoras de começar a trabalhar com a questão técnica [...] Até aí, a criança não está pensando em competir [...] quando ela entra no pré-treinamento, já começam as dificuldades da ginástica. A ginástica deixa de ser tão prazerosa, por quê? Porque aí, você já está se ligando a regulamentos, então você já vai começar a perseguir esses regulamentos [...].

T10- Seis e sete anos, lúdico. E aí tem que passar por tudo isso, tem que rolar, saltar, correr, fazer força, estimular a flexibilidade, estimular a competitividade, desenvolver o equilíbrio, todas essas capacidades, [...] 70% das aulas focado nisso, 30% focado na parte física, porque aqui a gente já está pensando lá para frente. Aos 9 anos, já diminui um pouco essa proporção, muda bastante, aliás. 70% é parte física, com 9, 10 anos, e 30% técnica. E essa

porcentagem vai caindo. Ela vai virando mais técnica e menos física, mas a física, na ginástica artística é sempre muito alto.

A fala de T6, ao colocar “até aí, a criança não está pensando em competir” refere-se às competições formais, por apenas estas serem contempladas no atual sistema competitivo da modalidade. Como discutido até o momento, a competição se faz importante durante toda a prática esportiva, desde a iniciação até o alto rendimento. Sendo assim, deve estar presente desde o ingresso da criança na modalidade, independentemente do seu objetivo ou nível técnico. Porém, de forma coerente à fase de desenvolvimento, na tentativa de atender as necessidades da criança, assim como desenvolver suas potencialidades.

Pelas falas relatadas acima, nas quais a maior parte dos técnicos afirma utilizar os regulamentos como base para o planejamento das atividades no treino, desperta a necessidade de se repensar o modelo competitivo para que seja estabelecida uma especialização das competições ao longo da formação das atletas, no sentido de oferecer um modelo competitivo ou sistema de competições que, em cada fase da preparação, se identifique de forma mais coerente com as possibilidades das crianças e com as propostas de treino que são desenvolvidas, como sugerido por Marques (2004). Segundo o autor, não deve-se ter medo de desconstruir os modelos já existentes, por mais que pareça descaracterizar o esporte, para que se consiga construir modelos mais adequados.

4.5 AS VITÓRIAS E DERROTAS NO PROCESSO DE EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO

É neste sentido, de privilegiar a formação multilateral de crianças e jovens na iniciação esportiva e propiciar competições adequadas às suas capacidades, necessidades e expectativas que Marques (2004) vai de encontro a profissionais e estudiosos que se colocam nos dois extremos desta discussão, de um lado a anulação da competição, seja com o discurso de que ‘ganhar ou perder não importa, o que importa é participar’, seja com a retirada da mesma do foco da prática esportiva. No outro extremo, aqueles que valorizam ou permitem a valorização excessiva dos resultados na competição, causando prejuízos à educação e formação desses indivíduos.

Ao competir, é natural que se aspire à vitória. No entanto, é certo que momentos de insucesso, de derrota estarão presentes ao longo da trajetória do atleta. Cabe então ao técnico aproveitar esses momentos para melhor os preparar (MARQUES, 2004).

Momentos de sucesso e insucesso, de vitória e derrota são tidos não apenas durante as competições, mas no decorrer de toda a formação do atleta (e também da vida). Esses momentos vão desde a dificuldade na aprendizagem de algum elemento novo, até a perda de uma medalha olímpica. Contudo, podem ser esses os momentos de aprendizagem mais significativos que o atleta possa ter para a sua formação, tudo resulta da forma como técnico e atleta lidam com a situação.

T11- O Diego perdeu duas olimpíadas e aí, ganhou. Pegou medalha, a tão sonhada medalha, mas perdeu duas olimpíadas. Ele mesmo fala que isso deu gás para ele tentar a próxima. Ela falou assim, se ele tivesse ganhado a primeira, talvez ele não tivesse continuado. E eu acho que essa é a parte mais importante, porque ganhar é fácil, lidar com a vitória é fácil. Fácil olhando por esse lado, né, estou ganhando, estou bem. Mas agora, perder aquela que tinha toda condição de ganhar é que é difícil.

RRT1- Eu acho importante saber ganhar e saber perder, mas tem que ser ensinado saber perder [...] vale perder, vale. Eu aprendi muito com as minhas derrotas, fazia com que no outro evento, eu estivesse com mais vontade de ganhar. [...] Então vai de o treinador passar isso para a criança, que muitas vezes não vê. [...] nem sempre tu ganhas. Na vida não é assim também? Tem que saber ganhar, tem que saber perder.

T12- a gente vai para um campeonato com essas duas possibilidades, de vitória e de derrota. E se você não está preparado para uma e para outra, você não pode ir. [...] porque é muito fácil se preparar para ganhar, difícil é se preparar para perder. Ninguém quer perder.

De acordo com Marques (2006), o treinador precisa reconhecer o comprometimento e dedicação, e valorizar o que cada realização representa para o progresso da criança, assim como também quando não atingem suas expectativas e possibilidades, pois é através desse reconhecimento e dessa valorização que essa criança será capaz de se desvelar e seguir em busca de um objetivo na prática esportiva, mesmo sendo esta uma tarefa exigente e difícil. T6 descreve na sua prática a ratificação do que afirma o autor acima citado:

T6- Então, eu não posso ter um dia em que eu só critiquei, mesmo que aquele dia tenha sido péssimo para aquela menina, que ela tenha feito tudo errado, porque a gente tem os nossos dias ruins. Ela

não pode sair daqui achando que ela é péssima, ela tem que ser em algum momento elogiada e se eu percebo que o que eu tinha planejado para aquele dia, ela só vai ser péssima o dia inteiro, a tarde toda, eu mudo o meu planejamento para criar um momento em que ela vai se sair bem [...] Às vezes ela não percebe, mas é muito importante você dosar isso, a dureza da crítica, mas também o elogio. E isso tem que ser diário, não pode ser assim, hoje eu só bati nela, mas, na semana que vem, eu só faço carinho. Não, todo dia tem que ter as duas coisas para que ela continue motivada e gostando de ginástica.

É importante que o técnico vislumbre as diferentes formas de sucesso que o esporte pode proporcionar reconhecendo e realçando para a atleta que este sucesso não é obtido apenas com a conquista da medalha. Na GAF, acertar toda a série em uma competição não garante a vitória, mas pode ser vista como uma vitória pessoal. No entanto, para que a atleta perceba este sucesso e realmente o reconheça como sucesso, é necessário que isso seja discutido entre ela e o técnico, delineando objetivos individuais e identificando as possibilidades de cada uma na competição.

T12- O esporte individual [...] te traz muitas metas pessoais. Você não precisa só acertar o passe para aquela menina e fazer o ponto para você ir bem no jogo. Eu posso aumentar 0,10 na minha nota de partida que eu já venci, eu já fui muito melhor que no campeonato anterior. Então, se a gente souber colocar metas e visão para essa criança, eu acho que a competição é extremamente importante.

T16- Elas vão para competição sabendo as possibilidades delas para aquela competição, acho que isso já ajuda bastante. A expectativa está em fazer o melhor delas, eu tento colocar essa expectativa e não em ganhar medalha, medalha vai ser consequência de tudo, do bom trabalho, do bom treino, enfim, de várias coisas.

Marques (2006), no entanto, admite que apesar da importância do reconhecimento e valorização de cada momento de sucesso, tais atitudes não substituem o bom rendimento, a conquista de bons resultados esportivos e a vitória na competição, o que também é destacado pela T15:

A competição tem que ser saudável independente do nível que tu estiver [...] o resultado é uma consequência. A gente, muitas vezes sabe: 'não, se tu acertar, tu vai ser segundo, [...] mesmo que tu acertes, tu vai ser oitava, não adianta'. E assim se joga de forma mais aberta. Mas o mais importante, [...] é fazer o melhor. E se o melhor, agora, não está o suficiente, volta e treina mais, porque vai ter que chegar o momento... a gente treina para ganhar, ninguém treina para competir só, todo mundo treina para ganhar.

No entanto, por mais importante que seja a vitória para os atletas e também para os técnicos, a criança deve ter a oportunidade de vivenciá-la sem que isso

comprometa sua formação e a perspectiva de sucesso nas categorias maiores, como discutido anteriormente.

Milisted *et al.*(2008) ao analisar a concepção dos treinadores sobre o papel da competição na formação de jovens jogadores de voleibol, constatou que para estes, a competição não serve apenas de incentivo para a aprendizagem, mas também se constitui como um “*feedback* precioso para o treino” (p. 156). Compreender seu estágio de desenvolvimento e as metas propostas para a competição em questão é entender que a competição e o treinamento se complementam. Porém, isto só é possível no momento em que se dispõe de competições coerentes e consequentes às propostas de formação (MARQUES, 2004).

A competição e, conseqüentemente, o resultado nela obtido é, também no presente estudo, apontado pelos técnicos como uma oportunidade de avaliar não apenas a atleta, mas, principalmente, o processo de formação que está sendo desenvolvido. No entanto, o resultado, a vitória ou a derrota, não deve ser tido como um desfecho, como explica T6:

A gente trabalha valorizando mais o processo do que o produto. Então, o produto, a vitória ou a derrota, sempre nos leva de volta para o processo. Então, se você teve uma vitória, significa que aquele processo, para aquela competição, foi certo. Se você teve uma derrota, você precisa ver se foi um problema no processo ou se foi um problema de competição. [...] Então, tem que saber identificar essas falhas que ocorreram para acontecer essa derrota e, às vezes, você ganha a competição e teve muitas falhas e, às vezes, você é derrotado sem falha nenhuma. [...] então, eu não sou muito a favor de valorizar isso, ganhou, parabéns a gente fica contente. Não ganhou, parabéns, a gente fica contente do mesmo jeito. O que a gente procura é o que fez em treino repetir em competição. Se a gente consegue isso, então, a competição faz parte do processo. Agora, se isso foi suficiente para ganhar ou perder, não depende da gente, depende de muitos outros fatores.

Os momentos de vitória e derrota devem ser vivenciados nas suas diversas formas, pois ambos têm grande importância para a compreensão da necessidade do outro, da coletividade, do respeito ao próximo, da atitude ética, do respeito às regras, assim como o entendimento do seu próprio desempenho, do processo de formação, da evolução técnica, ou seja, ambos contribuirão para a educação e formação da atleta, como afirmam os técnicos entrevistados, porém, ambas as possibilidades necessitam da intervenção do técnico para melhor apropriação dos valores nelas contidos:

T1- Acho que a criança tem que vivenciar tudo. Criança que sempre perde, é ruim também. A autoestima fica baixa depois. A criança que sempre ganha não se esforça mais, não se motiva. Para que vai se esforçar no treino se você ganha [...] Eu acho que ela tem que vivenciar tudo. [...] Eu falo para as meninas quando elas vão mal, a gente aprende muito mais com as derrotas. Quando você ganha, você tem uma tendência muito grande de acomodar, ah eu já estou ganhando, vou me manter. Os outros que perderam vão mudar para te ganhar. Eu acho que tem que vivenciar tudo e tudo tem seu valor.

T2- Tem que ter muito cuidado com as crianças, porque [...] acaba sendo um fator desmotivante para ela, porque se ela fica preocupada só com o resultado, tira o sentido do que ela faz. Ela tem que fazer porque ela gosta, não porque ela vai ganhar ou vai perder. Então a gente tem que tomar cuidado para não se tornar um fator de estresse. Por outro lado, você consegue colocar num contexto mais claro para a criança entender e consegue acostumar ela desde cedo a lidar com decepções e alegrias.

T6- ela deve competir, mas competir de uma maneira saudável, em que ela compita para melhorar os seus resultados dentro das suas possibilidades, dentro das possibilidades do clube, e de que, um mau resultado dela pode não significar que ela não foi bem, mas, muitas vezes, o treinador não foi bem, o clube não foi bem, não houve subsídios suficientes, porque é uma série de fatores que levam ao resultado positivo. Então, é desde você ficar hospedado próximo da competição, desde você não ter um traslado estressante do local de alojamento ou do hotel até o local da competição, desde já ter o completo conhecimento prévio como aqueles árbitros vão avaliar, dos critérios que aqueles árbitros usarão. Então, uma série de fatores enormes e que, muitas vezes, a criança não tem participação ativa em relação a esses fatores. Isso que tem que ser passado para a criança, para que a criança não se frustre com um possível mau resultado, e que esse mau resultado faz parte da construção de um acerto futuro. Então a gente procura trabalhar muito bem a cabeça das crianças quanto à competição, de o produto não ser o mais importante, mas sim o processo.

T11- Essa época que eu perdi o infantil, o paulista, eu conversei com as meninas, elas entenderam melhor que as mães. Aí a gente foi para o brasileiro, no mesmo ano, [...] no brasileiro a gente ganhou, a gente pegou pódio, [...] foi bom ter perdido o paulista, porque aí elas começaram a treinar. Para gente também é bom, porque às vezes, a gente como treinadora também acomoda.

T12- Mas aquela menina que não foi tão bem, sai frustrada, aí a gente [...] tenta colocar principalmente o que ela fez de positivo, porque na ginástica tem tantas coisas que você faz durante a competição, são quatro aparelhos, cada aparelho com tanta coisa, [...] E aí, a gente tenta colocar para elas esse aspecto, quantas outras coisas você fez de positivo, sua série de paralela foi perfeita, seu salto foi ótimo, [...] porque senão você enxerga tudo de uma maneira muito negativa e acaba não vendo quais foram também suas virtudes naquele momento. [...] eu acho que isso para vida, faz toda diferença, quando você tiver que lidar com uma perda lá na

frente, como é que você vai lidar com isso? [...] É sempre muito difícil [...] você lidar com vitórias e derrotas. O segredo é o equilíbrio [...] A gente vai continuar trabalhando normalmente, sem deixar nenhuma estrela subir à cabeça e nenhuma depressão chegar, e tentar equilibrar.

T13- Então, a criança aprendendo a lidar com a derrota, isso vai ajudar muito e não só no esporte, mas na vida. Ela vai saber lidar, por exemplo, se não passar no vestibular, já vai ter essa sensação de procurar um emprego e não aceitarem ela, é uma derrota, acaba sendo uma derrota, e ela já vai ter essa experiência para vida desde pequena, então para formação dela, isso é muito importante.

Para Marques (2004), sem vitórias e derrotas não se usufrui das potencialidades educativas do esporte. Segundo o autor, a derrota na competição esportiva é tão importante quanto à vitória, podendo as vitórias imediatas comprometer mais o futuro da atleta do que as derrotas. O autor afirma ainda que grandes esportistas não tiveram sucesso em suas carreiras por não terem sido preparados para as derrotas, apenas para as vitórias, não aprendendo a lidar com os constrangimentos do insucesso. Comportamentos semelhantes foram relatados por alguns técnicos e um RRT, que também é dirigente.

T14- A gente vê nelas a vontade de ganhar. Eu acho que é um aprendizado, porque elas precisam aprender a ganhar e a perder. Acontece, uma menina sempre ganha, a hora que perde, não quer mais fazer, porque desestimula. Eu já tive meninas assim. Sempre foi campeã, aí chegou uma hora que perdeu, desestimulou e não quis mais saber.

T17- A gente tem no grupo algumas meninas pequenas muito boas que a gente até torce para não começar a ganhar muito cedo, para exatamente aprender a lidar com essa situação de a outra é melhor que eu, eu posso perder também. Porque senão você acaba criando uma menina que ganha, ganha, vira um monstinho. Quando chega aos 14, 15 anos é uma situação insuportável. Quando perde, desiste. Primeira vez que perde, desiste.

RRT4- Às vezes você tem um super talento, que ganha tudo. Então você, dependendo da cabeça da menina, você precisa não valorizar muito isso, porque depois as outras meninas não gostam ou mesmo essa menina que às vezes é muito boa, ao invés de ser um exemplo super bom no grupo, é um exemplo ruim porque ela se torna tão superior às outras que... aqui a gente teve vários exemplos de meninas que diziam: 'ah, você pode treinar muito mais que você nunca vai ganhar de mim'. Eu tenho o exemplo de uma campeoníssima aí, que ela era infantil, eu estava na Confederação ainda, e ela fez um duplo de saída na trave, maravilhoso, lindo, e eu, depois que acabou a competição, eu fui elogiar: 'Puxa, que linda a sua saída'. Ela virou para mim e falou: 'é, eu já faço tsukahara, mas

eu não fiz porque o nível da competição era muito baixo para mim'.
Aí eu fiquei com raiva de ter elogiado.

Nota-se, através dos relatos acima, a necessidade da intervenção dos técnicos no sentido de direcionar a percepção e compreensão da criança sobre as situações vivenciadas na competição, estimulando um melhor relacionamento interpessoal, assim como o desenvolvimento dos valores necessários não apenas para uma competição que contribua para a educação e formação desta atleta, mas também para a vida em sociedade.

Como aponta Marques (2004), a competição deve ter regras e princípios, pois são os princípios e valores associados à competição; a forma como esta é utilizada e as experiências vividas durante a atividade que irão agregar ou não valor educativo a estas práticas. O desempenho esportivo só se justifica se o esforço empenhado neste sentido repercutir também na melhoria das capacidades físicas e psíquicas importantes para vida, no desenvolvimento da personalidade e da sociedade (MARQUES, 2006).

Gonçalves (2014), Aires (2015), Juchem (2015) e Gonçalves *et al.* (2016), em estudos mais recentes, ao analisarem as competições esportivas de diferentes modalidades também constataram nas vitórias e derrotas, elemento de importante contribuição para a educação e formação de crianças e jovens, destacando as atitudes do técnico e o direcionamento do comportamento dos atletas nestas situações, como pontos-chave da construção educacional do indivíduo.

Os pais também constituem personagens de extrema importância neste processo. Na verdade, são eles os primeiros responsáveis pela educação e formação das crianças e jovens, cabendo ao esporte e às demais atividades, auxiliá-los nesse fim.

Diversos autores (KORSAKAS, 2009; SANTANA, 2005; PAES *et al.*, 2008; NUNOMURA; OLIVEIRA, 2014) afirmam que a prática esportiva nesta faixa etária, muito além de buscar talentos, deve incentivar a vida ativa e a formação completa do ser humano. No entanto, esta relação da criança com o esporte sofre grande influência e interferência dos adultos que a cercam: pais, dirigentes, professores, técnicos, árbitros. Para Paes *et al.* (2008), estas influências e interferências têm o poder de aproximar ou afastar os jovens atletas do esporte podendo ainda determinar o tipo de relação que a criança estabelecerá com o esporte e os valores que serão agregados à vida desta.

Nunomura e Oliveira (2014) ao investigarem a participação dos pais na carreira das atletas de GAF através da percepção dos técnicos, relataram que, para os técnicos, alguns pais intervêm demasiadamente e, com isso, atrapalham a evolução das ginastas, precisando ser afastados. Outros não se envolvem, demonstrando indiferença ou falta de apoio, o que pode gerar insegurança para algumas crianças, já que esta é uma fase em que necessitam de aceitação e aprovação para a construção da sua autoestima e autoconfiança.

Assim como nos achados de Nunomura e Oliveira (2014), alguns técnicos e RRT também relataram a dificuldade na relação com os pais e a falta da compreensão por parte destes sobre a importância da vitória e da derrota nas competições esportivas na educação e formação dessas crianças.

T5- Tem a participação dos pais que eu acho importante, tanto para incentivar quanto para jogar a menina para cima. Eles vão juntos em competições, eles torcem, eles vibram... mas a gente também tem aqueles pais que se acham árbitros. A menina chega toda feliz e eles falam, ah, se você não tivesse dobrado a sua perna lá, você teria conseguido a sua medalha. Isso a gente também tem que trabalhar com os pais, a gente fala, não faça isso com a sua filha, conversa de uma forma diferente, porque a gente passa o tempo com ela, a gente está vendo o que ela apresenta e o que ela não apresenta, o senhor só está vendo numa competição. Você não sabe o grau de dificuldade que ela tem para fazer isso ou aquilo, então não exija. Então a gente conversa com os pais também. Mas no sentido de vir trazer, de vir buscar, de perguntar como foi o treino, perguntar para gente se a menina está indo bem se não está, cuidar da alimentação, é bem importante.

T3- perder para uma criança, é muito ruim. Não só para ela [...] os pais ficam piores que elas. Então primeiro a gente tem que trabalhar a cabeça dos pais. 'Pai, isso é competição, só uma ganha. Então, não é porque sua filha errou hoje que ela é ruim'. Aí eu mostro os resultados da minha filha que hoje está na seleção, nunca foi nada na base. Começou a ter resultado no juvenil, foi ali que ela começou a aparecer. Então eu digo para eles, 'não fica preocupado agora não, que agora ninguém faz ginástica, ginástica é só lá na frente, elas estão só começando'. Então, aprender a perder é muito importante. A criança caiu, errou tudo, está lindo. Quem tem que brigar sou eu, quem tem que achar ruim sou eu, vocês tem que achar que está tudo bom. Está tudo lindo e maravilhoso, é isso que eu falo para eles (pais). [...] Vocês só me ajudam colocando elas para cima, porque para brigar já tem eu.

RRT1- A gente [...] tem uma rivalidade muito grande entre [dois clubes], uma rivalidade muito grande, e isso foi para os pais das crianças. E aí, durante a premiação, as crianças subiram no pódio e os pais da outra equipe começaram a vaiar. Falei: 'Espera aí. Para,

para a premiação. Se continuar assim não vai ter premiação [...] A gente está aqui para ensinar, a gente está aqui para formar os atletas. É formação de caráter, entendeu? [...] O que não pode é acontecer isso que está acontecendo, pais vaiando, treinadores instruindo as crianças a não se cumprimentarem no pódio. Isso não pode haver’.

RRT3- vitórias e derrotas também é um fator educacional, o problema é muito os pais, que ou a criança ganha, ou então o professor que é ruim, a competição, o árbitro que não foi justo, isso acontece muito. Então é muito difícil os pais entenderem a necessidade da vitória e da derrota. Eles só querem vitória. [...] e na verdade, não é assim, dentro do trabalho de evolução de um grupo também, é claro, sempre tem alguém que vai ganhar e alguém que vai perder. Aqui [no Brasil] nós temos mania de achar que o segundo lugar é um perdedor, não é, não é bem isso. E aí, se não ganha, o clube que é ruim, o técnico que é ruim. Ou se uma é melhor que a outra, é porque protege, porque dá mais atenção. Então, eu acho que o maior problema é a família.

T15- Eu acho que a competição hoje, ela só vem a trazer benefícios, mas quem deveria participar da competição eram os pais também, para aprender a perder e a ganhar, porque eles não sabem. Há um tempo atrás, todo mundo tinha aquela preocupação [...] ‘competição não é legal, porque um vai ganhar medalha, o outro não vai e como é que vai consolar?’ E aí, com o tempo, [...] todos passaram a ganhar medalha [...] não existe o melhor ou o pior, [...] a criança vai receber a medalha de participação, o diploma de participação e o número X de pontos. [...] então ali tu conseguiste nivelar e acabar com a tal frustração em ser o melhor ou pior. [...] Só que hoje [...] as crianças [...] não passam mais por frustração nenhuma, porque os pais não querem mais que elas passem por isso. [...] Eu acho que a competição se tornou algo muito mais complicado do que ela já foi anteriormente. Então é importante, porque tu está preparando para vida e para o esporte. Então, o aprender a perder, a ganhar, a cair, a levantar e vamos de novo, ele está sendo hoje muito mais importante para vida, para o que vem depois do que até mesmo para o próprio esporte. [...] Qual é o ser humano que a gente está formando? Nesse sentido é que acho que o esporte, a ginástica tão especial, pelo fato de ser tão precoce também, porque um adolescente tudo já não vai mais resgatar, para mudar esse tipo de consciência, a não ser que ele já tenha muito disso. E a criança, tu consegues talvez mudar e muitas vezes, a família. Então, a competição hoje, eu acho que é tão importante para o caráter, para a formação do caráter do ser humano, muito mais do que ela foi anteriormente, independente do objetivo técnico da competição.

Apesar das dificuldades relatadas pelos técnicos, a participação dos pais é essencial na vida da criança, assim como na formação esportiva dos seus filhos. Quando os pais apoiam, encorajam, são entusiastas e positivos, as respostas das crianças também são igualmente favoráveis (NUNOMURA; OLIVEIRA, 2014), assim como a pressão por eles exercida quanto aos resultados, as exigências de uma

execução perfeita ou mesmo a indiferença em relação às conquistas ou dificuldades dos filhos no esporte podem desestimulá-los.

A excessiva valorização da vitória, principalmente pelos pais, por serem geralmente as pessoas em quem os filhos mais desejam despertar orgulho, é responsável pela maioria dos sentimentos negativos vivenciados pelas crianças após as competições (BECKER JÚNIOR; TELÖKEN, 2008). Vilani e Samulski (2002) apresentam diferentes características que os pais podem manifestar nesta relação com o filho e o esporte, apontando um programa de intervenção junto aos pais na tentativa de orientar as relações entre escola/clube, pais, treinador e criança. Através dessas ações, os autores acreditam possibilitar maior aproximação entre as necessidades e os direitos da criança, bem como a coerência e o compromisso para o seu desenvolvimento integral e harmônico.

As atitudes dos pais durante as competições de GAF relatadas pelos RRT não contribuem com a educação destas meninas, demonstrando verdadeira falta de respeito ao próximo e delegando aos outros a responsabilidade pelos resultados (não) obtidos. Para que se consiga aproveitar as possibilidades educativas da competição é necessário que os pais também sejam exemplo, respeitando as regras, assim como as pessoas envolvidas na competição, inclusive seus próprios filhos. Segundo Paes *et al.* (2008), cabe à família o papel de contribuir para que sejam respeitados os desejos e interesses da criança, incentivando e apoiando a participação e o gosto da criança pelo esporte.

Ao técnico, cabe esclarecer aos pais as características da modalidade e os objetivos em longo prazo, destacando as atitudes positivas e negativas que podem ser adotadas por eles e as possíveis consequências destas atitudes na educação e formação da criança.

Juchem (2015) incumbe esta responsabilidade (esclarecimento aos pais) a “todos” quando afirma que o desafio dos professores e organizadores das competições é tornar claro aos pais a importância deles na formação esportiva dos filhos e como esta participação deve ocorrer: “sem exercer pressão, respeitando árbitros, técnicos e adversários, não exagerando nas comemorações, etc.” (p.151).

São atitudes como as expostas acima que justificam a fala de Marques (2004) quanto à utilização da competição como instrumento para a educação e formação das crianças e jovens, afirmando serem os valores e princípios associados a ela (competição) que darão ou não seu valor educativo.

4.5.1 PREMIAÇÃO

A premiação na competição é tida como uma forma de reconhecimento pelo esforço e dedicação empregados nos treinos e na própria competição. Cada competição tem estabelecidos em seu regulamento os critérios adotados para conquistar o prêmio (medalha e/ou troféu), como descritos no quadro 3.

Quadro 3: Quadro de premiação das categorias de GAF analisadas no CBGA e Campeonatos Estaduais (CE)

COMPETIÇÃO ABRANGÊNCIA	Categorias até 12 anos	Subdivisões	Equipe	Individual Geral	Individual por Aparelho	Participação	Outras premiações
CBGA / NACIONAL	Pré-infantil Infantil	Nível A	Troféu do 1º ao 3º e medalha para ginastas e técnicos do 1º ao 3º lugar	Troféu do 1º ao 3º lugar Medalha do 4º ao 10º lugar	Medalha do 1º ao 6º lugar	Medalha para todas as ginastas a partir da 4ª colocação	-----
		Nível B	Troféu do 1º ao 3º lugar e medalha para ginastas e técnicos do 1º ao 3º lugar	Medalha do 1º ao 10º lugar	-----	Medalha para todas as ginastas a partir da 4ª colocação	-----
CE / RJ	Pré-mirim Mirim Pré-infantil Infantil	Estreante Nível 1, 2 e 3	Troféu	Medalha do 1º ao 6º lugar	Medalha para o 1º lugar por categoria	Medalha para todas as ginastas não premiadas	-----
CE / SP	Pré-infantil Infantil	Nível A	Troféu do 1º ao 3º lugar e medalha para ginastas e técnicos do 1º ao 3º lugar	Troféu do 1º ao 3º lugar; Medalha do 4º ao 10º lugar	Medalha do 1º ao 6º lugar	Medalha para todas as ginastas a partir da 4ª colocação	-----
	Pré-infantil Infantil	Nível B	Troféu e medalha do 1º ao 3º lugar	Troféu do 1º ao 3º lugar; Medalha do 4º ao 10º lugar	-----		-----
	Pré-infantil Infantil	Nível C	Troféu e medalha do 1º ao 3º lugar	Medalha do 1º ao 10º lugar	-----		
CE / MG	Pré-infantil Infantil 1º ano Juvenil	Competição única com opções de série	Troféu e medalha do 1º ao 3º lugar	Medalha e certificado do 1º ao 3º lugar	Medalha do 1º ao 3º lugar	-----	-----
CE / RS	Mirim	Nível 1, 2, 3, 4 e 5	Medalha do 1º ao 3º lugar por categoria para ginastas, técnicos e auxiliares técnicos	Medalha do 1º ao 6º lugar por categoria	-----	Todas as ginastas não premiadas das categorias mirim e pré-infantil	<ul style="list-style-type: none"> • Final de ano • Técnico destaque • Eficiência • Atleta destaque • Entidade destaque
	Pré-infantil Infantil	Nível A Nível B					
CE / PR	Pré-infantil Infantil	Nível A	Troféu do 1º ao 3º e medalha para ginastas e técnicos do 1º ao 3º lugar	Troféu do 1º ao 3º lugar Medalha do 4º ao 10º lugar	Medalha do 1º ao 6º lugar	Medalha para todas as ginastas a partir da 4ª colocação	-----
		Nível B	Troféu e medalha do 1º ao 3º lugar	Medalhas do 1º ao 8º lugar.	-----	Medalha para todas as ginastas não premiadas	-----

Todas as premiações são realizadas por nível e categoria, exceto “outras premiações” ou quando especificado. C.E.= Campeonato Estadual.

Fonte: Autora

Das competições analisadas, apenas uma não oferece medalha de participação às atletas que não tiveram a colocação necessária para a conquista da medalha. Para Bara Filho e Miranda (1998), a medalha é um prêmio, uma retribuição pela superação demonstrada, devendo ser conquistada e não distribuída de forma aleatória. No entanto, ao se referirem à premiação por participação, presente em algumas competições infantis, Sobanski e Martins (2008) defendem que de certa forma ela é conquistada, uma vez que independentemente do desempenho perante aos demais competidores, a criança individualmente merece um reconhecimento por superar todas as pressões que uma competição apresenta.

O técnico T13 expõe outro entendimento sobre o assunto: “existem as medalhas de participação e tal, mas não tem o mesmo gosto de você subir no pódio, todo mundo bater palma para você, tirar foto de você no pódio...”

A premiação funciona como estímulo para a atleta continuar se empenhando, sendo, desta forma, importante premiar o maior número de competidores possível, como destacado por T7:

Eu gosto mais da premiação da liga. A liga tem por objetivo fazer com que praticamente todas as crianças sejam premiadas. Ela tem assim, categoria pré-infantil, ela é dividida por grupos, por exemplo, [clube 1] é a melhor equipe do estado, ela compete no grupo especial. Aí, [o clube 2] que faz 30 pontos a menos que [o clube 1], por exemplo, ela compete no grupo 3 ou 4, entendeu, num grupo bem abaixo que ela tenha condições de competir. Cada grupo tem 5 equipes, por exemplo, e esses 5 tem que ter competitividade entre eles, se o 5º faz 10 pontos a mais do que esse grupo, ele é obrigado a ser o 5º em cima. Então, isso dá mais oportunidades para as equipes e visa maior crescimento também. Na federação já não tem isso, se tiver 6 equipes, uma é campeã, outra é vice, outra e terceira, independente se a menininha tiver feito 10 pontos lá, não tem a medalha.

Este formato de competição é uma proposta diferenciada que merece ser analisada com maior profundidade. Contudo, o relato acima exposto demonstra a preocupação em possibilitar o sucesso dos competidores, assim como de manter a imprevisibilidade da competição, dois critérios destacados por Rossetto *et al.* (2015) para a escolha do bom jogo numa proposta educativa. T7 acrescenta ainda os sentimentos expressos pela criança por ter sido premiada na competição, destacando a importância desta valorização:

Para a criança, o formato da liga é sensacional, os pais dizem que a criança fica tão feliz com aquilo que quer mostrar para todo mundo, ela dorme com a medalha, ela acorda com a medalha, ela quer ir

para escola com a medalha, ela se sente valorizada e eu acho que isso é um incentivo muito grande para continuidade de qualquer esporte, não só da ginástica.

É importante que, assim como as demais características que formatam a competição, o sistema de premiação para as categorias de base se diferencie daquele adotado nas categorias maiores, como explica RRT4:

RRT4- têm as premiações normais, 1º, 2º e 3º lugar, aí depois a gente tem medalha de participação para todas as crianças. Isso para que as crianças não fiquem frustradas, saiam sem medalhas. É importante esse tipo de premiação para as crianças, principalmente aquelas que estão competindo pela primeira vez. É depois no infantil, aí tem premiação até o 8º lugar. É fazer com que as crianças não saiam frustradas nas primeiras experiências na competição.

Para Marques (1997), nas competições nesta faixa etária devem privilegiar as disputas em equipes e um maior número de indivíduos possam atingir situações de sucesso. Na GAF existem as competições por equipe, mas dado o número de atletas participantes das competições, muitas vezes essa disputa é inviabilizada. Porém, ao observar a premiação ofertada no CBGA, percebe-se que a diferenciação das categorias de base em relação às categorias maiores se dá pela premiação de um número maior de atletas no individual (até o 8ª colocação) e não pela valorização das disputas por equipe. Mas esta questão também pode estar relacionada ao baixo número de atletas e equipes participantes da competição.

Na GAF existe a premiação das competições individual geral, individual por aparelho (4 aparelhos) e por equipe. Dessa forma, nos eventos onde há premiação para todas as provas, a atleta tem possibilidade de conquistar até seis medalhas em um único evento. Pelo fato de as competições nessas categorias muitas vezes ocorrerem em uma única apresentação em cada aparelho, como discutido anteriormente, todas as avaliações são feitas em função desta apresentação, premiando, na maioria das vezes, a mesma criança diversas vezes, como explicado pela RRT 4:

RRT4- É porque, se você for analisar, a menina que ganhou individual geral provavelmente vai ser aquela que vai ganhar mais duas medalhas, mais três medalhas, então, aquelas que se destacam acabam ganhando um número muito grande de medalhas.

As competições no nível B, tanto estaduais que adotam este sistema, como também a nacional, não oferecem premiação por aparelho, por se tratar de um nível de “incentivo”, como justifica a RRT nacional:

RRT3- [No nível B, tem a premiação] por equipe, vamos incentivar os clubes a trabalhar. Individual geral, nós damos prêmio para os 10 melhores. A partir daí, não há medalha por aparelhos porque já são incentivadas e todas as representantes recebem a sua premiação, a medalha de participação, porque a criança sempre tem que sair com a medalha da competição. Agora, os técnicos querem que dê medalha por aparelhos, e nós somos totalmente contra, porque não é o excesso de prêmios... porque se ela tem capacidade de ser tão premiada aqui, então vai competir onde realmente é a sua idade [no nível A]. Então nós somos contra. E há uma defesa no momento das reuniões, e você vê que existe essa tendência. E não é esse o objetivo. Nosso objetivo realmente é educacional, é formativo. E os técnicos não, eles visam muito interesse próprio e momentâneo.

As competições nacionais do nível A são realizadas em dois dias, o primeiro com o programa obrigatório e o segundo, com o programa livre. Todas as atletas competem os dois dias e os resultados são obtidos pelo somatório das notas dos dois programas, conforme especificado no regulamento (CBG, 2015a). Dessa forma, as habilidades exigidas são ampliadas, e, ao mesmo tempo, elimina a questão apontada anteriormente das diversas premiações em função de uma única apresentação, possibilitando às atletas mais oportunidade de obter um bom desempenho. No entanto, como a própria RRT3 coloca, alguns técnicos e até mesmo uma RRT enxerga esta questão de outra forma:

RRT1- Nas categorias de base eles competem tudo. A nível nacional tem as competições individuais por aparelho, só nas categorias “B”s é que não tem individual por aparelho, que isso é uma reivindicação que vem vindo há pelo menos uns quatro anos, porque as crianças são as mesmas, estão no campeonato e saem chateadas porque as do A ganham um monte de medalhas, saem iguais umas vaquinhas com sininho, seis medalhas, e elas saem com uma ou duas. Então isso é uma reivindicação que vem vindo, mas está sendo vetada há pelo menos quatro anos, porque eles entendem que as crianças do B não têm... tipo... não merecem, porque não estão num patamar alto o suficiente para receber.

T7- a liga tem premiação individual por aparelho. Então, a menina, por exemplo, é boa no solo, [...] ela vai ganhar a medalha no solo. Ela é ruim na trave, mas ela é boa em três aparelhos, ela pode ganhar os três aparelhos. Da federação, existe premiação por aparelho, mas nos As. Nos Bs, só classificação individual. E é como eu estou te falando, às vezes a menina do B é muito melhor que a do A.

Quando a derrota é frequente e, principalmente, se repetidamente há um grande distanciamento em relação ao primeiro colocado, é possível que a atleta deixe de enxergar a possibilidade da vitória, desacreditando em seu potencial e até desistindo do esporte. Quina (2003) coloca os “níveis de participação deploráveis”

quer seja quantitativamente ou qualitativamente, como um dos sinais negativos da competição. Estes se dão, no entanto, quando a competição não está adequada ao nível de desenvolvimento do atleta.

Para Becker Júnior e Telöken (2008), as crianças, para medir seu nível de capacidade, preferem competir com outras do mesmo nível de aptidão. Porém, muitas vezes isso não acontece, podendo causar traumas mais severos para aqueles em desvantagem. Os autores afirmam que entidades e atletas com menor poder aquisitivo, menor estatura e menos habilidade, por diversas vezes são “massacradas pelo escore e pela humilhação” frente a entidades que dispõem de mais recursos, com melhores instalações, materiais e professores, com atletas endinheirados com maior estatura e habilidade.

O T9 relata que ao assumir a equipe, adotou algumas estratégias que fizeram com que as meninas percebessem seu desempenho de outra forma:

T9- antes elas competiam mal, tinham muitas quedas nas competições, ficavam muito atrás das outras equipes e agora elas estão começando a sentir o que é competir bem, ter uma competição de quatro aparelhos onde competem cinco meninas e a gente tem uma, duas quedas, somando a equipe inteira. Antes elas tinham 12 quedas numa competição, diminuiu bastante. Então [...] elas tem voltado para o ginásio com uma cabeça diferente onde elas querem melhorar, onde elas podem melhorar, e antes não, antes elas voltavam para o ginásio e ficavam felizes. Ah, caíram, ficaram tristes momentaneamente, no dia seguinte era como se nada tivesse acontecido. E às vezes elas pensavam, ah para que eu vou ficar treinando isso aqui, eu vou cair na competição mesmo. [...] como elas viram que estão fazendo mais elementos, estão acertando, estão conseguindo acertar, elas estão se educando ao que tem que ser feito [...] agora elas sentiram que dá para elas chegarem nas melhores.

A certeza do resultado, seja a vitória ou a derrota, retira da competição seu poder educativo, sendo assim a imprevisibilidade uma das características destacada por Rossetto *et al.*(2015) na perspectiva do esporte educacional, perspectiva esta que deveria estar presente em qualquer prática esportiva, principalmente nas etapas de formação inicial.

As possibilidades de educação e formação através da competição de GAF são ampliadas a partir do momento que as atletas passam a ter consciência sobre o seu próprio desempenho. Além disso, a competição tem papel fundamental no desenvolvimento da autonomia, confiança e autoestima, como relatado por Milistetd *et al.* (2008). Com a prática adotada por T9, suas atletas passaram a fazer um

levantamento estatístico das execuções por elas realizadas durante os treinos, ampliando sua compreensão sobre o processo desenvolvido e projetando as possibilidades de sucesso nas competições. Tal estratégia, segundo o técnico, possibilitou maior autonomia das atletas, assim como maior responsabilidade sobre a evolução técnica e segurança sobre os sentimentos relacionados ao estresse competitivo.

T9- Eu uso um caderno de treino com elas, onde elas anotam, se eu peço três vezes uma estrela sem mãos na trave. Antes elas faziam três e não se importavam se elas erraram vinte ou se elas fizeram três seguidas e acabou. Daí elas anotam tudo, primeira tentativa eu errei, a segunda eu acertei, isso com queda. Depois que elas começam a fazer o elemento bem feitinho, sem o problema da queda, daí elas começam a anotar, tive um erro grande, um desequilíbrio grande, eu converso com elas e elas vão anotando, depois elas chegam e ah, de cinco tentativas, acertei quatro, acertei as cinco. Então elas já começam a ver a proporção, se eu estou acertando mais de 75% do treino, na hora da competição a chance de eu cair é muito menor. [...] Na hora da competição elas ficam mais seguras e conseguem fazer um trabalho melhor. Agora elas entendem que não é simplesmente fazer três certas, é fazer três certas com menos tentativas possíveis, a chance de acerto é bem maior.

Outros entrevistados também colocam as possibilidades educacionais que a competição é capaz de proporcionar, destacando além da formação da atleta, a autonomia, a capacidade de análise das suas ações e a transferência das vivências proporcionadas pela competição, para a vida em sociedade:

T4- ela não vai ganhar a vida inteira. [...] No esporte [...] quanto mais se treina, quanto melhor for o seu trabalho dentro do ginásio, o seu treino, você vai conquistar melhores resultados. E fora do ginásio é a mesma coisa, se você quer seguir uma profissão X, você tem que estudar para aquilo, se você não estudar você não vai chegar naquela profissão. E o esporte ensina desde cedo que ganhar e perder faz parte da vida do ser humano, em qualquer área. Vai ter gente que vai ter um pouco mais de vitória [...] e vai ter gente que vai ter várias derrotas [...] Então, a gente mostra isso para a criança, para o atleta, porque isso vale muito mais que a medalha.

T8- Elas vivem aqui dentro, vivem isso aqui, então isso está diretamente ligado à formação delas, é inevitável. Mas vai depender da valorização que você vai passar para a sua atleta sobre resultado. [...] às vezes uma competição que não foi tão boa, que ela está frustrada [...] a gente senta com ela e diz, 'oh, vamos pegar os últimos 15 dias? Como foi essa prova sua nos últimos 15 dias que você treinou? Quantas vezes você errou esse elemento que você errou agora na competição? Foi uma coisa absurda o que aconteceu na competição? Não! É claro que você queria acertar. Existia um risco para isso [...] se você fez tudo o que você podia [...] elas estão

sendo preparadas para serem ginastas de alto rendimento, hoje elas são parte de uma formação. Elas fazem uma competição muito ruim, [...] sentem que treinaram muito e erraram, eu sempre falo para elas que isso faz parte de uma trajetória, da mesma forma quando acertou e foi campeã, isso também fez parte de uma trajetória, não vai mudar nada na sua vida. [...] tem que se permitir errar, estão em formação. Quem tem que ter isso que elas tem são as adultas.

T9- Elas têm que mostrar na competição o que elas treinaram, independente se elas vão ganhar ou se elas não vão ganhar, se elas cumpriram tudo o que elas tinham que fazer certinho, [...] eu acho que isso aí já é o ideal. Esse é o primeiro passo. O segundo passo é ver a colocação. Se elas ficaram muito longe das primeiras colocadas, daí é uma outra circunstância [...], aí eu consigo focar que elas entendam de outra forma, que não é fazer porque eu quero, é fazer porque para elas chegarem ao topo tem que fazer essas outras coisas.

T12- A socialização com as outras crianças, eu acho que é um dos fatores mais importantes para construção dessa formação dela, não só como atleta, mas como pessoa, de estar lidando com o confronto de a sua adversária ser sua amiga, elas tem muito isso, [...] você vai ver várias vezes a minha equipe torcendo pela outra, uma bem chateada por que a outra errou [...] E eu sinto essa pureza nas crianças, [...] essa interação que elas têm o tempo todo nesses campeonatos, nessas organizações de estarem ali sempre juntas, o ano todo, se vendo e construindo uma amizade dentro do esporte. Eu [...] acho que esse fator é bem importante para construção dessa criança como pessoa, como cidadão.

T13- A competição já é um grande ensinamento. A menina participar de uma competição, dentro da competição ela vai ter inúmeros aprendizados, o trabalho de dedicação, a responsabilidade, o aprender a lidar com a derrota, a lidar com a vitória, de respeito ao próximo. Então, se a gente colocar tudo isso, a competição é um aprendizado monstruoso para essa categoria.

Os técnicos T11 e T13 apontaram a necessidade de preparar as atletas desta faixa etária para as vitórias e derrotas decorrentes da competição: “eu converso muito com elas, a gente já sai daqui do ginásio muito preparado para isso. A gente sai preparado pros dois, se ganhar, mas muito mais preparado se perder” (T13).

T11- Tem meninas que tem possibilidade de ganhar, mas eu converso, ‘oh, você tem chances de ganhar, mas se você perder porque tem uma menina que está melhor que você, não é porque você está ruim, é porque naquele momento aquela menina estava melhor. Então a gente tem que voltar para o ginásio e treinar para melhorar’.

Outros técnicos, ao abordarem o assunto, destacaram principalmente a ideia de causa – consequência estabelecida em relação ao treino e a competição: “elas

precisam aprender a perder primeiro. Porque a criança quando aprende a perder, ela quer treinar para ficar boa” (T3).

T7- com relação ao resultado, a gente planta isso, se você chegar aqui à tarde [...] você perguntar: “Onde você ganha medalha?” a criança responde: no treino. Na competição a gente só vai buscar. Então, ela sabe que se ela treinou bem, ela tem essa segurança para ir buscar essa medalha lá. Se ela treinou mal, ou se ela não entrar confiante naquilo que ela sabe fazer, ela sabe que lá ela não vai buscar. Então isso é muito trabalhado desde as turmas de intermediário, quando começam as competições mais fortes.

T10- É a eterna história de aprender a perder. Isso é feito através de *feedbacks*, olha não foi tão bem dessa vez, vamos voltar para o ginásio, vamos arrumar isso, vamos melhorar, está vendo, falei que você precisa melhorar sua força, precisa melhorar a flexibilidade, perdeu muita nota. Então isso é tudo uma conquista, porque a criança vai te ouvir, mas não necessariamente vai te entender. E a competição é isso, vai gerar ou a felicidade ou a tristeza.

T14- Eu acho que o importante é a gente construir na cabeça delas que o treinamento é o mais importante, é o que vai levá-las para o sucesso. Nem sempre você vai treinar e vai ganhar. O que elas tem que saber que tem aquela coleguinha que [...] de repente ela não vai treinar tanto quanto você e vai ganhar, [...] não adianta a gente esconder, ela precisa saber que se ela não treinar tanto ela talvez nunca tenha resultados.

T15- Ah, o que importa é competir, de jeito nenhum! Importa é ganhar, óbvio. Só que, é claro, tu não vai chegar para a criança, tu tem que ganhar, não. Tu tem que fazer o melhor. E aí, sempre, cada vez que termina o aparelho, o *feedback*, olha tu acertou isso, tu errou aquilo, tu podia ter feito esse melhor. Quando é horrível, tu já prepara antes, ‘olha, não foi legal, acho que não vai valer’, porque de repente vem uma nota horrível, é melhor do que... ah eu não caí. Não caiu, mas fez um negócio horroroso! Então tu tem que achar uma forma de dizer para que também não acabe com a criatura, mas que tu não faça ela ter aquela expectativa de... e depois que ela já está grande, tu nem olha... [xingamento] Quando é pequena, tu vai lá, dá um tapinha nas costas, tá bom. Quando é grande, tu não quer nem olhar para elas.

T16- O caráter competitivo do atleta vai sendo construído, tanto nos quesitos técnicos, quanto na questão psicológica, vai instigando aquela coisa de, poxa, eu treino para ser o melhor. Não tem como a gente ignorar isso, está tudo embutido nesse processo de treinamento e de competição.

T17- Acabou a competição, quem ganhou, parabéns, quem não ganhou, está tudo normal e vamos embora e acabou. Principalmente nessa idade. Não tem que ter nem uma super valorização da que ganhou nem uma super desvalorização da que perdeu, é tudo normal. Dia que segue. [...] quanto mais a gente acentua essa situação, mais situações se criam, então é desnecessário

Tanto as vitórias quanto as derrotas são ingredientes indispensáveis e mesmo inevitáveis nas competições esportivas assim como na vida. No entanto ambos devem ser orientados para a formação e educação dos competidores, principalmente dos mais jovens.

As competições devem ser equilibradas e desafiadoras, nas quais os competidores apresentem níveis de habilidades e compreensão das provas próximos (SCAGLIA; MEDEIROS; SADI, 2013), conferindo a imprevisibilidade ao resultado (ROSSETTO *et al.*, 2015). A certeza da vitória ou da derrota retira o prazer do envolvimento na competição, mesmo na GAF que, por ser uma modalidade individual, ainda oferece a possibilidade de competir consigo mesmo, comparando a pontuação obtida com resultados anteriores ou mesmo com resultados de atletas tidas como referência.

No entanto, para que a competição seja realmente estruturante na formação esportiva da criança, como defende Marques (2004), é necessário que esta aconteça de forma coerente e consequente às atividades de treino, que sejam adequadas aos sujeitos que delas participam e crescentes, assim como a crescente especialização na modalidade ao longo dos anos (NISTA-PICCOLO; SCHIAVON, 2014), ou seja, que atenda às necessidades e expectativas das crianças (MARQUES, 2004), despertando o gosto pelo esporte e pela competição (SCAGLIA; MEDEIROS; SADI, 2013; ROSSETTO *et al.*, 2015) ao passo que estimula a busca pelo “auto” rendimento para que se atinja, em longo prazo, o alto rendimento esportivo.

4.6 O NÚMERO E A FREQUÊNCIA DE ATIVIDADES COMPETITIVAS

Outro aspecto importante apontado por Marques (2004) é o número e frequência das participações competitivas. Segundo o autor, a criança deve participar de numerosas e diversificadas atividades competitivas de forma a proporcionar possibilidades de sucesso mais frequente a um maior número de indivíduos e equipes. Porém, não se trata de competições institucionalizadas aos moldes do modelo adulto, mas, como discutido anteriormente, atividades competitivas relacionadas à modalidade, que atendam às características do sujeito

em seu processo de formação e que possam ser especializadas gradativamente conforme a especialização do próprio treino.

Ao consultar técnicos e RRT sobre o número e frequência de competições de GAF para as categorias de base, foram reveladas realidades próximas nos estados analisados, com exceção do estado de São Paulo, que apresenta características bem distintas em diversos aspectos, como apontado por Lima (2016) e reconhecido pelos técnicos e RRT inseridos no estudo.

Segundo Lima (2016), São Paulo é o estado brasileiro que realiza mais competições de GAF; possui a federação de ginástica com o maior número de entidades filiadas; possui o maior número de árbitros (estaduais, nacionais e internacionais) e mais capacitados da modalidade; foi o estado que mais investiu no esporte nos últimos anos e apresentou o maior número de atletas de GA contemplados com a Bolsa Atleta. Tais informações demonstram a grandiosidade do estado em relação ao desenvolvimento da GAF.

RRT3- Tem em cada semestre, um Troféu São Paulo, uma Copa São Paulo no primeiro e segundo semestre e depois um campeonato estadual por categoria e um brasileiro por ano. A nível nacional nós tínhamos duas vezes por ano o torneio nacional, [...] não sei porque, desde o ano passado cortaram. Aqui em São Paulo, como nós temos jogos regionais e jogos abertos do interior, a ginástica é muito praticada em todo o estado. [...] Em São Paulo também tem uma liga muito grande, que tem muita participação. Tem essas categorias de base e tem também igual aos jogos abertos, que é preparatório, sub 14 e categoria livre que segue também a mesma estrutura de desenvolvimento.

Os técnicos atuantes no estado de São Paulo demonstram satisfação quanto ao número de competições ofertado, concordando que as categorias de base devem participar de grande número de atividades competitivas: “Tem quatro da liga do interior, campeonato estadual e brasileiro, regionais e abertos, no mínimo oito, se ela participar de todas as etapas dessa liga do interior. De 8 a 10 competições no ano” (T4). T6 afirma: “pré precisa competir bastante” declarando que “nos anos que a gente competiu mais, elas competiram 12 vezes no ano”.

T5- A gente tem uma equipe pré-infantil e duas infantis. Elas competem 8 vezes no ano. Ao mesmo tempo em que eu penso que deveria ter mais, porque é bem legal elas irem competir para ter essa experiência, eu penso que também deveria ser mais espaçado, porque às vezes a gente quer desenvolver o exercício e não tem tempo porque tem que treinar a série da competição. Tem que ser dosado. Quanto mais tem, melhor para elas.

T11- Depende muito da categoria. No infantil, se ela está no último ano do infantil, seria paulista, campeonato brasileiro e aí ela já poderia participar do juvenil no paulista e campeonato brasileiro e jogos regionais e abertos, 6 competições. A gente também poderia ir para torneio nacional e a copa São Paulo, daí seriam 8 competições. Também tem as competições internacionais, tem o campeonato interclubes, que se a gente tivesse dinheiro e conseguisse uma vaga. No interclubes dependeria do resultado nacional, são os três primeiros clubes por categoria que vão. Mas, a gente já foi para três. A gente visa isso, todas as competições possíveis.

T12 enumera: “são quatro etapas de liga estadual, e brasileiro, em média seis e as internacionais, em média 8 competições”. Já T13 expõe uma média de participação um pouco mais baixa: “entre 6 e 7 competições por ano a gente costuma participar.

T9- São 7 competições. Por ser da prefeitura, tem os jogos regionais e os jogos abertos e mais uma outra competição que a gente chama de joguinhos, os jogos da juventude, que eu acho interessante por ser o mesmo regulamento. Então essas três eu acho interessante competir. Aí tem o campeonato estadual e o campeonato brasileiro, daí mais duas competições como uma liga ou amistosos antes para elas começarem a entrar no clima da competição para quando chegar nos campeonatos oficiais elas já estarem mais tranquilas e eu já ter um *feedback* dos árbitros onde eu posso melhorar, onde está legal, o que pode ser mudado. Elas, normalmente, a primeira competição é a que elas ficam mais nervosas, mais ansiosas, aí a chance de erro é muito maior. Pode ser uma série que elas já estejam fazendo, que elas acertem mais de 80% dela, das tentativas, mas como é a primeira competição, daí tem mudança do aparelho, mudança de clima, mudança do ginásio, há uma chance maior de erro. Então, você ter essa comodidade de passar por essa chance maior de erro numa competição de importância menor, eu acho que é bem válido.

As falas acima vão ao encontro do que propõe Marques (2004), ressaltando a importância do número de competições, o que permite que a menina se “familiarize com o ambiente de competição” diminuindo a “tensão e o nervosismo”, como exposto pelo RRT5. No entanto, T5 aponta a importância da frequência dessas competições, além da quantidade, o que também está de acordo com a literatura base do estudo. Quando se disponibiliza de competições em número e frequência adequados, além da diversidade das competições, como apontado pelos técnicos do estado de São Paulo, o processo de formação dessas ginastas é facilitado.

T10 além das competições realizadas no estado (SP), ainda utiliza avaliações mensais como parte da formação das atletas, como exposto abaixo, quando o técnico fala do número de competições que participa.

T10- Seis, oito no máximo. Estadual, brasileiro, duas ligas, jogos regionais e abertos. São todas oficiais. E tem as avaliações. A gente faz avaliações aqui dentro, faz em outros clubes, aí é aberto ao público. A gente faz uma avaliação por mês, no mínimo. É uma simulação de competição. [...] é um *feedback* daquele trabalho. Mas os psicólogos dizem que essa avaliação, em termos de percentual, não atinge 100% da capacidade técnica nem física de um atleta.

Outros estados incluídos no estudo fazem adaptações para que a criança possa competir mais de uma vez ao ano. No Rio Grande do Sul a federação abriu a possibilidade das atletas competirem em sua categoria etária e nas categorias posteriores.

RRT1- No nosso estado, como a gente tem um número reduzido de crianças, uma criança de nove anos pode participar do adulto. A gente abriu para ela ter mais competições, porque a gente tem um estadual só. [...] Se ela fosse competir só na categoria dela, ela teria só uma competição no ano.

No entanto, esta possibilidade de a atleta de nove anos de idade poder competir em qualquer categoria, apesar de ocorrer na tentativa de minimizar um problema apontado (pequeno número de competições), vai de encontro a todas as questões pedagógicas que vem sendo discutidas neste estudo, além de confrontar também outros aspectos (físicos, motores, psicológicos) não contemplados nesta discussão.

No estado de Minas Gerais, existem algumas restrições quanto à participação da atleta que já compete o CBGA.

RRT5- Nós temos três competições para públicos diferentes. Alguns clubes levam as crianças nos três, mas criança que já competiu no campeonato brasileiro já tem algumas restrições. Não pode participar de jeito nenhum do campeonato escolar e para participar do torneio estadual tem que competir no nível avançado, para criança que já foi no campeonato brasileiro, com exceção para as crianças que são do infantil e do pré-infantil aí ainda é um pouco maleável, mas do juvenil para cima se já foi no campeonato brasileiro só pode competir no nível avançado, então tem esta questão.

Apesar de ser necessária a separação das atletas em função do nível técnico para que haja competitividade e se mantenha a imprevisibilidade dos resultados, esta deveria funcionar como um agrupamento, não ser excludente. Considerando o reduzido número de competições e também de atletas, e pautados na teoria proposta por Marques (2004), na qual o autor sugere que para uma boa formação as atletas nas categorias de base deveriam participar de um maior número de

atividades competitivas, seria indicado que não houvesse tal limitação quanto à participação.

O Rio de Janeiro também apresenta as mesmas dificuldades, quanto ao número de competições realizadas durante o ano e ao número de atletas:

RRT2- [...] o programa de níveis acabou e aí a gente fez este nível 6 que substitui, porque era fácil de mais e ninguém vinha. Tem copa de solo e salto nas entidades que realizam que são chanceladas pela federação e direto da copa para o nível 6, depois é estreante, nível 7, que é o iniciante, intermediário e avançado e A e B e CBG, ficou assim, é isso que tem [...] Só tem opção de participar de dois eventos estaduais, o torneio Carlos Werneck, da copa Niterói de ginástica e o campeonato estadual.

A fala da RRT demonstra a constante reorganização dos níveis existentes na tentativa de contemplar o maior número de participantes. No entanto, voltado para a formação de atletas para o alto rendimento, há apenas o campeonato estadual e o torneio, porque “quem faz alto rendimento não participa de copa, participa da copa Niterói de ginástica porque tem um torneio de quatro aparelhos, e campeonato estadual, só tem isso” (RRT2).

A fala da RRT é confirmada pelos técnicos que atuam no estado: “no Rio a gente participa de duas competições no ano. E assim, depende da idade porque se a menina é o último ano de infantil, já compete o brasileiro juvenil, se pega seleção, vai a quatro” (T1); “no Rio elas participam de no máximo 2, o estadual e o brasileiro, se tiver 3 é muita coisa” (T2).

Pelo fato de T1 ter passado o ano de 2016 em um clube do estado de SP, inevitavelmente fez a comparação:

T1- Agora aqui em São Paulo, a gente já competiu duas ligas, um jogos, a [atleta] já foi no brasileiro escolar, foi no gymnasíade, virou agosto e a gente já foi a 5 competições, ainda vai ter estadual, brasileiro, pan, sul-americano, jogos abertos, 10. Ela está no juvenil, mas no infantil, ao invés de 10 bota 7, porque sai o pan e a gymnasíade, que não tem infantil. Mas se está no último ano de infantil, já compete o juvenil então ela fica mais um estadual, a menina no último ano de infantil compete o estadual infantil e juvenil, o brasileiro infantil e juvenil, para aumentar o número de competições. Era uma coisa que a gente sentia muita falta no Rio. A gente treina o ano inteiro para uma chance, agora não, desde maio a gente está em competição, a gente se prepara muito melhor.

Na fala do técnico é ressaltada a importância do número e frequência de competições na formação da atleta. Esta posição vai ao encontro do que propõe Marques (2004), quando sugere que as crianças nas primeiras fases de preparação

devem ter um número maior de participações competitivas. No entanto, para o autor, estas competições devem se apresentar em forma de pequenas competições, menos estruturadas, simplificadas e diversificadas.

No estado de Minas Gerais, a situação se mostra bem próxima a dos outros estados analisados, tendo também o estado de São Paulo como referência:

RRT5- No estado eu considero pouco. São Paulo tem muita competição no ano, tem jogos abertos e as crianças conseguem estar mais familiarizados com este ambiente de competição [...] aqui em Minas temos poucas oportunidades de competição, acho que poderiam ser organizados mais eventos [...] porque tem uma ou duas chances no ano de se apresentar de competir, é muito tenso, muito nervoso, é muito tudo ou nada, é só agora, é só esta única chance. Eu não gosto muito disso, acho muito prejudicial.

Também insatisfeita com o número de competições no estado, T16 conta da organização de uma competição pelo próprio clube na tentativa de atender os objetivos quanto à formação das ginastas, além do uso de avaliações, como relatado por outros técnicos. A técnica ainda relata a proposição de desafios às ginastas, como atividades competitivas, com o intuito de incentivar o desenvolvimento das mesmas:

T16- Nas categorias de base a gente criou uma competição que a gente chamou de ginastas do futuro, que são para os nossos iniciantes. Eles não têm competição, então a gente pôs para eles começarem a ter esse primeiro contato com competição. Pré-infantil e infantil a gente faz avaliações internas, porque também não tem como você retratar muito, é avaliação. Aos sábados tem avaliação, mas não é a mesma coisa. Eu faço alguns desafios, por exemplo, eu falo quem pegar primeiro o tkatchev vai ganhar um colant, mas não vejo isso como competição, porque competição é todo um sistema que você tem que seguir um protocolo, e rodízio e tal, com público, com tudo, isso é competição. Eu dou estímulo de aumentar a concorrência entre elas, uma concorrência positiva, mas eu não chamo isso de competição. O que mais se aproxima de competição, seriam as nossas avaliações, que a gente faz aos sábados. Aí depende muito do período do ano, dentro da nossa periodização, a gente tem os momentos para isso, mas é muito pouco.

A proposta desse tipo de atividade competitiva, de certa forma, também vai ao encontro do que propõe Marques (2004) quando afirma que deve ser estimulada a participação competitiva em maior número, mas não em competições formais, estruturadas, sim em pequenos jogos, possibilitando o sucesso mais frequente a um maior número de indivíduos. No entanto é possível que o tipo de “desafio”

apresentado por T16 (“quem pegar primeiro o tkatchev vai ganhar um colant”) privilegie apenas os mais aptos.

No Paraná, a situação também é semelhante, os técnicos do estado não dispõem de tantas competições em seu planejamento:

T14- Tem o paranaense, o brasileiro, entrou para o sul americano, vai para o sul americano, senão são duas. Aquelas competições que eu te falei, quem já está em nível que compete pela CBG, já não pode participar. Aquelas competições são para uma ginástica mais lúdica, participativa. Então o que tem aqui é só o Paranaense, que só para você entender, no Paranaense, geralmente quem participa são só as meninas do clube, então é uma competição muito fechada, e aí tem o brasileiro, entrou para o sul americano vai, se não.... então eu acho complicado, elas competem pouco, a gente tenta suprir com avaliações.

Além do pequeno número de competições no estado, T14 também expõe o pequeno número de atletas competitivas, contando com apenas um clube no campeonato estadual. Nesse ponto, na tentativa de atingir um número mais adequado de participações competitivas para a formação das ginastas, a técnica faz uso de avaliações periódicas, as quais simulam uma competição.

Assim como os técnicos do RJ, MG e PR, T15 (RS) também conta com apenas uma competição em âmbito estadual e o CBGA (nacional), no entanto, diferentemente dos outros técnicos, ela se mostra de acordo com o número de competições ofertadas.

T15- Não podem ser muitas. A gente põe, como pico mesmo, no máximo duas. No máximo. Mas, normalmente, na base, é um pico. O resto trabalha mais como a formação e a preparação para esse grande evento do ano, que é o nacional.

Na mesma linha de pensamento de T15, está o T8, que também entende que nas categorias de base as atletas devem participar de poucas competições, aumentando esse número conforme avança a idade.

T8- Isso aí é outro problema. Tem equipe que está lá em todas, a menina compete 10 vezes no ano, e quando ela tem que estar na fase competitiva, o país proporciona que ela compita duas vezes no ano. Se você pegar uma atleta adulta, ela tem duas competições, estadual e brasileiro. Se ela não for de seleção, ela está morta, né. Tipo, ela treina, treina, treina, vai e erra o paulista, [...] aí tem mais uma chance, chega no brasileiro. Eu entendo que, vamos pensar juntos, nós somos seres humanos, você treina, treina, treina, aí você erra uma competição, você sabe que vai ter só mais uma chance, aí chega no brasileiro, você vai estar confortável? Você não vai estar confortável! Então, existe uma inversão, você está proporcionando

um número de competições onde seu principal objetivo não é competir e está podando o número de competições quando é a idade de competir.

Esse entendimento (de T15 e T8) se contrapõe às ideias de Marques (2004), que defende justamente maior número de participações competitivas nas categorias de base, quando a atleta está em formação e seria mais natural acontecer o fato descrito por T8 em relação a estar ou não “confortável” frente à única chance. O objetivo nas categorias de base não deve estar voltado para os resultados competitivos, no entanto as competições fazem parte do processo de educação e formação das ginastas.

Em relação à frequência de competições, Marques (2004) defende que além de um número maior de competições, estas devem ser bem distribuídas ao longo da temporada. T10 apesar de declarar nunca ter se atentado para a frequência destas competições, explica como procede em relação às mesmas.

T10- Eu nunca parei para analisar... não a quantidade, mas, como isso é distribuído, aqui em São Paulo, [...] a ginasta compete o ano todo, praticamente, só que aí depende do planejamento dela e do objetivo para aquela ginasta. Eu trabalho dessa forma, se o mais importante do ano é o brasileiro infantil, então as outras competições vão vindo para ela adquirir experiência, uma bagagem, até para o autoconhecimento, para gente chegar lá naquele alvo. São competições treinos entre aspás, [...] são competições oficiais, mas cada uma tem o seu peso distinto.

Assim como T10, outros técnicos entendem que as crianças precisam estar num ambiente de competição para aprenderem a competir. Pensando nisso, os técnicos do estado de São Paulo, onde é ofertado maior número de competições, selecionam aquelas que servirão como preparação das atletas para as competições principais.

T13- geralmente a primeira competição que a gente aqui de Osasco vai é essa liga, a gente costuma levar as meninas para lá para elas já comecem a ter esse ritmo de competição para inaugurar o ano, digamos assim. É a competição que a gente usa para testar elemento novo, para colocar a menina em fogueira, a gente costuma dizer. Para não chegar numa competição, a principal competição, por exemplo, já de primeira, então a gente tem essa outra opção também de competição.

T14 fala da importância do número de competições para a formação da atleta e da utilização de avaliações para simular competições na tentativa de suprir essa carência.

T14- As competições menores, ou de menor importância, são preparatórias, só que aqui no Paraná a gente não tem tantas competições. É muito diferente da realidade de São Paulo, muito. [...] as meninas de São Paulo competem muito mais do que aqui. Tem um fator positivo, que elas ganham mais experiência, elas ficam mais com aquela expertise competitiva. [...] aqui no Paraná a gente faz muitas avaliações tentando simular competições. Avaliações, treinos modelos, que simulam a competição, mas quando chegam lá, elas olham, 'nossa, quanta menina'. Não é o que elas estão acostumadas, elas estão acostumadas com o clubinho delas. Talvez, se fosse possível os treinadores escolherem algumas competições que as meninas devessem participar focando o brasileiro como competição principal, ou o sul americano, mas aqui no Paraná é um pouco complicado, porque realmente não tem, o que a gente tem são nossas competições internas que não fazem o mesmo efeito de estresse que as outras.

RRT1- Eu acredito que quanto mais tu compete, mais especialista você fica. Então a gente tenta que eles tenham um número grande de competições para que eles venham a trabalhar esse nervosismo e comecem a virar um especialista em competições, mas isso depende de competição.

T17- O número de competições, na verdade é assim, a competição em si, é importante que elas tenham algum tipo de cobrança em relação à competição. Pega meninas de 5, de 6, de 7, de 8, quanto mais estímulos dessa forma elas tiverem, melhor. Porque a gente não vai trabalhar em função da competição. A competição é um fator a mais para que elas evoluam. Independente do nível da competição. Às vezes a gente tem meninas de 10 anos, meninas que já atingem um bom nível técnico, que a gente coloca em competições super fáceis simplesmente pelo fato de elas aprenderem a lidar com mais uma situação de estresse.

A participação em competições desde o início da prática esportiva possibilitará um aprendizado importante para a formação da atleta, a qual já começa a se perceber como integrante daquele meio e entender como acontece uma competição, o que se espera dela.

T12- Todos os meses a gente queria que elas estivessem em algum lugar, por quê? Para aprender a entrar no ônibus, se portar, se maquiar, se vestir, arrumar o cabelo, chegar na competição, lidar com essa situação de estresse, porque para nós, a gente tem essa noção de que esse campeonato é mais fraco e aquele é mais forte, a criança, a gente percebia que não tinha. Fosse numa liga ou fosse num Campeonato Brasileiro, o stress era muito parecido. Então a gente tinha que colocar ela nessa situação, nessa situação de estresse, de diferente, nessa situação de competição. Só aprende a competir, competindo.

T16- Então, esse tipo assim para elas começarem a entender o que é se apresentar, o que é ter gente olhando, o que é lidar com o nervosismo, meu pai e minha mãe estão olhando. A gente tenta

estimular, como eu te falei, a gente está isolado em Minas, tem poucas opções, mas a gente, de 6 a 8 anos a gente tenta criar situações para que elas vivenciem essa questão da competição.

T17- Na verdade, 5,6, 7 anos a gente faz festival, apresentação no ginásio, treinamento modelo, porque na verdade no calendário mesmo estadual e nacional, não tem competições para essa idade, mas ao meu ver a gente tem que colocar ela em situações de apresentar, ela tem que criar uma certa independência, ali é onde ela vai crescer, vai ganhar maturidade para evoluir.

Como identificado anteriormente por Lima (2016), o estado de São Paulo é o que desenvolve o maior número de competições de GAF em todas as faixas etárias, possibilitando aos técnicos escolherem as competições mais adequadas a cada atleta. Neste caso, o estado oferece desde as competições mais simples, com objetivos semelhantes aos festivais; algumas competições que se adequam bastante às categorias iniciais, como as competições da Liga, citadas pela maioria dos técnicos; até as mais elaboradas e de maior exigência, como os campeonatos estaduais.

Essa disposição de eventos possibilita pôr em prática o que é defendido por Marques (2004) quanto ao número e frequência de competições para este estágio de formação, permitindo que as atletas deste estado participem de diversas competições de diferentes níveis durante todo o ano, o que proporciona mais qualidade a sua formação.

Os demais estados analisados apresentaram situações muito semelhantes entre eles e distintas do primeiro. Possuem em seu calendário, além das copas e festivais, que não atendem aos objetivos postos para este grupo, apenas o campeonato estadual, o qual já se apresenta no formato das competições oficiais da modalidade.

Além da oferta de uma única competição, os relatos também apontaram para a falta de competitividade nesses eventos, pois geralmente os estados mencionados possuem uma entidade principal que fomenta a modalidade e outras menos desenvolvidas, que não conseguem ou não têm a pretensão de trabalhar o alto rendimento, resultando numa competição de uma única entidade.

Com o objetivo de oportunizar mais atividades competitivas às atletas, os técnicos afirmaram realizar simulações de competição, tentando reproduzir na atividade proposta todas as situações exigidas em uma competição oficial, desde a avaliação por um árbitro, até o tempo de aquecimento e apresentação. No entanto,

relatam que tais atividades não conseguem imprimir realmente as condições vividas em uma competição e que, apesar de auxiliá-los na preparação dessas atletas, esta preparação fica muito aquém das atletas de São Paulo por poderem participar de grande número de competições.

No entanto, a proposta de Marques (2004) ao sugerir maior número e frequência das atividades competitivas, não se referia às formas oficiais de competição, mas a atividades simplificadas, através das quais as crianças pudessem aprender a lidar com a competição e a questão das vitórias e derrotas, sem as exigências de uma competição oficial.

Neste sentido, diante dos relatos obtidos, o número e a frequência das atividades competitivas não estão de acordo com o que Marques (2004) sugere ser necessário para a educação e formação das atletas nesta faixa etária, com exceção do estado de São Paulo, que apresenta um quadro numeroso e diversificado de competições de GAF para estas categorias. No entanto, ainda assim, cabe aos técnicos a decisão sobre quais competições suas atletas irão participar.

5 CONCLUSÕES E CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da análise das fontes documentais e orais utilizadas no estudo, foi possível identificar o sistema competitivo da GAF nas categorias de base no período de 2013 a 2016 e verificar de que forma as competições desenvolvidas neste período proporcionaram oportunidades para a educação e formação de jovens atletas. Ansiando por responder inicialmente as questões norteadoras do estudo, chegamos às seguintes conclusões:

Em relação à primeira questão do estudo, ao analisarmos as adequações das competições em relação às crianças foi possível verificar que a GAF apresenta diversas adaptações para cada categoria etária, porém estas se mostraram insuficientes para atender as necessidades de formação técnica, assim como às capacidades e interesses das atletas. As exigências técnicas contidas nos regulamentos foram apontadas como excessivas, dificultando seu cumprimento, assim como insuficientes na preparação das atletas para a realização dos elementos de maior dificuldade. O formato das competições se mostrou muito próximo ao formato adotado nas competições adultas. Neste caso, o CBGA apresentou mais adaptações para as categorias de base que as competições estaduais.

Sobre a segunda questão, constatou-se que as vitórias e derrotas são fundamentais para educação e formação das crianças, principalmente neste estágio quando estão aprendendo a competir. No entanto, pode-se perceber uma relativização das mesmas, pois segundo os entrevistados, as vitórias e derrotas são aquilo que se determina que sejam: para uns, apenas um resultado, para outros, o sucesso ou o fracasso de toda a preparação. Pelas características da GAF (esporte individual, com competição por equipe, sem confronto direto), alcançar as metas estabelecidas para uma competição pode ser considerado uma vitória, a qual passa a estar desvinculada da medalha ou do pódio. Contudo, a importância da vitória é reconhecida e almejada por todos.

A competição por equipe se mostrou como elemento importante no processo de educação e formação das crianças, especialmente para lidar com as vitórias e derrotas, pois além de desenvolver valores e realçar a necessidade da coletividade nas atletas, também propicia maiores chances de alcançar a vitória, levando ao pódio atletas com menores possibilidades individuais.

Em relação à terceira questão do estudo pode-se constatar que o número e frequência de atividades competitivas se apresentaram insuficientes para a educação e formação das atletas ao serem confrontados com o modelo teórico proposto por Marques (2004), assim como na percepção dos sujeitos entrevistados. O estado de São Paulo foi o que demonstrou maior número, frequência e diversidade de competições da modalidade, atendendo melhor às necessidades de formação das atletas.

Quanto à última questão, ao analisar as fontes orais pode-se verificar que a competição de GAF nas categorias de base mostrou ter papel fundamental na formação da atleta e na construção de valores importantes para educação e para a vida em sociedade, como o respeito ao próximo e às regras, a tolerância, a percepção das próprias capacidades e necessidades, a autoestima e a determinação na busca dos seus objetivos.

Em todas as categorias analisadas pode-se verificar que os resultados variam em função do técnico e das decisões e atitudes por ele tomadas, pois mesmo se este fosse um modelo de competição adequado à educação e formação das jovens atletas, os resultados ainda seriam diretamente influenciados pelas ações e valores priorizados pelos técnicos. Contudo, é imprescindível tornar esse modelo uma realidade.

Dessa forma, de acordo com os achados podemos concluir que o sistema de competições da GAF nas categorias de base no período estudado atendem parcialmente as necessidades de educação e formação das atletas desta faixa etária, uma vez que, quando confrontado com o modelo teórico proposto por Marques (2004), demonstrou precisar de modificações principalmente quanto ao número e frequência, ao formato e ao conteúdo das competições. Os resultados do estudo também permitiram ratificar a importância da competição como instrumento para a aquisição de características fundamentais para a vida em sociedade e a evolução para a formação da atleta que busca o alto rendimento esportivo.

Uma limitação identificada no estudo foi a possibilidade de os entrevistados terem adotado, em algum momento, um discurso que não represente efetivamente suas ações, devido a real dificuldade em executar o que foi planejado inicialmente.

Por fim, entendemos que uma das principais contribuições deste estudo foi identificar as adequações indispensáveis no sistema competitivo da GAF nas categorias de base para que este atenda as necessidades de educação e formação

das atletas nesta faixa etária, possibilitando a elaboração de um novo modelo de competição para este grupo. Além disso, este estudo sustenta a necessidade da realização de cursos de formação de treinadores, assim como do reconhecimento e profissionalização da função de coordenação técnica da GAF nas federações estaduais, mas principalmente na CBG, visto que os regulamentos estaduais têm como base o nacional. Acreditamos que este estudo também possa contribuir com os profissionais que atuam na formação de atletas das diversas modalidades esportivas, por trazer importantes discussões para o desenvolvimento de treinos e competições mais coerentes e consequentes, possibilitando benefícios para a educação e formação de jovens atletas, especialmente nas categorias de base da GAF.

Recomendam-se novos estudos nos quais se tenha como sujeitos não apenas os primeiros colocados nas competições, mas também aqueles que participam das competições e não conseguem alcançar os altos resultados na GAF, assim como aqueles que, apesar de terem a intenção, não conseguem participar das competições voltadas para o alto rendimento esportivo.

Considerações finais

Ir ao encontro das pessoas que atuam diretamente com a prática e trazer para a discussão suas opiniões é sempre uma ação interessante, mas desafiadora, pois o contexto onde essas ações acontecem é que emprega sentido às mesmas, devendo ser, sempre, a base da discussão. Não estamos aqui para julgar se determinadas ações percebidas carregam ou não consigo as concepções mais adequadas ao desenvolvimento infantil, mas para tentar, de posse de alguns registros e referenciais teóricos, compreender a realidade da prática para então refletir sobre possibilidades para um melhor engajamento dos diversos conhecimentos de forma a beneficiar as crianças, como principais sujeitos da nossa investigação.

Os centros de treinamento não são apenas locais de treino, são mundos de relações que ocupam grande parte da vida desses sujeitos. Crianças são seres em desenvolvimento, que apresentam diversas expectativas e necessidades na busca de uma formação esportiva que possibilite, em um futuro próximo, a obtenção de resultados no alto rendimento esportivo. No entanto, de maneira alguma se deve

dispensar uma formação ampla e integral deste sujeito durante este processo, pois se é nos centros de treinamento que eles vivem, é também nos centros de treinamento que devem ser educados e formados para a vida.

Nesse sentido, as informações obtidas revelaram que as competições de GAF fazem parte da rotina de todas as crianças desde o ingresso na modalidade, sendo apresentadas com diferentes formatos e objetivos. Pode-se perceber que a diferenciação entre a busca pelo rendimento esportivo e a prática esportiva se faz desde o primeiro momento, determinando o tipo de competição que cada grupo irá participar. Dessa forma, foram identificadas competições voltadas para as “escolinhas” e outras para a preparação para o alto rendimento, tendo para este, um caminho mais definido.

As copas e/ou festivais realizados para as crianças das escolinhas não são considerados competições pelos técnicos entrevistados, mas apresentações, onde todas as crianças mostram o que sabem e, ao final, ganham o mesmo tipo de premiação; no entanto, as competições realizadas para os grupos “de treinamento”, apesar de atenderem crianças das mesmas faixas etárias, já apresentam o formato das competições voltadas para o alto rendimento na GAF, similares às das categorias maiores.

A competição é atividade essencial ao esporte. Faz-se importante tanto para incentivar a prática esportiva, seja pelo desafio que representa ou pela oportunidade que a criança tem para apresentar à sociedade suas conquistas na modalidade, como para medir o desempenho esportivo. Entretanto, nesta idade a criança ainda não consegue ter uma compreensão completa sobre a competição, principalmente quando esta se apresenta de forma complexa e organizada. Se a criança é submetida, já nos estágios iniciais da sua formação esportiva, a formas competitivas especializadas, conseqüentemente sua formação terá que se especializar para atender às exigências desta competição, especialmente na GAF, modalidade em que a iniciação esportiva, culturalmente, ocorre antes que em outras modalidades. Por isso, neste estágio de formação é indicado que as crianças participem de várias e diversificadas formas competitivas, que possam incluir em suas provas grande abrangência de possibilidades motoras.

Já está estabelecido que uma formação multilateral nos estágios iniciais da formação esportiva possibilita uma rápida resposta ao treinamento esportivo nos estágios posteriores. A GAF, pelas diversas ações motoras contempladas, mostra-se

capaz de proporcionar uma formação motora alargada, no entanto, o que se discute na literatura sobre a restrição dessas possibilidades motoras quando o objetivo é a busca pelo alto rendimento esportivo foi confirmado neste estudo, quando grande parte dos técnicos afirmaram selecionar o conteúdo dos treinos em função das exigências das competições.

Sendo assim, acreditamos que as competições de GAF nos estágios iniciais e categorias de base estabelecidas no programa nacional, devem ser modificadas no intuito de atender aos objetivos desta formação mais ampla. Como consequência, é possível que se alcance atividades competitivas coerentes com o estágio de desenvolvimento da criança, não exigindo a permanência no ginásio por tantas horas, como evidenciado neste e em estudos anteriores, permitindo assim ampliar as demais relações que possam se estabelecer além do esporte.

Neste sentido, as competições devem ser frequentes, deixando de ser “o evento” para se tornarem eventos menores, menos importantes e, conseqüentemente, menos estressantes para a criança, proporcionando uma aprendizagem progressiva também em relação à forma como a criança lida com esta exposição; e preferencialmente coletivas, de forma a possibilitar um fracionamento da responsabilidade em relação à competição, ao mesmo tempo em que amplia as relações com os pares e possibilita que um número maior de crianças alcance o sucesso, tão importante para a autoestima e permanência na modalidade.

Outro aspecto importante a ser considerado é o formato da competição, entendendo serem mais adequadas às crianças nos estágios iniciais de formação, competições que possibilitem algo além de uma “única chance”. O caráter eliminatório presente nas competições de GAF aumenta a “pressão”, gerando um estresse excessivo à criança, apontado como motivo de desistência na modalidade neste e em estudos anteriores. A “dureza” do treinamento durante todo o ano concentrados em um minuto e trinta de apresentação se mostra muito “apavorante” para a criança, gerando uma situação em que dificilmente o sucesso é alcançado. Diluir esta “tensão” em algumas oportunidades onde a criança possa mostrar realmente o que conquistou até o momento, talvez seja mais coerente com suas expectativas.

Não estamos aqui querendo descaracterizar a GAF, mas sim desconstruir um sistema competitivo que induz a uma formação restrita, para sugerir um modelo de educação e formação (através da competição) que atenda realmente às

necessidades e expectativas da criança no sentido de ampliar as possibilidades deste sujeito. A competição que sugerimos, além de atender às características acima especificadas, com atividades diversificadas, frequentes e coletivas, deve contemplar os exercícios fundamentais da modalidade, desenvolvendo os aspectos físicos, motores, psíquicos e cognitivos de que a GAF necessita. Porém, nesta perspectiva, o objetivo não seria ter ginastas competitivas em nível internacional já aos 15 anos de idade, como se tem atualmente, mas postergar este “alvo” para que se permita às crianças viver a plenitude de sua infância e não restringi-la aos centros de treinamento, limitando seu desenvolvimento psíquico além de motivar os reduzidos números de ginastas encontrados nas principais competições da modalidade, como se apresenta o quadro atual.

Também não estamos afirmando que apenas este modelo de competição deva fazer parte da formação das atletas, mesmo porque se assim o fizesse, não estaríamos as preparando para alcançar o alto rendimento nos estágios posteriores. Mas que este modelo seja a base da sua formação. Cabe ressaltar ainda que é imprescindível a profissionalização dos cargos de coordenador/diretor técnico da GAF, pois a não remuneração destes profissionais tornam nossas crianças verdadeiras “cobaias” dos regulamentos, que sofrem constantes alterações, mas não contam com a fundamentação necessária para sua elaboração.

Em 2017 foi implementado um novo regulamento técnico para o CBGA, num formato sugerido pela maioria dos técnicos entrevistados neste estudo, e que modifica por completo a estrutura adotada no documento anterior, gerando a expectativa de atender melhor aos objetivos propostos na formação para o alto rendimento esportivo. Considerando tal fato, entende-se que este seja o momento ideal para reflexões e novas propostas, superando a resistência dos técnicos quanto ao modelo modificado, apontada pela literatura há algum tempo, por acreditarem não proporcionar a experiência necessária para um bom desempenho no esporte de alto rendimento.

REFERÊNCIAS

- AIRES, Hannah. **As competições de karatê-do: perspectivas à formação e educação de crianças e jovens**. 2015. 121f. Dissertação (Mestrado) - Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.
- ARKAEV, Leonid; SUCHILIN, Nikolaï Georgievich. **How to create champions: the theory and methodology of training top-class gymnasts**. Meyer & Meyer Verlag, 2004.
- ATIKOVIĆ, Almir; KALINSKI, Sunčica Delaš; ČUK, Ivan. Age trends in Artistic Gymnastic across World Championships and the Olympic Games from 2003 to 2016. **Science of Gymnastics Journal**, v.9, n.3, 2017.
- BALBINOTTI, Marcos Alencar Abaide; BARBOSA, Marcus Levi Lopes; SALDANHA, Ricardo Pedroso; BALBINOTTI, Carlos Adelar Abaide. Estudos fatoriais e de consistência interna da Escala Balbinotti de Motivos à Competitividade no Esporte (EBMCE-18). **Motriz**, Rio Claro, v.17, n.2, p.318-327, abr./jun, 2011.
- BARBANTI, Valdir. O que é esporte? **Revista Brasileira de Atividade Física & Saúde**, v.11, n.1, p. 54-58, 2012.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Edições 70, 2011.
- BARKER-RUCHTI, Natalie; SCHUBRING, Astrid. Moving into and out of high-performance sport: The cultural learning of an artistic gymnast. **Physical education and sport pedagogy**, v.21, n.1, p.69-80, 2016.
- BARKER-RUCHTI, Natalie; KERR, Roslyn; SCHUBRING, Astrid; CERVIN, Georgia; NUNOMURA, Myrian. "Gymnasts are like wine, they get better with age": becoming and developing adult women's artistic gymnasts. **Quest**, v.69, n.3, p.348-365, 2016.
- BARA FILHO, Maurício Gattás; MIRANDA, Renato. Aspectos psicológicos do esporte competitivo. **Revista Treinamento Desportivo**, v.3, n.3, p.62-72, 1998.
- BECKER JÚNIOR, Brenno; TELÖKEN, Elenita. A criança no esporte. *In*: MACHADO, Afonso Antonio (org.) **Especialização esportiva precoce: perspectivas atuais da psicologia do esporte**. Jundiaí, SP: Fontoura, p.17-34, 2008.
- BERGERON, Michael F. et al. International Olympic Committee consensus statement on youth athletic development. **British Journal of Sports Medicine**, v.49, n.13, p.843-851, 2015.
- BIGUETTI, Simone A; BRANDÃO, Maria R F. Competição esportiva no basquete em contextos contrastantes segundo a percepção das atletas. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, 2012;20(4):34-45.
- BOMPA, Tudor O. **Treinamento total** para jovens campeões. São Paulo: Manole, 2002.
- BRASIL. **Academia Brasileira de Treinadores forma os primeiros profissionais**. Publicado em 27, nov. 2014. Disponível em: <http://www.brasil.gov.br/esporte/2014/11/academia-brasileira-de-treinadores-forma-os-primeiros-profissionais>. Acesso em 30 nov. 2017.

CAFRUNI, Cristina Borges; MARQUES, António; GAYA, Adroaldo Cezar Araujo. Análise da carreira desportiva de atletas das regiões sul e sudeste do Brasil: estudo dos resultados desportivos nas etapas de formação. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**. v.6, n.1, p. 55-64, 2006.

CARRARA, Paulo; XAVIER, Clayton; CIPRIANO, Douglas de Almeida; NUNOMURA, Myrian. Condições de trabalho dos técnicos de Ginástica Artística. *In*: Seminário Internacional de Ginástica Artística e Rítmica de Competição, 2: Campinas, SP. Anais do II Seminário Internacional de Ginástica Artística e Rítmica de Competição, Campinas, SP: FEF/UNICAMP, 2010. p.148-155.

CARVALHO, K.M.C.; SOARES, D.B.; LIMA, L.B.Q.; LOCCI, B.; SCHIAVON, L.M. A participação de treinadores brasileiros no Programa FIG ACADEMY. *In*: Seminário Internacional de Ginástica Artística e Rítmica de Competição, 5: Vitória, ES. Anais do V Seminário Internacional de Ginástica Artística e Rítmica de Competição, **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, out.2017; 31, supl10: R145.

CARVALHO, Soraya. **O Discurso Midiático da Ginástica Artística**. 2007. 102 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Católica de Brasília, Brasília, 2007.

CHOI, Hong Suk; JOHNSON, Britton; KIM, Young K. Children's development through sports competition: Derivative, adjustive, generative, and maladaptive approaches. **Quest**, v. 66, n. 2, p. 191-202, 2014.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE GINÁSTICA. **Regulamento técnico 2013-2016 Ginástica Artística Feminina**. 2015a.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE GINÁSTICA. Presente para o futuro. **Ginástica Brasil**. Ano II, Ed. 3, p.44-51, abr. 2015b. Disponível em: <http://www.cbginastica.com.br/revista/revista-2015/index.html>. Acesso em: 01 fev. 2018.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE GINÁSTICA. **Estatuto Confederação Brasileira de Ginástica**. 2016.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE GINÁSTICA. **Marcos Goto assume a coordenação técnica das seleções brasileiras de Ginástica Artística**. 2017. Disponível em: <http://www.cbginastica.com.br/noticia/832/marcos-goto-assume-a-coordenacao-tecnica-das-selecoes-brasileiras-de-ginastica-artistica>. Acesso em: 29 mar. 2017.

COMITÊ OLÍMPICO BRASILEIRO. **COB lança Academia Brasileira de Treinadores**. Publicado em: 11/07/2012. Disponível em: <https://www.cob.org.br/pt/Noticia/cob-lana-academia-brasileira-treinadores>. Acesso em 30 out. 2017.

CORTELA, Caio Correa; FUENTES, Juan Pedro; ABURACHID, Layla Maria; KIST, Cesar; CORTELA, Débora Navarro Rocha. Iniciação esportiva ao tênis de campo: um retrato do programa play and stay à luz da pedagogia do esporte. **Revista da Faculdade de Educação Física da UNICAMP**. Campinas, 10(2), 214-34; 2012.

CÔTÉ, Jean; LIDOR, Ronnie; HACKFORT, Dieter. ISSP position stand: To sample or to specialize? Seven postulates about youth sport activities that lead to continued participation and elite performance. **International Journal of Sport and Exercise Psychology**, 7(1), 7-17; 2009.

CRANE, Jeff; TEMPLE, Vivienne. A systematic review of dropout from organized sport among children and youth. **European physical education review**, v.21, n.1, p.114-131, 2015.

DE ANDRADE, Thais Vinciprova Chiesse; ROCHA, Érica Cristina da Silva; ALVES, Marcelo Paraíso; FONSECA, Maria da Conceição Vinciprova. Ligações entre o ensino de Ginástica Artística escolar o desenvolvimento motor de crianças: um estudo de revisão. **Revista Práxis**, v. 8, n. 16, 2016.

DE BOSSCHER, Veerle et al. **Successful elite sport policies: An international comparison of the Sportpolicy Factors Leading to International Sporting Success (SPLISS 2.0) in 15 nations**. Meyer & Meyer Verlag, 2015.

DE ROSE JR., Dante; KORSKAS, Paula. O processo de competição e o ensino do desporto. *In*: TANI, Go; BENTO, Jorge Olímpio; PETERSEN, Ricardo Demétrio (Org.). **Pedagogia do Desporto**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006. p.251-261.

DONTI, Olyvia; DONTI, Anastasia; THEODORAKOU, Kalliopi. A review on the changes of the evaluation system affecting artistic gymnasts' basic preparation: the aspect of choreography preparation. **Science of Gymnastics Journal**, v.6, Issue 2, p.63-72, 2014.

FEDERAÇÃO DE GINÁSTICA ARTÍSTICA, RÍTMICA, TRAMPOLIM, E ACROBÁTICA DO RIO GRANDE DO SUL – FGRS. **Estatuto social**. 2014.

FEDERAÇÃO DE GINÁSTICA DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. **Estatuto**. 2014.

FEDERAÇÃO MINEIRA DE GINÁSTICA. **Estatuto social**. 2014.

FEDERAÇÃO PAULISTA DE GINÁSTICA. **Estatuto social**. 2015.

FEDERAÇÃO PARANAENSE DE GINÁSTICA. **Estatuto**. 2014.

FÉDÉRATION INTERNATIONALE DE GYMNASTIQUE. **Age group development and competition program** for Women's Artistic Gymnastics. 2015. Disponível em: <http://www.fig-docs.com/website/agegroup/manuals/Agegroup-wag-manual-e.pdf>. Acesso em 13 out. 2015.

FÉDÉRATION INTERNATIONALE DE GYMNASTIQUE. **Código de puntuación 2013 – 2016** gimnasia artística feminina. 2013. Disponível em: <https://www.fig-gymnastics.com/site/page/view?id=471>. Acesso em 01 abr. 2014.

FÉDÉRATION INTERNATIONALE DE GYMNASTIQUE. **Participants at all 254 FIG Academies since the 1st Academy in 2002**. April, 2017.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

GAYA, Adroaldo. **Projetos de pesquisa científica e pedagógica: o desafio da iniciação científica**. Belo Horizonte: Casa da Educação Física, 2016.

GAYA, Adroaldo. Corpos esportivos: o esporte como campo de investigação científica. *In*: TANI, Go; BENTO, Jorge Olímpio; PETERSEN, Ricardo Demétrio de Souza (Org.). **Pedagogia do Desporto**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, p. 101-112, 2006.

GAYA, Adroaldo; TORRES, Lisiane. O Esporte na infância e adolescência: alguns pontos polêmicos. *In*: GAYA, Adroaldo; MARQUES, Antônio Teixeira; TANI, Go. (Org.). **Desporto**

para crianças e jovens: razões e finalidades. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004. p.57-74.

GAYA, Adroaldo; TORRES, Lisiane; BALBINOTTI, Carlos. Iniciação esportiva e a educação física escolar. *In: SILVA, F. M. **Treinamento desportivo: aplicações e implicações.*** João Pessoa: Ed. Universitária UFPB, 2002. p.15-25.

GIBBS, Graham. **Análise de dados qualitativos.** Porto Alegre: Artmed, 2009.

GONÇALVES, Gabriel Henrique Treter. **A competição de tênis como modelo de educação e formação de crianças: o caso das categorias até 10 anos.** 2014. 114 f. Dissertação (Mestrado) - Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

GONÇALVES, Gabriel Henrique Treter; KLERING, Roberto Tierling; AIRES, Hannah; BALBINOTTI, Carlos Adelar Abaide. O papel da competição infantil de tênis no desenvolvimento dos fundamentos técnico-táticos básicos. **Conexões**, v.14, n.2, p.31-52, 2016.

GONÇALVES, Gabriel Henrique Treter. **Gestão pedagógica de competições esportivas infantojuvenis: proposição de uma bateria de testes de medida de conteúdos pedagógicos.** 2018. 227f. Tese (doutorado) - Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

GUILLEN GARCIA, F. **Psicopedagogía de la actividad física y el deporte.** Armênia: Kinesis; 2003.

HIRAMA, Leopoldo Katsuki; MONTAGNER, Paulo César. A ação pedagógica da competição esportiva. **Movimento & Percepção**, Espírito Santo do Pinhal, SP, v.10, n.15, jul/dez. 2009.

JELASKA, Igor; KALINSKI, Sunčica Delaš; CRNJAK, Tina. Chronological age among olympic women's artistic gymnastics. Does it really matter? **Acta Kinesiologica**, v.11, n.2, p.108-116, 2017.

JUCHEM, Luciano. **Contribuições das competições esportivas para a formação e educação de crianças e jovens: o caso dos jogos escolares de Petrolina.** 2015. 252 f. Tese (doutorado) - Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

KALINSKI, Sunčica Delaš; ATIKOVIĆ, Almir; JELASKA, Igor. Gender differences in consecutive participation in artistic gymnastics at the olympic games from 1996 to 2016. **Science of Gymnastics Journal**, v.10, n.1, p.51-67, 2018.

KANETA, Catalina Naomi; LEE, Cristina Landgraf. Aspectos psicossociais da competição no treinamento a longo prazo. *In: BÖHME, Maria Tereza Silveira (Org.). **Esporte infantojuvenil: treinamento a longo prazo e talento esportivo.*** São Paulo: Phorte, 2011. p.101-119.

KNAUTH, Daniela Riva; LEAL, Andréa Fachel. A expansão das Ciências Sociais na Saúde Coletiva: usos e abusos da pesquisa qualitativa. **Interface** (Botucatu), v.18(50), p.457-67, 2014.

KORSAKAS Paula. O esporte infantil: as possibilidades de uma prática educativa. *In: De Rose Junior, D. **Esporte e atividade física na infância e na adolescência: uma abordagem multidisciplinar.*** 2.ed. Porto Alegre: Artmed; 2009. p.61-72.

KUMAKURA, Roberta Santos. **A Ginástica Artística e o desenvolvimento infantil**: um olhar sobre meninas de Aracaju - SE. 1. ed. Saarbrücken: Novas Edições Acadêmicas, 2015.

KUMAKURA, Roberta Santos; HAIACHI, Marcelo de Castro; BALBINOTTI, Carlos Adelar Abaide. Análise das competições nacionais de ginástica artística feminina e a formação da atleta. *In*: Seminário Internacional de Ginástica Artística e Rítmica de Competição, 5: Vitória, ES. Anais do V Seminário Internacional de Ginástica Artística e Rítmica de Competição, **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, out.2017; 31, supl10: R94.

LIMA, Letícia Bartholomeu de Queiroz. **Representatividade da ginástica artística feminina paulista no cenário brasileiro (2011-2014)**. 2016. 146f. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Biociências de Rio Claro, Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho, Rio Claro, 2016.

LIMA, Teotónio. **Alcance educativo da competição**. Lisboa: Direcção Geral dos Desportos, 1987.

LOPES, Priscila; OLIVEIRA, Maurício Santos; FÁTICA, Cíntia Regina de; NUNOMURA, Myrian. Motivos de abandono na prática de ginástica artística no contexto extracurricular. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 30, n. 4, p. 1043-1049, 2016.

LUGUETTI, Carla Nascimento; MASSA, Marcelo; BÖHME, Maria Tereza Silveira. Modelos de desenvolvimento de talentos esportivos e o treinamento a longo prazo. *In*: BÖHME, Maria Tereza Silveira (Org.). **Esporte infantojuvenil**: treinamento a longo prazo e talento esportivo. São Paulo: Phorte, 2011. p.171-191.

MARQUES, António Teixeira. Fazer da competição dos mais jovens um modelo de educação e formação. *In*: GAYA, Adroaldo; MARQUES, António Teixeira; TANI, Go. (Org.). **Desporto para crianças e jovens**: razões e finalidades. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004. p.75-96.

MARQUES, António. Crianças e adolescentes atletas: entre a escola e os centros de treino... entre os centros de treino e a escola. **Seminário Internacional Treino de Jovens. Comunicações Apresentadas**, p. 17-30, 1999.

MARQUES, A. Desporto: ensino e treino. *In*: TANI, Go; BENTO, Jorge Olímpio; PETERSEN, Ricardo Demétrio (Org.). **Pedagogia do Desporto**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006. p.142-153.

MARQUES, António Teixeira; OLIVEIRA, José. O treino e a competição dos mais jovens: rendimento versus saúde. *In*: BARBANTI, Valdir José; AMADIO, Alberto C.; BENTO, Jorge Olímpio; MARQUES, Antonio Teixeira. **Esporte e atividade física** – interação entre rendimento e saúde. São Paulo: Manole; 2002. p.51-78.

MARQUES, António Teixeira. A preparação desportiva de crianças e jovens – o sistema de competições. *In*: GUEDES, Onacir Carneiro (org.). **Atividade física: uma abordagem multidimensional**. João Pessoa: Idéia, 1997.p.157-169.

MARQUES, António Teixeira. Que competições para os jovens desportistas? *In*: PRISTA, António; MARQUES, António; MADEIRA, Aspácia; SAVANGA, Sílvio. (Eds) **Actividade Física e Desporto**: fundamentos e contextos. Porto: Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física da Universidade do Porto, 2003. p.317-321.

MAZO, Janice. Clubes esportivos e recreativos em Porto Alegre–RS. *In: Da Costa, Lamartine (ORG.). Atlas do Esporte no Brasil. Rio de Janeiro: CONFEF, 2005. p.613-617.*

MILISTETD, Michel; DO NASCIMENTO, Juarez Vieira, SILVEIRA, Jorge; FUSVERKI, Denise. Análise da organização competitiva de crianças e jovens: adaptações estruturais e funcionais. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v.36, n.3, p.671-678, 2014.

MILISTETD, Michel; MESQUITA, Isabel; DO NASCIMENTO, Juarez Vieira; SOBRINHO, Antônio Evanhoé Pereira de Souza. Concepções dos treinadores acerca do papel da competição na Formação desportiva de jovens jogadores de voleibol. **Journal of Physical Education**, v.19, n.2, p.151-158, 2008.

MOLINARI, Caroline Inácio; COSTA, V.R; MONTEIRO, Koff; NUNOMURA, Myrian. Análise crítica do desempenho da ginástica artística feminina do Brasil nos ciclos olímpicos de 2004-2016. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v.31, s.10, p.R.81, Out.2017.

MOZZATO, Anelise Rebelato; GRZYBOVSKI, Denize. Análise de conteúdo como técnica de análise de dados qualitativos no campo da administração: potencial e desafios. **Revista de Administração Contemporânea**, v.15, n.4, p.731-747, 2011.

MOZZATO, Anelise Rebelato; GRZYBOVSKI, Denize; TEIXEIRA, Alex Niche. Análises qualitativas nos estudos organizacionais: as vantagens no uso do *software* Nvivo®. **Revista Alcance**. v.23, n.4, p.578-587, out/dez. 2016.

MUNKÁCSI István, KALMÁR Zsuzsa, HAMAR Pál, KATONA Zsolt, DANCS Henriette. Role of motivation in artistic gymnastics by results of a questionnaire based international survey. **Journal of Human Sport & Exercise**. v.7, n.Proc1, p.S91-S102, 2012.

MYER, Gregory D.; JAYANTHI, Neeru; DIFIORI, John P.; FAIGENBAUM, Avery D.; KIEFER, Adam W.; LOGERSTEDT, David; MICHELI, Lyle J. Sport Specialization, Part I: Does Early Sports Specialization Increase Negative Outcomes and Reduce the Opportunity for Success in Young Athletes? **Sports Health**, v.XX, n.X, Aug. 2015.

NEGRINE, Airton. Instrumentos de coleta de informações na pesquisa qualitativa. *In: MOLINA NETO, V; TRIVIÑOS, A. (org.). A pesquisa qualitativa na Educação Física: alternativas metodológicas. 3ªed. Porto Alegre: Sulina, 2010, p.61-99.*

NISTA-PICCOLO, Vilma; SCHIAVON, Laurita Marconi. A Ginástica Artística como proposta educacional. *In: NISTA-PICCOLO, Vilma; TOLEDO, Eliana de. (Org.). Abordagens pedagógicas do esporte: modalidades convencionais e não convencionais. Campinas: Papirus, 2014, p.97-115.*

NUNOMURA, Myrian. Ginástica Educacional ou Ginástica Olímpica. **Motriz. Journal of Physical Education. UNESP**, v.4, n.1, p.65-68, 1998.

NUNOMURA, Mirian. A Formação dos Técnicos de Ginástica Artística: os modelos internacionais. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, v.12, n.3, p.63-69, 2004.

NUNOMURA, Myrian; CARBINATTO, Michele V.; CARRARA, Paulo DS. Reflexão sobre um programa de formação profissional na ginástica artística. **Pensar a Prática**, v.16, n.2, 2013.

NUNOMURA, Myrian; CARRARA, Paulo Daniel Sabino; TSUKAMOTO, Mariana Harumi Cruz. Ginástica artística e especialização precoce: cedo demais para especializar, tarde

demais para ser campeão! **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v.24, n.3, p.305-14, Jul/Set 2010.

NUNOMURA, Myrian; NISTA-PICCOLO, Vilma Leni. A Ginástica artística no Brasil: reflexões sobre a formação profissional. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v.24, n.3, 2003.

NUNOMURA, Myrian; OLIVEIRA, Mauricio Santos; ROBLE, Odilon José; CARBINATTO, Michele. Competitive artistic gymnastics and coaches' philosophy. **Motriz: Revista de Educação Física**, v. 18, n. 4, p. 678-689, 2012.

NUNOMURA, Myrian; OLIVEIRA, Mauricio Santos. Centro de excelência e ginástica artística feminina: a perspectiva dos técnicos brasileiros. **Motriz: Revista de Educação Física**, v.18, n.2, p.378-392, 2012.

NUNOMURA, Myrian; OLIVEIRA, Mauricio Santos. A participação dos pais na carreira das atletas femininas de ginástica artística: a perspectiva dos técnicos. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v.28, n.1, p.125-134, 2014.

NUNOMURA, Myrian; PIRES, Fernanda Regina; CARRARA, Paulo. Análise do treinamento na ginástica artística brasileira. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v.31, n.1, 2009.

NUNOMURA, Myrian; TSUKAMOTO, Mariana Harumi Cruz. Análise e ensino da ginástica olímpica. *In*: TANI, G.; BENTO, J.O.; PETERSEN, R.D. (Org.). **Pedagogia do Desporto**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006, p.355-371.

PAES, Roberto Rodrigues; FERREIRA, Henrique Barcelos; GALATTI, Larissa Rafaela; SILVA, Ylane Pinheiro Gonçalves da. Pedagogia do esporte e iniciação esportiva infantil: as inter-relações entre dirigente, família e técnico. *In*: MACHADO, Afonso Antonio (org.) **Especialização esportiva precoce: perspectivas atuais da psicologia do esporte**. Jundiaí, SP: Fontoura, 2008, p.49-65.

PAULA, Patrícia Ramos de; BALBINOTTI, Carlos. Iniciação ao tênis na infância: os primeiros contatos com a bola e a raquete. *In*: BALBINOTTI, Carlos. **O ensino do tênis: novas perspectivas de aprendizagem**. Artmed, 2009. p.15-28.

PEREIRA, Artur; FARO, Ana; STOTLAR, David; FONSECA, Antonio Manuel. What results achieve the best youth athletes when they became seniors? Evidences from a Portuguese female artistic gymnastics 40 years' period. **Review of European Studies**, v.6, n.2, p.85, 2014a.

PEREIRA, Artur; FARO, Ana; STOTLAR, David; FONSECA, Antonio Manuel. The Perceptions of the Best Portuguese Coaches about Dropout and Persistence in Women's Artistic Gymnasts. **International Journal of Psychological Studies**, v.6, n.2, p.74, 2014b.

PLATONOV, Vladimir Nikolaevich. **Teoria geral do treinamento desportivo olímpico**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

PÚBLIO, Nestor Soares. **Evolução histórica da ginástica olímpica**. 2.ed. São Paulo: Phorte, 2002.

PÚBLIO, Nestor Soares. Ginástica Artística (GA). *In*: Da Costa, Lamartine (ORG.). **Atlas do Esporte no Brasil**. Rio de Janeiro: CONFEF, 2005. p.224-225.

QUINA, João do Nascimento. A competição desportiva para crianças e jovens. Horizonte: **Revista de Educação Física e Desporto**, p.20-25, 2003.

REPPOLD FILHO, Alberto Reinaldo; FONTANA, Patrícia Silveira. Ginástica: recortes temporais. *In*: GAYA, Adroaldo e colaboradores. **Educação Física: Ordem, caos e utopia**. Belo Horizonte: Casa da Educação Física, 2014. p.215-240.

ROBOREDO, Isabel da Cunha; FARIA JUNIOR, Alfredo Gomes. Mapping practitioners artistic gymnastics women's of the State of Rio de Janeiro. **Revista Intercontinental de Gestão Desportiva**, v.4, n.2, p.250-270, 2014.

ROSSETTO JÚNIOR, Adriano José; ARDIGÓ JÚNIOR, Ambleto; COSTA, Caio Martins; D'ANGELO, Fabio Luiz. **Jogos educativos** [recurso eletrônico]: estrutura e organização da prática. 5.ed. São Paulo: Phorte, 2015.

ROST, Klaus. As competições do desporto juvenil. **Treino Desportivo**, Lisboa, p.3-10, 1997.

SANTANA, W.C. Pedagogia do esporte na infância e complexidade. *In*: PAES, Roberto Rodrigues; BALBINO, Hermes Ferreira (org.). **Pedagogia do esporte: contextos e perspectivas**. São Paulo: Guanabara Koogan, p.1-23, 2005.

SANTOS, Suziane Peixoto; MOREIRA, Wagner Wey; SIMÕES, Regina; CHAVES, Aline Dessupoio; CARBINATTO, Michele Viviene. Contribuições da aula de Ginástica Artística para o desenvolvimento das habilidades fundamentais. **Conexões**, Campinas, v.13, n.3, p.65-84, jul/set 2015.

SANTOS, José Carlos Eustáquio; PÚBLIO, Nestor Soares; ALONSO, Heloisa; CRAUSE, Ingeborge; POLI, Maria Eduarda; BASTOS, Sérgio de A.; AMBRÓSIO, Margareth de Paula. Ginástica. Federação Internacional de Ginástica-FIG. Confederação Brasileira de Ginástica-CBG. *In*: Da Costa, Lamartine (ORG.). **Atlas do Esporte no Brasil. Rio de Janeiro: CONFEF**, 2005. p.220-221.

SCAGLIA, Alcides José; MEDEIROS, Mara; SADI, Renato Sampaio. Competições pedagógicas e festivais esportivos: questões pertinentes ao treinamento esportivo. *In*: REVERDITO, Riller Silva; SCAGLIA, Alcides José; MONTAGNER, Paulo Cesar (org.). **Pedagogia do esporte: aspectos conceituais da competição e estudos aplicados**. São Paulo: Phorte, 2013. p.219-236.

SCHIAVON, L. M. **Ginástica artística feminina e história oral: A formação desportiva de atletas brasileiras participantes de Jogos Olímpicos (1980-2004)**. 2009. 379f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.

SCHIAVON, Laurita Marconi; PAES, Roberto Rodrigues. Ginástica Artística Feminina e história oral: a formação desportiva de ginastas brasileiras participantes de Jogos Olímpicos (1980-2004). *In*: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE GINÁSTICA ARTÍSTICA E RÍTMICA DE COMPETIÇÃO, 2: Campinas, SP. **Anais do II Seminário Internacional de Ginástica Artística e Rítmica de Competição**, Campinas, SP: FEF/UNICAMP, 2010.

SCHIAVON, Laurita Marconi; PAES, Roberto Rodrigues, TOLEDO, Eliana de; DEUTSCH, Silvia. Panorama da ginástica artística feminina brasileira de alto rendimento esportivo: progressão, realidade e necessidades. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v.27, n.3, p. 423-436, 2013.

SCHIAVON, Laurita Marconi; LIMA, Leticia Bartholomeu de Queiroz, FERREIRA, Maria Dilailça Trigueiro de Oliveira; DA SILVA, Yara Machado. Análise da formação e atualização

dos técnicos de ginástica artística do Estado de São Paulo. **Pensar a Prática**, v.17, n.3, 2014.

SMITH, Jordan J.; EATHER, Narelle; MORGAN, Philip J.; PLOTNIKOFF, Ronald C.; FAIGENBAUM, Arevy D., LUBANS, David R. The health benefits of muscular fitness for children and adolescents: a systematic review and meta-analysis. **Sports Medicine**. v.44, p. 1209-23, 2014.

SOBANSKI, Caroline; MARTINS, Júlio César Lacerda. Competição classificatória e festival: análise da reação expressada pelos participantes de 9 a 10 anos no momento da premiação. *In: 1º Encontro da ALESDE – Esporte na América Latina: atualidade e perspectiva*. Curitiba, 2008.

SOLER, Reinaldo. **Jogos cooperativos**. Rio de Janeiro: Sprint, 2003.

STRINGHINI, Sérgio. **Razões da desistência da prática da ginástica artística de atletas de alto rendimento do sexo feminino no Rio Grande do Sul**. 2010. 85 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de pós-graduação em ciências do movimento humano, Escola de Educação Física, UFRGS, Porto Alegre, 2010.

TANI, Go; BASSO, Luciano; CORRÊA, Umberto Cesar. "O ensino do esporte para crianças e jovens: considerações sobre uma fase do processo de desenvolvimento motor esquecida." **Revista brasileira de educação física e esporte**. São Paulo, v.26, n.2, p.339-50, 2012.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. Atlas, 1987.

TSUKAMOTO, Mariana Harumi Cruz; NUNOMURA, Myrian. Iniciação esportiva e infância: um olhar sobre a ginástica artística. **Revista Brasileira de Ciência e Esporte**. Campinas, v.26, n.3, p.159-176, maio 2005.

VILANI, Luiz Henrique Porto; SAMULSKI, Dietmar Martin. Família e esporte: uma revisão sobre a influência dos pais na carreira esportiva de crianças e adolescentes. *In: SILAMI GARCIA, E.; LEMOS, K.L.M. Temas Atuais VII: Educação Física e Esportes*. Belo Horizonte: Editora Health, 2002. p.9-26.

WEIS, Gilmar F., ROMANZINI, Catiana L. P., CARVALHO, Viviane de. Competições esportivas como fonte de estresse: análise das equipes infanto-juvenis do Projeto Cestinha em Santa Cruz do Sul/RS. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, 19 (1):58-65, 2011.

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado a participar de um estudo intitulado **Análise crítica do atual modelo competitivo da ginástica artística feminina nas categorias de base**. O estudo pretende fazer uma análise crítica do modelo competitivo da GAF nas categorias de base e apresentar a relevância destas competições para educação e formação das atletas até 12 anos de idade. As informações e os resultados do estudo podem contribuir para um melhor entendimento sobre a importância da competição e as adaptações pedagógicas necessárias para atender as necessidades, possibilidades e expectativas das atletas na categoria pré-infantil e infantil. As entrevistas serão realizadas individualmente, no local de sua preferência, no horário que o entrevistado achar melhor. A entrevista será gravada (gravador de voz) e terá duração de 45 a 60 minutos. Após a transcrição, a entrevista será repassada ao participante, a fim de validar seu conteúdo. Aliado às entrevistas, será solicitado ao participante suas anotações particulares referentes aos treinamentos e competições.

A pesquisa faz parte da tese de doutorado da Profa. Roberta Santos Kumakura (51 8308-0574) e tem como responsável o Prof. Dr. Carlos Adelar Abaide Balbinotti (51 9999-4957) do Programa de Pós Graduação em Ciências do Movimento Humano da Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Os pesquisadores garantem ao participante que:

- O processo de entrevista não provoca nenhum risco ou desconforto físico, moral e psicológico ao entrevistado. Da mesma forma, não traz risco ou dano de qualquer ordem à instituição.
- A Profa. Roberta Santos Kumakura estará à disposição para esclarecer qualquer dúvida em qualquer momento do estudo (antes, durante e depois) pelo telefone acima indicado ou pelo e-mail: kumakura.roberta@gmail.com.
- O entrevistado terá liberdade de recusar a participação ou de retirar o seu consentimento em qualquer fase do estudo sem que ocorra nenhum prejuízo a ele.
- Não haverá nenhum tipo de remuneração pela participação no estudo.

- A identidade da instituição e do entrevistado não será revelada em nenhum momento da pesquisa e as informações que forem prestadas poderão ser utilizadas somente para fins científicos.
- O relatório final da pesquisa será encaminhado ao treinador participante do estudo, sendo garantida sua confidencialidade.

Estou ciente de que se os meus direitos forem negligenciados pelos pesquisadores, poderei recorrer ao Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/UFRGS – pelos telefones: (51) 3308-3738 ou 3308-3629.

Este termo segue em duas vias, das quais uma via ficará com os pesquisadores e a outra com o treinador participante no estudo.

A sua assinatura nesse formulário indica que você entendeu satisfatoriamente as informações relativas à sua participação nesse projeto e que você concorda em participar. De forma alguma esse consentimento lhe faz renunciar aos seus direitos legais, e nem libera os pesquisadores de suas responsabilidades pessoais ou profissionais.

Nome e Assinatura do Participante da Pesquisa

Assinatura do pesquisador responsável Prof. Dr. Carlos A. A. Balbinotti

Assinatura da pesquisadora: Profa. Roberta Santos Kumakura

APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA - TÉCNICOS

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Primeiramente, gostaria que falasse um pouco da sua história na GA, como iniciou e de que forma se deu todo o seu envolvimento até chegar na situação atual (Idade; Formação e qualificação profissional; Local de atuação profissional; Tempo que atua como treinador; Número e nível das atletas que treina)

Roteiro de entrevista

Qual a sua opinião em relação à participação de crianças em competições esportivas?

Quais os objetivos das competições de GAF nas categorias de base? São diferentes nas demais categorias?

Qual a relevância dos resultados nestas categorias?

Você acredita que a participação de crianças em competições esportivas atua de forma positiva na formação educacional? Como?

As adaptações do regulamento para as categorias de base atendem as necessidades de educação e formação dessa faixa etária?

A arbitragem atua de forma diferenciada nas competições das categorias de base?

Com que idade iniciam a participação em competições?

Suas atletas participam de competições mistas? Qual a importância na formação delas?

Qual a importância dada as competições por equipe e como isso é desenvolvido?

Há algum tipo de especialização da competição?

Existem diferenças entre as competições para as categorias de base e aquelas voltadas para as categorias maiores?

Considerando a importância de uma formação multilateral, o que pensa em relação às competições voltadas para as categorias de base?

De que forma seleciona e organiza o conteúdo a ser desenvolvido nos treinos?

O que pensa sobre o conteúdo das competições estaduais e do CBGA?

O que você pensa sobre a relação entre vitórias e derrotas nas competições para as crianças?

Poderia falar sobre o sistema de premiação realizado nas competições para as categorias de base.

Você acha possível educar através dos resultados competitivos? Por quê?

Haveria algum outro componente na competição que poderia influenciar na formação educacional?

De quantas competições participam por ano?

Que tipo de competição participam (nível e abrangência)?

Utiliza competição nos treinamentos? Com que frequência?

O que pensa em relação ao número e frequência de competições que participam para a educação e formação de suas atletas?

Existe algum assunto que queira comentar?

APÊNDICE C – ROTEIRO DE ENTREVISTA – RRT

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

1. Primeiramente, gostaria que falasse um pouco da sua história na GA, como iniciou e de que forma se deu todo o seu envolvimento até chegar na situação atual (Idade; Formação e qualificação profissional; Local de atuação profissional; Se atua ou já atuou como treinador; quando e por quanto tempo).
2. Na maioria das federações, o cargo de coordenador técnico é um trabalho voluntário. Esse também é o seu caso? Qual a carga horária que você disponibiliza para as funções deste cargo?

Roteiro de entrevista

Qual a sua opinião em relação à participação de crianças em competições esportivas?

Quais os objetivos das competições de GAF nas categorias de base? São diferentes nas demais categorias?

Acredita que a participação de crianças em competições esportivas atua de forma positiva na formação educacional? Como?

Quais os objetivos das adaptações técnicas do regulamento para as categorias de base e de que forma elas são elaboradas?

Existe alguma diferença na atuação da arbitragem durante as competições para as diversas categorias?

A federação promove algum tipo de competição mista? Qual a importância destas na formação dos atletas?

Qual a importância dada às competições por equipe e como isso é desenvolvido?

Há algum tipo de especialização da competição?

Existem diferenças entre as competições para as categorias de base e aquelas voltadas para as categorias maiores?

Considerando a importância de uma formação multilateral, o que pensa em relação às competições voltadas para as categorias de base?

De que forma seleciona e organiza o conteúdo dos regulamentos?

O que pensa sobre o conteúdo das competições estaduais e do CBGA?

O que você pensa sobre a relação entre vitórias e derrotas nas competições para as crianças?

Poderia falar sobre o sistema de premiação realizado nas competições para as categorias de base.

Você acha possível educar através dos resultados competitivos? Por quê?

Haveria algum outro componente na competição que poderia influenciar na formação educacional?

Quantas competições são realizadas por ano para as categorias de base?

São que tipo de competição (nível e abrangência)?

O que pensa em relação ao número e frequência de competições para a educação e formação das atletas?

Existe algum assunto que queira comentar?

ANEXO A – PARECER DA COMISSÃO CIENTÍFICA DA CBG**PARECER DA COMISSÃO CIENTÍFICA:**

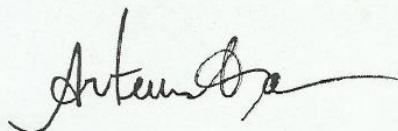
O projeto apresenta relevância para a disciplina Ginástica Artística Feminina (GAF), uma modalidade competitiva bastante praticada no país, demandando sim novos estudos.

Apresenta metodologia fundamentada e objetivos claros.

Encontra-se aprovado pelo Comitê de Ética da UFRGS, satisfazendo assim a exigência do Ministério da Saúde através constante da Resolução nº 466/2012

DEFERIDO (X)

INDEFERIDO ()



ASSINATURA DO PARECERISTA

06/12/2016


Maria Luciene Cacho Resende
Presidente da CBC

